

# PORTUGÁLIA

**UMA GALERIA MODERNA NO PORTO DOS ANOS 40**

Sónia Carla da Cunha Melo Martins de Moura









# **PORTUGÁLIA**

## **UMA GALERIA MODERNA NO PORTO DOS ANOS 40**

Sónia Carla da Cunha Melo Martins de Moura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Estudos Artísticos

-

Estudos Museológicos e Curatoriais

Orientadora: Professora Doutora Lúcia Almeida-Matos

Porto, 2013



Aos meus pais



## **Agradecimentos**

Muitas foram as pessoas que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste estudo. Não querendo correr o risco de esquecer alguém, as primeiras palavras de agradecimento vão para a minha orientadora, Professora Dr<sup>a</sup> Lúcia Almeida-Matos. Em primeiro lugar pela sugestão do tema e pela contínua aprendizagem que este proporcionou; em segundo, pela confiança que teve neste projeto e pela lucidez e pragmatismo com que sempre soube aconselhar, indicando o melhor caminho na realização deste estudo.

Ao Sr Fernando Fernandes, pela amizade e pelo entusiasmo com que desde os primeiros dias seguiu esta investigação, enriquecida pelas nossas - longas- conversas e os seus comentários e sugestões.

Ao Dr António Cardoso e ao Dr Fernando Guedes, a disponibilidade, a partilha de ideias e documentação.

Ao Alexandre Pomar, a atenção e o cuidado que prestou a este estudo. A todos os familiares de artistas que me cederam documentos e informação, Fernando Ermida, Isabel Fernandes Gomes, João Palla Martins, Laura Rodrigues, Mário Castro, Pedro Lanhas e Teresa Balté.

Aos profissionais livreiros e alfarrabistas José da Cruz Santos, Nuno Canavez e Herculano Ferreira.

De todas as pessoas que contactei durante a investigação e que contribuíram para este estudo, destaco: Júlio Gago, Rui Alberto, Laura Afonso, Ramiro Teixeira, Rodrigo Carneiro, Alfredo Braga, Germano Silva, Helder Pacheco e Pedro Soares da Silva.

A todos aqueles que tendo vivido o espaço da *Portugália*, deixaram o seu testemunho, Manuel Dias da Fonseca, Luíz Amaro, Eduardo Calvet de Magalhães, Arnaldo Trindade, Francisco Vasconcelos e Alfredo Ribeiro dos Santos [in memoriam], que na sua gentileza, sempre me dizia “volte mais vezes, de certeza tenho alguma coisa que há-de ser do seu interesse..”referindo-se à nossa incapacidade de encontrar por entre as suas centenas de papéis a informação procurada.

Um agradecimento especial aos *artistas da Portugália* que me concederam o seu testemunho, Júlio Pomar, Querubim Lapa, Margarida Schimmelpfennig e Domingos Lopes.

À Prof<sup>a</sup> Doutora Leonor Soares, à Fundação Júlio Resende *O Lugar do Desenho*, nas pessoas de Cecília Moreira e Prof<sup>a</sup> Doutora Laura Castro assim como à Dr.<sup>a</sup> Elisa Soares do Museu Nacional de Soares dos Reis, agradeço as informações concedidas.

À Dr.<sup>a</sup> Isabel Barroso dos serviços da biblioteca da FBAUP, pela ajuda na consulta de documentos, fichas de aluno e outros esclarecimentos técnicos.

Aos amigos Miguel Oliveira pelos créditos fotográficos da quase totalidade dos catálogos, ao Nuno Vieira, Luís Albuquerque Pinho, Luís Nunes e Sara Pinheiro pela disponibilidade e

apoio; ao Jorge Silva pela ajuda na revisão do texto e à Susana Salgado Costa, João Fonseca e Helder Luís a ajuda na organização das imagens e compilação do texto.

Aos meus pais e ao Carlos, o apoio e a paciência que demonstraram ao longo de todo este processo.

## Palavras chave

Livraria, galeria, anos 40, Porto, Portugal

## Resumo

A presente investigação documenta a atividade desenvolvida pela *Livraria e Galeria Portugal*, um espaço dedicado à difusão das artes, que existiu no Porto entre 1945 e 1951.

Apesar da *Galeria Portugal* ser referenciada em alguma literatura da especialidade, nomeadamente na que reporta à arte no Porto nos anos 40,<sup>1</sup> não está ainda estudada a sua atividade, sendo atualmente praticamente desconhecida tanto a sua participação na vida cultural e artística do Porto, como, em última instância, o seu contributo para a divulgação da arte moderna que à época procurava canais de visibilidade e afirmação.

Esta investigação pretende constituir um levantamento de toda a sua atividade por forma a instruir um documento o mais completo possível, que se espera, comprove o importante papel que desempenhou na cena artística da época.

Com este estudo serão ampliadas as balizas cronológicas até hoje conhecidas e estudadas<sup>2</sup>, dos espaços expositivos em Portugal. Assim, a data de abertura da primeira galeria de arte no Porto deverá ser antecipada de 1953, data da abertura da galeria Alvarez, para 1945, data da abertura da Portugal.

É para uma re leitura da história da arte na primeira metade do século XX no Porto e em Portugal, à luz do papel das galerias e espaços expositivos enquanto intervenientes activos na cena artística e análise das respectivas contaminações no meio onde se inscrevem, que este estudo pretende contribuir.

---

1 Nomeadamente nas seguintes publicações: GUEDES, Fernando. *Estudos sobre Artes Plásticas*. Lisboa: Imprensa -Nacional Casa da Moeda, 1985; Idem. *Duas Comunicações Elementos para uma História da Pintura em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1997; GALERIA DO PALÁCIO. [*+de*] *20 grupos e episódios no Porto do século XX*. Porto: Galeria do Palácio, 2001. e FUNDAÇÃO DE SERRALVES. *Porto 60/70 Os Artistas e a Cidade*. Porto: Fundação de Serralves, 2001.

2 PENA, Gonçalo. "Galerias, Instituições e Mercado" in RODRIGUES, António. *Anos 60 Anos de Ruptura: uma perspectiva da arte portuguesa nos anos sessenta*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.

## Keywords

Bookstore, gallery, '40's , Oporto, Portugália

## Abstract

This research documents the activity conducted by *Portugália Bookstore and Gallery*, a space dedicated to the dissemination of the arts, which existed in Oporto between 1945 and 1951.

Despite Portugália gallery being referenced in some literature, particularly related to art in Oporto in the '40's, it's activity has not yet been fully researched; it's active role in the cultural and artistic life in Oporto is still largely unknown, particularly it's contribution for the dissemination of modern art, which at the time, was seeking channels for it's visibility and self-affirmation. This research aims to provide a complete as possible document, which is expected to demonstrate it's important role in the art scene of that time.

This study will expand the currently known chronological boundaries of the exhibition spaces in Portugal. The opening date of the first art gallery in Oporto, should therefore be amended from 1953, the date of Alvarez Gallery's opening, to 1945, when began the activity of the Portugália Bookstore and Gallery.

This research aims to contribute to the revision of the history of art in the first half of the twentieth century in Oporto and Portugal, in light of the role of art galleries and exhibition spaces as active players in the art scene, and the analysis of their influence in surrounding environment.



## ÍNDICE

Local, Ano, Agradecimentos.....	1
Resumo .....	3
Abstract.....	4
Lista de figuras, listas e tabelas.....	7
Abreviaturas, siglas e sinais .....	13

Introdução.....	15
-----------------	----

### Capítulo 1

Os lugares da arte (moderna) no Porto dos anos 40 .....	21
1.1 As galerias.....	22
1.2 A crítica .....	30
1.3 A Escola de Belas-Artes .....	35

### Capítulo 2

O nascimento das <i>Portugálias</i> .....	41
2.1 Agostinho Fernandes e a Portugália de Lisboa.....	42
2.2 A Portugália do Porto .....	47
2.2.1 A inauguração: notas de imprensa.....	49
2.2.2 A encomenda: Artur Andrade e a Integração das Três Artes.....	52
2.2.3 O projeto .....	55
2.2.3.1 A organização livreira e editorial: premissa base do projeto .....	56
2.2.3.2 A livraria e a sala de leitura .....	60
2.2.3.3 A galeria de arte.....	63
2.3 Galeria de imagens .....	III

### Capítulo 3

A galeria da Livraria Portugália.....	65
3.1 A exposição inaugural .....	66
3.2 A direção artística e a produção gráfica: Palla e Lanhas.....	68

3.3 Atividade permanente: as exposições e a crítica.....	72
3.4 Galeria de imagens .....	LI
3.5 Cronograma ilustrado .....	LV
 <b>Conclusão</b>	
Uma galeria moderna para arte moderna.....	103
 <b>Referências bibliográficas</b> .....	107

## Índice de Imagens

fig 1 -“Amanhã inaugura-se a Livraria Portugália Um estabelecimento verdadeiramente novo ao serviço da cultura” .....	III
fig. 2 -“É inaugurada amanhã a Livraria Portugália notável empreendimento ao serviço da cultura, das letras e das artes” .....	IV
fig. 3 -“Uma nova Livraria a Livraria Portugália é inaugurada amanhã” .....	V
fig.4 - “A filial da Livraria Portugália abriu hoje ao público” .....	VI
fig.5 -“A Livraria Portugália inaugura hoje a sua filial na cidade do Porto” .....	VII
fig.6 -“A Portugália, Livraria modelar” .....	VIII
fig.7 -“Uma inauguração de sucesso A Livraria Portugália Uma casa que no próprio dia da abertura marcou um grande lugar” .....	IX
fig.8 -“A imprensa visitou, ontem, a filial portuense da Livraria Portugália que abre, hoje, para o público” .....	X
fig. 9 – Requerimento .....	XI
fig. 10 – Termo de responsabilidade .....	XII
fig. 11 – Memória descritiva .....	XIII
fig. 12 – Cálculo dos lintéis.....	XVII
fig. 13 – Fotos da fachada [antes da intervenção] .....	XIX
fig. 14 - Existente: Planta da cave, rés-do- chão e 1º piso.....	XX
fig. 15– Proposta: Planta rés-do- chão, galeria e 1º piso.....	XXI
fig. 16 – Cortes longitudinais AB e BA, corte transversal CD e alçado frontal.....	XXII
fig. 17 – Requerimento anexação planta topográfica .....	XXIII
Fig.18 - Pagamento de Taxas .....	XXIV
fig. 19 – Informação .....	XXV
fig. 20 – Informação .....	XXVI
fig. 21 – Folha anexa ao alvará.....	XXVII
fig. 22 – Requerimento.....	XXVIII
fig. 23 – Requerimento.....	XXX
fig. 24 – Pagamento de taxas.....	XXXI
fig. 25 - Folha anexa ao alvará.....	XXXIII
fig. 26 – Anúncio à Livraria Portugália .....	XXXIV
fig. 27 – Por um Novo Humanismo [capa retirada da internet] .....	XXXIV
fig. 28 – Terra com Sede [capa retirada da internet] .....	XXXIV
fig. 29 - Benilde ou a Virgem Mãe [capa retirada da internet] .....	XXXIV
fig. 30 - Liberdade de Espírito [capa retirada da internet] .....	XXXIV
fig. 31 - Histórias de Mulheres [capa retirada da internet] .....	XXXIV
fig. 32 - Tragédia Florentina [capa retirada da internet] .....	XXXIV
fig. 33 - Alçado principal da Livraria Portugália, 1945.....	XXXV

fig. 34 - Montra lateral direita da Livraria Portugália, 1945.....	XXXVI
fig. 35 - Montra lateral esquerda da Livraria Portugália, 1945.....	XXXVI
fig. 36 - Perspetiva interior da Livraria Portugália, 1945 .....	XXXVII
fig. 37 - Interior da Livraria Portugália, 1945 .....	XXXVIII
fig. 38 - Interior da Livraria Portugália, 1945 .....	XXXVIII
fig. 39 - Iluminação (pormenor), 1945.....	XXXIX
fig. 40 - Iluminação (pormenor), 1945 .....	XXXIX
fig. 41 - Escada exibindo pintura de Augusto Gomes, 1945 .....	XL
fig. 42 - Sala de reunião de escritores, 1945 .....	XLI
fig. 43 - Vista sobre o varandim, 1945.....	XLI
fig. 44 - Vista sobre o varandim (pormenor), 1945 .....	XLII
fig. 45 - Escada de acesso à galeria de arte, 1945.....	XLIII
fig. 46 - Carta a Hein Semke de 10 de Março de 1950.....	XLIV
fig. 47 - Carta a Hein Semke de 19 de Fevereiro de 1950.....	XLV
fig. 48 - Carta a Hein Semke de 25 de Janeiro de 1950.....	XLVI
fig. 49 - Pormenor da galeria de arte, 1945.....	XLVII
fig. 50 - Pormenor da galeria de arte, 1945.....	XLVII
fig. 51 - Estudo para artigos de papelaria da Livraria Portugália .....	LI
fig. 52 - Estudo para artigos de papelaria da Livraria Portugália .....	LI
fig. 53- Papel de embrulho para a Livraria Portugália.....	LII
fig. 54 - Marcador de livros para a Livraria Portugália.....	LIII
fig. 55 - Marcador de livros para a Livraria Portugália.....	LIII
fig. 56 - Marcador de livros para a Livraria Portugália .....	LIII
fig. 57 - Estudo de <i>lettering</i> para a coleção <i>Paralelo</i> .....	LIV
fig. 58 - Maqueta para a capa do livro “Os últimos Homens da Lua” .....	LIV
fig. 59 - <i>Ex-Libris</i> para a Livraria Portugália.....	LIV
fig. 60 - Exposição de Pintura Portuguesa (séculos XIX e XX) [capa] .....	LV
fig. 61 - Ayres de Carvalho [capa].....	LV
fig. 62 - Aguarelas de Júlio Resende [capa].....	LV
fig. 63 - Carlos Carneiro [capa] .....	LV
fig. 64 - Aguarelas e Desenhos de Paulo Ferreira [capa] .....	LV
fig. 65 - 50 desenhos a nanquim de Júlio [capa] .....	LV
fig. 66 - Desenhos de Maria Helena Cordeiro [capa] .....	LV
fig. 67 - Exposição de Gretchen Wohlwill [capa] .....	LV
fig. 68 - Carlos Ramos [capa].....	LV
fig. 69 - 4ª exposição Independente [capa] .....	LV
fig. 70 - fotografia de grupo, 4ª Exposição Independente .....	LV
fig. 71 - Exposição de Anne Marie Jauss [capa] .....	LV
fig. 72 - Júlio Resende [capa] .....	LV
fig. 73 - 20 Anos de Pintura de Dordio Gomes [capa].....	LV
fig. 74 - António Soares[capa].....	LV

fig. 75 - Exposição de David Sousa e Maria Júlia [capa] .....	LV
fig. 76 - Martin Maqueda Exposição de desenhos [capa] .....	LV
fig. 77- Exposição de Maria do Carmo Sequeira Cabral e Maria Madalena Sequeira Cabral juntamente com Heitor Cramêz [capa] .....	LV
fig. 78 – A. Alcino [capa] .....	LV
fig. 79- Carlos Carneiro [capa] .....	LV
fig. 80 – Exposição de pintura de António Silva [capa] .....	LV
fig. 81 - Exposição de Pedro Leitão [capa] .....	LV
fig. 82 – Exposição de pintura de António Fernandes [capa] .....	LV
fig. 83 - Exposição de óleos aguarelas e guaches por Margarite Janes [capa] .....	LV
fig. 84 - Exposição de Gretchen Wohlwill [capa] .....	LV
fig. 85 - Exposição de pintura de Maria Emília de Barbosa viana [capa] .....	LV
fig. 86 - Pomar expõe 25 desenhos [capa] .....	LV
fig. 87 - Mãe e filho, 1946 .....	LV
fig. 88 - O Velho do saco, 1946 .....	LV
fig. 89 - Mulher deitada no cais [estudo], 1946 .....	LV
fig. 90 - Música da Rua (Romaria), 1946 .....	LV
fig. 91 - O Almoço [estudo], 1946 .....	LV
fig. 92 - O Miúdo da Água, 1946 .....	LV
fig. 93 - O Ardina, s.d .....	LV
fig. 94 - A Farrapeira, 1947 .....	LV
fig. 95 - Lá fora é o Sol (Prisioneiro e Guarda), 1947 .....	LV
fig. 96 - O Estivador, 1947 .....	LV
fig. 97 - Jovem, s.d .....	LV
fig. 98 – À janela [estudo], s.d .....	LV
fig. 99 - Nú deitado [estudo], s.d. ....	LV
fig. 100 - A Vaga, 1947 .....	LV
fig. 101 - O Eixo Corrido, 1947 .....	LV
fig. 102 - Menina com um cão, 1947 .....	LV
fig. 103 - A Confidência, 1947 .....	LV
fig. 104 - Retrato de M.V., 1947 .....	LV
fig. 105 - Meninos dormindo, 1947 .....	LV
fig. 106 - Menina com um galo, 1947 .....	LV
fig. 107 - Exposição de António Sampaio.[capa] .....	LV
fig. 108- Exposição de Neves e Sousa [capa] .....	LV
fig. 109 - III Exposição Anual de Martins da Costa [capa] .....	LV
fig. 110 - 5ª Exposição Independente [capa] .....	LV
fig. 111 - Com <i>Forma</i> no <i>atelier</i> de Fernando Távora e Fernando Lanhas [foto] .....	LV
fig. 112 – Inauguração (?) da 5ª Exposição Independente na galeria da Livraria Portugália [foto] .....	LV
fig. 113 - 5ª Exposição Independente [desenho] .....	LV
fig. 114 - Exposição de Pintura de Madame Bizet [capa] .....	LV

fig. 115 - Arthur da Fonseca [capa].....	LV
fig. 116 - Carlos Carneiro [capa] .....	LV
fig. 117 – Convite para exposição de Carlos Carneiro.....	LV
fig. 118 - Aspectos de Paris [capa].....	LV
fig. 119 - Isolino Vaz [capa] .....	LV
fig. 120 - Aníbal Alcino .....	LV
fig. 121 – Na galeria da Livraria Portugália [foto] .....	LV
fig. 122 - Exposição de desenhos e guaches de Raoul Deschamps.[capa] .....	LV
fig. 123 - Arthur da Fonseca [capa].....	LV
fig. 124 - Exposição Infantil [capa] .....	LV
fig. 125 - Maqueta para a capa do catálogo Exposição Infantil.....	LV
fig. 126 – Resende [capa] .....	LV
fig. 127 - Exposição de Júlio Resende na galeria da Livraria Portugália [foto] .....	LV
fig. 128 - Alguns Aspectos da Suíça. [capa] .....	LV
fig. 129 - Nadir. [capa] .....	LV
fig. 130 - Oddvard Straume. [capa] .....	LV
fig. 131 - Exposição de Amparo Palacios e Fernando Escrivá. [capa] .....	LV
fig. 132 - Maria Leonor Praça [capa].....	LV
fig. 133 – Convite para exposição Maria Leonor Praça.....	LV
fig. 134 - Inauguração da exposição de Maria Leonor Praça na galeria da Livraria Portugália [foto] LV	
fig. 135- Exposição de pintura de Neves e Sousa [capa].....	LV
fig. 136- Óleos Antigos (1923 a 1934) e Desenhos Recentes (1943 a 1949) de Júlio [capa] .....	LV
fig. 137 - Exposição de Hein Semke e Margarida Schimmelpfennig [foto].....	LV
fig. 138 - Exposição de Hein Semke e Margarida Schimmelpfennig [foto].....	LV
fig. 139 - Exposição de Hein Semke e Margarida Schimmelpfennig [foto].....	LV
fig. 140 – Ainda estou vivo (Ich lebe noch), c. 1949.....	LV
fig. 141 - O Poeta, c. 1949.....	LV
fig. 142 - O Torso Negro, c. 1947 .....	LV
fig. 143 - Peixe-máscara, c. 1946.....	LV
fig. 144 - Máscara, 1939.....	LV
fig. 145 - Eduardo Luíz [capa] .....	LV
fig. 146 - s/título, 1950 [fresco] .....	LV
fig. 147 - s/título, 1950 [fresco] .....	LV
fig. 148 - s/título, 1950 [fresco] .....	LV
fig. 149 - s/título, 1950 [fresco] .....	LV
fig. 150 - s/título, 1950 [fresco] .....	LV
fig. 151 - Retrato de Júlia, 1950 [óleo] .....	LV
fig. 152 - s/título, 1950 [óleo] .....	LV
fig. 153 - s/título, 1950 [desenho] .....	LV
fig. 154 - s/título, 1950 [desenho] .....	LV
fig. 155 - s/título, 1950 [desenho] .....	LV

fig. 156 - 6ª Exposição Independente [capa] .....	LV
fig. 157 - António Sampaio. [capa] .....	LV
fig. 158 - Notas manuscritas .....	LV
fig. 159 – Carlos Carneiro [capa].....	LV
fig. 160 – Martins da Costa [capa].....	LV
fig. 161 - Exposição Pomar [capa] .....	LV
fig. 162 - Em Portugal, 1ª Apresentação de Arte Abstracta de Joaquim Ferrer [capa].....	LV
fig. 163 - José Bastos expõe óleo e aguarela [capa] .....	LV
fig. 164 - Miniaturas e pequenos quadros de Maria das Dores [capa] .....	LV





## **Lista de Abreviaturas**

ACMP – Arquivo da Câmara Municipal do Porto  
AFBAUP – Arquivo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto  
BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto  
CMP – Câmara Municipal do Porto  
EBAP – Escola de Belas-Artes do Porto  
EGAP – Exposição Geral de Artes Plásticas  
FCG – Fundação Calouste Gulbenkian  
GEBAP – Grupo de Estudantes da Escola de Belas-Artes do Porto  
INCM – Imprensa-Nacional Casa da Moeda  
MNSR – Museu Nacional de Soares dos Reis  
MUD – Movimento Unidade Democrática  
PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado  
SNBA – Sociedade Nacional de Belas-Artes  
SNI – Secretariado Nacional de Informação  
SNIC- Secretariado Nacional de Informação e Cultura  
SPN – Secretariado de Propaganda Nacional

### **Nota Prévia**

Por questões técnicas, optamos por agrupar as imagens no final do capítulo onde se inserem, obedecendo a uma numeração distinta do texto. Assim, a paginação do texto é feita em numeração árabe e a paginação das imagens, em numeração romana.

## Introdução

A investigação que se realizou, e aqui se apresenta sob forma de dissertação de mestrado, relativa à atividade desenvolvida pela *Livraria e Galeria Portugália*, cuja ação se desenvolve entre os anos de 1945 e 1951, na Rua de Santo António (hoje 31 de Janeiro), nº 210, no Porto, constitui uma oportunidade para completar e refazer a informação existente<sup>3</sup> relativa à história das exposições e galerias de arte no Porto e em Portugal.

Os anos 40, constituíram, na vida cultural e social portuguesa, uma época de grandes contrastes<sup>4</sup>. Referimo-nos à geração que viveu a 2ª Guerra Mundial, assistiu às malogradas esperanças do fim da ditadura, uma candidatura falhada à Presidência da República<sup>5</sup>, manifestações de caráter espontâneo por todo o país, e contestações várias de cariz político e de intervenção levadas a cabo pela ação do MUD<sup>6</sup>.

No panorama artístico, prevalecia, além do anacronismo do gosto dominante<sup>7</sup>, um certo isolamento face ao que se ia fazendo noutros centros artísticos. A falta de museus de arte moderna, a escassez de espaços expositivos e a falta de crítica especializada - nesta época resumida a alguns artigos na imprensa generalista, na maior parte das vezes por pessoas mal informadas relativamente aos assuntos sobre os quais escreviam, fez com que hoje, haja uma espécie de *véu nebuloso* em torno desta época, quando, muito do que acontecia na vida cultural e artística, era construído em esferas paralelas, em dinâmicas internas que iam do *atelier* dos artistas, aos debates nos cafés e uma vez por outra, em atividades organizadas pelos próprios, em locais recetivos para o efeito.

No caso concreto do Porto, estas vivências constituem hoje um referencial no que diz respeito à sua importância na instalação de um certo espírito livre e inquieto, à qual se conjuga a sua específica situação de distanciamento geográfico face à capital: condições únicas que proporcionaram o desenvolvimento de uma autonomia relativamente ao centralismo e à “cultura oficial lisboeta.”<sup>8</sup>

O estudo das exposições realizadas na *Portugália*, constitui um barómetro através do qual nos é permitida a observação de algumas das dinâmicas que foram determinando o desenvolvimento da cena artística no Porto, durante estes anos.

A posição de neutralidade assumida durante os anos da 2ª Guerra por Oliveira Salazar, assim como a ideia de segurança que daí adveio, colocou Portugal numa posição propícia ao

---

3 Nomeadamente, PENA, Gonçalo. “Galerias, Instituições e Mercado” in RODRIGUES, António. *Anos 60, Anos de Ruptura: Uma Perspectiva da Arte Portuguesa nos Anos Sessenta*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.

4 GONÇALVES, Rui-Mário. “Artes plásticas Nova criatividade, novo espírito crítico” in *Os Anos Quarenta na Arte Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. p. 43.

5 Candidatura à Presidência da República do General Norton de Matos, em 1949.

6 Exposições Gerais de Artes Plásticas.

7 GONÇALVES, Rui-Mário. “Artes plásticas ...” *Op.cit.*, p. 47.

8 FUNDAÇÃO DE SERRALVES. *Porto 60/70 Os Artistas e a Cidade*. Porto: Fundação de Serralves, 2001. p.15.

acolhimento dos que procuravam asilo político.

Havia então no Porto um número considerável de artistas estrangeiros, uns por razões políticas<sup>9</sup>; outros, como resultado de amizades travadas por artistas do Porto como Júlio Resende, aquando das suas viagens ao estrangeiro.<sup>10</sup>

Estes artistas estrangeiros, hoje na sua maioria desconhecidos, ficaram registados nos catálogos da *Galeria da Portugália*, agora em estudo.

Movimentações várias viviam-se igualmente no seio da *Escola de Belas-Artes do Porto*: a vinda do arquiteto Carlos Ramos para lecionar nesta escola<sup>11</sup>, onde viria mais tarde a exercer funções cruciais na pedagogia e na renovação da instituição, iniciou uma época de maior frescura e criatividade, uma verdadeira *época de ouro*, sobretudo na área da Arquitetura, resultando na hoje internacionalmente conceituada, *Escola do Porto*.

Pela maior flexibilidade no acolhimento de “novas experiências e linguagens artísticas”<sup>12</sup>, também, para esta instituição se transferiram alunos da Escola de Lisboa, oriundos por sua vez, na sua maioria, da *Escola de Artes Decorativas António Arroio*<sup>13</sup>: entre eles, Júlio Pomar e Victor Palla, dois artistas que irão desempenhar um papel ativo na cena artística no Porto.

Todas estas dinâmicas artísticas e *migrações* que iam acontecendo no Porto, dentro e fora da Escola, alargaram certamente o campo de ação e reflexão em torno do debate artístico, e criaram uma plataforma propícia, um terreno fértil, que segundo Alexandre Pomar, “constituíram a base dos acontecimentos que dariam origem a uma geração de artistas modernos - a 3ª, que a história dessa década ocultou, por ignorância, centralismo lisboeta, e implicação facciosa.”<sup>14</sup>: é precisamente neste contexto que se desenvolve a ação da Galeria Portugália.

Numa época em que o panorama expositivo se caracterizava sobretudo pelo conservadorismo ligado a “naturalismos tardios”<sup>15</sup>, o aparecimento de um espaço como o da galeria Portugália, com uma atitude livre e *desempoeirada*, foi essencial na criação de uma *bolsa de liberdade*, um campo de possibilidades, para a intervenção dos mais novos e dos mais ousados.

Pretende-se, através do registo, documentação e inventariação das atividades organizadas nesta galeria, clarificar a natureza do seu papel na vida cultural e artística do Porto.

Numa perspetiva mais alargada, pretende-se ainda perceber até que ponto este espaço e as dinâmicas aí estabelecidas contribuíram para uma maior aproximação entre artistas, público e crítica, e em última análise, para a disseminação da arte moderna, numa altura em que,

---

9 Como a pintora alemã Gretchen Wohlwill e a húngara Sonia Horvath.

10 Pintor francês Pierre-Marie Dubois, pintor norueguês Oddvard Straume ou escultora americana Mabel Gardner.

11 O arquiteto Carlos Chambers Ramos assinou contrato para ingressar na EBAP em 1942.

12 FUNDAÇÃO DE SERRALVES. *Porto 60/70 Os Artistas e a Cidade*. Porto: Fundação de Serralves, 2001. p. 15.

13 A este respeito comenta Querubim Lapa, em conversa com a autora: “Os meninos que iam do liceu para a Escola de Belas-Artes, não tinham os vícios dos alunos provenientes da António Arroio”, prosseguindo “Estes tinham uma formação artística grande e já desenhavam muito bem, ao contrário dos outros. Os meninos do liceu [como ironicamente lhes chamavam] mal desenhavam e tinham protecção e cunhas sobretudo do Cardeal Cerejeira.”

14 POMAR, Alexandre. “Geração de 45” in *Expresso* de 24 de Setembro de 2005.

15 CASTRO, Laura. *Júlio Resende Tentações da Pintura Ocidental*. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1999. p.25.

embora a vontade de mudar e encetar novos caminhos estivesse já a acontecer no Porto, a realidade artística e expositiva estava ainda ligada a valores passadistas.

Pretende-se também o *resgate* documental deste projeto de arquitetura, peça esquecida dos respetivos compêndios, que atualmente apenas existe em *folhas de papel* e nas memórias de quem o conheceu, uma vez que devido à volatilidade imobiliária, encontra-se hoje, irremediavelmente alterado.<sup>16</sup>

O interesse que constitui esta documentação é importante não só para profissionais da arquitetura, mas também para um qualquer apreciador de arte ou simples curioso, uma vez que representa um belo exemplar no *diálogo inter-artes*, do qual Artur Andrade foi simpatizante. Será um contributo para a divulgação da obra deste arquiteto que tanta obra realizou na cidade.

Pretende-se ainda, com este estudo, assinalar este espaço na historiografia da arte, devolvendo-lhe o seu lugar – omitido -, no tempo e no lugar e na sua ação pioneira na mostra de arte moderna de forma programada e regular: antecedente direto do que seria posteriormente realizado pela Galeria Alvarez.

A dificuldade que subjaz à realização de um trabalho do qual não existe suporte documental que lhe sirva de base, coloca à partida uma série de dificuldades nomeadamente no que diz respeito à constituição de um referencial fidedigno que suporte esse mesmo estudo. Esta investigação assentou essencialmente em alguns vetores, que nortearam o processo, e que foram construindo uma metodologia de trabalho, cujo esclarecimento consideramos importante.

Procedemos à consulta de fontes publicadas, nomeadamente imprensa, publicações periódicas várias e algumas teses académicas - doutoramento e mestrado - assim como monografias de artistas e catálogos das exposições; relativamente às fontes não publicadas procedemos à realização de entrevistas, consulta de arquivos e correspondência.

Recolhemos então depoimentos de alguns dos intervenientes ativos na história da galeria Portugália, os artistas Júlio Pomar, Margarida Schimmelpfennig, Querubim Lapa e Domingos Lopes<sup>17</sup> (lembro aqui o falecimento do arquiteto Fernando Lanhas durante a investigação, sem que para ela tenha tido oportunidade de contribuir com o seu testemunho); complementamos estes depoimentos com os de outros intervenientes, frequentadores da galeria e da livraria - Alfredo Ribeiro dos Santos, Manuel Dias da Fonseca, Arnaldo Trindade, entre outros.

De facto, apesar das imprecisões e contradições que muitas vezes se verificaram nestes

---

16 O n.º 210 da Rua 31 de Janeiro, atualmente ocupado por um estabelecimento comercial, sofreu ao longo destes anos, várias obras que gradualmente foram alterando o projeto inicial de Artur Andrade. A primeira, nos inícios dos anos 50, com a intervenção do arquiteto Jorge Segurado, para a instalação da loja de discos *Vadeca*. Consultado o processo de licenciamento do espaço, e apesar de na memória descritiva, mencionar apenas “*obras de adaptação*”, na realidade as alterações foram, substanciais. Desta intervenção resultou, entre outros a alteração da montra; datam igualmente dessa época o desaparecimento das pinturas de Augusto Gomes e dos baixos relevos de Américo Braga. Quando a *Vadeca* encerrou, o espaço foi intervencionado com vista à instalação do comércio que atualmente lá existe. Do projeto inicial mantém-se o duplo pé direito, o varandim no piso intermédio e a escada ao fundo.

17 Outros artistas expositores da Portugália, ainda em atividade foram contactados tendo embora negado qualquer contribuição para este estudo.

depoimentos, não deixam, de se revestir de grande importância, constituindo testemunhos essenciais para a construção de um determinado *esprit du temps e de vivre*, já de nós tão distante, e cujo profundo significado apenas é passível de expressão nas palavras de um grande poeta:

“Não é ainda bastante ter recordações. É preciso saber esquece-las quando são muitas, e é preciso ter a grande paciência de esperar que elas regressem.(...) Só quando elas se fazem sangue em nós, olhar e gesto, quando já não têm nome e já se não distinguem de nós mesmos, só então é que pode acontecer que, numa hora muito rara, do meio delas se erga a primeira palavra de um verso (...).”<sup>18</sup>

Em segundo lugar, através da consulta de documentos nos arquivos pessoais do arquiteto Artur Andrade, do arquiteto Fernando Lanhas, do escritor Alberto de Serpa<sup>19</sup>, do pintor Eduardo Luíz e do escultor Hein Semke.

A procura de informação documental (fotografias, catálogos, correspondência), levou-nos igualmente a contactar inúmeros familiares<sup>20</sup> de artistas, assim como alfarrabistas, profissionais livreiros, investigadores, colecionadores, lealoeiras e galerias de arte.

No que respeita à imprensa da época, foram consultados todos os exemplares diários de *O Primeiro de Janeiro* e de *O Comércio do Porto*, entre os anos de 1945 e 1951. Foram consultados igualmente todos os suplementos *Arte* do jornal *A Tarde*, assim como todas as edições das publicações *Mundo Literário*, *Vértice* e *Portucale*. A consulta da imprensa teve a dupla função de por um lado identificar as exposições realizadas nesta galeria, através de uma ou outra nota ou crítica, e observar o enquadramento crítico relativamente às mesmas.

A consulta dos catálogos da galeria da *Portugália*, incluindo os seus textos introdutórios constituiu igualmente, uma importante base documental.

A distância cronológica, inicialmente considerada como adversidade, revelou-se *a posteriori* uma ferramenta útil para a – importante - questão que é o discernimento entre o essencial e o acessório (sem que, no entanto, este deixe de ser uma contribuição fundamental na revelação do essencial); como também para uma análise pragmática e *descomprometida* - porque já distante dos fatores condicionantes que na época vigoravam - da informação registada.

A dissertação encontra-se dividida em três capítulos: no primeiro, fazemos uma abordagem ao panorama artístico e expositivo portuense na década de 40: *quais eram os canais de diálogo entre artistas e público - que oportunidades para ver arte? que oportunidades para mostrar arte? onde e com quem discutiam os artistas os seus trabalhos e as suas ideias?*

18 RILKE, Rainer Maria. *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*. Porto: Editorial Inova, 1974, p. 38.

19 A curiosidade pela pesquisa documental do arquivo de Alberto de Serpa, atualmente em depósito na BMP, surge após a cedência por parte de Dr<sup>a</sup> Teresa Balté, viúva do escultor Hein Semke, de correspondência entre os dois na qual combinam exposição do último na galeria da *Portugália*, em Junho de 1950.

20 Entre artistas e familiares de artistas, ao todo somam-se aproximadamente 30 contactos que foram realizados; apesar de muitos não terem surtido efeito algum.

No segundo capítulo, centramo-nos no próprio espaço, tentando compreendê-lo à luz de um projeto mais alargado, ao qual está ancorado: a *casa-mãe*, a *Portugália de Lisboa*. Referimos as duas personagens centrais na fundação da Portugália: Agostinho Fernandes, o dono, e o arquiteto Artur Andrade, autor do projeto.

A descrição da livraria e galeria é complementada com fotografias provenientes do arquivo pessoal do arquiteto, assim como dos desenhos técnicos e outras peças instrutórias do processo de licenciamento que, à época, deu entrada na Câmara Municipal do Porto.

O terceiro e último capítulo, foca unicamente a galeria de exposições, a sua direção gráfica e artística, assim como a sua atividade, ancorada em documentação iconográfica e – em alguns casos- complementada com a respetiva crítica na imprensa.

Sendo este o capítulo mais extenso, não só em texto como em imagens, para uma consulta mais agilizada, anexamos, no final, um *cronograma ilustrado*, onde elencamos, por ano e mês, todas as exposições cadastradas, e - sempre que possível - os respetivos catálogos.

Para este capítulo, tentamos ainda proceder à reconstituição de algumas das exposições<sup>21</sup> realizadas na galeria da Portugália, sendo as mais completas as de Eduardo Luíz, em Maio de 1950<sup>22</sup> e de Júlio Pomar, em Outubro de 1947<sup>23</sup> - as duas, primeiras exposições individuais de cada um dos artistas.

Os inevitáveis prazos para a conclusão e entrega do trabalho colocaram termo à investigação – cujo encerramento foi sendo adiado pelas novas informações que vão permanentemente surgindo e pela insaciável vontade de mais descobrir.

Esperamos ter cumprido a tarefa que nos cabia quando nos disseram: “Tinha aqui este material há muito tempo guardado, à espera que alguém quisesse fazer um trabalho sobre ele”<sup>24</sup>.

Na certeza de que muitas perguntas continuam sem resposta, e que ainda muito fica por dizer e documentar relativamente a esta Livraria e Galeria, perscrutadora de tempos e atitudes, aqui fica um contributo por forma a iniciar o seu estudo e a devolver o seu lugar na historiografia da arte portuguesa, mostrando a sua importância e atitude pioneira na apresentação e divulgação da arte moderna.

---

21 A dificuldade inerente a esta tarefa -além da óbvia que representa a distância cronológica de quase 70 anos entre a data de estudo e a atualidade - residiu na nomeação simplista que à época atribuíam às obras, sendo que as designações *paisagem*, *estudo*, *retrato*, ou simplesmente uma sequência numérica, dificultam a sua correta identificação.

22 Nesta tarefa agradeço a ajuda essencial do Dr Mário Castro e da Dr<sup>a</sup> Isabel Gomes, nomeadamente sobrinho e irmã do artista, assim como da Professora Doutora Leonor Soares.

23 Para a reconstituição desta exposição agradeço a colaboração de Alexandre Pomar.

24 Referiu certa vez Dr António Cardoso aquando da cedência de documentação essencial para este estudo.





## 1º Capítulo

### Os lugares da arte (moderna) no Porto dos anos 40

Em 1932, após entrevistar Mussolini, cuja ação de apoio às artes e à cultura admirava, o escritor e jornalista António Ferro, em entrevista a Oliveira Salazar sugeria a criação de uma estrutura de apoio à criação artística moderna, que, simultaneamente, estabelecesse a propaganda das realizações do regime.<sup>25</sup> Este duplo aspeto teria como finalidade e consequência a passagem para o exterior de uma imagem do governo e do regime, que fosse, moderna.

A necessidade de uma política que, sob a ação do Estado protegesse os artistas, não constituía novidade e havia já sido mencionada em 1933 por Diogo de Macedo na publicação *Seara Nova*, onde afirma que “hoje, em todo o mundo há apenas um poder com o qual os artistas têm a contar, que por sua vez tem a contar com os artistas. É o Estado. Estímulos, orientações, iniciativas, prémios, só ao Estado compete criá-los e oferecê-los com inteligência e liberdade.”<sup>26</sup>

Este papel de ação do Estado irá ser protagonizado por António Ferro, nomeado diretor do S.P.N.- estrutura sob tutela da presidência do Conselho de Ministros- através da *Política de Espírito*, que se baseava no pressuposto de que “não são apenas os artistas que necessitam do Estado- este precisa dos artistas (...) para a sua propaganda”<sup>27</sup>

Pouco depois, em 1935, no discurso proferido no banquete comemorativo da *I Exposição de Arte Moderna* realizada na Sociedade Nacional de Belas-Artes, era a vez de Ferro afirmar:

“Os artistas portugueses queixaram-se durante muito tempo, da indiferença ou desprezo dos governos pelas suas aspirações e realizações. Eram absolutamente fundamentadas as suas queixas. O Estado português vivia, sem dúvida à margem dos problemas do Espírito, da verdades eternas da Beleza. Faltaram poetas na governação, homens para quem a luta pela vida fosse ao mesmo tempo, a luta pela arte.”<sup>28</sup>

Para empreender a sua *Política de Espírito*, inserida num âmbito mais alargado de propaganda nacional, inicia então uma série de diligências, como a criação de prémios que estimulassem uma arte e literatura nacionais, a colaboração com artistas e escritores assim como a utilização de meios de comunicação como o cinema e o teatro.

O apoio traduzia-se, entre outros, em encomendas de obras a artistas modernos, assim como a criação de um programa de exposições no estrangeiro ou a criação de *Exposições*

25 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Escultura em Portugal no século XX (1910-1969)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.197. Tese de doutoramento.

26 MACEDO, Diogo. “A Igreja e a Arte” in *Seara Nova* de 6 de Abril de 1933, p.12 citado por ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Escultura em Portugal ... (Op. cit)*. p. 197.

27 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Escultura em Portugal ... (Op. cit)*, p. 201.

28 FERRO, António. *A Política do Espírito e a Arte Moderna Portuguesa*. Lisboa: Edições SPN. 1935. p. 5.

*Anuais de Arte Moderna*. Também no Porto, criou a *Exposição Anual dos Artistas Modernos do Norte*. Para todas estas exposições se estabeleceu a atribuição de prémios que, nas palavras de Ferro, teriam ser atribuídos a artistas que “dentro de um indispensável equilíbrio, maior inquietação revelem”.<sup>29</sup>

A ação de modernidade levada a cabo pela política de Ferro, teve a sua mais intensa atividade nos anos 40, durante a qual estabeleceu uma sólida plataforma de contacto entre artistas modernos e público. A ação do S.P.N. ao longo deste período, desempenhou um importante papel na sedimentação e aceitação da arte moderna, e certamente abriu caminho para a criação de espaços de exposição de arte moderna não oficiais.

A cidade do Porto, vivendo um certo distanciamento quer geográfico, quer social, político e económico relativamente à capital, desenvolveu mecanismos próprios, abrindo canais paralelos aos patrocinados pelo Estado.

### 1.1.1 As Galerias

Fernando de Azevedo no artigo *A Arte Moderna e a Falta de Galerias*<sup>30</sup>, aponta como um dos principais fatores de uma inadequada receção da arte moderna, por parte do público, a escassez de galerias de arte que, de uma forma programada e regular, cumprissem essa função. *Como, se não havia espaços para um efetivo contacto entre artistas e público, escoava o artista a sua obra? E como mostrava a sua arte? Por que meios o público tomava conhecimento da criação artística?*

A necessidade, que no seio da comunidade artística se fazia sentir, de abertura de canais alternativos aos estabelecidos pelo Estado para a exibição das suas obras, havia já sido verbalizada por Júlio Pomar quando em 1942, através da publicação do texto: “Da necessidade de uma Exposição de Arte Moderna”, inserido no quinzenário cultural *Horizonte*, afirmou: “Urge criar um salão isento de partidarismos, aberto a todos os artistas de alma jovem que tragam uma mensagem a revelar”.<sup>31</sup>

Começavam então, os artistas a integrar-se em estruturas já existentes que se iam adaptando às novas circunstâncias, pelo menos temporariamente, o que começou a desenhar um novo padrão expositivo, contrariando, em certa medida, a ausência de acontecimentos novos no panorama cultural e artístico a que na altura se assistia.

A propósito desta nova realidade, António Ramos de Almeida refere: “Nunca houve no Porto tantas exposições de pintura como ultimamente. Além do “clássico” Salão Silva Porto, as

29 FERRO, António citado por FRANÇA, José Augusto. *A Arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Livros Horizonte, 2009, p.134.

30 AZEVEDO, Fernando. “A arte moderna e a falta de galerias” in *Mundo Literário* nº 41, de 14 de Fevereiro de 1947.

31 Júlio Pomar citado por GONÇALVES, Rui-Mário. *Pioneiros da Modernidade. História da Arte em Portugal*. Vol. 12. Lisboa: Alfa, 1988. p.177.

exposições alastraram da Livraria Portugaláia, ao salão de Festas do Coliseu, da elegante casa Fantasia, até aos “stands” de automóveis<sup>32</sup> e aos átrios dos cinemas, etc., etc.”<sup>33</sup>

Embora inserido num diferente contexto<sup>34</sup>, não se referindo *exclusivamente* ao moderno, não deixa este artigo de constituir um contributo para a construção do ambiente que à época caracterizava o panorama expositivo portuense: se por um lado se assistia a uma proliferação das exposições, por outro verificava-se a ausência de critério subjacente à qualidade das mesmas, que aliada à falta de vocação da maioria dos espaços, dificultavam a receção da arte moderna. Aliado a estes fatores, o contacto aproximado entre arte, artistas e público, não constituía mais do que um acontecimento isolado, que durava apenas o tempo da respetiva exposição ao que, de seguida, o espaço regressava à sua atividade habitual.

Concluindo: continuavam “raras as oportunidades e deficientes as condições para expor”,<sup>35</sup> facto também mencionado por Rui- Mário Gonçalves,<sup>36</sup> quando aponta a ausência de galerias, como uma das maiores causas das dificuldades com que se depara a cultura artística portuguesa desta década. Por outro lado, a dificuldade de um artista mostrar e divulgar o seu trabalho e do público interessado, poder ter conhecimento, frequentar e adquirir a arte que se produzia na época, comprometia logo à partida o *mercado* da mesma.

Nos anos 40 a falta de um mercado da arte devidamente constituído e informado, tinha, como consequência, um impedimento real à venda das obras. Para agravar a situação, aliada à falta de compradores, a escassez de encomendas de entidades privadas e oficiais tornavam a situação dos artistas desta época bastante difícil.<sup>37</sup>

Para uma mais nítida compreensão do panorama expositivo no contexto específico do Porto, neste estudo dos espaços expositivos dos anos 40, à semelhança do estudo de Gonçalo Pena<sup>38</sup>, dividimo-los em categorias:

a) Entidades culturais de serviço público, o *Museu Nacional de Soares dos Reis*; b) Uma galeria de arte cujas diretrizes se norteiam para a divulgação da cultura, a *Livraria e Galeria Portugaláia*; c) Uma galeria e academia de ensino de iniciativa privada, o *Salão Silva Porto*; d) Associações culturais e recreativas e outras instituições afins, *Ateneu Comercial do Porto*, *Clube dos Fenianos Portuenses*, *Palácio de Cristal*, *Palácio da Bolsa*, *S. João Cine*, *Misericórdia do Porto*, *Coliseu do Porto*, *Cooperativa S.E.N.*; e)

32 A este respeito registamos uma exposição de pintura do humorista Roberto Santos num *stand* da Rua Magalhães Lemos, n.º 85, em Abril de 1949. *O Comércio do Porto* de 6 de Abril de 1949.

33 “A I Exposição de Primavera no Porto” in *Mundo Literário* n.º 10 de 13 de Junho de 1946.

34 Artigo relativo à *I Exposição de Primavera no Porto* realizada em 1946 no Ateneu Comercial do Porto.

35 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. “Júlio Pomar no Porto” in MATOSINHOS Câmara Municipal. *Fundação Júlio Pomar Primeira escolha*. Matosinhos: Câmara Municipal, 2007. p. 145.

36 “Uma das dificuldades maiores com que se debate a cultura artística portuguesa é a falta de museus de arte moderna, e a falta de divulgação das obras portuguesas.” GONÇALVES; Rui Mário. In “Artes Plásticas Nova Criatividade, Novo Espírito Crítico.” in *Os anos 40 na Arte Portuguesa*. Lisboa: FCG, Abril de 1982. p.44.

37 MOREIRA, Isabel M. Martins. *Galerias de Arte e o seu Público*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa. Instituto Português de Ensino à Distância, 1985. p. 10.

38 PENA, Gonçalo. “Galerias, Instituições e Mercado” in *Anos 60 Anos de ruptura Uma perspectiva da arte portuguesa nos anos sessenta*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.

Estabelecimentos comerciais que proporcionavam várias oportunidades de exposição, a *Casa Cipriano e a Casa Fantasia*.

a) O *Museu Nacional de Soares dos Reis*, inaugurado em 1942, era, pois, a única instituição de serviço público que nesta época existia no Porto, e tinha a sua sede no Palácio das Carrancas, na Rua D. Manuel II.

Antigo Museu Portuense, criado durante o *Cerco do Porto*, por decreto do regente D. Pedro IV, em 1833, no edifício de Santo António da Cidade, em S. Lázaro, este, que constituiu o primeiro museu público de arte do país,<sup>39</sup> teve como função primeira, a recolha, conservação e inventariação dos bens que haviam sido confiscados à Igreja e aos Absolutistas, promovendo a sua utilização para fins culturais e pedagógicos.<sup>40</sup>

No entanto, é durante o Estado Novo, que - após a classificação do museu como *Museu Nacional* em 1932 e do edifício como *Imóvel de Interesse Público*, em 1934 - por iniciativa legislativa em 1937- o edifício do Palácio das Carrancas é incorporado no património do Estado para nele se instalar o Museu Nacional de Soares dos Reis. Datam desta época importantes obras de adaptação do edifício a museu, na qual foram seguidos os critérios e as normas da museografia da época. As obras foram realizadas pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Norte.

Datam também desta época as alterações na definição de museu enquanto espaço útil, por cujas funções passava a educação das massas, ao mesmo tempo que servia como instrumento de propaganda de ordem moral e social: abriam-se, desta forma, novas dimensões à instituição museológica agora também um instrumento de intervenção social.<sup>41</sup>

Em 1942, é iniciada a edição da revista *Museu*<sup>42</sup>, sob direcção de Vasco Valente, uma publicação vocacionada para a difusão da atividade desenvolvida pela equipa do museu.<sup>43</sup>

Este espaço recebe entre Fevereiro de 1945 e 1957<sup>44</sup>, por intermédio do Secretariado Nacional de Informação e Cultura – S.N.I.C. - os *Salões de Arte Moderna dos Artistas do Norte*,<sup>45</sup> para os quais seriam instituídos os prémios: “António Carneiro”, “Armando Basto”, “Pousão”, “Teixeira Lopes” e “Marques de Oliveira”, atribuídos através da nomeação de um júri previamente constituído para o efeito.

De um modo geral estas exposições tinham repercussão na crítica da imprensa, nem sempre alinhada com as opções estéticas dos expositores, como é exemplo a crítica inserida n’*O Comércio do Porto* de 21 de Maio de 1946, relativa à *I Exposição de Arte Moderna dos Artistas do*

39 SANTOS, Paula Mesquita. MNSR. *Museu Nacional de Soares dos Reis: Roteiro da Coleção*. Lisboa: IPM, 2001. p.13.

40 *Ibid.*, *Ibid.*

41 *Ibid.*, *Ibid.* p.16.

42 Numa edição do círculo Dr. José de Figueiredo.

43 Esta publicação incluía igualmente uma coletânea de artigos de História de Arte.

44 GUEDES, Fernando. *Estudos sobre Artes Plásticas*. Lisboa: Imprensa- Nacional Casa da Moeda, 1985. p. 45.

45 *Ibid.*, *Ibid.*

*Norte*<sup>46</sup>, realizada no MNSR, em 1946, na qual estiveram presentes 15 pintores, reunindo na totalidade, 32 trabalhos: “de entre essas três dezenas de quadros, apenas um pequeno número constitui isso que se pode denominar pintura a sério.” Reforçando: “Mesmo que se teime em julgar necessário deixar a paisagem somente esboçada, o retrato sem expressão fisionómica e tudo o mais por acabar para se fazer “arte moderna”, nós- e connosco todos quantos se sentem arrepiados perante as monstruosidades q se oferecem sob essa designação - continuamos e persistiremos na nossa na nossa firma convicção de que o caminho seguido é errado e não levará qualquer artista à sonhada glória.”

Nestas exposições participaram vários dos “principais pintores”<sup>47</sup> que integravam as *Exposições Independentes*, tendo inclusive, entre 45 e 51 sido premiados, Aníbal Alcino, Arthur da Fonseca, Fernando Lanhas e Júlio Resende.<sup>48</sup>

b) a *Livraria e Galeria Portugália*, o único espaço na cidade em cujas diretrizes -base, assentava a divulgação programada e regular de exposições, sobre cuja ação se desenvolve o presente estudo, que será apresentado em capítulos próprios.

c) o *Salão Silva Porto*, o espaço que assumia maior protagonismo, dentro e fora da cidade, fundado em 1925 pelo pintor Alberto Silva, juntamente com Jacinto de Magalhães e Álvaro Miranda. Este Salão e Academia de ensino, localizava-se numa das principais artérias da baixa, na Rua de Cedofeita, n.º 281-285.

O Salão Silva Porto constituía um espaço pouco inovador, dedicando-se sobretudo à comercialização de antiguidades e à organização de exposições individuais de artistas mais conservadores e aos já consagrados como Acácio Lino, Falcão Trigoso ou Abel Salazar. Excecionalmente dava lugar aos mais novos<sup>49</sup>, como quando em 1929 recebeu uma exposição do *Grupo + Além*, um grupo formado por estudantes de pintura, escultura e arquitetura da Escola de Belas-Artes do Porto, unidos em contestação à tendência naturalista e ao ensino académico personificado por Marques de Oliveira<sup>50</sup>.

O Salão Silva Porto editou entre Janeiro de 1939 e Setembro de 1940, o *Boletim do Salão Silva Porto*, num total de seis números, constituindo o último, uma edição especial em homenagem ao seu fundador, o pintor Alberto Silva. Nestes boletins, era feita a apologia da “arte como amor à natureza”, e a tomada de posição contra manifestações artísticas “mais

46 Encontramos ainda referência à *V Exposição Moderna dos Artistas do Norte*, realizada em 1949, e na qual participaram: António Lino, António Cruz, António Soares, Arthur da Fonseca, Cândido Costa Pinto, Carlos Botelho, Carlos Carneiro, Celestino Alves, Emérico Nunes, Estrela Faria, Fernando Lanhas, Martins da Costa, Neves e Sousa, Júlio Resende, Manuel Bentes, Milly Possoz, Tom, Álvaro de Brée, António Duarte, Arlindo Rocha, Martins Correia, João Fragoço e Hein Semke. Informação contida em GUEDES, Fernando. *Estudos sobre Artes Plásticas*. Lisboa: INCM, 1985. p. 54.

47 GUEDES, Fernando. *Estudos sobre ... (Op. cit.)*, p. 45.

48 FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal .... (Op. cit.)*, p.143.

49 GUEDES, Fernando. *Estudos sobre ... (Op. cit.)*, p. 25.

50 Esta exposição integrou obras de Augusto Gomes, Guilherme Camarinha, Alvarez, Ventura Porfírio, Luís Reis Teixeira, Artur Justino Alves, Adalberto Sampaio, Américo Braga, Cunha Leão, Fortunato Cabral, Januário Godinho, Laura Costa, Arménio Losa, Lacerda Marques, Abel de Moura, J. Cruz Lima e Mendes da Silva.

avanzadas”<sup>51</sup>; a proclamação do seu papel no panorama artístico e expositivo do Porto, é visível através de expressões como : “(...) pulmão forte por onde respira a Arte no Porto (...)”<sup>52</sup> Acerca ainda deste papel proeminente referiu Júlio Resende: “ (...) o Salão Silva Porto, que era, na altura, talvez a única galeria de arte da cidade e, sem dúvida a mais conceituada.”<sup>53</sup> e a respeito dos seus frequentadores: “Era um espaço frequentado por uma clientela de pessoas entendidas, ou simplesmente amadores.”<sup>54</sup>

Durante as várias décadas em que esteve em atividade realizou inúmeras exposições e ofereceu cursos de pintura “um ensino todo ele exigente em obediência aos métodos clássicos”<sup>55</sup>, que foram frequentados por alguns pintores no início da sua aprendizagem como Jaime Isidoro e Júlio Resende, que em 1944, realizou neste local a sua primeira exposição.

Apesar deste espaço se guiar por cânones conservadores, não estando focado nem vocacionado para a organização de exposições de arte moderna, não deixa contudo de ser um referencial de extrema importância para a cidade, no que refere à sua longa atividade no âmbito das exposições e no ensino da pintura.

d) o *Ateneu Comercial do Porto - Associação de Cultura, Instrução e Recreio*, localizado na Rua Passos Manuel, nº 44 - nesta sede desde 1885 - constitui o resultado da fusão de outras instituições congéneres que não sobreviveram, criadas por comerciantes e caixeiros do Porto.<sup>56</sup> Associação de cariz privado, desde a sua fundação organiza eventos de caráter lúdico e cultural, tendo tradição os bailes e o famoso *chá dançante*; organiza igualmente, saraus e tertúlias culturais.

A instituição possui, a par de uma vasta coleção de pintura, cerâmica, escultura, desenho, gravura, fotografia, mobiliário e outros<sup>57</sup>, uma das mais valiosas bibliotecas particulares de livros camilianos e camoneanos.

A primeira exposição aqui realizada remonta a 1886, e surge através de uma proposta de um grupo de artistas plásticos, constituído por Marques de Oliveira, Marques Guimarães, Júlio Costa, Xavier Pinheiro e Adriano Ramos Pinto, que realizaram no Salão Nobre uma “*Exposição de Bellas Artes*”.<sup>58</sup>

Nos anos 20 do século XX, assistimos à sua abertura a manifestações artísticas mais avançadas, demonstrada sobretudo em duas exposições paradigmáticas que aqui foram

51 CASTRO, Laura. *Júlio Resende Tentações da Pintura Ocidental*. Lisboa: INCM, 1999. p.33.

52 Faria de Castro. “Um devoto da Arte” em Boletim do Salão Silva Porto número 6 de Setembro de 1940 - número consagrado ao pintor Alberto Silva, fundador do espaço. p.34.

53 RESENDE, Julio. *Autobiografia*. Lisboa: Edições O Jornal, 1987. p.9.

54 RESENDE, Julio. ... (*Op. cit.*) p. 9.

55 *Ibid.*, *Ibid.*

56 Informação disponível em : <http://www.ateneucomercialporto.pt>

57 ATENEU COMERCIAL DO PORTO. *Percursos: A Pintura do Ateneu Comercial do Porto*. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 2005.

58 ATENEU COMERCIAL DO PORTO. *Percursos: A Pintura do Ateneu Comercial do Porto*. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 2005. p. 18.



realizadas<sup>59</sup>: a 2ª *Exposição Independente*, em Fevereiro de 1944, e a I [e única] *Exposição de Primavera*, entre 15 e 25 de Junho de 1946.

A 2ª *Exposição Independente*, organizada pelo *Grupo de Estudantes de Belas-Artes do Porto*, é realizada em 1944, pela primeira vez fora da Instituição, encontrando acolhimento no *Salão Nobre do Ateneu Comercial*. Nesta exposição participam: Altino Maia, Arlindo Rocha, Eduardo Tavares, Joaquim Meireles, Manuel da Cunha Monteiro, Maria Graciosa de Carvalho, Mário Truta, Félix de Brito, Manuel Pereira da Silva, Serafim Teixeira, Arco, Martins da Costa, Arthur da Fonseca, Victor Palla, Amândio Silva, Aníbal Alcino, António Lino, Armando Alves Martins, Bento de Almeida, Henrique Mingachos, Israel Macedo e Nadir Afonso.

Relativamente à I *Exposição de Primavera*,<sup>60</sup> organizada por Júlio Pomar,<sup>61</sup> constituiu a primeira manifestação de carácter neo-realista no país<sup>62</sup>. Esta exposição, de forte conotação política, ambicionava além de constituir uma “exposição colectiva de artistas independentes e livres”, “novos e velhos”<sup>63</sup>, encerrar uma “tribuna privilegiada”<sup>64</sup> no combate à causa neo-realista. No catálogo, podia ler-se, a modo de advertência:

”A exposição que ides ver não é uma obra perfeita: é uma experiência. Não é uma afirmação só de palavras: o que ela vale, sois vós que o direis. Sois vós: a Arte não vive por si. Precisa do contacto dos homens. Assim os homens precisam de cultura, assim precisam de Arte. Cultura e Vida, Arte e Vida, são inseparáveis. O homem é a medida de tudo neste mundo”.<sup>65</sup>

A par das exposições, são realizadas conferências por Armando Bacelar, Júlio Pomar “*Arte e Juventude*”<sup>66</sup>, Júlio Gesta e Alfredo A. Magalhães.

Repercussão na crítica recebe esta exposição no *Mundo Literário*<sup>67</sup> num artigo assinado por António Ramos de Almeida, ele próprio um militante da causa neo-realista, que, revendo-

59 Registamos outras exposições, nomeadamente uma de faianças de Jorge Barradas, em Maio de 1949.

60 Na I *Exposição de Primavera* participaram: Abel Salazar, Amândio Silva, Américo Braga, A. Figueiredo, Rui Pimentel (Arco), A. Alves Martins, A. Amarelhe, Armando Batista, Augusto Gomes, Costa Júnior, Cruz Caldas, David Souza, Eduardo Tavares, Gouveia Portuense, Camarinha, Herculano Monteiro, Hernâni Tavares, J. Moniz Pereira, Jorge de Oliveira, Pomar, Mamede Portela, Manuel Filipe, Margarida Schimmelpfennig, Maria Teresa Arriaga, Mário Truta, Octávio Sérgio, Manuel Pereira da Silva e Rafael Abrantes. Salienta-se o apoio dos mais velhos: Abel Salazar, Augusto Gomes, Guilherme Camarinha e Manuel Filipe. No entanto, o carácter político da exposição, resultou nas ausências de : Júlio Resende, Fernando Lanhas e Dórdio Gomes (que integrando o conselho escolar da EBAP havia suspendido alguns jovens envolvidos na organização desta exposição). In ALMEIDA-MATOS, Lúcia. “Júlio Pomar no Porto” in *Primeira Escolha ... (Op.cit.)*, p. 151.

61 Poucos meses antes da I *Exposição Geral de Artes Plásticas*, organizada por iniciativa da comissão de jornalistas, escritores e artistas democráticos, do MUD, na SNBA, em Julho desse mesmo ano de 1946.

62 FUNDAÇÃO DE SERRALVES, *Porto 60/70 ... (Op. cit.)*, p.18.

63 FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal ... (Op. cit.)*, p.243

64 *Ibid., Ibid.*

65 Prefácio inserido no catálogo da I *Exposição de Primavera*, Porto, 1946.

66 Posteriormente publicada na revista *Vértice*, vol. 3, nº45, de Abril de 1947.

67 ALMEIDA, António Ramos de. “A I *Exposição de Primavera* no Porto” in *Mundo Literário* nº 10 de 13 de Julho de 1946.

se nestes ideais, tece elogiosos comentários a esta iniciativa que aqui encontra uma tribuna privilegiada para a difusão deste ideal de oposição ao regime. Aproveita então para remeter para as inúmeras exposições a que o Porto assiste, estas não trazem “nada de novo nem de velho” – aproveitando para denunciar o marasmo expositivo em que a cidade se encontrava: ou refêm de “estafadas paisagens” ou à mercê de “estafados desvarios futuristas decalcados do pintor A ou B”; ou seja, para além da manifestação neo-realista, nada de relevante acontecia.

Acidentalmente ou não, o *Ateneu* com a abertura das suas portas a estes dois episódios, emblemáticos em duas posturas distintas nas artes plásticas, inaugurou igualmente - para os dois casos- a respetiva mostra num local de carácter público, possibilitando uma maior visibilidade e projeção de duas das tendências que viriam a protagonizar o panorama das artes plásticas nesta época: o abstracionismo e o neo-realismo.

No cimo da Avenida dos Aliados, na Rua Clube dos Fenianos, nº 29, está localizado, o *Clube dos Fenianos Portuenses*, fundado em 1904, localizado nesta sede desde 1935. Fundado sob o lema “*Pelo Porto!*” é uma associação de vocação cultural, recreativa e desportiva. Conhecido sobretudo pelos seus exuberantes festejos Carnavalescos, o *Clube dos Fenianos*, recebeu igualmente, no seu Salão Nobre ao longo dos anos 40, várias exposições, entre as quais: Manuel Filipe, em Maio de 1945<sup>68</sup>, Adolfo Silva, ex-aluno da EBAP, e o Salão Internacional de Arte Fotográfica, em Maio de 1949. Neste local eram igualmente organizadas diversas palestras e tertúlias culturais.<sup>69</sup>

Incluímos neste grupo, os átrios de Instituições como do *S. João Cine*, na Praça da Batalha e da *Misericórdia do Porto*, na Rua das Flores, onde ocasionalmente eram organizadas exposições. Também, no *Palácio da Bolsa* ou *Palácio da Associação Comercial do Porto*, localizado na Rua Ferreira Borges, espaço dedicado aos ofícios do comércio e da indústria portuenses, cuja fundação recua a 1834, que, a par da sua atividade, editava *O Tripeiro*, uma publicação centrada na vida comercial da cidade, onde se realizavam ocasionalmente exposições.

O *Palácio de Cristal*, inaugurado em 1865<sup>70</sup>, projeto do arquiteto inglês Thomas Dillen Jones e o *Coliseu do Porto*, construído no mesmo local onde existira anteriormente o *Salão Jardim Passos Manuel*, (onde realizou a sua primeira exposição o pintor Amadeo de Souza Cardoso em 1915), constituíam duas possibilidades para a realização de exposições. Este último, tinha um Salão de Exposições onde se realizou, entre outras, a 3<sup>a</sup> *Exposição Independente* em Dezembro de 1944.

A Cooperativa *Sociedade Editora Norte* (S.E.N.)<sup>71</sup> fundada em 1942 por vários elementos que frequentavam as tertúlias no *Café Majestic*<sup>72</sup>, desenvolvia atividade cultural regular, norteadas

68 Esta exposição recebeu um texto crítico na página *Arte* do jornal *A Tarde* de 9 de Junho de 1945.

69 Como por exemplo, a conferência proferida por João Gaspar Simões em Fevereiro de 1947.

70 O Palácio de Cristal foi demolido em 1951, dando lugar a um novo edifício, o *Pavilhão dos Desportos*, projeto do arquiteto José Carlos Loureiro, hoje Pavilhão Rosa Mota.

71 A S.E.N. teve várias sedes: Avenida dos Aliados, Largo dos Poveiros, Rua de Santa Catarina, Rua Formosa e por último na Rua do Bonjardim.

72 De entre os frequentadores destas tertúlias contam-se muitas personalidades do meio cultural e político como: pintor



por uma oposição ao regime e editava um jornal clandestino.<sup>73</sup> Esta Cooperativa além de ter editado um grande número de livros, organizou encontros, colóquios, tertúlias e exposições, entre as quais, uma do pintor António Sampaio no *Salão do Coliseu do Porto*.<sup>74</sup>

e) a *Casa Cipriano*, localizada no n.º 34-44 da Praça de Carlos Alberto, havia sido fundada em 1870 por Cipriano d'Oliveira e Silva, um artista marceneiro. Na época das grandes exposições universais, ganhou vários prémios, que exhibia nas paredes do seu estabelecimento<sup>75</sup>. Esta casa possuía um grande salão de exposições e venda, que dedicava à exposição e comercialização de mobiliário e outros artigos decorativos.<sup>76</sup>

Apesar de não possuímos informação específica que informe claramente acerca da sua natureza nem da qualidade das exposições aí realizadas, o registo de duas exposições de artistas expositores das *Exposições Independentes*, António Sampaio, em Junho de 1946 e de Arthur da Fonseca<sup>77</sup> em Maio de 1947<sup>78</sup>, justificaram a sua inclusão neste grupo.

A *Casa Fantasia*, localizada na Rua de Santo António, n.º 220, era um estabelecimento dedicado ao comércio de cristais e outros artigos de decoração<sup>79</sup>.

A regularidade das exposições e a seleção de artistas que se registou, (muitos deles, alunos da Escola de Belas-Artes do Porto), assim como a regularidade de menções e recensões críticas na imprensa, levantou algumas questões acerca da natureza deste estabelecimento, pelo que se consultou o respetivo processo na Câmara Municipal do Porto.

De acordo com a memória descritiva que consta no processo de licenciamento<sup>80</sup> que deu entrada na CMP em Julho de 1943, a requerente solicita licença para obras de “alteração na fachada”, alegando o “emprego de materiais de boa qualidade”, como o mármore; solicita igualmente o “alinhamento das soleiras”.<sup>81</sup> Embora na memória descritiva nada conste que identifique a atividade e a função a que se destinaria o espaço, a pretensão aí solicitada, tanto o alinhamento das soleiras, assim como o emprego de materiais de qualidade como o mármore, indiciam algum apuramento estético na imagem do espaço, facto que se pode constatar pela observação da figura 33.

---

António Sampaio, Fernando Zenha, Eduardo Santos Silva, Cal Brandão, Eng. Virginia Moura, os arquitectos Artur Andrade, Lobão Vital e Januário Godinho.

73 PORTO, Carlos. *Livros e Livrarias do Porto*. Porto: Livraria Leitura, 1994. p. 53.

74 ARVORE- COOPERATIVA DE ACTIVIDADES ARTÍSTICAS. *António Sampaio O homem e a Obra (1916-1994)*. Porto: Árvore- Cooperativa de Actividades Artísticas, 2004. p.188.

75 Exposição Internacional de Paris em 1878, na Exposição do Palácio de Cristal em 1887, nas do Rio de Janeiro em 1908, 1922 e 1923, na Exposição de Barcelona em 1929 e na Grande Exposição Industrial Portuguesa, em 1932.

76 COUTO, Júlio. *A Praça de Carlos Alberto*. Porto: Livraria Vieira, 2003. p. 62.

77 Arthur Lambert Barbosa da Fonseca (1922 - 2013). Pintor abstrato e surrealista. Pertenceu ao grupo de Estudantes de Belas Artes do Porto. Integrou as Exposições Independentes.

78 Cf. *O Comércio do Porto* de 14 de Maio de 1947.

79 Cf. *Anuário Comercial do Porto* de Carvalho e Martino, Ltd. , de 1947.

80 “Memória descritiva” in [Processo de licenciamento n.º 292/43], 1943. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal do Porto.

81 “Memória descritiva” in [Processo de licenciamento n.º 292/43], 1943. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal do Porto.

Embora não tenhamos documentação suficiente que informe adequadamente acerca da sua programação<sup>82</sup>, constatamos que, neste estabelecimento, eram organizadas regularmente exposições, tendo exposto aqui, entre outros, ao artistas António Sampaio (1944), Jaime Isidoro (1945 e 1947), Carlos Carneiro (1946), A. Neves e Sousa (1944 e 1950) e Nadir Afonso (1948). As exposições aqui realizadas, e para as quais eram produzidos catálogos,<sup>83</sup> encontravam, embora com maior ou menor destaque, eco na imprensa: ou através de uma simples nota a informar acerca do respetivo encerramento ou inauguração, ou através de comentários críticos.

Terá provavelmente encerrado por volta de finais de 1951 ou inícios 1952, altura em que nos surgem registos de um outro espaço de exposições nesse mesmo local: o *Salão António Carneiro*.

No curso deste estudo, encontramos ainda, muitas outras referências a exposições e espaços expositivos em vários locais<sup>84</sup>, embora pela falta de informação específica acerca das mesmas e pelo seu carácter avulso não tenhamos incluído neste estudo.

A agitação expositiva vivida durante os anos 40 no Porto e o esforço empreendido pelos artistas desta década no rompimento com cânones passadistas, que os levou a ocupar temporariamente as instituições, conquistando assim novos espaços para a afirmação da sua arte, no empenho para um incremento de ação cultural continuada, refletem um espírito determinado e de realização desta geração.

A atitude empreendedora, traduzida nestas iniciativas, por certo criou condições à experimentação e proporcionou uma maior abertura e ousadia no trilhar de novos rumos e possibilidades, pelo que sublinha a nossa convicção que os tempos e vontades em fazer a arte comunicar com o público e *sair para a rua*, além de uma necessidade era já uma realidade manifestada na cidade do Porto durante a década de 40.

### 1.1.2

#### A crítica

À semelhança do abordado anteriormente, também a crítica de arte especializada, era, nesta altura, praticamente inexistente, sendo a sua escassa atividade exercida por pessoas oriundas das mais diversas áreas, o que se repercutia inevitavelmente na inconsistente qualidade e rigor da própria crítica que dependendo do veículo onde se inscrevia era produzida por

---

82 Não foi efetuado um estudo exaustivo da programação deste espaço, por não constituir objeto deste estudo.

83 Alguns identificados durante a investigação.

84 Nomeadamente Sala de Exposições *Botão Cristal*, na Rua de Cedofeita, nº 3, *Galeria Molder* (de Lisboa) que funcionava num dos salões do Grande Hotel do Porto, e que publicava a revista ilustrada *Artis*. Encontramos ainda referências a outros locais como um *stand* de automóveis na Rua Magalhães Lemos, nº 85 e uma sala na Rua Sá da Bandeira, nº 42. Também a Livraria Figueirinhas expunha por vezes quadros nas suas montras (Dr. António Cardoso tem memória de ver nas montras desta livraria quadros do pintor António Cruz).

jornalistas, ou, por vezes, por escritores, historiadores de arte ou artistas.

Na imprensa generalista, alguns dos principais diários portuenses - *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*, apresentavam uma coluna temática dedicada às artes plásticas, por via da qual davam conta sobretudo das exposições promovidas pelos pintores naturalistas<sup>85</sup> e dos eventos que, certamente, teriam mais repercutibilidade.<sup>86</sup> Não obstante, incluíam igualmente informação acerca de uma ou outra exposição de “caráter mais avançado”, facto que, na generalidade, não lhes despertava igual interesse. Aliado à parcialidade no que diz respeito às tendências estéticas, a esta crítica nem sempre estava subjacente um conhecimento real nem da matéria tratada, nem do processo criativo do artista. A crítica jornalística não constituía, portanto, uma fonte fidedigna; é no entanto um importante indicador no que reporta à opinião da imprensa face à realidade artística.

A criação, em Abril de 1945 da nova página *Arte* no jornal *A Tarde*, que, entregue à orientação de Júlio Pomar, esteve em atividade entre Junho e Outubro de 1945<sup>87</sup>, inaugura um “verdadeiro debate artístico”<sup>88</sup>; este, de feição, declaradamente, neo-realista, movimento do qual o próprio Júlio Pomar foi um dos principais protagonistas. Nesta página, além de Júlio Pomar, colaboram ainda Fernando Lanhas, Arco, Aníbal Alcino, Victor Palla e José Borrego. Após o segundo número, colaboram igualmente os artistas e colegas de Lisboa, Cesariny, Pedro Oom e Vespeira. No primeiro número recebeu contribuições de alunos da Escola do Porto: textos de Victor Palla e Arco, reproduções de Júlio Resende e Nadir Afonso, e ainda uma notícia da *Exposição Independente* na sua itinerância por Lisboa. Nas páginas d'*A Tarde*, a par da produção escrita alinhada com a nova doutrina, reproduzem-se desenhos de Fernando Lanhas, Júlio Pomar, Victor Palla, Manuel Filipe, Nadir Afonso e Júlio Resende. Durante os vinte números em que a página foi publicada, constituiu um forte veículo da causa da arte útil, socialmente interventiva, onde semanalmente eram apresentadas referências nacionais e internacionais, nomeadamente os pintores mexicanos Orozco e Siqueiros e o brasileiro Portinari, assim como reproduções das suas obras.<sup>89</sup>

A fundação da página *Arte* representou um ponto de viragem, uma oportunidade tanto para os artistas exporem as suas ideias e a sua arte, como para se pronunciarem sobre a obra dos seus pares.

A propagação da doutrina neo-realista encontrou nesta época, um outro veículo: a revista *Vértice*, revista portuguesa de cultura e arte, sediada em Coimbra e fundada em 1942, e que, a partir de 1945, assumindo uma nova direção se torna um instrumento de resistência

85 CASTRO, Laura. *Júlio Resende ... (Op. cit.)*, p. 25.

86 GALERIA DO PALÁCIO. *[+ de] 20 Grupos e episódios no Porto do século XX*. Vol. II. Porto: Galeria do Palácio, 2001. p. 8.

87 Esta colaboração surge por intermédio de Fernando Lanhas, que apresenta Júlio Pomar e Victor Palla a António Cruz, que na altura dirigia a revista. Cf. ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Júlio Pomar Primeira Escolha*. Fundação Júlio Pomar e Galeria Municipal de Matosinhos. p. 149.

88 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. “Júlio Pomar no Porto” in *Primeira Escolha. ... (Op.cit)*, p. 147.

89 GUEDES, Fernando. *Estudos sobre Artes Plásticas ... (Op. cit)*, p. 48.

política. Colaboradores assíduos são Júlio Pomar, Victor Palla (simultaneamente autor do *design* gráfico das vinhetas e das capas da revista), Arco, Manuel Ribeiro de Pavia, Abel Salazar entre outros. Nas páginas da *Vértice* reproduzem-se desenhos de Pomar<sup>90</sup>, que no ano seguinte seriam publicados no álbum *Pomar XVI Desenhos*, com um texto de Mário Dionísio. No campo poético e literário, as páginas da revista eram enriquecidas com poesias de Joaquim Namorado, João José Cochofel, Eugénio de Andrade, José Borrego e Afonso Duarte.

A par da atividade escrita nomeadamente para a *Vértice* e *A Tarde*, a realização de conferências e palestras constituiu uma outra forma de propagação e contaminação da crítica, nomeadamente da ideologia neo-realista, que posteriormente era transmitida por via escrita nestas publicações. Pomar e Palla protagonizam alguns desses episódios, por ocasião designadamente da 3.<sup>a</sup> *Exposição Independente*, na sua itinerância por Lisboa no IST, em 1945. Aqui Pomar profere a conferência “*Caminho da Pintura*”, que depois repetiria no Porto na exposição de Manuel Filipe e que seria ainda publicada na revista *Vértice*<sup>91</sup>. Nas páginas desta revista podemos ainda encontrar a conferência proferida por Júlio Pomar na I Exposição de Primavera, com o tema “Arte e Juventude”.<sup>92</sup>

A revista *Mundo Literário - Semanário de crítica e informação literária, científica e artística*, de Lisboa, com corpo diretivo constituído por Adolfo Casais Monteiro, Emil Andersen e Jaime Cortesão Casimiro, esteve em atividade durante os anos de 1946 e 1947, tendo ainda editado mais um número em 1948.

Com um *design* gráfico cuidado e sóbrio, os textos que a integravam estavam estruturados em três colunas intercaladas com reproduções de obras de vários artistas modernos e neo-realistas. Esta publicação editava artigos da intelectualidade literária e artística, quer a nível nacional como internacional, inserida nas suas várias rubricas: teatro, crítica literária, arte, etc. Faziam parte do seu grupo de colaboradores, vários intelectuais escritores, artistas e críticos como João Gaspar Simões, António Ramos de Almeida, Adolfo Casais Monteiro, António Pedro, Jorge de Sena, Júlio Pomar, António Pedro, Diogo de Macedo, Cal Brandão, etc. Nestas páginas encontramos artigos sobre Picasso complementados com ilustrações, numa apologia à arte moderna, mas também sobre Cândido Portinari e outros em defesa do neo-realismo. Aqui encontramos também críticas literárias e a exposições, escritas por artistas e por críticos literários, como Júlio Pomar, onde evoca a exposição *20 Anos Depois* de Dórdio Gomes e de Aníbal Alcino realizadas na galeria da Portugália ou António Ramos de Almeida, sobre a *I Exposição de Primavera* no Porto. Provavelmente pelo seu caráter avançado, a censura colocou termo a esta publicação em 1948.

Sediada no Porto, a revista *Portucal - revista ilustrada de cultura literária científica e artística*

90 Nomeadamente *Cabouqueiro* (Dez. 1946) e *A Pedra* (Dez. 1946) na *Vértice* Vol. III, nº 45, de Abril de 1947.

91 *Vértice* Vol. I nº 12-16 de Maio de 1945. p. 60-65.

92 *Vértice* Vol. III, nº 45 de Abril de 1947. p. 373-375.

(1928-1962), com direcção de Claudio Basto e Pedro Vitorino, foi a descendente do ideário da revista *Águia- Órgão da Renascença Portuguesa* (1910- 1932), com a qual partilhou sede na Rua Mártires da Liberdade, n.º 174 a 178, no Porto.

Em Fevereiro de 1946, a *Portucale* inaugurou uma nova série com o objetivo de “dar o panorama de todas as correntes sadias que sulcam o pensamento humano” e de “todas as actividades do espirito.”<sup>93</sup> Na direcção teve Amorim de Carvalho, Kol d’Alvarenga, Pina de Moraes, Sebastião Pestana e Veiga Pires. Para esta segunda série, a sua imagem gráfica foi renovada, à qual se atribuiu uma linha mais estilizada e contemporânea, mantendo no entanto os motivos decorativos que intercalavam os textos, de feição mais tradicional. A *Portucale*, constituída por várias rubricas entre as quais poesia, crítica literária, ensaio e temas tradicionais portugueses, apresentava na parte final um apanhado das principais publicações e novidades literárias do momento. Nesta nova série, que corresponde aos anos em estudo, colaboram Abel Salazar, Adolfo Casais Monteiro, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Carlos de Oliveira, Jorge de Sena, Papiniano Carlos, António de Sousa, Castelo Branco Chaves, Fernando Guedes, José-Augusto França, José Fernandes Fafe, Júlio Pomar e Mário Dionísio e Arco. Nas suas páginas são reproduzidos desenhos de Fernando Lanhas<sup>94</sup>, Arthur da Fonseca, Júlio Pomar, Lima de Freitas, Laura Costa, poesias e desenhos de Neves e Sousa, entre outros.

Embora a renovação efetuada na 2ª série tenha dado origem a uma estrutura editorial mais contemporânea, as referências a aspetos modernos são ainda tímidas, sobressaindo ainda o seu carácter mais tradicionalista, traduzido sobretudo na rubrica *Artes e ofícios nas tradições populares*, onde é dado destaque a temas de cariz vernacular, como as capuchas, os moinhos, trajes regionais, etc. No entanto, nesta publicação, podemos ainda encontrar críticas a exposições de cariz abstrato ou neo-realista: *Exposições Independentes* e *Exposições Gerais de Artes Plásticas*. Em 1949, a partir do n.º 21/22 é iniciado o novo suplemento literário sob direcção de Álvaro Bordalo, um dos mais carismáticos bibliófilos portugueses: a *Gazeta do Bibliófilo*, onde dava conta das novidades literárias, leilões e outras curiosidades de que um bibliófilo se deveria enterrar.

Os catálogos das exposições constituem, frequentemente, um outro veículo de informação no que diz respeito à crítica artística; quando inserida neste veículo é redigida habitualmente por alguém a pedido do artista expositor que possua entendimento tanto da sua obra como do seu processo artístico. É realizada geralmente por um outro artista, ou então por historiadores de arte ou escritores. Constitui pois, o veículo mais informado de crítica a que podemos aceder; também constitui um indicador acerca de como era entendida a obra do artista pelos seus pares ou pela crítica mais culta.

A respeito da escassez de escritos – especializados - que esta época realizou, Rui-Mário Gonçalves, comenta: “Se não houve muitos escritos, houve, sem dúvida muitas trocas de ideias

93 [http://www.infopedia.pt/\\$portucale.-revista-ilustrada-de-cultura](http://www.infopedia.pt/$portucale.-revista-ilustrada-de-cultura)

94 Nomeadamente em: ARCO. “Artistas Modernos Fernando Lanhas” in *Portucale*, n.º 15 de Junho de 1949.

em conversas e discussões, nos cafés e nos *ateliers*.”<sup>95</sup> No Porto, o *Café Rialto*, o *Palladium*, o *Majestic*, e a *Confeitaria Primus*, todos localizados num curto raio de proximidade, eram centros de discussão e debate em torno dos assuntos que agitavam a intelectualidade artística.

Era então entre a crítica formal, de carácter público, redigida muitas vezes pelos que eram exteriores ao processo criativo do artista e a crítica informal que em modo de conversa ou brincadeira existia nas esferas paralelas - cafés, *ateliers* dos artistas e a própria escola - que de forma natural e espontânea residiam as opções estéticas da criação artística. Esta crítica informal, por fazer parte de uma vivência individual ou de um grupo dos artistas, pertence a um universo de mais difícil apreensão.

Fernando Guedes traça um relato, do quotidiano de um grupo de artistas cujas aventuras acompanhava:

“O que então acontecia, nenhum dos protagonistas, nem os que de mais perto os acompanhavam, podia avaliar. Na minha memória misturam-se ecos da Sagração da Primavera, ouvida pela primeira vez em casa do Pimentel, com as primeiras cerâmicas de Júlio Pomar, vidradas, quase por favor, numa fábrica de Gaia, e os serões intermináveis na casa do Lanhas, na Rua José Falcão, e a chegada do Resende à Estação de S. Bento, vindo de Paris (e a nossa ânsia de saber novidades), e as excursões a S. Pedro da Cova em busca de fósseis, e a escultura abstracta de Arlindo Rocha, premiada dez anos mais tarde, e o Nadir a pedir que lhe dissesse o salve Rainha e a extasiar-se ante a singela beleza daquelas palavras sagradas, e os requintados cafés tomados no requintadíssimo estúdio de Arthur da Fonseca, na Rua da Fábrica. Ninguém se dava conta do que se construía. Os acontecimentos marginais eram, afinal, os que entretinham mais as discussões (...). Só que, na verdade, o que se ia passando de menos espectacular era a abertura organizada da pintura portuguesa a uma modernidade rigorosa e actuante.”<sup>96</sup>

Sabemos hoje, por exemplo, que Lanhas expôs as suas primeiras experiências abstratas encorajado por Júlio Pomar e Fernando Távora, “que pressentindo a importância da peça”<sup>97</sup>, que lhe terão dito: “Pode ser importante!”<sup>98</sup>

Nesses anos de aprendizagem e experimentação de novos caminhos, a necessidade de reflexão que subjaz à criação artística, necessita de um campo de diálogo e discussão entre pares, que, por tão intrínseca ao acto criativo, constitui uma realidade inatingível para o crítico. No entanto, não pode ser subestimada, aquando da análise e reflexão sobre a obra desses mesmos artistas, como observa Lúcia Matos<sup>99</sup>: “Não será exagerado admitir que uma importante parte

95 GONÇALVES, Rui Mário. “Artes Plásticas Nova Criatividade, Novo Espírito Crítico.” in *Os anos 40 na Arte Portuguesa*. Lisboa: FCG, Abril de 1982. p.44

96 GUEDES, Fernando. *Estudos sobre Artes Plásticas...* (Op. cit.), p. 59.

97 Neste caso concreto, referimo-nos a *Forma*, escultura realizada por Lanhas, exposta na 5ª *Exposição Independente* em 1948. Cf. 3º Capítulo – *As exposições e a crítica* e *Cronograma Ilustrado*.

98 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Escultura em Portugal ...* (Op. cit.), p. 450.

99 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. “Júlio Pomar no Porto”... (Op. cit), p. 159.



do destino da pintura em Portugal se jogou nesse breve mas intenso diálogo quotidiano entre Pomar e Lanhas. “Fazíamos um risco e precisávamos da opinião do outro: ó pá, isto não está bem...”

### 1.1.3

#### A Escola de Belas-Artes

Em 1946, Dordio Gomes, precedido já por uma chamada de atenção do jovem Júlio Pomar, que tecendo duras críticas ao ensino, “todo ele feito à base de ausência de verdadeiro conhecimento”, e que “conduzia à formação de autómatos, sem desenvolvimento do espírito crítico e da capacidade de julgar” - anuncia publicamente as suas preocupações ao constatar que “os nossos artistas mais representativos ou são auto-didactas (...) ou têm de abjurar de todos os preceitos adquiridos”, uma vez que os métodos de ensino, - se “limitavam ao estudo de modelo vivo”, o que conduzia a um “objetivismo denso”, acabando por condicionar “grandes valores escolares”.<sup>100</sup>

Não obstante todos estes anacronismos, na Escola de Belas-Artes do Porto vivia-se uma época de abertura e inovação relativamente aos velhos hábitos académicos, personificados pelos professores e pintores naturalistas Acácio Lino, Marques de Oliveira ou José de Brito. Mais aberta que a sua congénere lisboeta, integrava um corpo docente de excecional qualidade pedagógica<sup>101</sup>: Carlos Ramos (desde 1940, em substituição de Marques da Silva, que atingira o limite de idade)<sup>102</sup>, no ensino da Arquitectura; Aarão de Lacerda, no ensino da História da Arte; Barata Feyo (desde 1949), no ensino da Escultura, mas principalmente Dordio Gomes (desde 1934), “personalidade equilibrada e generosa”<sup>103</sup> o professor de Pintura e Anatomia Artística.<sup>104</sup>

O ensino inovador de Dordio Gomes, aliado ao interesse que ao alunos despertava a sua vivência passada<sup>105</sup>, fomentava a criatividade dos jovens, que, atribuindo-lhe um estatuto particular, o olhavam como um verdadeiro Mestre e um “representante do sonho Parisiense.”<sup>106</sup>

A superioridade da *Escola do Porto* relativamente à de Lisboa, havia sido já referenciada

<sup>100</sup> *Ibd.*, p.143-145.

<sup>101</sup> PEREIRA, Paulo. *História da Arte Portuguesa do Barroco à Contemporaneidade*. Vol. III. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. p. 394.

<sup>102</sup> FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. *Carlos Ramos: Exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: FCG, 1986. p.

<sup>103</sup> ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Escultura em Portugal ... (Op. cit.)*, p. 380.

<sup>104</sup> A respeito ainda do trabalho desenvolvido por Dordio Gomes, este havia sido já referenciado a propósito da *IX Missão Estética de Férias* em Évora, que dirigiu entre Agosto e Setembro de 1945, da qual resultou *Gadanheiro*, que despertou interesse na obra de Júlio Pomar, e quando segundo Ernesto de Sousa *Júlio Pomar faz-se pintor* in Ernesto de Sousa citado por ALMEIDA-MATOS, Lúcia. “Júlio Pomar no Porto”... (*Op. cit.*), p. 149. Nesta Missão Estética participaram: Júlio Pomar, Nadir Afonso, António Lino Pedras, Maria Luísa Sousa Tavares, Vasco Conceição, Israel Macedo, Arlindo Rocha, João Raul David, Júlio Resende e Maria da Conceição da Silva Dias.

<sup>105</sup> Dordio Gomes havia estado em Paris como bolseiro entre 1910 e 1911. Após um interregno de 10 anos, regressou à capital francesa para uma estadia de 5 anos, onde frequenta a Escola Nacional de Belas-Artes de Paris.

<sup>106</sup> Cf. RESENDE, Júlio. *Autobiografia*. Lisboa: O Jornal, 1987, p. 11.

por Diogo de Macedo em 1939<sup>107</sup>, quando comentou a exposição que resultou da *III Missão Estética de Férias*, referindo uma maior “liberdade de interpretação”, “composições imaginativas e sagazes”, utilização da paleta de cores de acordo com as temáticas abordadas e coragem na estilização dos desenhos da primeira, em contraponto com a “objetividade dos modelos visuais” e “construção de motivos isolados apegados aos efeitos dos coloridos de museu”, da segunda.<sup>108</sup>

A Escola do Porto tornava-se apelativa para muitos alunos que para aqui se transferiam, afastando-se também das perseguições políticas de que alguns eram alvo, como é o caso de Júlio Pomar, Querubim Lapa e Victor Palla.

A respeito desta época recorda Júlio Resende: “Na escola, e fora dela, o meu olhar de ver a vida e as coisas tonar-se-ia cada vez mais exigente. Na escola, durante o trabalho, aguardava com grande expectativa, a análise crítica de Mestre Dordio, a possível ponte referencial com aquilo que entendíamos como os nossos limites geográficos”.<sup>109</sup>

Entretanto, começa a gerar-se um sentimento de insatisfação face a compromissos estéticos há muito estabelecidos e tidos como cânones referenciais: “Entre os camaradas gerava-se um movimento de inconformismo face à passividade do burgo.”<sup>110</sup> O crescente fervilhar de ideias que estes alunos, de uma exigência cada vez mais aguçada experimentavam, fomentou a insatisfação face à passividade generalizada, levando a que de forma espontânea se comesse a constituir um grupo sob um ideário comum, e um “despertar de uma consciência colectiva para a realidade”<sup>111</sup>.

Por volta de 1942, iniciam-se reuniões em casa de Júlio Resende, das quais se forma um grupo heterogéneo constituído por alunos de Pintura, Escultura e Arquitectura, o *Grupo de Estudantes da Escola de Belas-Artes do Porto* (GEBAP), cujo principal animador seria Manuel Guimarães<sup>112</sup>, colega “mais experiente e desenvolto, que parecia olhar o mundo de um outro plano”.<sup>113</sup> Este grupo, embora heterogéneo, unia-se em oposição às limitações que a Escola impunha; muito à semelhança do que anos antes havia sido realizado pela geração anterior, o *Grupo + Além*<sup>114</sup>.

Integravam o GEBAP, entre outros, os estudantes: António-Lino, Israel Macedo, Martins da Costa, Amândio Silva, Júlio Resende, Arlindo Rocha, João Raúl David, Fernando Lanhas,

107 MACEDO, Diogo citado por ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *A escultura em Portugal ... (Op.cit.)*, p. 380.

108 Cf. ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *A escultura em Portugal ... (Op.cit.)*, p. 380.

109 RESENDE, Júlio. ... (*Op. cit.*) p.13.

110 RESENDE, Júlio. ... (*Op. cit.*) p.13.

111 *Ibid.*, *Ibid.*

112 Manuel Fernandes Pinheiro Guimarães (1915-1975). Cineasta, decorador teatral, ilustrador, caricaturista. Em 1931 ingressou na EBAP, no curso de pintura, Durante esta época, e numa primeira fase, foi um dos principais impulsionadores do GEBAP. Posteriormente dedicou-se à sétima arte, onde aplicou as ideologias do neo-realismo, até ser sujeito à sua proibição, pelo Governo de Oliveira Salazar. Informação obtida em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel\\_Guimarães](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Guimarães)

113 RESENDE, Júlio. ... (*Op. cit.*), p. 16.

114 O *Grupo + Além* formou-se no Porto, em 1929, em contestação às homenagens póstumas a Marques de Oliveira, representante de tendências naturalistas nas artes plásticas e do ensino tradicionalista da Academia de Belas-Artes do Porto.



Nadir Afonso, Victor Palla, Júlio Pomar, etc. Pela natureza abrangente e democrática deste grupo, nele também encontravam lugar Fernando Guedes, António Reis, Abel Salazar, Dordio Gomes e Barata Feyo.<sup>115</sup>

Durante os quatro anos em que esteve em atividade, o GEBAP organizou vários eventos: exposições, conferências, saraus artístico-musicais com audição de discos (entre os quais, de Shostakovich), recitais de poesia, um sarau literário com leituras de Saroyan<sup>116</sup>, Fernando Namora e neo-realistas de Coimbra, leitura de textos marxistas, de autores russos e portugueses e sessões de cinema<sup>117</sup> - contribuindo para o enriquecimento tanto da vida académica como da vida cultural da própria cidade.<sup>118</sup> Algumas destas atividades tinham repercussão na imprensa:

“Realizou-se ontem à noite na Escola de Belas-Artes do Porto, por iniciativa do Grupo de Estudantes daquele estabelecimento de Ensino, um Sarau artístico-musical. Colaboraram o sr. Dr. Júlio Costa, que leu um trabalho subordinado ao título “A arte e a técnica” e o estudante José Borrego, que leu poemas de Fernando Pessoa e Joaquim Namorado, e Júlio Pomar que comentou as projecções de algumas obras de pintura, escultura e arquitectura. Foram igualmente apresentadas algumas obras musicais em íntima relação com a conferência. Seguiu-se a inauguração duma exposição de reproduções de pintura japonesa, que estará patente ao público durante toda a semana.”<sup>119</sup>

Ou então:

“Promovida pelo Grupo de Estudantes da Escola de Belas Artes do porto, realizar-se-á amanhã, pelas 18 horas, no salão nobre daquele estabelecimento escolar, a primeira sessão de 2 ecran”-ciclo de cultura cinematográfica- na qual serão exibidos alguns filmes do período silencioso, apresentados e comentados pelo jornalista Manuel de Azevedo. Aquela sessão, marcada para ontem, teve de ser adiada por motivos de força maior.”<sup>120</sup>

Por iniciativa do GEBAP é organizada, em Abril de 1942, na própria Escola, uma exposição coletiva; a primeira das nove que até 1950 iriam animar a cena artística do Porto e que seriam batizadas de *Exposições Independentes*. Nesta primeira exposição participaram: Altino Maia, Amândio Silva, Aníbal Alcino, António Lino, Armando Alves Martins, Bento de Almeida, Henrique Mingachos, Israel Macedo, Nadir Afonso, Arlindo Rocha, Fernando Lanhas.

115 RESENDE, Júlio. ... (*Op. cit.*), p. 14.

116 “Um lindo idílio à antiga, com versos de amor e tudo” lida por José Borrego, numa sessão do GEBAP, na EBAP. In *Portugale*, nº 10-11 de Jul- Set de 1947. Nesse mesmo ano, Victor Palla e José Borrego iriam editar pela *Editora Atlântida* de Coimbra uma Seleção de contos de William Saroyan, com tradução e prefácio de sua autoria.

117 Ainda a respeito das atividades desenvolvidas por este grupo, há referência de terem convidado Almada Negreiros a ir à EBAP, realizar uma conferência. in RESENDE, Júlio. *Op. cit.* p. 15.

118 Cf. MARTINS, João Palla. *Victor Palla (1922-2006) Um Levantamento crítico*. Lisboa: IADE, 2004, p.29. Tese de mestrado não publicada.

119 *O Comércio do Porto* de 11 de Dezembro de 1945.

120 *O Comércio do Porto* de 26 de Fevereiro de 1946.

Aos alunos, juntou-se o professor Dordio Gomes, numa manifestação de apoio e solidariedade fora do comum.

*Novos e velhos*, alunos e professores, estavam unidos em aliança que ia muito para além de ideologias ou compromissos estéticos; tinha a ver com uma profunda vontade de mudança; todas estas transformações estavam a acontecer não só *na* escola, mas *com* a Escola.

A partir da 2ª Exposição Independente, é perceptível a presença de um “núcleo duro”, cujo elemento central é Fernando Lanhas; é a partir desta altura que estes alunos começam a ser comumente designados por *Grupo dos Independentes*.<sup>121</sup> Na 3ª Exposição Independente, (na qual se juntam aos alunos, os professores Carlos Ramos, Aarão de Lacerda e Dordio Gomes), desta vez no Salão de Festas do Coliseu do Porto, durante a respetiva itinerância por Coimbra, em Janeiro de 1945, iria ser firmada a declaração de princípios do grupo, esclarecendo desta forma as opções que presidiam ao nome *Independente*: “Exposição Independente- não é um nome ao acaso. Significa porta aberta a todas as correntes, tribuna acessível às variadíssimas tendências plásticas, alheia a compromissos estéticos.(...)” Estava firmada a carta de princípios destes que eram “talvez os mais independentes de quantos agrupamentos de artistas têm tomado essa denominação”<sup>122</sup>

Estas exposições assumiriam outros contornos, ao serem organizadas fora da escola, e fora da cidade, começando a animar cidades como Coimbra, Leiria, Braga e Lisboa. Este papel inédito que consiste na vontade e empenhamento em descentralizar a atividade expositiva, animando cidades periféricas, “não evitará porém, uma certa marginalização dos artistas do Porto em relação aos acontecimentos e iniciativas de maior visibilidade e impacto na capital.”<sup>123</sup>

As atividades empreendidas pelo GEBAP, a par da adesão à Juventude Comunista de alguns dos seus membros, teve como resultado, em 1946, a sua extinção pelo Conselho Escolar da EBAP, seguida de inquérito e penalização de três meses com suspensão das aulas e de todas as atividades na escola<sup>124</sup>. É então que Júlio Pomar e José Borrego são expulsos da Escola de Belas-Artes. Estas sanções disciplinares não impedem ainda a realização da I Exposição de Primavera, no Ateneu Comercial do Porto, em Junho de 1946, como já referimos, uma exposição de acentuado cariz político, motivo que acabou por ditar a ausência de alguns dos artistas que integravam as Exposições Independentes.

A presença do arq. Carlos Ramos na Escola de Belas-Artes do Porto onde viria a exercer funções de direção a partir de 1952 (mantendo-se até 1967), em substituição de Joaquim Lopes, esteve ainda na base de muitas alterações no seio da Academia. Enquanto diretor, Carlos

121 De acordo com GUEDES, Fernando em “Vinte Anos depois” ... (*Op. cit.*). p. 60, o GEBAP nunca se auto designou de *Os Independentes*; a crítica assim o batizou, enquanto organizadores de *Exposições Independentes*.

122 VASCONCELOS, Flório. *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972, p.126.

123 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Escultura em Portugal* ... (*Op. cit.*), p. 449.

124 Carlos Ramos foi o único professor a votar contra a suspensão dos alunos.

Ramos criaria uma “cultura provincial independente”<sup>125</sup>, de grande profissionalismo, que de certo modo surgia em contestação com as determinações oficiais de Lisboa, polémica e “mal considerada.”<sup>126</sup>

Realiza as *Exposições Magnas*, de periodicidade anual, ininterruptamente até 1968. As *Exposições Magnas* habitualmente realizadas no início do ano letivo, proporcionavam uma reflexão sobre a atividade da própria escola, dando a conhecer publicamente os trabalhos que eram realizados dentro da academia tanto pelos alunos com melhor classificação do ano anterior, como pelos seus professores, procurando dar-lhes “visibilidade pública”<sup>127</sup>. Nas várias *Magnas*, Carlos Ramos aproveitava ainda para exaltar diferenciados aspetos e tendências que considerava importantes, como o *Pacto das Três Artes*, que salientou na III Exposição Magna.

Um outro reflexo da *abertura* da Escola, é a instauração das *Exposições Extra Escolares*, em 1951, tendo sido realizadas até 1968. Estas exposições eram organizadas por alunos da Escola, que desenhavam os catálogos e integravam o júri de admissão, no qual participavam, também docentes. A finalidade das Exposições Extra Escolares, era distinta das Magnas: enquanto nestas últimas estava em causa o resultado dos trabalhos académicos; nas primeiras, era pretendido que os alunos dessem a conhecer o seu trabalho resultado da sua investigação pessoal.<sup>128</sup>

Jorge Pinheiro recorda:

“... À porta do salão de exposições, recebendo as entidades oficiais, Carlos Ramos (...) tinha escrito momentos antes, a lápis, (...) um discurso relatando o que havíamos conseguido e solicitando, com a prudência que o regime impunha, algo do muito que nos faltava. Lê-lo-ia na inauguração de mais uma Exposição Magna perante um Américo de Deus Rodrigues Tomás cabisbaixo, silencioso e básico. Expor-se-ia uma amostra do que, no ano anterior, em cada disciplina prática, de melhor se havia feito nas “três irmãs de leite”, como dizia o Mestre: uma seleção que, para o público e para as excelentíssimas entidades fosse mais compreensível e mais aliciante.”<sup>129</sup>

125 FRANÇA, José-Augusto. A Arte em Portugal ... (Op. cit.), p. 302.

126 *Ibid.*, *Ibid.*

127 FUNDAÇÃO DE SERRALVES. *Porto 60/70 ... (Op. cit.)*, p.19.

128 *Ibid.*, *Ibid.*

129 PINHEIRO, Jorge. “Rememoração” in ÁRVORE COOPERATIVA DE ACTIVIDADES ARTÍSTICAS. *Pintura ou Não?* Porto: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e Cooperativa Árvore, 2012. p. 8-9.



## 2º Capítulo

### O nascimento das *Portugálias*

O nascimento da *Livraria Portugália* do Porto não constitui um acontecimento isolado no panorama nacional. Enquadra-se num projeto mais alargado e ambicioso, que encontra referencial na *casa-mãe*: a Livraria e Editora Portugália de Lisboa.

O caminho para uma compreensão das circunstâncias da sua fundação, levou-nos a um estudo da casa primeira, a de Lisboa. Consideramos esta incursão necessária para responder às questões que desde o início nos colocámos:

*Que ideia ou projeto esteve na base da criação deste espaço? Quem o idealizou? Quem o concretizou? Em que circunstâncias? Com que objetivo? Qual era o seu papel?*

No encaço dessas respostas, identificámos dois protagonistas que considerámos peças-chave e em cujo entendimento residiriam muitas das respostas a estas questões: Agostinho Fernandes, industrial e colecionador de arte - o fundador das Portugálias; e Artur Andrade, arquiteto ainda em formação quando aceitou realizar o projeto<sup>130</sup> desta Livraria e Galeria.

Para esse entendimento, várias abordagens foram feitas: num primeiro momento, uma incursão pela biografia de Agostinho Fernandes, para um conhecimento mais próximo do seu carácter, da sua rede de amizades, das suas ambições e influências que o terão conduzido à fundação da *Portugália de Lisboa*.

Num segundo momento - indissociável do primeiro - o estudo da atividade desenvolvida pela casa-mãe: estudo que constitui uma *ferramenta* essencial para um entendimento do universo específico desta casa, nomeadamente para *mergulhar* no vasto mundo dos livros e das edições, do qual a Portugália era um dos principais representantes.

As várias aproximações desenvolvidas, contributos para um entendimento mais amplo do contexto em que se fundou a Portugália-Porto, não respondem porém a todas as questões que se afloram desde o início, pelo que entre a ordem de relações, pontos de contacto e as histórias que se cruzam, para muitas das questões, apenas podemos levantar hipóteses, pois muitas delas continuam ainda sem resposta.

---

130 Cf. 2.2.3 do 2º Capítulo.

## 2.1.

### Agostinho Fernandes e a Portugália de Lisboa

Quando em Setembro de 1942, Agostinho Fernandes (1886-1972) funda a *Portugália Editora*, na Rua do Carmo, nº 75, em Lisboa, no mesmo prédio existia já, no rés do chão e primeiro andar a homónima Livraria Portugália<sup>131</sup>, local de referência da intelectualidade lisboeta desde os anos 20. O seu Gabinete de Leitura que funcionava na sobreloja, era frequentado por assinantes; aqui eram muito conhecidas as tertúlias que reuniam frequentemente escritores como os poetas Armindo Rodrigues, Cabral do Nascimento, António de Navarro, Manuel da Fonseca, Jorge de Sena, Tomaz Kim, Ruy Cinatti, Mário Beirão, António Sérgio, João Gaspar Simões, José Osório de Oliveira e muitos outros escritores, políticos, artistas plásticos e músicos, como Diogo de Macedo, António Duarte, Martins Correia e Fernando Lopes Graça.<sup>132</sup>

Agostinho Fernandes era cliente da Livraria, no entanto não frequentava estes encontros; aparecendo de vez em quando para se enteirar das novidades literárias, “por um ou outro recorte de notícia guardado na carteira, ou por indicação avulsa.”<sup>133</sup>

Quando Agostinho Fernandes funda, como sócio capitalista a Editora Portugália, Raúl Dias<sup>134</sup> e Pedro de Andrade<sup>135</sup> - a quem a livraria havia sido traspassada<sup>136</sup> cinco anos antes - ficam como sócios gerentes. É apenas alguns anos mais tarde que A. Fernandes compra as quotas aos seus sócios ficando como único proprietário da Livraria Portugália.

Agostinho Fernandes, nasce em 1886, na aldeia algarvia da Mexilhoeira Grande, no seio de uma família rural de poucos recursos. Aos 13 anos, em busca de melhores condições de vida, sai do Algarve e rumo a Lisboa, onde vai viver para uma pensão na Rua da Saudade, onde também se encontra hospedado Armando Leça<sup>137</sup>, que viria a tornar-se seu amigo.

Estuda no *Ateneu Comercial* em regime noturno. Com apenas dezasseis anos vai trabalhar, como contabilista, para a empresa britânica *Harker Sumner*, que fornecia equipamentos para fábricas de conservas. Familiarizado com este negócio, em 1920, com 34 anos, funda a empresa *Algarve Exportador*, que constituirá a base do seu futuro império.

Nos anos 30 era já dono do maior grupo nacional no setor da produção e exportação

---

131 A Livraria Portugália havia sido fundada em 1918 por Heitor Antunes e José António Correia.

132 AMARO, Luíz. “Agostinho Fernandes, as Portugálias” em SANTOS, José da Cruz (coord.). *Agostinho Fernandes Um Industrial Inovador, Um Coleccionador de Arte, um Homem de Cultura*. Lisboa: José Domingos da Cruz Santos e Portugália Editora, 2008. p.12.

133 *Ibid.*, *Ibid.*

134 Raúl Luis Dias havia sido funcionário da Portugal-Brasil.

135 Pedro de Andrade havia sido funcionário da Livraria França Amado, em Coimbra e também bibliotecário particular de António Maria José de Melo César e Meneses, 9º Conde de Sabugosa, amigo de Eça de Queirós e cuja obra era editada pela Portugália de Lisboa. Em 1941, juntamente com Pedro de Andrade e Henrique Pinto abria, na Rua do Carmo nº 70, a Livraria Portugal.

136 Nesta altura, Heitor Antunes estabelece-se no Brasil, enquanto José António Correia vai trabalhar para a Livraria Bertrand.

137 Armando Leça, pseudónimo de Armando Lopes (1891-1977). Compositor, folclorista e etnomusicólogo. Pai de Mécia de Sena e Óscar Lopes. Informação obtida em: [http://www.cm-matosinhos.pt/pages/561?poi\\_id=9](http://www.cm-matosinhos.pt/pages/561?poi_id=9)

de conservas de peixe, detentor das marcas de renome mundial, *Nice e Flora. A Algarve Exportador* teria fábricas<sup>138</sup> espalhadas por toda a costa portuguesa, desde Lagos, passando por Setúbal, Lisboa, Peniche, Nazaré e Matosinhos; encomendando os seus projetos a arquitetos, como o projeto da *Fábrica de Conservas de Matosinhos* (1939), de autoria do seu amigo<sup>139</sup>, o arquiteto António Rodrigues Varela<sup>140</sup>, e que viria a ser um dos principais projetos modernistas para a indústria.<sup>141</sup>

A sua atividade industrial alarga-se a outras áreas para as quais cria unidades fabris: chocolate, azeite e óleo vegetal, farinha de peixe, embalagens, bolachas, estanho, contraplacado, etc., construindo um verdadeiro império industrial e empregando milhares de pessoas por todo o país.

Constrói uma frota com 48 embarcações e exporta para os Estados Unidos, Reino Unido, França, Suíça, Bélgica, Suécia, Finlândia, Alemanha, Hungria, Polónia e Checoslováquia.

O seu gosto pelas artes, leva-o a apoiar a criação artística em diferentes áreas. Começou por interessar-se pela atividade editorial, tendo editado os primeiros nove números da revista *Contemporânea*<sup>142</sup>, “a primeira revista literária a fazer entrar o movimento moderno nos hábitos nacionais”<sup>143</sup>, na altura dirigida por José Pacheco. A este respeito refere José-Augusto França, “(...) a *Contemporânea*, que José Pacheco sonhara lançar em 1915, com um número-espécime que fez sucesso, mas que só em Maio de 1922, encontrado um editor mecenas, o industrial colecionador Agostinho Fernandes, foi viável.”<sup>144</sup>

Por esta altura, inicia uma convivência cada vez mais intensa com escritores e artistas, entre os quais Almada Negreiros<sup>145</sup> e José Malhoa. Começou também a colecionar arte portuguesa, predominantemente naturalistas de *oitocentos* e modernistas das primeiras

138 Às unidades fabris associa bairros habitacionais para os operários.

139 Cf. CERQUEIRA, Hugo Nazareth Fernandes de. *Contributo para uma hermenêutica de tradição no modernismo português. António Varela e o legado do Invisível. Composição, traçado e simbólica de um arquitecto à sombra de gigantes (1930-1940)*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009. p.140. Tese de doutoramento não publicada.

140 António Jorge Rodrigues Varela (1902-1962). Arquiteto, pintor e professor. Frequentou a *Escola de Belas-Artes* do Porto (1919-1924), com o apoio financeiro de Agostinho Fernandes [Cf. CERQUEIRA, Hugo. *op. cit.*, p. 140]. Aí estudou desenho com António Carneiro, Acácio Lino e José de Brito e arquitetura com Marques da Silva. Foi professor na Escola Industrial Marquês de Pombal e Machado de Castro em Lisboa. Entre as suas obras contam-se: a Casa da Rua de Alcolena, no Restelo (1955), em colaboração com Almada Negreiros e o escultor António Paiva, a Fábrica de Conservas de Matosinhos (1939), o Mercado de Coimbra (1937) e a Casa da Moeda (em colaboração com arq. Jorge Segurado). Participou na 1ª *Exposição do Salão do Independentes* de Lisboa em Maio de 1930. Informação obtida em: <http://casadaruadealcolena.blogspot.pt/2009/12/151-antonio-jorge-rodrigues-varela.html>

141 CASTRO, Laura. “Agostinho Fernandes e o Algarve Exportador” in SANTOS, José da Cruz (coord.)... (*Op.cit.*), p.129.

142 Revista publicada em Lisboa entre 1922 e 1926, em doze números. Dirigida por José Pacheco, nela colaboraram artistas do modernismo como Almada Negreiros, Mário de Sá Carneiro, Fernando Pessoa, António Botto, entre outros. Agostinho Fernandes editou os primeiros nove números (de Maio de 1922 a Março de 1923), deixando depois a edição a cargo de José Pacheco.

143 POMAR, Júlio. “Agostinho Fernandes” in SANTOS, José da Cruz (coord.) ... (*Op.cit.*), p.71.

144 FRANÇA, José Augusto. *A Arte em Portugal ...* (*Op. cit.*), p.80.

145 Agostinho Fernandes terá pago a Almada Negreiros a tipografia da primeira edição da sua obra “A Engomadeira”. AMARO, Luís. “Agostinho Fernandes e as Portugálias” in SANTOS, José da Cruz (coord.)... (*Op.cit.*), p.11.



décadas do século, “por gosto, ou vício”.<sup>146</sup> Sobre este assunto, menciona José-Augusto França: “Agostinho Fernandes fez o que ninguém fez, da sua espécie, no seu tempo, que foram os anos 20 até aos anos 60: colecionou pintura contemporânea, sem preocupação de grandes peças, mas pelo gosto de ir juntando testemunhos da arte que à sua volta se realizava.”<sup>147</sup> A sua coleção, considerada das maiores e mais valiosas em Portugal - a primeira coleção de arte contemporânea portuguesa, a par da do médico Anastácio Gonçalves<sup>148</sup> - reunia aproximadamente seis mil quadros<sup>149</sup>, espalhados pelas suas casas e escritórios, “(...) em sua casa na Avenida da Liberdade ou no seu escritório, não longe do Tejo do seu negócio, ou na Praia da Rocha, no coração do Algarve, que era a sua indústria de conservas, se multiplicassem quadros e desenhos que iam cabendo pelas paredes acima, em acasos de compra e de arrumação. Uma galeria compósita e atrabiliária, de variadíssimas origens, quando não havia *marchands* estabelecidos nem vida artística de exposições que os criasse ou justificasse.”<sup>150</sup>

Pela amizade com o pintor José Malhoa tornou-se seu testamenteiro e foi um dos principais impulsionadores na criação do Museu José Malhoa nas Caldas da Rainha, para o qual doou muitas obras.<sup>151</sup> Por múltiplos serviços prestados como organizador do Museu, foi decretada a 29 de Julho de 1944, a atribuição a Agostinho Fernandes do Diploma de Grão-Mestre das Ordens Portuguesas - Grau de Cavaleiro da Ordem de Instrução Pública.

O seu entusiasmo no apoio às artes leva-o a uma incursão em 1943 pelo universo cinematográfico apoiando financeiramente a produtora *Cinelândia*<sup>152</sup>, dirigida pelo seu amigo, o pintor e cineasta algarvio Carlos Porfírio.<sup>153</sup> Torna-se um fervoroso colecionador de livros, formando uma biblioteca com mais de 75 000 exemplares de primeiras edições.<sup>154</sup>

Na época em que esteve à frente da *Portugalíia*, teve sempre a inteligência de se rodear por pessoas cultas e competentes, o que resultou numa exigente e rigorosa qualidade editorial. Entregou a João Gaspar Simões a primeira direção literária da editora, sucedendo-lhe Jorge de

146 FRANÇA, José Augusto. “Nota sobre Agostinho Fernandes Coleccionador” em SANTOS, José da Cruz (coord.) ... (*Op. cit.*), p.27.

147 *Ibid.*, *Ibid.*

148 FRANÇA, José Augusto. “Nota sobre Agostinho Fernandes Coleccionador” em SANTOS, José da Cruz (coord.) ... (*Op. cit.*), p.28.

149 CASTRO, Laura. Em SANTOS, José da Cruz (coord.) ... (*Op. Cit.*), p. 105.

150 FRANÇA, José Augusto. “Nota sobre Agostinho Fernandes Coleccionador” em SANTOS, José da Cruz (coord.) ... (*Op. cit.*) p.27.

151 Neste museu depositou, em 1951, obras de Silva Porto, Eduardo Malta, Luciano Freire, Dordio Gomes, António Ramalho, Mário Augusto, Varela Aldemira, Constantino Fernandes, Albino Cunha, Martinho da Fonseca, Estrela Faria, Eduardo Viana e João Santiago.

152 A produtora *Cinelândia* situava-se na Avenida António Augusto de Aguiar. Estreou-se com o filme *Ave de Arribação* do realizador Armando Miranda.

153 Carlos Filipe Porfírio (Faro, 1895-1970). Pintor, cineasta, museólogo e etnólogo. Frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa. Entre 1924 e 1939 faz uma viagem pelo mundo. Durante esta viagem, em Paris conhece o realizador Marcel L'Herbier que terá sido responsável pelo seu gosto pela realização. Já em Portugal, realiza os filmes *Sonho de Amor* em 1945 e *Um Grito na Noite* em 1948. Informação obtida em: <http://republica-sba.webnode.com.pt/products/carlos-filipe-porfirio1/> e em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Faro>.

154 NAZARETH FERNANDES, Diniz. in SANTOS, José da Cruz. ... (*Op. cit.*), p. 317.



Sena, em 1956, e posteriormente António da Costa Dias. O convite a Costa Dias para dirigir praticamente toda a programação da editora, apesar das suspeitas que o seu nome suscitava à polícia política, demonstra a sua postura de independência. Costa Dias manteve-se em funções até 1968.<sup>155</sup>

Com atividade editorial particularmente ativa durante os anos cinquenta e sessenta, publicou autores portugueses como Jaime Cortesão, Manuel Teixeira Gomes, Vergílio Ferreira, José Régio, António Ramos Rosa, Carlos de Oliveira ou Mário Dionísio. Na literatura estrangeira, contando sempre com a colaboração de bons tradutores (como Cabral de Nascimento), editou autores como John dos Passos, Stendhal, Tolstói, etc. Criou várias coleções, entre as quais, a Coleção *Romances Universais* vocacionada para as reedições, a *Contemporânea* na área da novelística, *Poetas de Hoje* na área da poesia, *Os Pequenos Pioneiros* na literatura infantil e a *Biblioteca dos Rapazes* na literatura infanto-juvenil. Inserido na coleção *Poetas de Hoje* iniciada nos anos sessenta, publicou cerca de quarenta autores, desde António Gedeão, Eugénio de Andrade, António Reis, Alberto de Lacerda, Manuel Bandeira, Herberto Helder, José Gomes Ferreira, Manuel da Fonseca, José Fernandes Fafé, António Salvado, Mário Dionísio, João Rui de Sousa, entre outros.<sup>156</sup>

As capas dos livros editados pela Portugália Editora são também exemplo de cuidado rigor estético, resultado da colaboração com muitos e considerados artistas como Maria Keil, Tóssan<sup>157</sup> (pseudónimo de António Fernando dos Santos), Fred Kradolfer<sup>158</sup>, João da Câmara Leme, Júlio Pomar,<sup>159</sup> Bernardo Marques, Paulo Ferreira, Manuel Ribeiro de Pavia, Sarah Afonso, entre outros. Pela sua apurada estética e forte identidade gráfica muitas das capas da Portugália Editora, tornaram-se clássicos do *design* editorial, sendo hoje referência para muitos *designers* gráficos, constituindo objeto de estudo ou de culto.

Emborapositor ao regime<sup>160</sup>, as boas relações que o industrial tinha com o poder e a sua forte posição no meio industrial permitiram-lhe gozar de certa liberdade editorial, o que lhe permitiu a publicação de escritores da oposição<sup>161</sup>, como Manuel Teixeira Gomes, que Agostinho Fernandes chegou inclusivamente a visitar no exílio na Argélia<sup>162</sup>, onde se encontrava desde 1931 e posteriormente publicar as suas obras “à sua responsabilidade”<sup>163</sup>: *Obras completas de M. Teixeira-Gomes*, em catorze volumes ilustrados com desenhos de Bernardo Marques e com

155 CASTRO, Laura. in SANTOS, José da Cruz (coord.) ... (*Op. cit.*), p. 216.

156 SOUSA, João Rui de. in SANTOS, José da Cruz (coord.) ... (*Op. cit.*), p. 61.

157 Ilustrou o livro *Não só quem nos odeia* de Yvette Centeno.

158 Ilustrou entre outros: *Páscoa Feliz* de José Rodrigues Miguéis e *Canções* de António Botto.

159 Ilustrou a capa para *O Barão de Branquinho* da Fonseca e realizou uma série de pequenas pinturas para *Os Emigrantes* de Ferreira de Castro.

160 TENGARRINHA, José. “Em memória de Agostinho Fernandes”. in SANTOS, José da Cruz. ... (*Op. cit.*), p. 67.

161 Cf. L.M.Q. “O industrial que gostava de livros” em *Público* de 28 de Abril de 2000.

162 Agostinho Fernandes foi o único próximo do regime de Salazar a fazê-lo. NAZARETH FERNANDES, Diniz. in SANTOS, José da Cruz. ... (*Op. cit.*), p. 317.

163 CASTRO, Laura. “Agostinho Fernandes (1886-1972) Apontamentos para uma cronologia” in SANTOS, José da Cruz (coord.) ... (*Op. cit.*), p.111.

prefácio de Urbano Tavares Rodrigues. Publicou também as obras completas de Bertolt Brecht - caso invulgar numa época ingrata para os intelectuais, escritores e artistas que não estavam alinhados com o poder.

A Portugália contribuiu, com as suas edições, para que toda uma geração contactasse com o que de melhor se fazia a nível literário, dentro e fora do país. Como refere António Alçada Batista: “um catálogo da Portugália é um panorama daquilo que mais significativamente aconteceu na literatura e é possível dizer que que ela se contava entre as duas ou três editoras que contribuíram para podermos conhecer em língua portuguesa, algumas das grandes figuras da literatura mundial.”<sup>164</sup>

Não sendo o lucro a todo o custo o seu principal objetivo<sup>165</sup>, nunca Agostinho Fernandes desistiu do seu papel na divulgação de valores da literatura e das artes, o que ainda hoje suscita admiração mesmo entre aqueles que não o conheceram pessoalmente como José Carlos de Vasconcelos, que afirma: “Ganhar dinheiro em negócios de sardinhas de conserva e outros, e gastá-lo a fazer uma editora de qualidade ou uma bela colecção de arte, só pode suscitar admiração.”<sup>166</sup>

Agostinho Fernandes manteve-se na editora até 1971, altura em que transferiu o controlo do negócio para o seu neto, Diniz.<sup>167</sup>

---

164 BATISTA, António Alçada. “A Portugália Editora e Agostinho Fernandes” in SANTOS, José da Cruz (coord.)... (*Op. Cit.*), p.39.

165 COELHO, António Borges. “Agostinho Fernandes”. in SANTOS, José da Cruz. ... (*Op. cit.*), p. 41.

166 VASCONCELOS, José Carlos. “Agostinho Fernandes em minha casa” in SANTOS, José da Cruz.(coord.). ... (*Op. cit.*), p. 63.

167 NAZARETH FERNANDES, Diniz. in SANTOS, José da Cruz. ... (*Op. cit.*), p. 319.

## 2.2

### A Portugália do Porto

Dois meses antes do fim da 2ª Guerra Mundial, é inaugurada no Porto, a *Livraria Portugália*. Filial da *Portugália* de Lisboa, apresentava porém uma característica que a distinguia da primeira: possuía no piso superior, um espaço inteiramente vocacionado para a realização de exposições de arte. Na génese da criação de uma galeria de arte como complemento da livraria, estaria uma sugestão de Victor Palla, na altura colaborador no *atelier* do arquiteto Artur Andrade.<sup>168</sup>

A ideia de que a convivência entre literatura e artes plásticas, favorece uma atmosfera cultural e artística interessante, provém de uma época em que se assistia a uma estreita colaboração entre estas duas áreas do saber.<sup>169</sup> Aliado a este fator, e dada a dificuldade em que consistia na época assegurar a viabilidade económica de um espaço exclusivamente vocacionado para a venda de arte moderna, a criação de um novo núcleo de interesse nas livrarias permitia a diversificação da sua atividade, ao mesmo tempo que garantia a sua sustentabilidade económica com a venda dos livros.

Em Portugal, esta tipologia já havia sido experimentada, nomeadamente em Lisboa, na *Galeria UP*<sup>170</sup> (1933 -1936), a primeira galeria comercial de arte moderna<sup>171</sup> independente do Estado.

Situada na Rua Serpa Pinto, n° 16/A, esta galeria foi gerida, num primeiro momento por António Pedro, um dos seus proprietários juntamente com Castro Fernandes, e numa fase posterior por D. Thomaz de Mello (Tom).<sup>172</sup>

Na *UP*, a proposta de António Pedro foi a dinamização da cena artística através da promoção de exposições de uma modernidade distinta das que o S.P.N. promovia.<sup>173</sup>

De entre as exposições que integraram a programação da *UP* destacamos: a exposição inaugural (que integrou obras de Almada Negreiros, Jorge Barradas, Bernardo e Ofélia Marques, Eloy, Botelho, Sarah Afonso, Abel Manta, Clementina Carneiro de Moura, Diogo de Macedo, Hein Semke, Gameiro e Altberg), a primeira exposição individual de Maria Helena Vieira da

168 Sobre este assunto ver: MARTINS, João Palla. *Victor Palla (1922- 2006) Um Levantamento Crítico*. Lisboa: IADE, 2007. p. 25. Tese de mestrado não publicada.

169 PENA, Gonçalo. ... (*Op. cit.*).

170 *UP*, cuja letras devem ler-se de forma independente “o pê”, que deram nome à galeria, advêm do diminutivo com que António Pedro era tratado em criança.

171 PENA, Gonçalo. ... (*Op. cit.*)

172 Projeto de autoria de Jorge Segurado, a sua fachada art deco revelava um acentuado sentido gráfico, apreendido no recorte geométrico que os vários materiais encerram: placas de mármore, cujo topo superior era rematado por uma peça em alumínio polido, onde estava inscrita a publicidade *UP/Tabacaria/Revistas/Jornais/Livraria/Galeria de Arte/Decoração/Publicidade/Tipografia*. Esta publicidade remetia logo à partida para a atividade diversificada do espaço, que além das atividades mencionadas comercializava pintura e escultura, dedicando-se igualmente à prática editorial, tendo editado 2 números da revista *UP*.

173 PERNES, Fernando. *Panorama Arte Portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves, 1999. p. 121.

Silva em 1935<sup>174</sup>, a exposição dos “*poèmes dimensionnels*”<sup>175</sup> de António Pedro, em Janeiro de 1936 e ainda duas exposições da responsabilidade da Sociedade de Geografia: uma, em 1929 sobre arte decorativa indígena, que “mereceu a admiração dos artistas modernos” e outra em 1936, de estatuetas nalus e bijagós, organizada por João Augusto<sup>176</sup>. Apesar da sua curta existência, esta galeria marcou o panorama artístico nacional, tendo “integrado exposições que as colocaram na História da Arte em Portugal”<sup>177</sup> e constituíram uma “lufada de ar fresco no panorama dos salões habituais.”<sup>178</sup>

A primeira galeria desta tipologia que abriu no Porto, foi a *Livraria e Galeria Portugália*, em 1945.<sup>179</sup>

Neste capítulo refere-se a sua inauguração - um evento profusamente publicitado em toda a imprensa da época - e apresenta-se o arquiteto, nas suas vertentes pessoal, social e política; a sua formação na EBAP, a sua determinação e trabalho. Faz-se também a documentação do projeto de arquitetura da *Portugália*, que consideramos fazer parte de uma tríade, juntamente com o *Café Rialto* e o *Cinema Batalha*, que nessa altura concedeu a Artur Andrade reconhecimento público. A informação relativa à atividade livreira e editorial da Portugália do Porto é escassa. Verifica-se contudo um aspeto que consideramos particularmente relevante: os autores das capas dos livros, eram artistas expositores na galeria de arte da Portugália.

A qualidade na apresentação dos livros, traduzido nas ilustrações das suas capas, de autoria de artistas oriundos da pintura ou das artes gráficas e o apurado cuidado gráfico que daí resulta, contribui para que as edições da Portugália sejam ainda hoje livros de referência do *design* gráfico e editorial.

---

174 GONÇALVES, Rui-Mário. *Pioneiros da Modernidade História da Arte (vol. 12)*. Lisboa: Alfa, 1986. p. 160.

175 FRANÇA, José-Augusto. “António Pedro Pintor” *in Portuguese Cultural Studies*. 5 Spring, 2013. p. 5.

176 João Augusto Silva (1910-1990). Artista plástico, investigador e escritor. Escreveu vários livros entre os quais, “*África- da vida e do amor na selva*”, prefaciado por Eduardo Malta, que foi distinguido com o 1º prémio de literatura colonial. Decorou a representação portuguesa na secção colonial da exposição de Paris em 1937. Informação obtida em: <http://almanaguesilva.wordpress.com/> e em <http://malomil.blogspot.pt/2012/05/joao-augusto-da-silva-1910-1990.html>

177 OLIVEIRA, Leonor. *Museu de Arte Contemporânea de Serralves Os antecedentes*. Lisboa: INCM, p.45.

178 CASTRO, Laura. *História da Arte Portuguesa Época contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta, 1997.

179 No Porto, alguns anos após o encerramento da Portugália, abriria em 1958 um outro espaço nesta tipologia, a *Livraria Divulgação* por iniciativa do livreiro Fernando Fernandes, na Rua de Ceuta.

### 2.2.1

#### A inauguração: notas de imprensa

“Às 16 horas quando foi completamente tirado o tapume, já uma aglomeração de pessoas rodeava a simpática casa da Rua de Santo António.”<sup>180</sup>

Foi esta curiosidade e entusiasmo que presidiu, no primeiro dia da Primavera do ano de 1945, à inauguração, no número 210 da Rua de Santo António (atual Rua 31 de Janeiro), da filial no Porto da *Livraria Portugália*.

Na véspera, o evento era já noticiado com destaque nos principais periódicos portuenses: *O Comércio do Porto* [fig.1] elogiava o arquiteto do projeto, Artur Andrade: “Amanhã inaugura-se a Livraria Portugália Um estabelecimento verdadeiramente novo ao serviço da cultura em que sobressai o trabalho do arquiteto Artur Andrade”<sup>181</sup>, enquanto que o *Jornal de Notícias* [fig. 2] focava a vocação cultural do espaço: “É inaugurada amanhã a Livraria Portugália notável empreendimento ao serviço da cultura, das letras e das artes”.<sup>182</sup> Palavras mais prudentes reservava o jornal *A Tarde* [fig.3], traduzidas no título meramente informativo: “Uma nova livraria, a Livraria Portugália é inaugurada amanhã”.<sup>183</sup>

Os diferentes títulos nos jornais, embora atribuindo maior ou menor ênfase, demonstram uma posição curiosa e expectante relativamente à abertura deste espaço cultural, no centro da cidade, como se pode ler no *Comércio do Porto*: “A notícia de que a “Livraria Portugália” abria as suas portas ao público por estes dias, despertou a mais justificada curiosidade, mormente no sector que se interessa vivamente pelas coisas do espírito”.<sup>184</sup>

No dia anterior, precedendo o ato inaugural, um *Pôrto de Honra* havia sido oferecido aos representantes da Imprensa do Porto e de Lisboa assim como aos livreiros da Invicta: nesta ocasião foram proferidos vários discursos e saudações, nomeadamente por parte do sócio gerente, Pedro de Andrade, que após saudar a imprensa, dedicou vários elogios ao arquiteto - enaltecendo sobretudo as suas qualidades de lealdade e cooperação<sup>185</sup> - e aos seus colaboradores. A finalizar o discurso, dedica palavras de amizade aos seus consórcios, Alfredo Resende, Raúl Dias e Luiz Queiróz Botelho de Sousa.

Toma também a palavra, nesta *pré-inauguração*, o arquiteto que homenageia os seus colaboradores: o pintor Augusto Gomes, que a seu cargo teve a execução de duas pinturas no interior do espaço, Américo Braga que executou dez baixos relevos no átrio da montra e Victor Palla: que tendo colaborado no projeto de arquitetura, teve também a seu cargo a

180 “Uma inauguração de sucesso” in *O Comércio do Porto* de 22 de Março de 1945.

181 “Amanhã inaugura-se a Livraria Portugália” in *O Comércio do Porto* de 20 de Março de 1945.

182 “É inaugurada amanhã a livraria Portugália” in *Jornal de Notícias* de 20 de Março de 1945.

183 “Uma nova Livraria a Livraria Portugália é inaugurada amanhã” in *A Tarde* de 20 de Março de 1945.

184 “Amanhã inaugura-se a Livraria Portugália” in *O Comércio do Porto* de 20 de Março de 1945.

185 “A imprensa visitou, ontem, a filial portuense da Livraria Portugália que abre, hoje, para o público” in *O Comércio do Porto*, de 21 de Março de 1945.

decoração das montras. Transversais em toda a imprensa são os elogios a Artur Andrade “esse notável arquitecto portuense”<sup>186</sup>, que com o seu génio criador, concebeu um “lindo templo de espírito”.<sup>187</sup> Elogios estendidos também aos seus colaboradores artistas.

A descrição do espaço arquitetónico ocupa grande parte do corpo de texto nas diversas notícias publicadas. *O Comércio do Porto*<sup>188</sup> enfatiza a grandeza da fachada e a imponência do átrio. Realça igualmente o trabalho dos seus colaboradores, nomeadamente os baixos relevos de Américo Braga, os painéis de Augusto Gomes e o trabalho de Victor Palla. Por fim, a magnificência dos interiores, a escolha dos materiais e a sobriedade de linhas e volumes.

O jornal *A Tarde*<sup>189</sup>, enaltece as instalações luxuosas, chamando a atenção para as alegorias esculpidas por Américo Braga, alusivas às categorias que a casa iria representar, assim como as montras decoradas por Palla. Enaltece o salão de vendas, reflexo de um “bom gosto inexcedível que honra o arquiteto/artista”, por último referencia o carácter único desta livraria nas suas linhas modernas de bom gosto. O *Jornal de Notícias*, além de elogiar o trabalho dos artistas reitera o ambiente próprio para a dignidade da função a que se destina.

Toda a imprensa elogia a modernidade e o carácter inovador do espaço, desde o jornal *A Tarde*<sup>190</sup> [fig.4], que em proclamação destes valores remete para as suas diversas funções: compartimento de leitura, instalações de venda, “recantos para o cavaco”<sup>191</sup>, e a inclusão de duas novidades: a adaptação de um sistema decimal para a colocação dos livros e a inclusão de uma sala para exposições - aspetos que estariam ao serviço do que seria de esperar de um local em sintonia com as exigências da vida moderna, representando “a última palavra do mercado livreiro português.”<sup>192</sup>

A respeito desta modernidade *O Primeiro de Janeiro* [fig.5], foca o interesse citadino e cultural da livraria, espaço facilmente integrado na moderna urbanização da capital do Norte.<sup>193</sup> Por sua vez, *O Comércio do Porto* começa por apelidar esta livraria de “livraria-modelo”<sup>194</sup>, “que honraria qualquer cidade progressiva”<sup>195</sup> e, enfatizando o carácter cosmopolita da obra, afirma que esta “honra não só a cidade, como o país”,<sup>196</sup> remetendo para a opinião de muitos estrangeiros, após uma visita ao estabelecimento. O *Jornal de Notícias* [fig.6] afirma que este é um dos melhores e mais bem organizados espaços em todo o país.<sup>197</sup>

186 “Uma nova Livraria a Livraria Portugália é inaugurada amanhã” in *A Tarde* de 20 de Março de 1945.

187 “Uma nova livraria a livraria Portugália é inaugurada amanhã” in *A Tarde*, de 20 de Março de 1945.

188 “Amanhã inaugura-se a livraria Portugália” in *O Comércio do Porto* de 20 de Março de 1945.

189 “Uma nova Livraria a Livraria Portugália é inaugurada amanhã” in *A Tarde* de 20 de Março de 1945.

190 “A filial da Livraria Portugália abriu hoje ao público” in *A Tarde* de 21 de Março de 1945.

191 *Ibd.*, *Ibid.*

192 “A filial da Livraria Portugália abriu hoje ao público” in *A Tarde* de 21 de Março de 1945.

193 “A Livraria Portugália inaugura hoje a sua filial na cidade do Porto” in *O Primeiro de Janeiro* de 21 de Março de 1945.

194 “Amanhã inaugura-se a livraria Portugália” in *Comércio do Porto* de 20 de Março de 1945.

195 *Ibd.*, *Ibid.*

196 “Uma inauguração de Sucesso” in *O Comércio do Porto* de 22 de Março de 1945.

197 “A Portugália Livraria Modelar” in *Jornal de Notícias* de 21 de Março de 1945.

Nas notas de imprensa, e como remate final das notícias, referia-se a exposição inaugural patente na sala de exposições, no último piso: *Exposição de Pintura Portuguesa (séculos XIX e XX)*, coleção particular do seu sócio – gerente, Agostinho Fernandes. A imprensa elogia o serviço que a Livraria Portugália prestará no apoio às artes, começando o exemplo *dentro* a própria casa, através da mostra da coleção particular do seu sócio – gerente, que desta forma proporciona aos portuenses o deleite de apreciar obras primas da pintura portuguesa.

Depois de todas estas ações, a inauguração realizou-se no dia 21 de Março, quando, às 16 horas, a livraria abriu as portas ao público.

A ordem de trabalhos começou pela receção aos elementos oficiais: Dr. António Joyce, em representação do Governador civil; Dr. Luís de Pina, Presidente da Câmara Municipal do Porto; Dr. Tavares de Almeida, do S.N.I.C.P, representante do Comandante da I Região Militar; Dr. Magalhães Basto, chefe dos serviços culturais da C.M.P; Dr. Joaquim Costa, diretor da Biblioteca Municipal; Mister Hawkins, diretor do Instituto Britânico do Porto, etc.<sup>198</sup> Após as visitas oficiais, seguiram-se as visitas dos “representantes do Porto culto”<sup>199</sup>, artistas, escritores, médicos, advogados, professores e outros amadores de bons livros.

Com as devidas notas de louvores, estava inaugurada aquela “casa que no próprio dia de abertura havia já marcado um grande lugar”<sup>200</sup>[fig. 7], considerada, à data da sua inauguração como “o mais sumptuoso estabelecimento do país”.<sup>201</sup>[fig.8]

A apresentação à cidade deste novo espaço de cultura, havia sido realizada com a formalidade e os preceitos de boa educação e elegância, afetos a uma casa de bom nome, já firmada no mercado, denunciando logo à partida o carácter profissional e arrojado, características da Portugália de Lisboa, cuja direção era comandada por uma equipa sólida constituída por pessoas cultas e informadas, na sua maioria provenientes do ramo livreiro.

Acompanham Agostinho Fernandes neste projeto, além dos sócios que já tinha em Lisboa, mais duas pessoas: Luís Queirós Botelho de Sousa, que também dirigia a *Editorial Saber* de Coimbra<sup>202</sup> e um sócio capitalista, o industrial nortenho, Alfredo Resende Gomes de Almeida, sócio-gerente da Empresa Industrial de Santo Tirso, L.da, uma sociedade constituída por capitalistas e comerciantes do Porto e Santo Tirso.

Depois da implementação de várias indústrias a norte, a abertura de um espaço de cultura veio apresentar neste meio o rosto por trás da *Algarve Exportador*, o amante das artes e divulgador de cultura, Agostinho Fernandes.

198 “Uma inauguração de Sucesso” in *O Comércio do Porto* de 22 de Março de 1945.

199 *Ibid.*, *Ibid.*

200 *Ibid.*, *Ibid.*

201 “A imprensa visitou, ontem, a filial portuense da Livraria Portugália que abre, hoje, para o público” in *O Comércio do Porto*, 21 de Março de 1945.

202 Informação obtida em: MARTINS, João Palla. *O Lugar do Desenho na obra de Vítor Palla*. Lisboa: Universidade de Lisboa Faculdade de Belas Artes: 2012. p. 54. Tese de doutoramento não publicada.



### 2.2.2

#### **A encomenda: Artur Andrade e a Integração das Três Artes**

Artur Vieira de Andrade nasceu no Porto, na freguesia de Cedofeita em Maio de 1913. Desde muito cedo, ainda aluno no Liceu Rodrigues de Freitas, envolve-se em questões políticas, desempenhando um papel ativo ao serviço do partido comunista, o que desencadeou vários confrontos familiares que culminaram com a sua saída de casa aos 18 anos.

Foi frequentador assíduo das tertúlias do café *Brasileira* onde pontificavam entre outros, os intelectuais António Sérgio e Jaime Cortesão, que se reuniam em volta de ideias comuns de oposição ao regime. A atividade política desde cedo lhe custa a liberdade, tendo sido encarcerado pela primeira vez aos 22 anos, altura em que foi levado para o estabelecimento prisional do Limoeiro, na Cadeia da Relação.<sup>203</sup>

Após uma breve carreira como desenhador, em 1937, candidata-se com sucesso, ao Curso Especial de Arquitetura da EBAP. Durante o curso, as suas qualidades de desenhador proporcionam-lhe um lugar como colaborador no gabinete do arquiteto Arménio Losa, com quem viria, alguns anos mais tarde, a integrar a ODAM - Organização dos Arquitetos Modernos<sup>204</sup>.

Em 1941 conclui o Curso Especial de Arquitetura e no mesmo ano matricula-se no Curso Superior.<sup>205</sup> Em 1948, solicita autorização para se apresentar ao concurso para obtenção de diploma de arquiteto para o qual apresenta um projeto cujo tema é “*Um Palácio para Exposições e Desportos na Cidade do Porto*”.<sup>206</sup>

Nesses anos de frequência na EBAP, eram docentes do Curso de Arquitetura os arquitetos Rogério de Azevedo, Carlos Ramos e Cândido de Brito. Dos colegas de curso de Artur Andrade faziam parte os arquitetos: Agostinho Ricca, João Andresen, José de Almeida Segurado, Fernando Tudela, Fernando Lanhas e Fernando Távora. Na escola, foi igualmente contemporâneo dos pintores Augusto Gomes, Júlio Resende e Dominguez Alvarez e do escultor Arlindo Rocha.

Em 1942, ainda enquanto aluno, no Curso Superior, funda a Empresa *FÓRUM*<sup>207</sup> *Empresa Técnica de Construções Cíveis, Lda*, com sede na Avenida dos Aliados, n.º 142, 2.º andar.

---

203 Informações biográficas de Artur Andrade em: SILVA, Pedro Soares da. *Vida e Obra de Artur Andrade*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008. Tese de mestrado não publicada.

204 Organização criada por um grupo de arquitectos do Porto entre 1947 e 1952, em defesa dos pressupostos da arquitetura moderna. Realizou em 1951 uma exposição no Ateneu Comercial do Porto. Entre os seus membros contavam-se os arquitetos: Artur Andrade, Agostinho Ricca, Arménio Losa, Fernando Távora, Viana de Lima, Rui Pimentel, Cassiano Barbosa, Fernando Lanhas, Fernando Tudela, José Carlos Loureiro, José Borrego, Luís Praça, Octávio Lixa Filgueiras, etc.

205 Informações sobre o percurso escolar de Artur Andrade obtidas através da consulta do processo individual do aluno e do livro de classificações do arquivo da biblioteca da FBAUP.

206 Idem.

207 A FORUM situava-se no 2.º andar do n.º 142 da Avenida dos Aliados. Entre os seus colaboradores contavam-se Arq. Fernando de Sousa, Eng.º Bernardino Machado e o Eng.º Oswaldo Santos Silva.



Em 1944, durante o processo do projeto da Livraria e Galeria Portugalia,<sup>208</sup> Artur Andrade inaugura o moderno *Café Rialto*. Localizado na Praça D. João I, ocupava o rés do chão de um edifício homónimo de autoria do arquiteto portuense Rogério de Azevedo.<sup>209</sup> De linhas modernistas e sóbrias, este espaço era a par do *Café Majestic* e da *Brasileira*, lugar de eleição para encontros da elite intelectual<sup>210</sup>, que aí realizava tertúlias e reuniões de carácter político. Intervieram igualmente no espaço os artistas Abel Salazar, Dordio Gomes, Guilherme Camarinha e João Fragoso.

A respeito da modernidade do café e das intervenções aí realizadas pelos artistas, no jornal *O Século* de 28 de Novembro de 1944, pode ler-se:

“O novo café representa um magnífico empreendimento, não só pelas suas amplas e modernas instalações, mas também pelas suas características artísticas. É constituído por dois pavimentos ligados por uma imponente escadaria a mármore, em que a luz natural, conjugada com a colocação de espelhos, lhe dá um ambiente alegre e acolhedor. No pavimento superior avulta um desenho mural a carvão, da autoria do sr. dr. Abel Salazar, em que, a traço vigoroso, está simbolizado o esforço da Humanidade através da História. Junto á escadaria, vê-se um baixo relevo - cerâmica policromada do escultor João Fragoso, que historia, por assim dizer, o Douro, da sua nascente à foz. Este artista assina também outro baixo-relevo, que tem por motivo o café.

No salão inferior, vêem-se três pinturas murais, a fresco: a central, da autoria do pintor Guilherme Camarinha, e as laterais, do mestre da Escola de Belas Artes desta cidade, sr. Dordio Gomes. Ao lado, no salão de chá, chamam a atenção do visitante quatro painéis pintados em contraplacado, igualmente da autoria de Guilherme Camarinha, tendo por motivo as quatro estações do ano. Os dois salões - ligados por uma e mesma harmonia de conjunto, a que um enorme painel formado por 44 espelhos, com 72 metros quadrados, dá unidade visual - estão apetrechados com luz indirecta e instalação sonora, dividida. A imponência deste estabelecimento é aumentada por mármore de Leiria, de ricas e raras tonalidades.”<sup>211</sup>

A descrição do Café Rialto e das peças artísticas para aí executadas,<sup>212</sup> apontam para a

208 A data mais antiga que consta nas peças escritas e desenhadas que instruem o processo de licenciamento que deu entrada na CMP, reporta a Maio de 1944, pelo que supomos que o projeto terá sido entregue no início desse ano ou em meados do ano anterior.

209 Rogério de Azevedo (1898- 1983). Arquiteto. Frequentou a Escola de Belas-Artes da Universidade do Porto. Discípulo de Marques da Silva. Dirigiu, entre 1936 e 1940, a secção do Porto da Direcção Geral dos Edifícios e dos Monumentos Nacionais. Foi professor na Escola de Belas-Artes do Porto. Entre as suas obras contam-se: Edifício de garagem do jornal O Comércio do Porto (1932), Edifício de O Comércio do Porto, Avenida dos Aliados, Porto(1933), reconstrução do Paço Ducal de Guimarães (1940). Informação obtida em: [http://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=1005752](http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=1005752) e em , [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rogério\\_de\\_Azevedo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rogério_de_Azevedo)

210 Entre os seus assíduos frequentadores contavam-se a escritora Ilse Losa e o seu marido, o arquitecto Arménio Losa, os poetas Daniel Filipe, Pedro Homem de Mello, Papiniano Carlos, Luis Veiga Leitão, António Rebordão Navarro assim como membros do TEP como António Pedro, Dalila Rocha, João Guedes, Augusto Gomes, Fernanda Alves, Vasco Lima Couto e Egito Gonçalves.

211 *O Século* de 28 de Novembro de 1944, p.3.

212 Destas obras, estão hoje visíveis os frescos, integrados na arquitectura da agência bancária Millennium BCP, para a qual

elegância e modernidade do espaço, facto que granjeou a Artur Andrade o reconhecimento, tanto do público como da crítica, pelo seu “real e invulgar talento de artista”.<sup>213</sup> O Café Rialto marcou um início promissor na carreira profissional do arquiteto; com esta intervenção, deixou a sua assinatura tanto na arquitetura como na vida cultural da cidade. Apenas dois anos depois, a sua carreira teria um outro ponto alto com a abertura do Cinema Batalha,<sup>214</sup> em 1947, implantado em praça homónima. A fachada, apresenta um longo plano em curva rasgado por um grande vão onde se insere um vitral em vidro duplo, interrompido unicamente por um baixo relevo de autoria de Américo Braga. Ao nível do rés do chão, um recuo relativamente ao plano de fachada, marca num plano inferior, um embasamento, que demarca uma área para afixação de publicidade e programação, sendo por aí também, realizada a entrada no edifício. A obra contou com a colaboração de cinco artistas: os pintores Augusto Gomes, Antonio Sampaio e Júlio Pomar e os escultores Américo Braga e Arlindo Gonçalves Rocha.

A colaboração com artistas, encontrou neste caso, grande eco na imprensa, nomeadamente pela polémica<sup>215</sup> que envolveu os frescos de autoria de Júlio Pomar, os primeiros de grandes dimensões na carreira do artista. Nos anos 40, em torno da colaboração entre arquitetos e artistas estava na ordem do dia. A este respeito escreve Manuel de Azevedo:

“Ultimamente tem-se verificado uma colaboração muito louvável dos arquitectos com os pintores e escultores.(...) A pintura de cavalete passa para segundo plano e, para só falarmos dos pintores, os artistas lançam-se à factura de painéis de grandes dimensões, patentes à multidão anónima, que vai tomando contacto com a arte, familiarizando-se com ela, num permanente e educativo contacto.”<sup>216</sup>

Esta integração harmoniosa das *três artes*: arquitetura, pintura e escultura numa mesma obra, representa uma tendência muito comum na época, desenvolvida sobretudo nos anos 50. Segundo Ana Tostões: “é resultado da desejada integração das três artes, em que tanto a arquitectura, como a escultura ou a pintura, contribuíam com a sua especificidade para a formalização da obra total.”<sup>217</sup>

O Café Rialto, a Livraria Portugália e o Cinema Batalha, três obras construídas num curto período temporal - entre 1944 e 1947- e localizadas num raio de poucos metros, marcaram

---

o espaço foi convertido, após o seu encerramento em 1972.

213 O *Século* de 28 de Novembro de 1944. p.3.

214 O Cinema Batalha estava localizado no local onde anteriormente se situava o *Salão High Life*.

215 Para o cinema Batalha, Júlio Pomar, na altura já envolvido no combate político, pintou dois frescos: um de 6X3 m e outro de 11X6 m. Neste, representou a festa de S. João, na qual atribuiu ao povo o papel principal, ao que não tardou a PIDE a atribuir um significado político, pelo que poucos meses após a inauguração do cinema, foram destruídos pela censura.

216 AZEVEDO, Manuel. “Um escândalo artístico” em *Mundo Literário* n° 37 de 18 de Janeiro de 1947.

217 TOSTÕES, Ana. .. (*Op.cit.*).

a vida cultural e artística na baixa da cidade nos anos 40.

As três refletem uma mesma forma de olhar e intervir na cidade, de uma forma colaborada, integrada e participada: as três revelam a marca do seu autor.

### 2.2.3

#### O projeto de arquitetura

De acordo com o projeto de licenciamento<sup>218</sup>[fig. 9 a 25] que deu entrada nos serviços da Câmara Municipal do Porto no dia 8 de Junho de 1944, cujo requerente foi Dr Luís Queirós Botelho de Sousa, gerente desta filial, a atividade principal a ser desenvolvida neste espaço seria o negócio de Livraria. Na memória descritiva que acompanha o projeto [fig.11], lê-se: “No prédio nº 210 da Rua de Santo António, desta cidade, pretende-se proceder a obras de adaptação para a instalação de um estabelecimento comercial cujo fim é o negócio de livraria”.<sup>219</sup>

No entanto, mais adiante explicita: “Propriamente dita, a parte pública da livraria encontrar-se-á apenas no rés-do-chão, porquanto o 1º andar se destina a salão de exposições de livros com significado especial e eventual, para exposição de gravura e ilustração e para exposições mais ou menos permanentes de pintura ou escultura. A sala que se pretende criar no pavimento intermédio, ao fundo do estabelecimento, embora sendo a continuação da livraria, tem também finalidade diferente pois se destina a sala de leitura ou sala de reunião de escritores, artistas e intelectuais.”<sup>220</sup>

A intenção de dotar o espaço de valências complementares ao negócio que lhe dá o nome - livraria- é clarificada na memória descritiva que acompanha o processo: “A livraria encontrar-se-á no rés do chão, funcionando as restantes salas como complementos necessários e indispensáveis a uma boa e moderna livraria.”<sup>221</sup>

Todo o projeto, pois, estaria pensado por forma a proporcionar dinâmicas transversais e complementares.

Referindo-se aos materiais de revestimento da livraria, menciona: “os pavimentos da galeria, da sala de leitura e as respectivas escadas serão de boa madeira, continuando a ser de madeira os pavimentos existentes. Apenas a parte exterior da escada que liga o segundo andar com o rés do chão será em ferro, com o respectivo envidraçado para o abrigo das intempéries”. Relativamente ao revestimento da fachada: “O material de revestimento da fachada principal será o mármore com possíveis aplicações ornamentais de bronze nos topos de lado.” Projeto ambicioso no programa e na arquitetura, ocupa um prédio numa das mais movimentadas

218 ANDRADE, Artur [Projeto de licenciamento nº 12449/44] 1944, Janeiro. 17f. Porto. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal do Porto.

219 “Memória descritiva” in ANDRADE, Artur ... (*Op. cit.*), p. XIII.

220 Idem.

221 “Memória descritiva” in ANDRADE, Artur [Projeto de licenciamento nº 389/44], 1944, Janeiro. Porto. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal do Porto., p. XIV.

ruas da baixa portuense. O projeto foi seguido por Victor Palla, que entre os anos de 1944 e 1945, durante a sua permanência no Porto, enquanto estudante da Escola de Belas-Artes, foi colaborador do arquiteto Artur Andrade no *atelier FORUM*. Nessa qualidade, foi-lhe entregue o projeto da *Livraria Portugália*, do qual fez os desenhos técnicos e cuja obra acompanhou.<sup>222</sup>

### 2.2.3.1

#### **A organização livreira e editorial: premissa base do projeto**

Na memória descritiva pode ler-se:

”Nesse espírito se estudou, por exemplo, a solução da colocação das estantes para a exposição dos livros, pela qual vai ser possível ter exposto ao público um total de mais de 20 000 volumes, o que representa uma capacidade que ultrapassa de longe aquilo que as melhores livrarias do país conseguem ter em exposição. Além disso a solução de arranjo é também uma solução de organização<sup>223</sup> que permitirá também ao público aperceber-se facilmente do lugar em que deve encontrar-se o género de livros que procura.”<sup>224</sup>

Adianta ainda:

“A decoração do interior será sóbria, resumindo-se praticamente aos móveis estritamente necessários. O livro será o principal elemento de decoração.”<sup>225</sup>

A organização dos livros seria então a maior condicionante do projeto de arquitetura, mas também a sua permissão essencial, a partir da qual se pautariam todas as opções projetuais do arquiteto. Apesar das questões que seriam ainda levantadas, o livro assumiria sempre o papel de principal protagonista neste espaço.

A venda de livros, a par da edição, eram duas atividades que ocupavam grande parte das tarefas diárias da Portugália [fig. 26]. Não obstante, a informação que possuímos relativamente à programação da livraria é escassa: a imprensa pouco anunciava as suas atividades e não possuímos nenhum documento informativo acerca do que aqui acontecia<sup>226</sup>. No entanto,

---

222 Cf. MARTINS, João Palla. *Victor Palla (1922-2006) ... (Op. cit.)* p. 25.

223 Sublinhado meu.

224 “Memória descritiva” in ANDRADE, Artur [Projeto de licenciamento nº 389/44], 1944, Janeiro. Porto. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal do Porto. p. XIV.

225 “Memória descritiva” in ANDRADE, Artur [Projeto de licenciamento nº 389/44], 1944, Janeiro. Porto. p. XV. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal do Porto.

226 No âmbito desta investigação, centramo-nos quase em exclusivo no projeto de arquitetura e na galeria de arte, por constituir o cerne desta pesquisa.

informam-nos acerca da sua atividade, alguns artigos e notícias publicadas na imprensa,<sup>227</sup> que, de forma irregular e esporádica, dão conta de algum evento ou então de uma ou outra edição de sua responsabilidade. Concluímos que a sua programação estaria articulada à atividade editorial que desenvolvia. Num anúncio datado de Outubro de 1945, às recém inauguradas instalações da Livraria Portugália, no Porto, incluído n’*O Comércio do Porto*, pode ler-se:

## **LIVRARIA PORTUGÁLIA**

### **Porto**

As mais modernas instalações de livraria da cidade

Recebe todas as novidades de obras de Medicina, Engenharia, Arte, Literatura, Sociais, etc.  
etc.

Obras inglesas, americanas, espanholas, brasileiras, francesas, etc., que se publicam no país e no estrangeiro: livros de estudo.

Das obras primas dos grandes autores nacionais aos modernos escritores. O mais escolhido sortido de bons livros posto à disposição dos nossos prezados clientes.

Encomendas e assinaturas para todos os países. Depositária para o Norte das casas “Portugália Editora”, “A. M. Teixeira”, “Guimarães & C<sup>a</sup>”.

Visite a nova “Livraria Portugália” onde encontrará sempre livros que o satisfazem e de que precisa.

## **LIVRARIA PORTUGÁLIA**

Rua de Santo António, 210- Porto

A gerência da livraria da Portugália estava a cargo do Dr. Joaquim Teixeira da Rocha<sup>228</sup>, que numa primeira fase, a teria partilhado com o Dr. Leite de Faria.<sup>229</sup>

Teixeira da Rocha, a par da gerência, teria também atividade editorial: em 1947, juntamente com Dr. Alberto Uva,<sup>230</sup> edita a *Colecção Nova Cultura*, uma série de volumes de ensaio, abrangendo as mais diversas áreas da cultura. Inauguram esta coleção, dois autores, intelectuais, militantes activos do Partido Comunista Português e participantes do movimento neo-realista: Rodrigo Soares, com o livro *Por um Novo Humanismo* [fig.27], uma série de ensaios de cariz marxista, e António Ramos de Almeida, com o livro *Para um Novo Realismo*.

Em 1946 é editada, a coleção: *Gente Nova*, direccionada para romances, contos e novelas (sob esta insígnia publicou-se o livro de contos *Terra com Sede*, primeira obra de ficção do escritor

227 Nomeadamente nos jornais *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro* e em SANTOS, José da Cruz (coord.). ... (*Op. cit.*).

228 Teixeira da Rocha era professor no Liceu Alexandre Herculano.

229 CASTRO, Laura. “Agostinho Fernandes (1886-1972) Apontamentos para uma cronologia” in SANTOS, José da Cruz (coord.). ... (*Op. cit.*), p. 216.

230 Alberto Dias de Sousa Uva, natural do Algarve, era professor de Inglês no Instituto Comercial do Porto. Foi director do Ateneu Comercial. Sucedeu a Manuel Pinto de Azevedo Júnior na direcção d’*O Primeiro de Janeiro* entre 1976 e 1978.

portuense Papiniano Carlos<sup>231</sup>, cuja capa continha uma ilustração de autoria de Júlio Pomar [fig. 28]) e as coleções *Teatro*, *Nova Cultura* e *Pensamento* (na área de ensaio) e *Paralelo* na área das antologias.

No mesmo ano, e sob a mesma direção literária seriam publicados, *Benilde ou a Virgem Mãe*, peça de teatro de José Régio [fig.29], edição com capa ilustrada por João Tavares e *Liberdade de Espírito*, um livro de ensaios de João Gaspar Simões [fig. 30], este último inserido na *coleção Pensamento*; *Histórias de Mulheres* de José Régio [fig. 31], obra com capa ilustrada por Júlio Resende também é editado e colocado à venda nessa altura.

O ano de 1947 vê publicada a tradução em verso da *Tragédia Florentina* de Oscar Wilde de autoria de Villa Lobos Machado [fig. 32] - a capa seria ilustrada com um desenho de Joaquim Mirão; e ao abrigo da *coleção Fénix* é editado o romance *Os pobres são malucos* de autoria do humorista italiano Cesare Zavattini. De autoria de Alberto Uva, é publicado em Novembro de 1947 o seu livro de estreia, o livro de poesia *Segredos de Polichinelo*. Este autor seria publicado novamente em 1949 a com o livro *Poesias desta Paz Ausente*.

Em 1948, é editada a obra *Plano de Salvação do Mundo* do escritor Raul Leal (Henoch)<sup>232</sup>, antigo colaborador do *Orpheu* e da *Presença*, e companheiro de Fernando Pessoa que a obra homenageia, tendo sido posta à venda no dia 30 de Novembro, 13º aniversário da morte do poeta. No mesmo ano é editado o poema *Retrato e Lição de Gomes Leal*, de Alberto de Serpa.

No ano de 1949 é editado *Requiem às Glórias do Mundo e outros poemas*, o primeiro livro do arquiteto portuense Octavio Lixa Filgueiras,<sup>233</sup> numa edição com interior ilustrado com desenhos de Arco e também *Optimistas e Pessimistas* de Dr Vasques Calafate<sup>234</sup> assim como poesias de Alvaro de Campos ilustradas pelo pintor António da Fonseca.

231 Papiniano Manuel Carlos de Vasconcelos Rodrigues (1918-2012). Poeta e escritor. Dirigiu a revista *Notícias do Bloqueio* com Egito Gonçalves, Luís Veiga Leitão, António Rebordão Navarro e Daniel Filipe. Colaborou nas revistas *Seara Nova* e *Vértice*, sendo nesta o responsável pela secção de crítica e poesia. Militante ativo do Partido Comunista Português, desenvolvendo a sua acção na clandestinidade, o que o levou a ser preso três vezes pela PIDE. De entre as suas obras mais relevantes contam-se: *A menina gotinha de água*, na literatura infanto-juvenil, e *A Ave sobre a Cidade* na poesia. Informação obtida em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Papiniano\\_Carlos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Papiniano_Carlos).

232 Raul d'Oliveira Sousa Leal (1886- 1871). Poeta e escritor. Um dos introdutores do futurismo em Portugal, através da publicação no segundo número da *Orpheu* da novela *Atelier. Colaborou igualmente na revista Athena* de Fernando Pessoa e *Sudoeste: cadernos de Almada Negreiros*. Em 1923 publica *Sodoma Divinizada*, pela editora *Olisipo* de Fernando Pessoa. A polémica causada por esta edição- considerada imoral- levou a que posteriormente todas as suas edições fossem apreendidas e queimadas por ordem do Governador Civil de Lisboa. Informação obtida em: [http://www.infopedia.pt/\\$raul-leal](http://www.infopedia.pt/$raul-leal) e [http://pt.wikipedia.org/wiki/Raul\\_Leal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Raul_Leal).

233 Octávio Lixa Filgueiras (1922- 1996). Arquitecto, etnógrafo e arqueólogo. Frequentou a Escola de Belas-Artes do Porto, concluindo o curso em 1954. Participou no Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, integrando a equipa da Zona II (Trás os Montes e Alto Douro), juntamente com Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias. Entre 1962e e 1991 foi professor na ESBAP. Realizou diversos estudos sobre arqueologia e marinha e etnografia naval. Doou um grande arquivo pessoal sobre cultura marítima para o Museu Marítimo de Ílhavo. Informação obtida em: [http://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base gera\\_pagina?p\\_pagina=1001357](http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base gera_pagina?p_pagina=1001357) e em [http://www.infopedia.pt/\\$octavio-lixafilgueiras](http://www.infopedia.pt/$octavio-lixafilgueiras).

234 Caetano Vasques Calafate (1890- 1963). Professor, escritor e jornalista. Foi colaborador d'O Comércio do Porto. Dedicou-se à defesa da classe piscatória, lançando uma forte campanha para a construção de um porto de pesca na Póvoa de Varzim (o que veio a acontecer na década de 60) e pela construção da Casa dos Pescadores que foi edificada em 1923, tendo sido a primeira no país. Publicou vários livros. Informação obtida em: [http://www.cm-pvarzim.pt/biblioteca/index.php?op=h\\_personalidades&id=39](http://www.cm-pvarzim.pt/biblioteca/index.php?op=h_personalidades&id=39) e em [http://www.infopedia.pt/\\$vasques-calafate](http://www.infopedia.pt/$vasques-calafate).



A 18 de Março de 1950, a Livraria Portugalia comemora os 50 anos sobre a morte de António Nobre, lançando um pequeno volume de Alberto de Serpa, intitulado *Vida, Poesia e Males de António Nobre*. Edição de tiragem reduzida e de “apurado gosto, será acompanhada de reproduções de retratos e autógrafos do grande poeta.”<sup>235</sup> No mesmo ano, há registo ainda de o pintor Arthur da Fonseca ter entregue na Portugalia uma série de ilustrações para poesias de Alvaro de Campos.<sup>236</sup>

Na Portugália havia também leituras de ensaios e poesias, que tinham lugar-provavelmente- na sala de reunião de escritores.

Temos indicação<sup>237</sup> de, a 14 de Março de 1947, no dia em que se comemorava o centenário do nascimento do poeta brasileiro Castro Alves,<sup>238</sup> de António Ramos de Almeida ter lido na Portugalia o seu ensaio *Castro Alves Génio Poético do Brasil*, que viria a ser posteriormente editado.

Também nesta sala terá tido lugar uma conferência proferida por Teixeira de Pascoaes a 29 de Outubro de 1950, onde leu excertos do seu livro *O Empecido*, que seria brevemente editado pela *Gazeta do Bibliófilo*. Também, este escritor, realizou uma sessão de autógrafos nesta Livraria em 1951, um ano antes da sua morte.

Na livraria, comercializavam publicações periódicas que aceitava à consignação como é o caso da revista dedicada à poesia *Távola Redonda*, publicação fundada em 1950 por David Mourão- Ferreira, António Manuel Couto Viana, Ruy Cinatti, Fernanda Botelho e Alberto de Lacerda, e que o arquitecto Carlos Carvalho Dias<sup>239</sup> aqui deixava, indo depois recolher os exemplares que não fossem vendidos para devolver para os seus amigos de Lisboa ...<sup>240</sup>

As edições lançadas sob a insígnia da Portugália e as atividades culturais que organizavam, assim como a aposta numa gerência culta e informada eram uma mais valia para esta livraria, o que a tornava um centro da elite intelectual, acerca da qual recorda Egito Gonçalves: “A livraria Portugália (...) foi um lugar de frequência na melhor zona da cidade, com gerentes sabedores e amáveis que estimulavam a presença dos clientes para além do tilintar da caixa

235 *O Primeiro de Janeiro* de 15 de Março de 1950.

236 *O Primeiro de Janeiro* de 3 de Maio de 1950. p. 3

237 *O Primeiro de Janeiro* de 30 de Abril de 1947.

238 António Frederico de Castro Alves (1847-1871). Poeta brasileiro. Ficou conhecido sobretudo pela sua poesia em defesa da abolição da escravatura. Publicou entre outros: *Espumas flutuantes* (1870), *O Navio Negreiro* (1869), e postumamente, *Os Escravos* (1883) e *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) e uma compilação de suas obras completas, *Hinos do Equador* (1921). Informação obtida em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castro\\_Alves](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castro_Alves)

239 Carlos Carvalho Dias (n.1923). Arquitecto. Frequentou a Escola de Belas-Artes do Porto, finalizando o curso em 1957. Participou, em 1955, no *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, integrando a Zona II (Trás-os-Montes e Alto Douro), juntamente com Arnaldo Araújo e Octávio Lixa Filgueiras, do qual resultou a publicação em dois volumes de *Arquitectura Popular em Portugal*, edição do *Sindicato Nacional dos Arquitectos*. Na C.M.P., foi co-autor do Plano Director Municipal (Plano Auzelle). Foi secretário-adjunto do governo de Macau (1986-1987). Membro fundador da Associação Internacional de Urbanistas e da Associação dos Urbanistas Portugueses. Professor Universitário. Membro honorário da Ordem dos Arquitectos. Informação obtida em: <http://ephemerajpp.com/2011/12/08/agradecimento-5/>

240 Carlos Carvalho Dias em conversa com a autora.

registadora.”<sup>241</sup>Adianta ainda: “Para a gente jovem que se iniciava na escrita, e necessitava travar conhecimentos, encontrar pessoas a quem mostrar, com quem discutir, a Portugália foi um momento precioso.”<sup>242</sup> - referindo-se certamente não só à gerência informada e culta como ao publico frequentador deste espaço, alegando que “a grandeza de uma livraria somente o é, quando em si reúne compradores e escritores formando uma espécie de clube.”<sup>243</sup>

### 2.2.3.2

#### A livraria e a sala de leitura

A entrada na Portugália fazia-se por um amplo átrio em forma de U, que para além de criar um efeito aparatoso, permitia uma maior área de montra, necessária a uma boa exposição dos livros [fig. 33]. Esta montra, em contínuo, era apenas interrompida pela porta de entrada, a meio; acima do primeiro nível, nas laterais, as paredes eram revestidas a grandes painéis de mármore decorados com as palavras desenhadas em tipografia estilizada, executadas a bronze<sup>244</sup> e grampeadas, relativas aos diversos ramos de especialidade que a livraria iria representar (*Direito, Filosofia, Belas-Artes*, etc.), ao lado, as respetivas alegorias, em baixos relevos de autoria do escultor Américo Braga. “Um hall magnífico, que vai do passeio ao segundo andar, decorado com alegorias dos principais ramos das especialidades de obras que a casa vai representar (...) A decoração deste átrio em que se destacam dez altos relevos foi feita pelo escultor Américo Braga.”<sup>245</sup>

Por cima da porta, a toda a largura do edifício, a continuação do vitral resultava numa grande fonte de iluminação natural que servia os vários pisos. No centro, por cima da entrada, dois grupos de letras, grampeadas à fachada, formavam as palavras: LIVRARIA PORTUGÁLIA. [fig. 16] A respeito deste recuo da fachada [fig. 33], menciona a memória descritiva:

“Pareceu-nos necessário resolver o seu consequente efeito estético. O recuo praticado na fachada, deu, supomos a apropriada solução, como deu também uma possibilidade de desenvolvimento de vitrinas para o exterior, que o ramo de negócio exigia e a exígua largura da fachada não permitia. Mas o recuo da fachada poderia resultar uma solução estética do exterior mesquinha e inadequada se fosse praticado apenas correspondente ao pavimento do rés-do-chão. Por isso o recuo abrangeu também o primeiro andar e o

241 GONÇALVES, Egito. “Agostinho Fernandes e a Portugália” in SANTOS, José da Cruz (coord.). ... (*Op. cit.*), p.51.

242 *Ibid.*, *ibid.*

243 *Ibid.*, *ibid.*

244 “O material de revestimento da fachada principal será o mármore com possíveis aplicações ornamentais de bronze nos topos de lado.” Memória descritiva. in ANDRADE, Artur [Projeto de licenciamento nº 389/44 / CMP] 1944, Janeiro. Porto. p. XVI.

245 *A Tarde*, 20 de Março de 1945.



resultado foi obter-se uma “devanture” de efeito aparatoso, melhor integrada no aspecto das “devantures” vizinhas <sup>246</sup>e imprimir-se um certo carácter académico a um género de negócio que o admite e solicita muito bem.”

Numa observação atenta das montras [fig. 34 e 35] verificámos que estas estavam dotadas de um sistema de furação a vários níveis, o que permitia, o re-posicionamento das peças de apoio das prateleiras, de acordo com a decoração pretendida. A imprensa informa-nos por várias vezes acerca do papel interventivo de Victor Palla na decoração das vitrines da galeria. Não sendo claro este papel por si desenvolvido, analisámos a informação contida nas fotografias acima mencionadas [fig. 34 e 35].

Observamos então que ambas estão ordenadas segundo as mesmas regras de simetria: nas duas montras laterais (tanto na direita como na esquerda), nas estantes, a colocação ordenada e alinhada de uma coleção de livros, exibindo as respetivas capas para os vidros da montra; a meio, a colocação de duas pinturas, e na parte debaixo, pousados, alguns livros abertos, exibindo gravuras e estampas coloridas. A diferença reside em duas peças, situadas de ambos os lados da porta da livraria: à direita [fig. 34], a colocação de uma interessante composição de várias cartolinas (?) coloridas, de feição eminentemente gráfica e estilizada, onde está representado um personagem e uma prensa, remetendo para o respetivo ofício de *imprensa*. Em cima da peça pode ler-se: “A imprensa tornou possível a divulgação da Cultura” e “O livro está ao alcance de todos”; à esquerda [fig. 35], a existência de uma outra composição de semelhantes características, representado um monge copista, e onde se pode ler: “O livro medieval escrito à mão pelos copistas”.

Estas duas peças parecem fazer parte de um mesmo discurso, cuja temática remete para a prática e arte da escrita. Cada uma destas obras está situada de ambos os lados da porta de entrada, o que lhes atribui grande protagonismo, principalmente para quem entra na livraria.

Analisando a obra de Victor Palla nomeadamente a sua vertente gráfica, supomos que a “decoração das montras” à qual a imprensa remete e elogia, se refere a estas duas peças, das quais ainda não encontramos outro registo exceto nestas fotografias.

Os *slogans* que aí estão colocados “A imprensa tornou possível a divulgação da Cultura” e “O livro está ao alcance de todos”, [fig.34] sublinham a ambição do espaço em levar a cultura a todas as pessoas.

Entrando na sala principal de vendas, destaca-se de imediato o duplo pé direito [fig. 36 e 37]. Efeito de grande impacto<sup>247</sup>, do qual resulta uma grande amplitude espacial.

Aqui, um grande e moderno candeeiro em suspensão ilumina a entrada proporcionando

246 Referência à *Casa Fantasia*, que possuía também um grande recorte na fachada à qual Artur Andrade foi buscar referência no alinhamento.

247 O pé direito duplo da *Portugália* era tão aparatoso, que todos os entrevistados no âmbito deste estudo se recordam dele, apesar de já não recordarem de outros aspetos relativos ao espaço.

uma luminosidade baixa, acolhedora e confortável. Não obstante, toda a livraria está dotada de iluminação difusa, sendo reforçada pontualmente, de acordo com as necessidades, como por exemplo, junto às estantes dos livros [fig. 38]. O reforço de iluminação em certos pontos com a aplicação de candeeiros, marca momentos chave num percurso que se estudou fluído<sup>248</sup> - como a entrada na livraria, a entrada na sala de reunião de escritores, onde se situa outro lustre e, como veremos de seguida, na galeria de arte. [fig. 36, 39 e 40]

O ambiente confortável e acolhedor encontra reforço na escolha dos materiais: a madeira, tanto no pavimento<sup>249</sup>, como nas estantes, o cobre e o bronze.<sup>250</sup> À esquerda, a inclusão de uma galeria/varandim no piso intermédio, rebaixa o pé direito na zona do balcão de atendimento, ao mesmo tempo que, com a inclusão de blocos de estantes na perpendicular, (onde estavam organizadas as revistas e jornais literários portugueses e estrangeiros, literatura francesa, literatura inglesa, literatura italiana e literatura americana), assim como a colocação de sofás e cinzeiros, vai criando vários recantos de leitura e conversa [fig. 38]; do lado direito, situava-se a estante geral que ocupava a totalidade do duplo pé direito, onde se organizavam os livros das áreas de medicina, literatura brasileira, literatura portuguesa e ciências sociais; à frente da estante, num plano mais baixo, alguns expositores exibiam diversos destaques [fig. 37 e 38].

À esquerda da entrada principal, situava-se uma escada de acesso à galeria/varandim do piso intermédio. Pensamos que nesta parede lateral à escada, estaria localizada uma das duas pinturas<sup>251</sup> executadas por Augusto Gomes; a outra estaria ao fundo da livraria, na lateral da escada que ligava ao andar superior, correspondente à galeria de arte [fig. 41]. A este respeito, é referido na memória descritiva: “... far-se-ão, no entanto umas aplicações de contraplacado pintado por pintor de arte, à maneira de lacas, que darão nota colorida e embelezamento ao ambiente acentuadamente funcional.”<sup>252</sup> Tudo indica, pois, que Augusto Gomes terá executado uma pintura “a óleo?” sobre o contraplacado, após o que, e como acabamento de toda a superfície, lacou, atribuindo uniformidade ao suporte [fig 41].

Na galeria/varandim à esquerda, sobre a livraria, localizava-se uma contínua estante de madeira que percorria todo o espaço até à sala de leitura [fig 42], onde podiam ser consultados os livros relativos às áreas de religião, filosofia, ciências puras e aplicadas, tudo devidamente identificado com etiquetas [fig. 43 e 44]. Daqui, podia ter-se uma visão tanto da livraria como da sala de leitura e reunião de escritores (ao fundo).

248 Ver memória descritiva.

249 Segundo informação obtida por intermédio de sr. Francisco Vasconcelos, gerente da *Vadeca*, o pavimento era em tábuas de pinho de riga.

250 “Os painéis de Augusto Gomes enquadram-se perfeitamente com os bronzes, os cobsres e as madeiras raras.” in *Jornal de Notícias* de 20 de Março de 1945.

251 “O salão principal (...) vendo-se nele dois belos painéis do pintor portuense Augusto Gomes.” em *A Tarde* de 20 de Março de 1945.

252 “Memória descritiva” in ANDRADE, Artur [Projeto de licenciamento nº 12449/44 / CMP] 1944, Janciro. Porto. p. XV.

Ainda no piso intermédio, ocupando a zona tardo do espaço, situava-se a sala de leitura e de reunião de artistas e escritores [fig 42]. Neste espaço havia a possibilidade de consulta de ficheiros e catálogos mundiais. “Em poucos segundos terá ao seu alcance qualquer volume, seja qual for.”<sup>253</sup> Isto, porque os cerca de 40 000 volumes de livros da Livraria Portugália, estavam devidamente organizados segundo um sistema de classificação decimal adaptado pela primeira vez em Portugal pelo seu sócio e gerente, o Dr. Luís Queirós Botelho de Sousa. Nas estantes desta sala estavam organizados os temas de belas-artistas, obras gerais, história, geografia, filologia, biografias e as principais coleções de divulgação. A inclusão de mobiliário, mesas, cadeiras e sofás contribuía para o aconchego personalizado deste recanto de leitura e tertúlia. Sobre o ambiente acolhedor da livraria lembra Óscar Lopes:<sup>254</sup>

“A livraria tinha uma organização espacial singular: era muito longa e os livros estavam à vista, tinha vários níveis, tinha diversas reentrâncias, com as suas secções de livros e cadeiras para os clientes se sentarem a conversar ou a ver os livros que lhes interessavam. Tratava-se de uma livraria que fora imaginada para permitir a convivência entre os seus frequentadores.”

### 2.2.3.3

#### A galeria de arte

O acesso à galeria de arte, podia ser feito de duas formas: subindo, do lado esquerdo da entrada, para a galeria/varandim que teria de ser percorrida até ao final, passando pela sala de leitura e subindo mais um lance de escadas; ou de uma forma mais directa, indo até ao fundo da livraria e subindo dois lances de escadas [fig. 41 e 45].

Aqui se situava a galeria de arte que a *Livraria Portugália* reservava no último piso, apetrechada “com todos os requisitos indispensáveis ao seu fim” encontrando os artistas “ambiente propício para apresentarem as suas produções.”<sup>255</sup>

O grande envidraçado do alçado frontal (virado para a Rua de Santo António), assim como a janela virada a sul -consequência do remate entre o telhado do corpo principal com a posterior, permitiam uma grande fonte de iluminação natural, essencial para a exposição das obras. Na memória descritiva, Artur Andrade revela a preocupação em criar entradas de luz que fossem compatíveis com as futuras funções do espaço: “O corte no pavimento praticado nas traseiras do 1º andar com fim a relacionar e incorporar melhor a finalidade da sala de exposições no âmbito da livraria e principalmente a criar uma fonte de luz natural no topo do fundo - contribui para atenuar a sensação de desmedida profundidade do estabelecimento.”<sup>256</sup>

253 *Jornal de Notícias* de 20 de Maio de 1945.

254 PORTO, Carlos. *Livrarias e Livreiros (1945-1994) Histórias Portuenses*. Porto: Livraria Leitura, 1994, p. 42.

255 *O Comércio do Porto* de 20 de Março de 1945.

256 “Memória descritiva” in ANDRADE, Artur [Projeto de licenciamento nº 12449/44 / CMP] 1944, Janeiro. Porto. p. XV.

Quanto à iluminação artificial, o arquiteto optou por, no centro do teto, em sentido longitudinal, colocar uma faixa ligeiramente curva e rebaixada (um teto falso), o que por um lado permitia a inclusão de iluminação direta através de candeeiros circulares, que aí estavam metriticamente colocados; e por outro, a inclusão oculta de iluminação ao longo de toda a lateral que resultava numa faixa de luz contínua proporcionando uma iluminação difusa [fig. 36 e 40].

Com três tipos de iluminação, o espaço estaria adequadamente iluminado em diferentes ocasiões e horas do dia, qualidade elogiada na imprensa: “(...) Bem delineado, optimamente situado, dispondo de excelente luz natural e de magnífico processo de iluminação artificial (...)”<sup>257</sup>

Através da leitura da correspondência enviada por Alvaro de Serpa a Hein Semke<sup>258</sup>, a propósito da sua exposição a realizar nesta galeria<sup>259</sup> [fig. 46, 47 e 48], podemos depreender que as paredes da sala estavam dotadas de um sistema apropriado para a colocação das obras: “Na sala de exposições poderá pregar quantos pregos queira, pois tem um dispositivo próprio para não afectar as paredes.” Não sabemos de que *dispositivo* estaria a falar Alberto de Serpa, mas através das fotografias a que tivemos acesso, podemos observar dois aspetos importantes no que refere à colocação das obras; primeiro, a existência de uma calha junto ao teto, onde se situavam os ganchos que sustentavam as obras, que ficariam suspensas por fios; por outro lado, o revestimento das paredes da sala com uma tela especial de malha consistente e maleável possibilitava a colocação de pregos, sem prejuízo das mesmas. Provavelmente seria este aspeto a que Alberto de Serpa se referia.

As paredes eram rematadas junto ao pavimento com um rodapé em ardósia. O mobiliário era adaptável às necessidades, facto que podemos observar na figura 49, onde as mesas são utilizadas como expositores.

Todo o mobiliário da galeria, desenhado pelo próprio arquiteto,<sup>260</sup> constituído por mesas, cadeiras e sofás, em madeira, contribuía para todo um conceito que se pretendia para o espaço: um local acolhedor, que proporcionasse conforto e bem estar a todos os que o frequentassem; a existência de um recanto com uma mesa, dois sofás e cinzeiro permitia que quem visitasse as exposições, o fizesse descontraidamente, podendo sentar-se, conversar um pouco e inclusive, fumar um cigarro, como se estivesse na sua própria sala de estar.

257 *O Comércio do Porto*. Sábado, 24 de Março de 1945, p. 4.

258 SERPA, Alberto – [carta] 1950 Março 10, Porto [a] Hein Semke [manuscrito]. 1950. If. Acessível no Arquivo de Hein Semke, p. XLIV.

259 Exposição em conjunto com a escultora Margarida Schimmelpfennig realizada em Junho de 1950.

260 Segundo informação fornecida por sua filha, D. Laura Rodrigues.





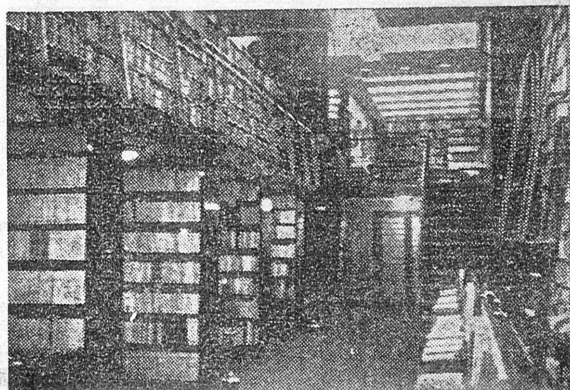


Amanhã, inaugura-se a

Comércio do P.  
20/3/1941

# Livraria Portugália

**Um estabelecimento verdadeiramente novo ao serviço da cultura**  
em que sobressai o trabalho do arquitecto Artur Andrade



Interior da Livraria Portugália

A notícia de que a «Livraria Portugália» abria as suas portas ao público, por estes dias, despertou a mais justificada curiosidade, mormente no sector que se interessa vivamente pelas coisas do espirito. Ao certo, nada se sabia.

Eis porque sentimos o maior prazer em anunciar que é já amanhã, quarta-feira, que essa livraria-modelo — e é-o incontestavelmente a «Livraria Portugália» — inicia a sua actividade, nas suas majestosas instalações, à Rua de Santo António, 210.

É aos srs. Alfredo Resende Gomes de Almeida, Luis Queirós Botelho de Sousa, Pedro de Andrade, Raúl Dias e Agostinho Fernandes, sócios da empresa, que se deve a iniciativa de instalar entre os nossos muros uma grande livraria, montada pelos mais recentes métodos, que honraria qualquer cidade progressiva.

Desde logo nos impressiona a grandeza da fachada em forma de átrio imponente, em que andam de mãos dadas a visão do arquitecto sr. Artur Vieira de Andrade e a sensibilidade do escultor Américo Braga e dos pintores Augusto Gomes e Victor Palla.

A magnificência e harmonia do interior, denotando cuidadoso estudo do clima apropriado à casa a que se destina, são-nos dadas pela escolha dos materiais, sobriedade das linhas e volumes, avultando ainda dois painéis magníficos da autoria do pintor Augusto Gomes, perfeitamente integrados no conjunto.

No salão de entrada, vê-se, à direita, a estante geral, com centenas de volumes sobre medicina, literatura brasileira, literatura portuguesa e ciências sociais.

À esquerda encontram-se os recantos, seguindo-se, pela sua ordem, as revistas e jornais literários portugueses e estrangeiros; literatura francesa; literatura inglesa; literatura italiana e literatura americana.

Sobre os recantos, e ligada ao pavimento do rés-do-chão por uma escada, está uma elegante galeria,

que torna acessível ao público centenas de livros sobre religião, filosofia, ciências puras e ciências aplicadas.

Ao fundo, um amplo lance de escadas dá acesso à sala de leitura, destinada a dar possibilidade de consulta de ficheiros e espécies ao visitante. Nas suas estantes encontram-se ainda obras sobre belas artes e história, colecções, filologia e obras gerais.

O último pavimento, o salão de exposições, está apetrechado com todos os requisitos indispensáveis ao seu fim e ali os artistas encontrarão o ambiente próprio para apresentarem as suas produções.

A «Livraria Portugália» possui ainda mais dois pavimentos para armazéns e escritórios, o que lhe dá no total uma capacidade sem precedentes, cerca de 40.000 volumes!

Imagina-se agora o cuidado que foi necessário pôr na classificação e colocação dos livros para que o visitante, em segundos apenas, tenha à sua disposição os volumes que pretende. Deve-se ao organizador, o sócio sr. Botelho de Sousa, o trabalho de adaptação, pela primeira vez em Portugal, do sistema decimal, o qual assegura, de forma segura, a perfeita e rápida execução de todos os pedidos.

Ao terminarmos estas rápidas linhas sobre a «Livraria Portugália», queremos pôr em relevo o gesto raro do sócio sr. Agostinho Fernandes, que forneceu quadros de pintores portugueses da sua colecção particular, para dar assim ensejo aos apreciadores portugueses de admirarem algumas obras raras de consagrados artistas.

A «Livraria Portugália» vem também prestar um óptimo serviço às artes, abrindo igualmente, amanhã, a sua Exposição de Pintura Portuguesa (séculos XIX e XX), onde figuram trabalhos de Columbano, Malhóia, Silva Porto, Carlos Reis, Veloso Salgado, Pousão, António Carneiro, Aurélio e Sofia de Sousa, Joaquim Lopes, Abel Salazar, Acácio Lino, Sousa Pinto, etc.

Fig. 1  
«Amanhã inaugura-se a  
Livraria Portugália  
um estabelecimento  
verdadeiramente novo  
ao serviço da cultura»  
in *O Comércio do Porto* de  
20 de Março de 1945

Jornal de Notícias  
20/3/1945

## E' inaugurada amanhã a *Livraria Portugália*

notável empreendimento ao serviço  
da cultura, das letras e das artes

É amanhã, quarta-feira, que abre ao público a «Livraria Portugália», magnificamente localizada e instalada na Rua de Santo António, 210.

O acontecimento, pois se trata de um verdadeiro acontecimento cívico, está destinado a ter a maior repercussão entre o público portuense, que valer a oportunidade de dispor de um estabelecimento livreiro e cultural de grande categoria, que honra não só os seus impulsores, mas também os portuenses e a cidade.

A «Livraria Portugália», que sai fora de todas as fórmulas e medidas a que estamos habituados, foi possível devido ao espírito esclarecido e empreendedor dos seus proprietários, sr. Pedro de Andrade, Raul Dias, Agostinho Fernandes, Alfredo Rezende Gomes de Almeida e Luís Queirós Botelho de Sousa, desejosos de dar à cidade do Porto não somente uma livraria, mas sim uma organização livreira em no-

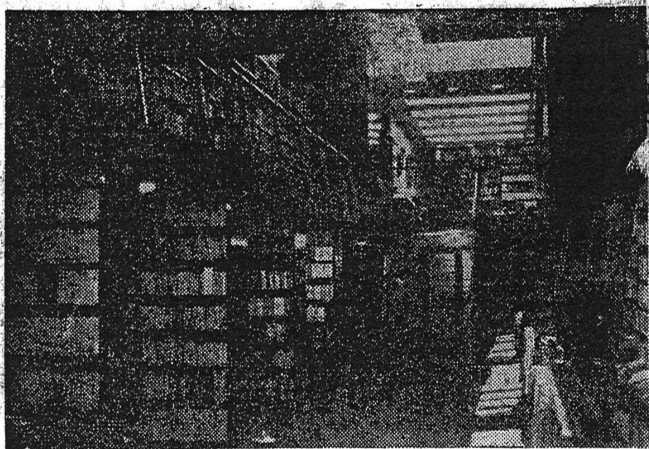
ria permite-lhe manusear as obras de filosofia e religião, ciências puras e ciências aplicadas.

Ao fundo, um lance de escadas leva-nos à sala de leitura, onde se encontram os livros sobre belas artes, história, geografia, colecções, filologia e obras gerais.

O visitante tem ainda, na sala de leitura, à sua disposição, os ficheiros e os catálogos mundiais. Em poucos segundos terá ao seu alcance qualquer volume, seja qual for.

Como é possível esse milagre, sabido que a «Livraria Portugália» tem uma existência e uma capacidade sem precedentes, mais de 30.000 volumes?

Muito simplesmente. O organizador da casa, o sócio sr. Luís Queirós Botelho de Sousa estudou e adaptou, pela primeira vez em Portugal, a uma grande livraria, o sistema decimal para a classificação e colocação do livro, cujas enormes vantagens é desnecessário enaltecer.



UM ASPECTO DO INTERIOR

vos moldes e de características dignas de uma grande cidade civilizada.

O projecto, da autoria do arquiteto sr. Artur Vieira de Andrade, foi concebido de molde a integrar no ambiente próprio a dignidade da função a que a casa se destina. A fachada, rasgada e ampla, de recorte monumental e sobriedade neo-clássica, é como que a ante-câmara do edifício destinado às coisas do espírito.

Nela sobressaem os desenhos de Augusto Gomes, um pintor já revelado, modelados pelo escultor talentoso que é Américo Braga e, ainda, as decorações das montras de Victor Salla.

O interior surpreende-nos logo, pela harmonia e monumentalidade da sua distribuição, a que a riqueza dos materiais empregados empresta sumptuosidade. Aqui, o belo não é inimigo do simples. Os painéis de Augusto Gomes enquadram-se perfeitamente com os bronzes, os cobs e as madeiras raras.

A direita fica a estante geral; à esquerda os recantos, onde o visitante encontra jornais e revistas literárias, e as literaturas francesa, inglesa, italiana e americana. Sobre estes, a gale-

Mas ainda não é tudo. A «Livraria Portugália», desejosa de servir a cultura e as artes, dispõe de um belo e amplo salão de exposições e a sua abertura coincidirá, para deleite dos bons apreciadores de arte, com a inauguração no seu salão de exposições, de um certame de Pintura Portuguesa dos séculos XIX e XX, onde figuram os nomes consagrados e queridos de Columbano, Malhoa, Silva Porto, Carlos Reis, Veloso Salgado, Pousão, António Carneiro, Aurélio e Sofia de Sousa, Abel Salazar, Joaquim Lopes, Acácio Lino, Sousa Pinto, etc. E' ao espírito desempoeirado do sócio da «Portugália» e colecionador apaixonado, sr. Agostinho Fernandes, que se deve este serviço prestado à arte no intuito de proporcionar aos portuenses o raro deleite de apreciar verdadeiras obras primas, que fazem parte da sua colecção particular.

Por tudo isto que resumimos em breves linhas — e tanto mais ficou por dizer — afirmamos que a inauguração da «Livraria Portugália» vai constituir um grande acontecimento cívico de que os portuenses se podem orgulhar.

Fig. 2

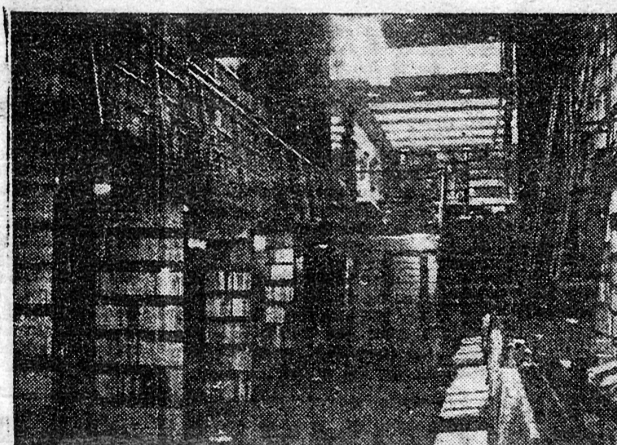
“É inaugurada amanhã a Livraria Portugália, notável empreendimento ao serviço da cultura, das letras e das artes.”  
in *Jornal de Notícias* de 20 de Março de 1945



## Uma nova Livraria

### A «LIVRARIA PORTUGÁLIA»

### é inaugurada amanhã



Vai o Porto ser dotado com mais uma casa de livros, mas esta diferente de todas as que já possui, tanto no seu aspecto como no género que pretende explorar. Situada na concorrida artéria, Rua de Santo Antonio, 210, ocupa todo um edificio de quatro pisos, com instalações luxuosas concebidas pelo alto espirito artistico do notável architecto portuense sr. Artur Andrade. Um «hall» magnifico, que vai do passeio ao 2.º andar, decorado com alegorias dos principais ramos das especialidades de obras que a casa vai apresentar, dá logo á entrada um salutar aspecto de beleza que se harmoniza com a progressiva transformação do Porto em cidade de belos estabelecimentos. A decoração deste átrio em que se destacam dez artisticos altos relevos foi feita pelo esculptor Américo Braga. As montras que o circundam foram compostas pelo outro apreciado artista: Vitor Fialla.

O salão principal de vendas é de um bom gosto inextinguível que honra o artista-architecto, vendo-se nele dois belos painéis do pintor portuense Augusto Gomes. As linhas modernas, originaes, mas que não chocam, antes impressionam pelo bom gosto, fazem com que este salão se possa considerar único em livraria. All se encontram secções cuidadosamente classificadas e onde todos vão encontrar, devidamente ordenados, os livros de que necessitam. A começar pela de jornais e revistas estrangeiras, seguem-se as das literaturas franceza, inglesa, espanhola, americana, italiana e alemã. Notável a secção de medicina, seguindo-se as de literatura portuguesa, brasileira, pe-

dagogia, sociologia, direito, educação, economia, etc., etc.

Subindo para a galeria por um elegante lance de escada, encontram-se as secções de engenharia, profissões e officios, química, física, agronomia, filosofia, religião, etc.

Ao fundo desta um salão de leitura com uma magnífica secção de belas artes, obras gerais, história, geografia, biografias e as principais collecções de divulgação. Mais um lance e estamos no Salão de Exposições, de linhas simples mas com magnífica luz para os novos artistas plásticos mostrarem as suas obras ao publico.

O conjunto das instalações, a companhia amável de milhares de bons livros, dão ao visitante a agradável sensação de se encontrar num lindo templo de espirito.

A Tarde  
20/3/1945

Fig. 3  
"Uma nova Livraria,  
A Livraria Portugália, é  
inaugurada amnhã"  
in *A Tarde* de 20 de  
Março de 1945

A Tarde  
21/3/1945

## A FILIAL DA LIVRARIA PORTUGÁLIA abriu hoje ao público

Desde hoje que o Porto conta com mais uma espediada livraria que honra sobremaneira esta cidade.

Na verdade, a filial portuense da Livraria Portugália possui todos os requisitos para ser considerada a última palavra, do mercado livreiro português.

O compartimento de leitura, as instalações de venda e os recantos para o «cavaco» denotam espirito inovador e estão perfeitamente de acordo com as exigências da vida moderna. Queremos, contudo, salientar duas novidades introduzidas neste ramo comercial: a adaptação do sistema decimal na colocação do livro e o salão para exposição de arte, onde já estão expostos alguns quadros de grande valor artistico como o «Saraus», de Columbano; «Barcos do Douro», de Silva Porto; «Touro», de Simão da Veiga e outros, pertencentes á collecção particular do socio daquela casa sr. Agostinho Fernandes.

Ontem houve visita para a imprensa a quem os socios da Livraria Portugália ofereceram um Porto de Honra, tendo o socio gerente sr. Pedro de Andrade, figura marcante no mundo do livro, saudado em breves palavras os representantes dos jornais. Aludiu depois ao magnifico trabalho e leal cooperação do architecto sr. Artur de Andra-

de e aos seus colaboradores srs. Augusto Gomes, Américo Braga, Antonio Santos, Narciso Bica, etc...

Aos seus consócios srs. Alfredo Rezende, Raul Dias e dr. Luis Botelho de Sousa dedicou também expressivas palavras de apreço.

Fig. 4  
"A filial da Livraria Portugália abriu hoje ao público"  
in A Tarde de 21 de Março de 1945

O Primeiro de Janeiro  
21/3/1945

# A «LIVRARIA PORTUGÁLIA»

## inaugura hoje a sua Filial na cidade do Pôrto

Num dos locais de mais aturado trânsito da rua de Santo António, na zona mais central da cidade, inaugurar-se-á hoje a Filial no Pôrto da «LIVRARIA PORTUGÁLIA». Estamos em presença dum empreendimento de alto interesse cidadão e cultural—que, sob diversos aspectos, se integrará também no harmonioso ambiente da moderna urbanização da capital do Norte. Contrariamente ao que se verifica, por vezes, aquele estabelecimento não é um depósito ou armazém de livros, mas, no seu aspecto utilitário uma «biblioteca-mo-dêlo», onde poderemos admirar, a-par de alguns manuscritos e outros preciosos cimérios as mais variadas edições de obras literárias, nacionais e estrangeiras—tudo bem ordenado e sistematizado, de acôrdo com os preceitos duma classificação decimal e duma catalogação diferenciada e ideográfica.

Primorosamente instalada e decorada artisticamente, aquela LIVRARIA apresenta-se ainda na formosa moldura dum elegante e grandioso projecto architectónico—em cuja intimidade se surpreende um conforto acolhedor e um «clima» propício a um convívio intelectual. E completando essa bela iniciativa, dispõe ainda dum «salon» de exposições de Arte—onde se exibem já valiosos trabalhos de alguns dos mais consagrados Mestres da pintura portuguesa. Precedendo o acto inaugural, foi aquela LIVRARIA visitada ontem pelos representantes da Imprensa. Serviu-se depois um «Pôrto de Honra»—durante o qual se permutaram saudações, expressivas de calorosos louvôres a quem soube e quis, dêste modo, contribuir para o engrandecimento urbanístico e cultural da cidade do Pôrto.

Fig. 5  
“A Livraria Portugália,  
inaugura hoje a sua filial  
na cidade do Porto”  
in *O Primeiro de Janeiro* de  
21 de Março de 1945



Journal de Notícias  
21/3/1945

## A «Portugália», Livraria modelar

**A** inauguração de uma livraria é sempre acontecimento digno de registo — e registo especial. É que os livros, como afirmou o grande Padre António Vieira, «são uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; e assim como a força de tratar com pessoas honestas e virtuosas se adquirem insensivelmente os seus hábitos e costumes também a força de ler os livros se aprende a doutrina que eles ensinam.»

Este asserto, que cada vez é mais verdadeiro, bastaria a justificar o interesse que nos está a merecer a inauguração da nova Livraria — a «Portugália» — que hoje é patenteada ao público, na rua de Santo António, e ontem visitamos: uma livraria organizada e instalada em condições e forma que surpreendem e em muito contribuirão para o desenvolvimento do gosto pelo livro, que o mesmo é dizer, em prol da cultura.

As coisas do espírito, como se diz — se, encontrarão, na Livraria Portugália um óptimo elemento de propaganda e de difusão, nada faltando para cativar os que respeitam e admiram as belas-lettras e as belas-artes e para prender ou chamar a atenção dos indiferentes — segrêdo de quem realizou uma obra, a todos os títulos digna de entusiásticos louvores, pelo que representa de conhecimentos e pelo que traduz de intenções, não lhe faltando também aqueles requisitos de ordem psicológica que influem decisivamente nos indecisos e cativam os simpatizantes.

Desde as facilidades de procura, traduzidos num catálogo primorosamente elaborado pelo sistema decimal, á comodidade de uma demora mais longa, dispondo de recantos confortáveis e mesas de consulta; de um ambiente requintadamente elegante e artístico de uma esplêndida sala de exposições — tudo se conjuga harmónicamente, perfeitamente, convidando a permanecer, a demorar. E, além de tudo isto, que é muitíssimo, atendem e servem o público pessoas de categoria, especializadas e cultas, o que não é vulgar.

Pelo que dizemos e ainda pelo que fica por dizer — e muito era, se o espaço o permitisse — a inauguração da Livraria Portugália, tal como a apresentaram constituirá não só um acontecimento cívico como uma honra para o Porto, que pode orgulhar-se de ficar possuindo um dos melhores e mais bem organizados estabelecimentos no género do país.

Fig. 6  
“A Portugália, Livraria modelar”  
in *Journal de Notícias* de 21 de Março de 1945

## Uma inauguração de sucesso

# A Livraria Portugália

### Uma casa que no próprio dia da abertura marcou um grande lugar

A abertura oficial da Livraria Portugália, constituiu, sem dúvida, um verdadeiro acontecimento da vida portuense. Aguardado, ansiosamente, há meses, realizou-se, ontem, podemos afirmar que com unânime satisfação.

A's 16 horas, quando foi completamente tirado o tapume, já uma aglomeração de pessoas rodeava a simpática casa da Rua de Santo António.

Estava marcada para essa hora a recepção ao elemento oficial, que não se fez esperar, e do qual destacamos, com bastantes omissões, as seguintes personalidades, que percorreram, interessadas, todas as dependências da nova livraria: dr. António Joyce, representando o sr. governador civil; dr. Luís de Pina, presidente da Câmara Municipal do Porto; dr. Tavares da Almeida, do S.N.I.C.P.; representante do comandante da I Região Militar; dr. Magalhães Basto, chefe dos serviços culturais da C. M. P.; dr. Joaquim Costa, director da Biblioteca Municipal; Mst. Hawkins,

director do Instituto Britânico nesta cidade; etc.

Saídos os convidados oficiais, foi a livraria visitada pelos representantes do Porto culto, centenas e centenas de artistas, escritores, médicos, advogados, professores, enfim, uma avalanche de amadores de bons livros.

Foi para quasi todos uma verdadeira surpresa, não só a magnificência das instalações delineadas pelo grande architecto portuense Artur de Andrade, como a impecável organização dos livros, pelo sistema decimal.

Os proprietários, architecto e colaboradores desta bela obra, foram felicíssimos por terem realizado, no Porto, uma obra que honra não só a cidade como o País, na opinião de muitos estrangeiros, que, ontem, mesmo não deixaram de acorrer a esta casa.

Durante o resto da tarde, e mesmo pela noite fora, o público não se cansou de admirar as instalações e os belos efeitos de luz que emprestam áqueles belos aspectos.

Fig. 7  
“Uma inauguração de sucesso, a Livraria Portugália uma casa que no próprio dia de abertura marcou um grande lugar”  
in *O Comércio do Porto* de 22 de Março de 1945



Comércio do Porto  
21/3/1945

## A Imprensa visitou, ontem, a filial portuense da Livraria Portugália que abre, hoje, para o público



Os livreiros do Porto durante a sua visita às instalações  
da Livraria Portugália

Conforme *O Comércio do Porto* de ontem noticiou, a nossa cidade tem um novo estabelecimento, imponente e moderno nas suas linhas e nas suas múltiplas dependências. É a filial portuense da importante Livraria Portugália, de Lisboa, e que fica sendo, no género, o mais sumptuoso estabelecimento do País. O nosso amor bairrista deve sentir-se satisfeito com este novo motivo que vem dar, à nossa cidade, uma destacante nota de apurado modernismo.

Ontem, à tarde, realizou-se a visita da Imprensa a esse imponente estabelecimento e às suas excelentes instalações.

Gentilmente recebidos pelos srs. Pedro de Andrade, Raúl Dias, Alfredo Rezende — sócios da Livraria Portugália — e dr. Luís Botelho de Sousa, gerente da filial que, hoje, é aberta ao público, os representantes da Imprensa do Porto e de Lisboa percorreram, demoradamente, todas as instalações da nova livraria portuense, mostrando-se interessados pela grandeza, modernismo e novidade do que iam vendo.

As instalações de venda, os recantos para as tertúlias, o compartimento de leitura e o salão para exposições de arte — onde já se encontra uma larga e preciosa colecção de quadros de alguns dos maiores pintores portugueses, especialmente nortenhos, telas que pertencem ao grande coleccionador sr. Agostinho Fernandes, também sócio desta livraria. O ambiente desta é deveras acolhedor e agradável, para o que, também, concorrem as pinturas e as esculturas das decorações devidas às sensibilidades artísticas do pintor Augusto Gomes e do escultor Américo Braga.

Os sócios da Livraria Portugália receberam, cavalheirescamente, os seus convidados, oferecendo-lhes um *Porto de Honra*, que serviu de pretexto para a permuta de várias saudações.

O sócio-gerente sr. Pedro de Andrade — temperamento dinâmico e arrojado de homem moderno —, fazendo uso da pa-

lavra, começou por saudar, em termos fluentes e expressivos, a Imprensa, exaltando a sua obra e a sua finalidade. Prosseguindo, dedicou palavras carinhosas aos seus consócios srs. Alfredo Rezende e Raúl Dias e ao sr. dr. Luís Botelho de Sousa, o qual, com o primeiro destes três senhores, formará a gerência da filial em referência. O sr. Pedro de Andrade saudou o sr. Artur Andrade, o arquitecto daquela bela obra; exaltando a sua leal cooperação.

Falaram, depois, o sr. Artur Andrade que, depois de agradecer as saudações que lhe foram dirigidas, relatou a marcha dos trabalhos e prestou a sua homenagem aos seus colaboradores, srs. Augusto Gomes, Américo Braga, António Santos, Narciso Ricca, etc., e o sr. Raúl Dias, para erguer saudações amigas.

Em nome da Imprensa falou o nosso colega da redacção Eduardo dos Santos (Edurisa), que agradeceu as homenagens ali prestadas aos representantes dos jornais e felicitou os sócios da Livraria Portugália pela obra arrojada que engrandece o Porto e que eles levaram a feito tão brilhantemente.

Ontem, à noite, foi a visita dos livreiros do Porto, aos quais foi também oferecido um *Porto de Honra*, tendo sido proferidos vários discursos.

Hoje, às 16 horas, depois da visita das entidades oficiais, será aberta ao público a nova livraria.

Fig. 8

"A Imprensa visitou, ontem, a filial portuense da Livraria Portugália que abre, hoje, para o público"  
in *O Comércio do Porto* de 21 de Março de 1945



C. M. P. REQUERIMENTOS  
D. S. C. C. - 1.ª Rep.ª (Central)  
Requer.º n.º **14611**  
Regist.º em **3 AGO 1944**

**ARQUIVE-SE**  
EM VISTA DA INFORMAÇÃO  
Porto, em **27** de **AGO** de **1944**  
Pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal do Porto

**POSTO DOS SELLOS**  
2\$50

**PORTUGAL**  
2\$50  
DOIS  
ESC. E MEIO

**CMP AG**

**Averbado em Bo.º n.º 437**  
*M. Gorden*

Sr. Presidente da Camara Municipal do Porto

Eu, abaixo assinado, Luis Queiros Botelho de Sousa, tendo tido conhecimento de que a aprovação por essa Ex.ª Camara do projecto de instalação duma livraria na Rua de Santo Antonio Nº 21o, constante do processo Nº 12.449/44, está dependente dum parecer favoravel da Comissão de Transito, motivada pelo facto das montras do dito estabelecimento sairem fora do alinhamento da fachada cerca de 2o cm., declara por este meio que me comprometo a recua-las para o alinhamento da fachada se tal for exigido pela referida comissão.

Atendendo a este compromisso pedimos a V. Ex.ª a aprovação do projecto citado, antes de ser visto pela Ex.ª Comissão de Transito.

*Lu. 389*

Porto, 3 de Agosto de 1944

*Luis Queiros Botelho de Sousa.*

a) Luis Queiros Botelho de Sousa.

**CAMARA MUNICIPAL DO PORTO**  
3.ª D. RECCAO  
**ENTRADA**  
3 AGOS. 1944

**C. M. P.**  
**ARQUIVO GERAL**  
9 AGT 1949  
**ENTRADA**

Fig 9 - Requerimento



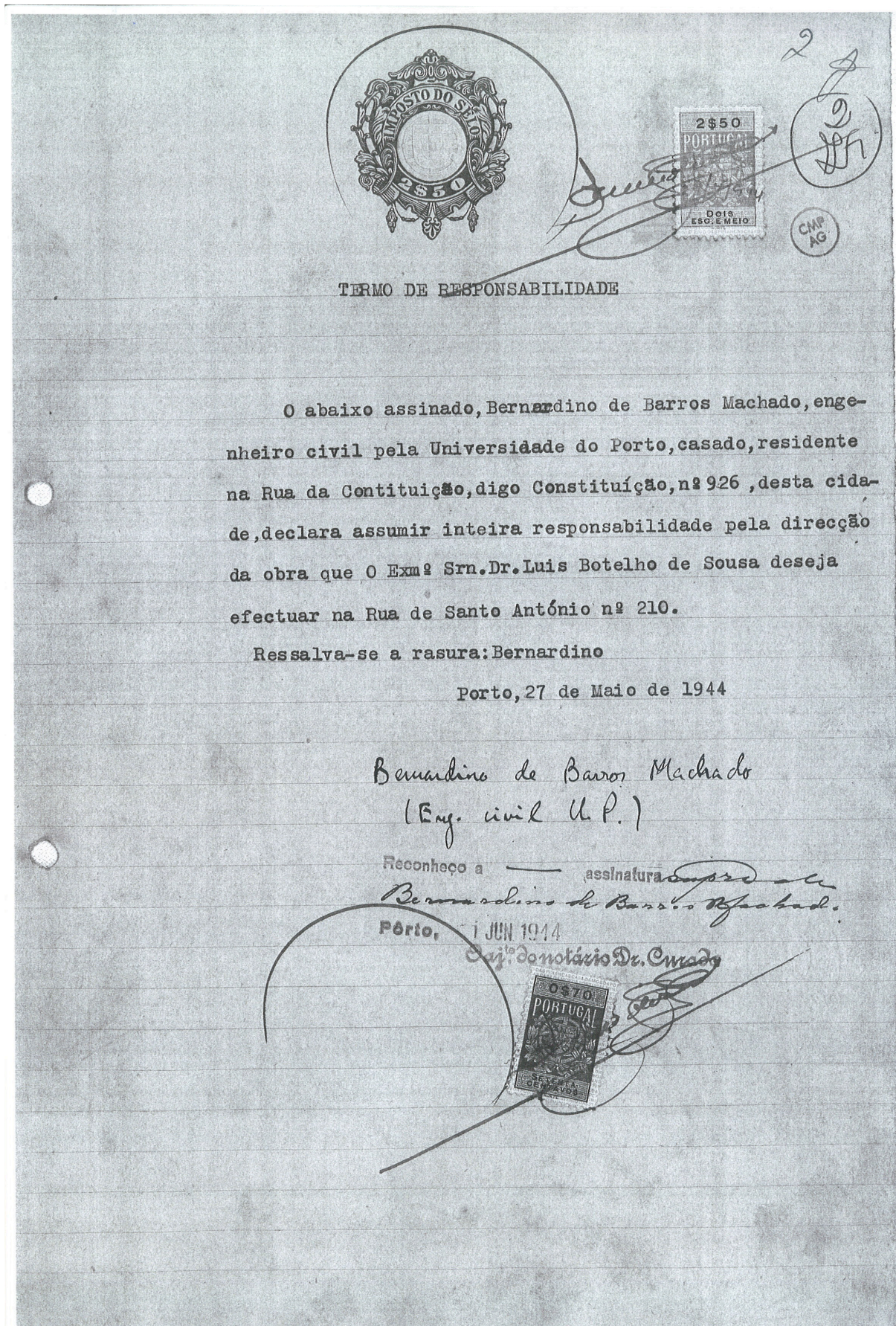


Fig. 10 - Termo de responsabilidade



3

**APROVADO**  
Pôrto, de 3 AGO. 1944 de 19 →  
O PRESIDENTE

*Bernardino de Barros Machado*

2\$50  
PORTUGAL  
5-VI-44  
DOIS  
ESQ. E MEIO

3  
Jfi

CMP  
AG

**MEMORIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA**

No prédio nº 210 da Rua de Santo António, desta cidade, pretende-se proceder a obras de adaptação para a instalação de um estabelecimento comercial cujo fim é o negócio de livraria.

No rés-do-chão e no 1º andar do referido prédio montar-se-á a parte da livraria destinada ao público, reservando-se a cave e os restantes respectivamente para armazem e escritórios diversos da Empresa e nos quais apenas se praticarão ligeiras obras de conservação geral.

Própriamente dita a parte pública da livraria encontrar-se-á apenas no rés-do-chão, porquanto o 1º andar se destina a salão de exposições de livros com significado especial e eventual, para exposição de gravura e ilustração e para exposições mais ou menos permanentes de pintura ou escultura. A sala que se pretende criar no pavimento intermédio, ao fundo do estabelecimento, embora sendo a continuação da livraria, tem também finalidade diferente pois se destina a sala de leitura ou sala de reunião de escritores, artistas e intelectuais.

A livraria, assim devidamente chamada, encontra-se-á no rés-do-chão, funcionando as restantes salas como complementos necessários e indispensáveis a uma boa e moderna livraria. Aliás o objectivo da entidade requerente é precisamente dotar a cidade de um estabelecimento concebido dentro dos mol-

Fig. 11 - Memória descritiva

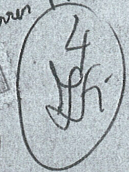


des mais largos e actuais e equipá-lo com o mais completo e especializado recheio.

Nesse espirito se estudou, por exemplo, a solução da colocação das estantes para a exposição dos livros, pela qual vai ser possível ter exposto ao publico um total de mais de 20.000 volumes, o que representa uma capacidade que ultrapassa de longe aquilo que as melhores livrarias do país conseguem ter em exposição. Além disso a solução de arranjo é também uma solução de organização que permitirá ao público aperceber-se facilmente do lugar em que deve encontrar-se o género de livros que procura. A galeria do rés-do-chão, por exemplo, que começa logo á entrada do estabelecimento e acaba na sala de leitura, não poderia logicamente ter outra applicação que não fosse a de colleccionar os livros de character tecnico. A clara e fácil circulação do público é ainda uma característica do presente projecto.

O estabelecimento que se pretende adaptar apresenta no seu estado actual uma dimensão de comprimento a nosso ver exagerada e por isso nos pareceu necessário desde o primeiro estudo resolver o seu consequente efeito estético. O recuo praticado na fachada deu, supomos a apropriada solução, como deu também uma possibilidade de desenvolvimento de vitrinas para o exterior, que o ramo de negocio exigia e a exígua largura da fachada não permitia. Mas o recuo da fachada poderia resultar uma solução estética do exterior mesquinha





e inadequada se fosse praticado apenas correspondente ao pavimento do rés-do-chão. Por isso o recuo abrangeu também o 1.º andar e o resultado foi obter-se uma "devanture" de efeito aparatoso, melhor integrada no aspecto das "devantures" vizinhas e imprimir-se certo carácter académico a um género de negócio que o admite e solicita muito bem.

Por outro lado o corte do pavimento praticado nas traseiras do 1.º andar com fim a relacionar e incorporar melhor a finalidade da sala de exposições no âmbito da livraria e principalmente a criar uma fonte de luz natural no topo do fundo contribui enormemente para atenuar a sensação de desmedida profundidade do estabelecimento.

A decoração interior será sóbria, resumindo-se praticamente aos móveis estritamente necessários. O livro será o principal elemento da decoração, mas far-se-ão, no entanto, umas aplicações de contraplacado pintado por pintor de arte, à maneira de lacas, que darão a nota colorida e o embelesamento ao ambiente acentuadamente funcional.

Sob o ponto de vista construtivo manter-se-á todo o actual material de base e regime, com excepção das fachadas interior e exterior onde no lugar das alvenarias serão colocados linteis de ferro.

Os pavimentos da galeria, da sala de leitura e as respectivas escadas serão de boa madeira, continuando a ser de madeira os pavimentos existentes. Apenas a parte exterior da



escada que liga o 2º andar com o rés do chão será de ferro,  
com o respectivo envidraçado para abrigo das intempéries.  
O material de revestimento da fachada principal será o már-  
more com possíveis aplicações ornamentais de bronze nos  
topos de lado.

Porto, 27 de Maio de 1944

*António Almeida (arg.)*  
*Bernardino de Barros Machado*





Bernardino de Barros Machado

APROVADO

Póvoa, de 3 AGO. 1944 de 19

## CÁLCULO DOS LINTEIS

O PRESIDENTE

A fachada do prédio será rasgada até à altura do pavimento do 2º andar, onde será portanto necessário um lintel que suporte a parede da fachada que lhe fica por cima. Não se pode aqui supor que só uma parte da parede pesaria sobre o lintel porque as janelas impedem a formação dum arco que suportasse a parte da parede que lhe ficasse por cima.

Pêso da parede por cima do lintel:

$$5,00 \cdot 8,30 \cdot 0,70 \cdot 2700 = \quad = 78435 \text{ kg}$$

A descontar os rasgos das janelas:

$$(2,00 \cdot 1,20 + 3,00 \cdot 1,20) \cdot 2,0 \cdot 70 \cdot 2700 = 22680 \text{ "}$$

A descontar diferença de espessura nos peitoris das janelas:

$$2 \cdot 1,00 \cdot 1,20 \cdot 0,42 \cdot 2700 = \quad = 2721 \text{ "}$$

A descontar no total: 25401 kg

$$\text{Ficam portanto } 78435 - 25401 = \quad = 53034 \text{ kg}$$

A somar o pêso das sacadas carregadas:

$$2 \cdot 1,50 \cdot 0,60 \cdot (0,20 \cdot 2700 + 300) = \quad = 1512 \text{ kg}$$

Carga total que incide sobre o lintel

$$\text{Além do pêso próprio: } 54546 \text{ kg}$$

Se escolhermos pois duas vigas de ferro I com 38 cm de altura (perfis normais continentais), pesando 83,4 kg/m, cada uma terá que aguentar com a carga por metro de:

$$54546 / 2 \cdot 5,00 + 83,4 = 5537 \text{ kg/m. O momento máximo, a meio}$$

Fig. 12 - Cálculo dos linteis



do vão será pois:  $M = 5537.5,00^2/8 = 1730300 \text{ kgcm}$ . Como o momento resistente  $W$  da viga escolhida é  $1245 \text{ cm}^3$ , a tensão máxima do ferro será  $\sigma = 1730300/1245 = 1380 \text{ kg/cm}^2$ . Esta tensão não é excessiva se se atender a que no cálculo é impossível entrar em conta com o facto de que as pedras da parede se seguram parcialmente umas às outras.

*Bernardino de Barros Machado*



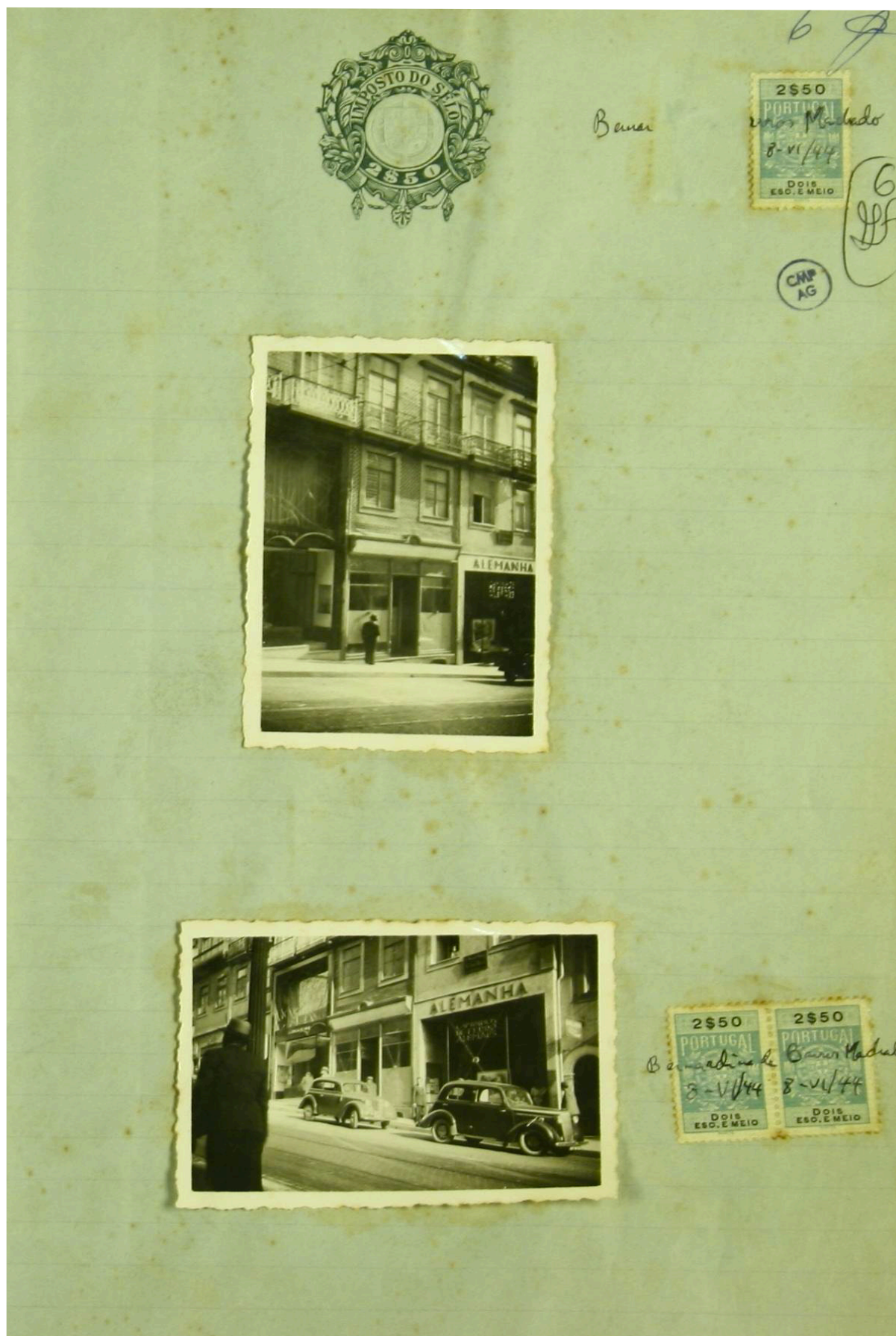


Fig. 13 - Fotos da fachada antes da intervenção



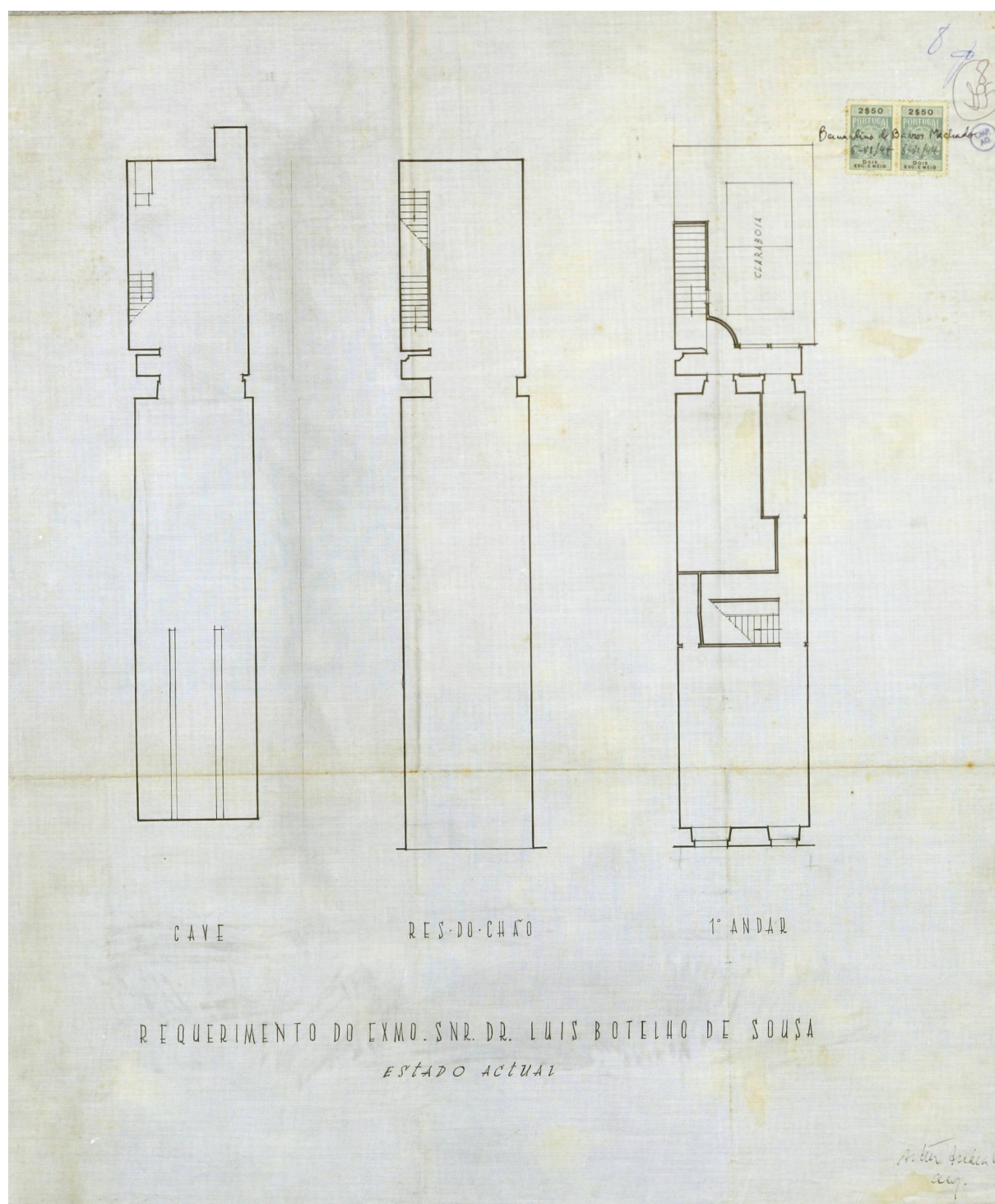


Fig. 14 - Existente: Planta da cave, rés-do-chão e 1º piso



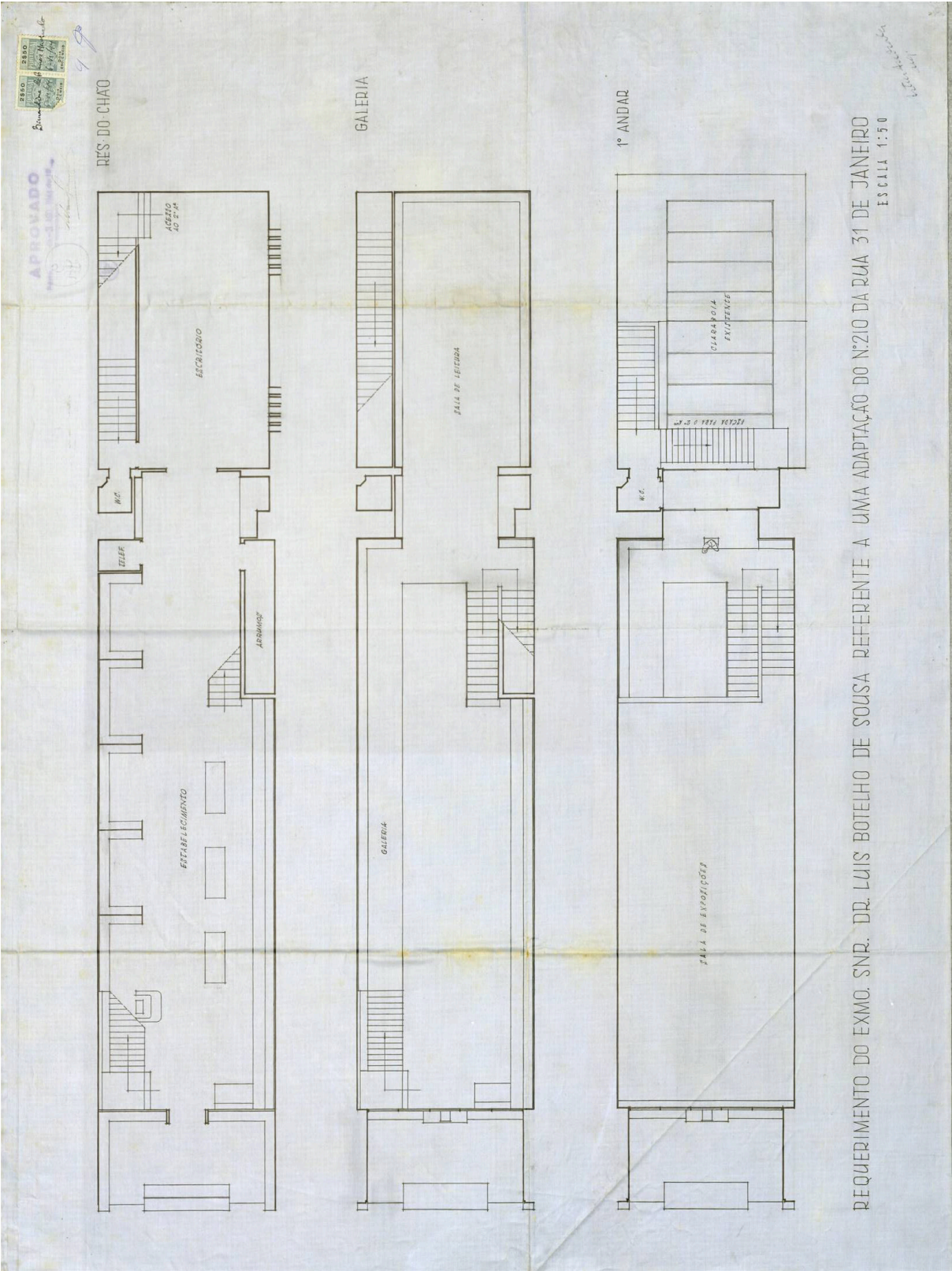


Fig. 15 - Proposta: Planta do rés-do-chão, galeria e 1º piso



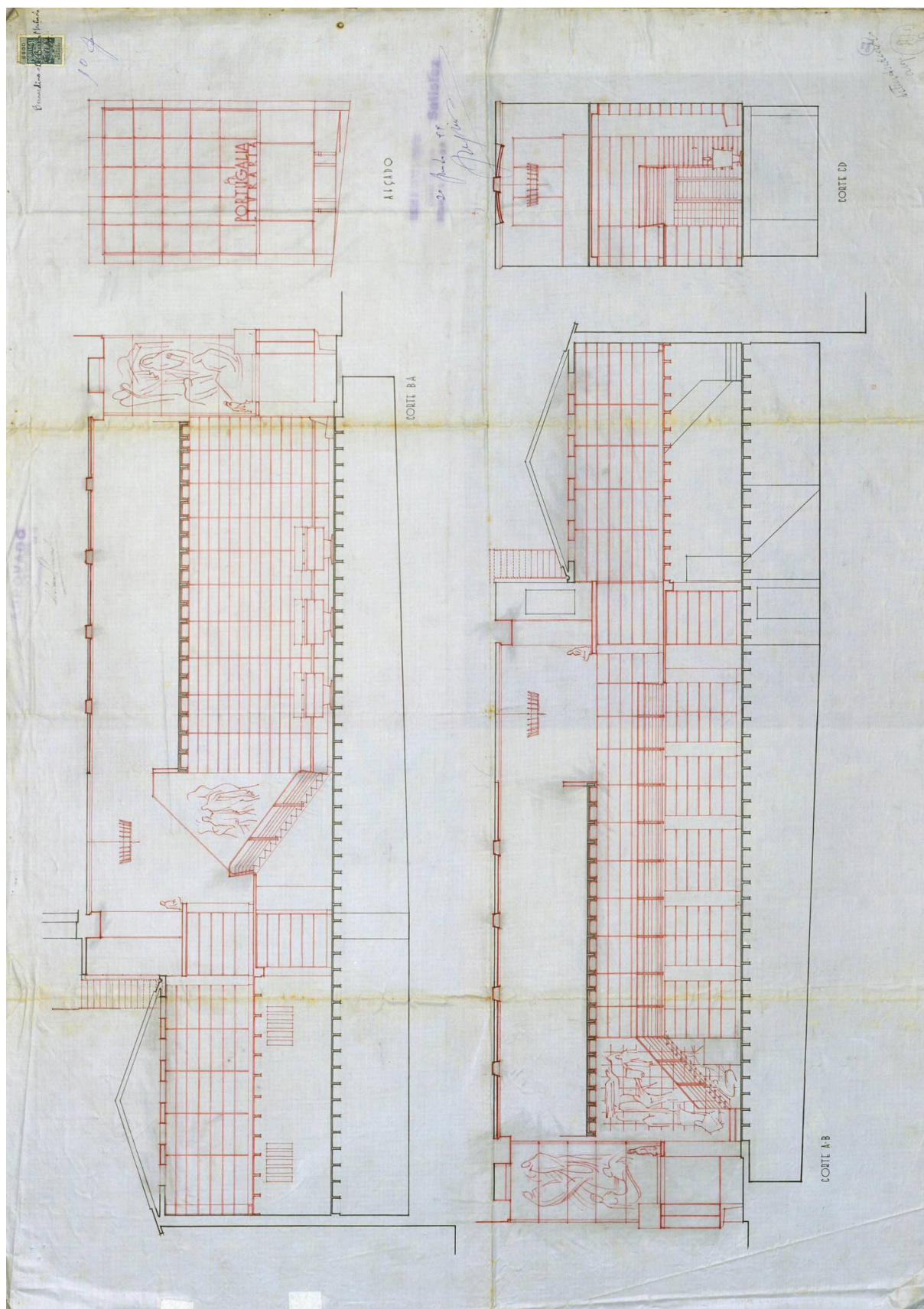


Fig. 16 - Cortes longitudinais AB e BA, corte transversal CD e alçado frontal



12 int 12

**C.M.P. REQUERIMENTOS**  
**D.S.C.C. - 1.ª Rep.ª (Central)**  
 Requer.º n.º **12685**  
 Regist.º em **15 JUN. 1944**

**IMPSTO DO SELLO**  
**2\$50**

**PORTUGAL**  
**2\$50**  
**D.O.S. ESC. MEIO**

**PORTUGAL**  
**2\$50**  
**D.O.S. ESC. MEIO**  
**CNP AG**

**REQUERIMENTO**

*Junto-se ao respectivo processo Ex.º do modo 1944*  
 Porto, 15 de Junho de 1944  
 O Presidente

**Snr. Presidente da Câmara Municipal do Porto:**

O abaixo assinado, Bernardino de Barros Machado, engenheiro civil pela Universidade do Porto, casado, morador na avenida dos Aliados, 151-3º, requer a V.Ex.ª que seja juntado ao processo nº 12449/44, a planta topográfica que acompanha este requerimento.

Pede deferimento.

Porto, 13 de Junho de 1944

*1997*

**Bernardino de Barros Machado**  
 Reconheço a \_\_\_\_\_ assinatura *supra* de *Bernardino de Barros Machado*  
 Porto, 14 JUN 1944

*Dep.º do Sr. Curador*

**PORTUGAL**  
**2\$70**  
**D.O.S. ESC. MEIO**

**C. M. P.**  
**ARQUIVO GERAL**  
 9 AGT 1949  
**ENTRADA**

**CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO**  
**3.ª DIRECÇÃO**  
**ENTRADA**  
 15 JUN. 1944

Fig. 17 - Requerimento anexação planta topográfica



Escudos 255\$00  
 Taxas 3322  
518 / 194 4

Registo { N.º 12449  
 Data 8/6/44

**Câmara Municipal do Pôrto**  
 Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras  
 2.ª REPARTIÇÃO — Edificações Urbanas

Requerente: Luiz Lucio Sotello da Silva  
 Local: R. Santa Helena, 210  
 Especificação da obra: maiores janelas  
 Responsável: Bernardino da Silva Machado

Importâncias a Cobrar: 9509\$00

Obras de 6.ª categoria Prazo da execução 12 meses

TAXAS:

De registo do termo de responsabilidade <u>3</u> meses — dias . . . . .	<u>10\$00</u>
• licença <u>3</u> meses — dias . . . . .	<u>22\$50</u>
• superfície:	
para habitação: — m. q. a — \$ — . . . . .	<u>66\$00</u>
para fins comerciais ou industriais: <u>12</u> m. q. a <u>1\$10</u> . . . . .	
• terraço — m. q. a — \$ — . . . . .	<u>\$</u>
• telheiro ou capoeira — m. q. a — \$ — . . . . .	<u>\$</u>
• muro de vedação — m. l. . . . .	<u>\$</u>
• logradouro — m. q. . . . .	<u>\$</u>
• modificação de fachada:	
— vãos	
<u>3.5</u> m. q. de fachada a <u>3\$00</u> . . . . .	<u>52\$50</u>
• varanda ou sacada — m. l. a — \$ — . . . . .	<u>\$</u>
• corpo saliente <u>5</u> m. l. a <u>12\$00</u> . . . . .	<u>25\$00</u>
• alpendre — m. l. a — \$ — . . . . .	<u>\$</u>
• numeração <u>1</u> números . . . . .	<u>5\$00</u>
• alinhamento ou implantação <u>5</u> m. l. . . . .	<u>5\$00</u>
	<u>196\$00</u>
ADICIONAL de 30% . . . . .	<u>59\$00</u>
DEPÓSITOS DE GARANTIA:	
Da obra . . . . .	<u>\$</u>
Do pavimento . . . . .	<u>\$</u>
Total . . . . .	<u>253\$00</u>

MEDIU: [assinatura] TAXOU: [assinatura]  
 CONFIRIU: [assinatura]

436

Fig. 18 - Pagamento de taxas



14  
JF

Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras  
2.ª REPARTIÇÃO  
EDIFICAÇÕES URBANAS

do processo n.º 12449 44, o qual contém *catoye*

documentos originais e necessárias cópias.

9/VI/44

CMF  
AG

*Proprietário*

Dê-se desde já conhecimento de que deve juntar  
mais uma cópia de planta topográfica e enviar  
à 1.ª Rep. Urbanização, habitação e saneamento,  
Superiores de Sana. e Bat. à Rep. Engenharia para  
se duplicarem na forma.

9-VI-544

J. José Mendes Almeida

Dê-se conhecimento da informação supra.

12/6/944

1.ª REPARTIÇÃO  
Urbanização e Expropriações  
Registada em 12/6/1944

1.ª REPARTIÇÃO  
Urbanização e Expropriações

Alinhamento: *os actuais. Deve seguir-se a  
verificação.*

Numeração: *competem - lha os n.ºs 210 e 212, visto  
do al. ponto para n.º 212. Paga 10x00 de  
taca porque existe o n.º 212.*

19.6.944  
*Alves Duarte*

Fig. 19 - Informação



Em vista das informações dadas, satisfaz com as condições impostas, merecendo deferimento.

Porto, 3 JUL 1944

# Porto.

**SELO CHEFE DA REPARTIÇÃO.**

CHefe DA REPARTIÇÃO,

J. Nascimento e Silva

### Em termos de deferimento

Porto de de L

**Director**

(Salicéia das moitras)

Tiempo en un instante en el  
centro de la ciudad. Un gran silencio  
a las 10 de la noche - solo a las 11 de la  
noche.

7-111 144

for quick

A' Comissão de Transportes,

-7 JUL 1944

Stann

Comissão Municipal de Trânsito  
- Verifica-se do projecto que as encostas  
- central e laterais - avançam sobre o pas-  
- seio cerca de 30 cm.

Fal avanço excede a tolerância permitida, que só em circunstâncias muito especiais, atinge o máximo de 12 cm.

E' esta Comissão de parecer que, no local, nada justifica o avanço pretendido, motivo por que deverá o requerente recorrer ao município para o alinhamento das fachadas do prédio anexo.

2/8/44

O President or Comission,

*W. J. Gould*

Fig. 20 - Informação





# Câmara Municipal do Porto

Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras

2.<sup>a</sup> REPARTIÇÃO — Edificações Urbanas

Fôlha anexa ao alvará de licença N.º 389 de 1944

para obras de 3.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, e 8.<sup>a</sup> categorias

Local Rua de Santo António, nº 210

Especificação da obra Modificar prédio

Nome do proprietário Luiz Queiroz Botelho de Sousa

Nome do técnico Bernardino de Barros Machado

Prazo da licença 90 dias a terminar em 5 Novembro de 1944

## Condições a observar

— Os alvarás de licença e respectivas fôlhas anexas e projectos aprovados devem estar sempre patentes na obra.

— Nenhuma edificação construída, reconstruída ou ampliada pode ser habitada ou ocupada sem a competente licença.

- a) 1.<sup>a</sup> REPARTIÇÃO - Alinhamento e nível de soleiras: os actuais. Tem de requerer a verificação. Numeração: competem-lhe os nºs 210 e 212, orientados de Poente para Nascente.
- b) Comissão de Trânsito - As montras deverão recuar para o alinhamento das fachadas dos prédios anexos.

*[Signature]*  
 Porto e Paços do Concelho, 4 de Agosto de 1944

O Chefe da 2.<sup>a</sup> Repartição

*[Signature]*

Fig. 21 - Folha anexa ao alvará



**C. M. P. REQUERIMENTOS**  
**D.3.C.C.-1.ª Rep.ª (Central)**  
**Requer.º n.º 14611**  
**Regist.º em 3 AGO 1944**

**ARQUIVE-SE**  
**EM VISTA DA INFORMAÇÃO**  
**Porto, em 10 VIII 1944**  
**2.ª SECÇÃO**  
**1.ª Divisão - 1.ª Subdivisão**

**POSTO DO SELLO**  
**2\$50**

**PORTUGAL**  
**2\$50**  
**DOIS**  
**ESC. E MEIO**

**CMP**  
**AG**

**Sr. Presidente da Camara Municipal do Porto**

**Averbado em D.º 118 n.º 437**  
**M. Bordenave**

Eu, abaixo assinado, Luis Queiros Botelho de Sousa, tendo tido conhecimento de que a aprovação por essa Ex.ª Camara do projecto de instalação duma livraria na Rua de Santo Antonio Nº 210, constante do processo Nº 12.449/44, está dependente dum parecer favoravel da Comissão de Transito, motivada pelo facto das montras do dito estabelecimento sairem fora do alinhamento da fachada cerca de 20 cm., declara por este meio que me comprometo a recua-las para o alinhamento da fachada se tal for exigido pela referida comissão.

Atendendo a este compromisso pedimos a V. Ex.ª a aprovação do projecto citado, antes de ser visto pela Ex.ª Comissão de Transito.

*lin. 389*

Porto, 3 de Agosto de 1944

*Luis Queiros Botelho de Sousa*

a) Luis Queiros Botelho de Sousa.

**CAMARA MUNICIPAL DO PORTO**  
**3.ª DIRECÇÃO**  
**ENTRADA**  
**3 AGOS. 1944**

**C. M. P.**  
**ARQUIVO GERAL**  
**9 AGT 1949**  
**ENTRADA**

Fig 22 - Requerimento



2.ª REPARTIÇÃO  
EDIFICAÇÕES URBANAS

f.º nº 14611/40

CMP  
AG

18  
1944

O projecto a que se refere o requerimento junto foi já aprovado com a condição das montes não fazerem saliências as alinhamentos dos prédios antigos.

O requerimento junto deve assinar a requisição e junto ao processo a pm de res-  
posta isto é da licença nº 389/44

12. AGO. 1944

Bauer

Jul. Carlos  
14.10.1944



**IMP. DO S. P.**

19  
55

2\$50  
DOIS  
ESQ. E MEIO

CMP  
AG

**C. M. P. REQUERIMENTOS**  
D. S. C. O. - 1.ª Rep.ª (Central)

Requer.º n.º **13692** Excelentíssimo Senhor Presidente da Excelentíssima  
Regist.º em **11 JUL 1944** Câmara Municipal do Porto

Lançado no **11 JUL 1944** no Boletim n.º **11**

DEFERIDO

Assinado no Boletim n.º **11** *M. Bordenes*

**AMERICO FERREIRA DA SILVA**, constructor civil, morador na Rua  
Dr. Farinhote Nº 27 Pedras Rubras, desejando construir e manter du-  
rante o prazo de trez mezes e meio, um tapume para resguardo dos  
transeuntes, na Rua de Santo Antonio Nº 210 e nas obras requeridas  
pelo Exmº Sr. **BERNARDINO DE BARROS MACHADO** (REGISTO Nº 12.686)  
com as medidas de : frente 5,5 metros; altura 8,00 metros e a maxi-  
ma largura no passeio a consentir pela Excelentíssima Camara, respei-  
tosamente vem requerer a Vossa Excelencia autorisação para o fazer,  
pelo que

O pagamento desta licença deve  
pfectuar-se até ao dia **11 JUL 1944** E.M.D.

Porto, 7 de julho de 1944

3

C. M. P.  
ARQUIVO GERAL  
9 AGT 1949  
**ENTRADA**


*conf-2347 illout*

**CAMARA M. MUNICIPAL DO PORTO**  
3.ª DIV. *Américo Ferreira da Silva*  
**11 JUL 1944**  
**ENTRADA**

Fig. 23 - Requerimento



Escudos 84,00  
 Dobra 3068  
22, 7/194



Registo { N.º 13692  
 Data 11/7/44

(20 Jfi)  
 CMP AG

## Câmara Municipal do Porto

**Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras**  
**2.ª REPARTIÇÃO — Edificações Urbanas**

Requerente: Município Freguesia da Lixa  
 Local: N.º 125 Antonio 210  
 Número de registo do projecto: 12686  
 Número da licença: 389/44

### Importâncias a cobrar

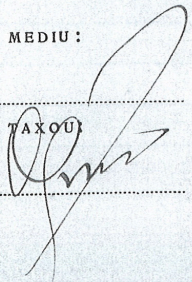
Prazo 90 dias

☐ TAXAS

De ocupação com tapumes:

872 m. l. de vedação a	1,50	23,52
772 m. q. de terreno vedado a	7,50	30,81
• • • andaimes ..... m. l. .... andaes	\$	\$
• • • amassadouros ou entulho ..... m. q. terreno a	\$	\$
• • • materiais ..... m. q. de terreno a	\$	\$
• • • .....	\$	\$
		<u>64,00</u>
ADICIONAL DE 30 %		<u>20,00</u>
Depósito de garantia		\$
		\$
Total		<u>84,00</u>

MEDIU:

TAXOU: 

CONFERIU:

Fig. 24 - Pagamento de taxas



## Informações

### 3.ª Repartição — Arruamentos

Número de pavimentos a resguardar .....

Largura da rua 8,00 .....

Largura do passeio 2,00 .....

#### Ocupação de Via Pública

Largura do passeio 1,40 .....

a) para depósito 5,00 x 1,40 m. q. ....

b) para andaimes ..... m. l. ....

c) para amacadoiros ou ..... m. q. ....

d) para depósitos de material ..... m. q. ....

e) para depósitos de material ..... m. q. ....

f) para depósitos de material ..... m. q. ....

g) para depósitos de material ..... m. q. ....

h) para depósitos de material ..... m. q. ....

i) para depósitos de material ..... m. q. ....

j) para depósitos de material ..... m. q. ....

k) para depósitos de material ..... m. q. ....

l) para depósitos de material ..... m. q. ....

m) para depósitos de material ..... m. q. ....

n) para depósitos de material ..... m. q. ....

o) para depósitos de material ..... m. q. ....

p) para depósitos de material ..... m. q. ....

q) para depósitos de material ..... m. q. ....

r) para depósitos de material ..... m. q. ....

s) para depósitos de material ..... m. q. ....

t) para depósitos de material ..... m. q. ....

u) para depósitos de material ..... m. q. ....

v) para depósitos de material ..... m. q. ....

w) para depósitos de material ..... m. q. ....

x) para depósitos de material ..... m. q. ....

y) para depósitos de material ..... m. q. ....

z) para depósitos de material ..... m. q. ....

Não ha inconveniente, devend.  
pagar as respectivas taxas.

*[Handwritten signature]*

Porto, 10 de Junho de 194 4

3.ª REPARTIÇÃO — ARRUAMENTOS

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

### 2.ª Repartição — Edificações Urbanas





# Câmara Municipal do Porto

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO E OBRAS

2.ª REPARTIÇÃO – Edificações Urbanas

Fôlha anexa ao alvará de licença N.º 111 de 1944  
para ocupação de terreno da via pública

Local Rua de Santo António, 210  
Nome do requerente Américo Ferreira da Silva  
Número da licença da respectiva obra Reg.º 12686/  
Prazo da licença 120 dias que termina em 20 de Novembro 1944

## Condições a observar

— As licenças e respectivas fôlhas anexas devem estar sempre patentes na obra.

— Os tapumes devem ser executados em madeira aparelhada e de modo a oferecerem bom aspecto.

— Os andaimes devem oferecer as necessárias condições de segurança.

— O terreno a ocupar deverá ter as seguintes dimensões :

- a) para tapume 7,70 m. q.
- b) » andaimes ----- m. l.
- c) » amassadouros ou entulhos ----- m. q.
- d) » depósitos de materiais ----- m. q.

— Os tapumes deverão ter 8,30 m. l. e abranger ----- andares.

— Os andaimes deverão abranger ----- andares.

Pôrto e Paços do Concelho, 19 de Julho de 1944

*unif*

pel O Chefe da 2.ª Repartição

*Inf. S. Vasconcelos Gusmão*  
*Inf. S. V. P. A. L.*

Fig. 25 - Fôlha anexa ao alvará



Fig. 26  
Anúncio à Livraria Portugália  
in *O Comércio do Porto* de 31 de  
Março de 1945

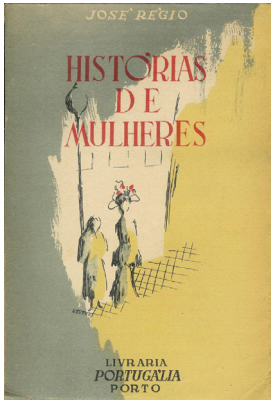
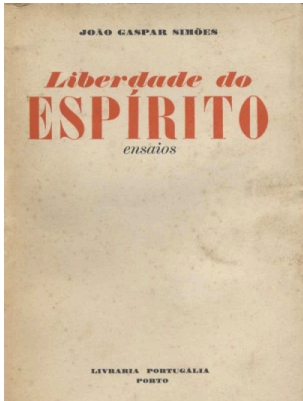
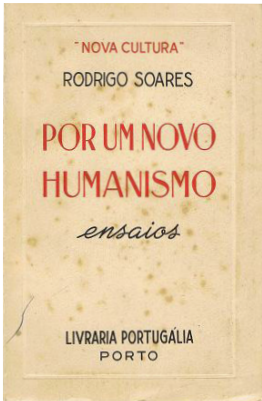


Fig. 27 <i>Por um Novo Humanismo</i> Rodrigo Soares Porto: Portugália Editora, 1947	Fig. 30 <i>Liberdade de Espírito</i> João Gaspar Simões Porto: Portugália Editora, 1946
Fig. 28 <i>Terra com Sede</i> Papiniano Carlos Porto: Portugália Editora, 1946	Fig. 31 <i>Histórias de Mulheres</i> José Régio Porto: Portugália Editora, 1946
Fig. 29 <i>Benilde ou a Virgem Mãe</i> José Régio Porto: Portugália Editora, 1946	Fig. 32 <i>Tragédia Florentina</i> Oscar Wilde Porto: Portugália Editora, 1947

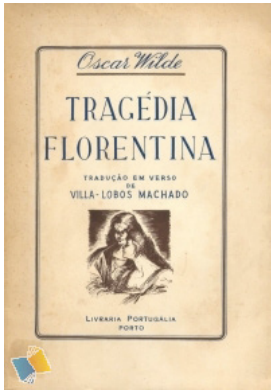






Fig. 33  
Alçado principal da Livraria Portugália, 1945



Fig. 34  
Montra lateral direita da Livraria Portugália, 1945



Fig. 35  
Montra lateral esquerda da Livraria Portugália, 1945



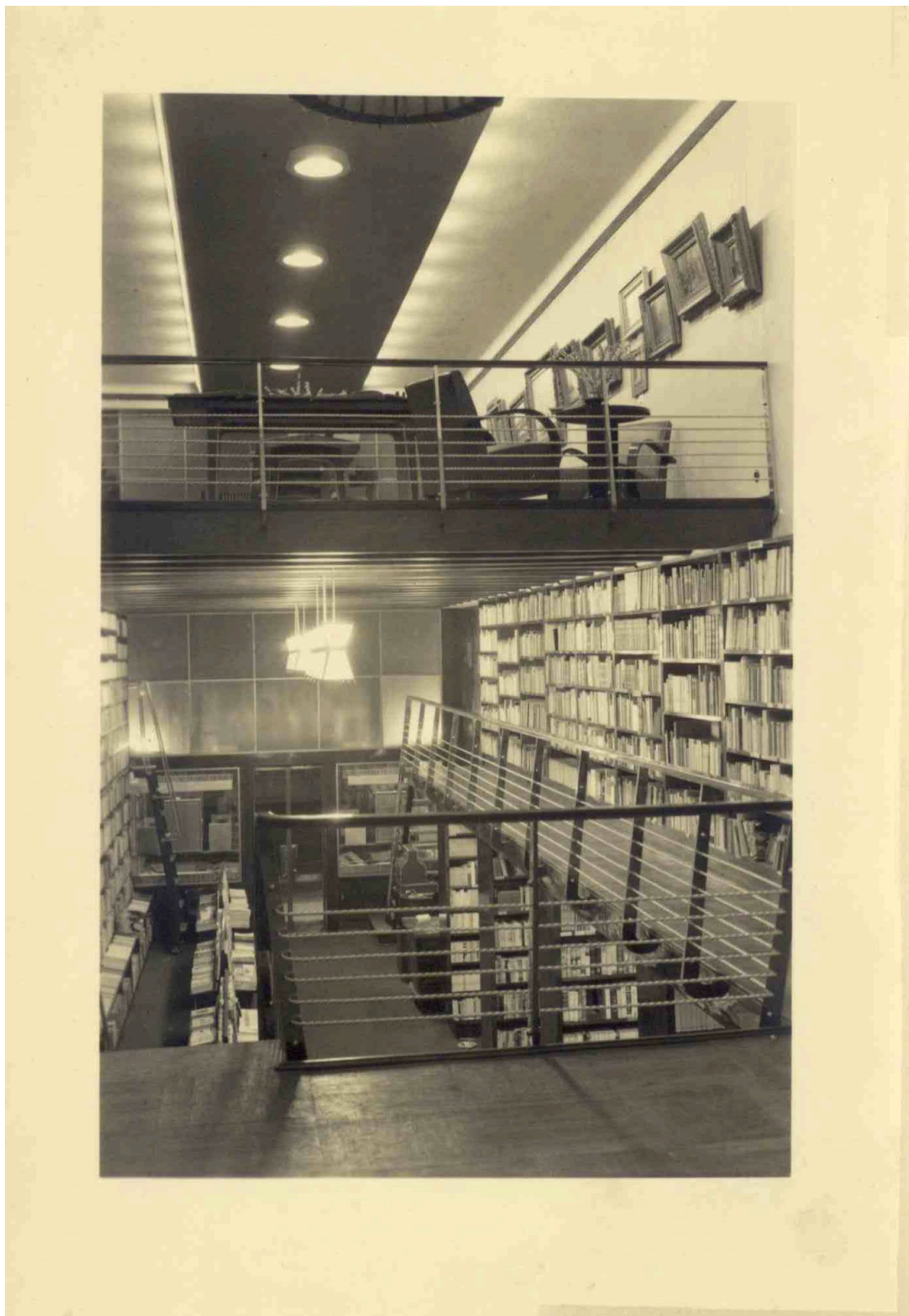


Fig. 36  
Perspectiva interior da Livraria Portuguesa, 1945

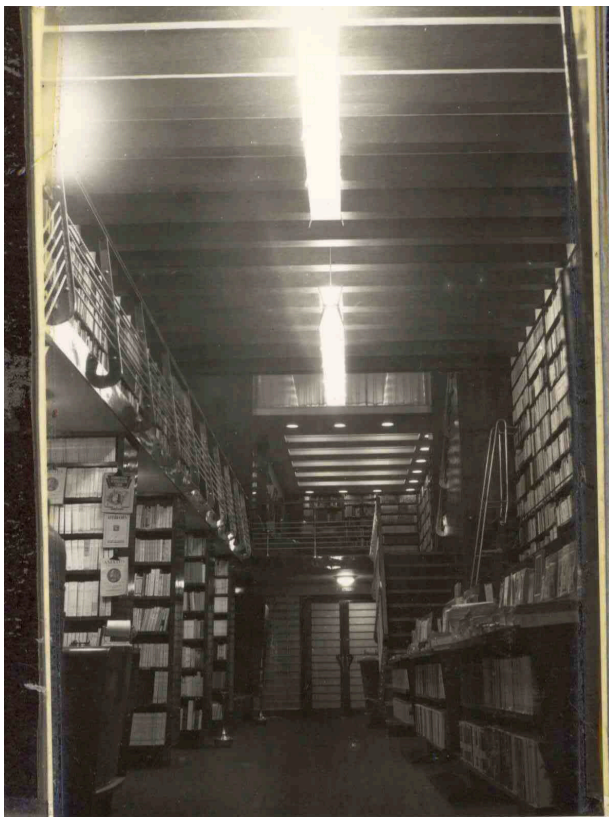


Fig. 37  
Interior da Livraria Portuguesa, 1945



Fig. 38  
Interior da Livraria Portuguesa, 1945



Fig. 39  
Iluminação (pormenor)



Fig. 40  
Iluminação (pormenor)





Fig. 41  
Escada exibindo pintura de Augusto Gomes, 1945



Fig. 42  
Sala de reunião de escritores, 1945

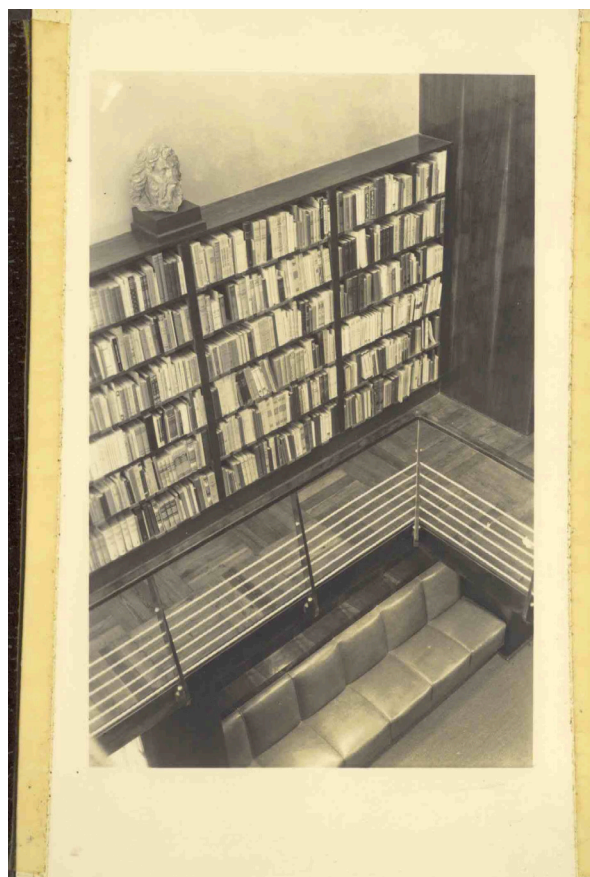


Fig. 43  
Vista sobre a galeria/varandim, 1945



Fig. 44  
Vista sobre a galeria/varandim (pormenor), 1945





Fig. 45  
Escada de acesso à galeria de arte, 1945

Porto, 10. 3.50

Amigo,

Recebi a tua carta de 8, e aqui me vou a dar-lhe resposta.

Olhe que as datas são de 11 a 20 de Abril, e não de 10. O período são de 10 dias! Já lhe tinha dito a data.

Pode mandar os convites directamente à Livraria Portugália, Rua de S.<sup>ta</sup> António, 210 - Porto.

Na sala de exposições, poderá preparar quantos pregos meira, pois tem um dispositivo próprio para não afectar as paredes.

Fora uma vez o aviso de que não conte vender. Por não aceitarem que sejam os pregos, no Porto hoje ninguém tem dinheiro para os artistas. E do meu dever mostrar-lhe claramente a situação, pois seria doloroso ser colhido de surpresa. Pense bem!

Até cá, então?

Um abraço do seu amigo e  
admirador firme

Alberto de Serpa

Porto, 19.2.50

Hein Caro Semke,

O Sr. Teixeira da Rocha, gerente da Portugália comunicou-me que houve um engano lamentável na marcação do prazo para a sua exposição, pois tinha marcado as datas de 20 a 31 de Março. Assim, deverá o meu amigo escolher de 1 a 10 de Abril, ou de 11 a 20 de Abril. Porque chegou o Teixeira da Rocha, sei bem que não pode ter havido senão engano...

Diga-me agora o meu caro Semke a data que lhe convier, para definitivamente ficar marcada.

Espero ir por estes dias a Lisboa, mas com tal pressa que, provavelmente, não poderei procurar ninguém.

Até cá, pois!

Espero as suas notícias para se marcar o dia de abertura da sua exposição.

Um abraço do seu firme  
amigo e admirador

Alberto de Serpa.



Porto, 25.1.50

Meu Caro Amigo,

Estamos, enfim, com tudo combinado.

Basta que os caixotes estejam cá nos dias 17-18 de Março. Acho muito bem que venha o desenhos e as fotos, e permito-me supor que venha, para presidir a tudo, uma daquelas grandes e formidáveis esculturas saídas das suas prodigiosas mãos...

Na Portugália, o catálogo vai por conta dos expositores, de forma que terá o meu amigo de o fazer aí. E será conveniente imprimir convites, que a Portugália manda aos fiéis visitantes das exposições, mais ou menos no seguinte tenor:

H. S.

convida V. Exa. a visitar a exposição de cerâmica que estará patente na galeria da livraria Portugália, à rua de S.<sup>to</sup> António, n.º 210, do dia 21 ao dia 31 de Março.

Isso em uns cartõesinhos pequenos para meter em envelopes.

Um grande abraço do amigo  
e admirador firme Alberto de Serpa.

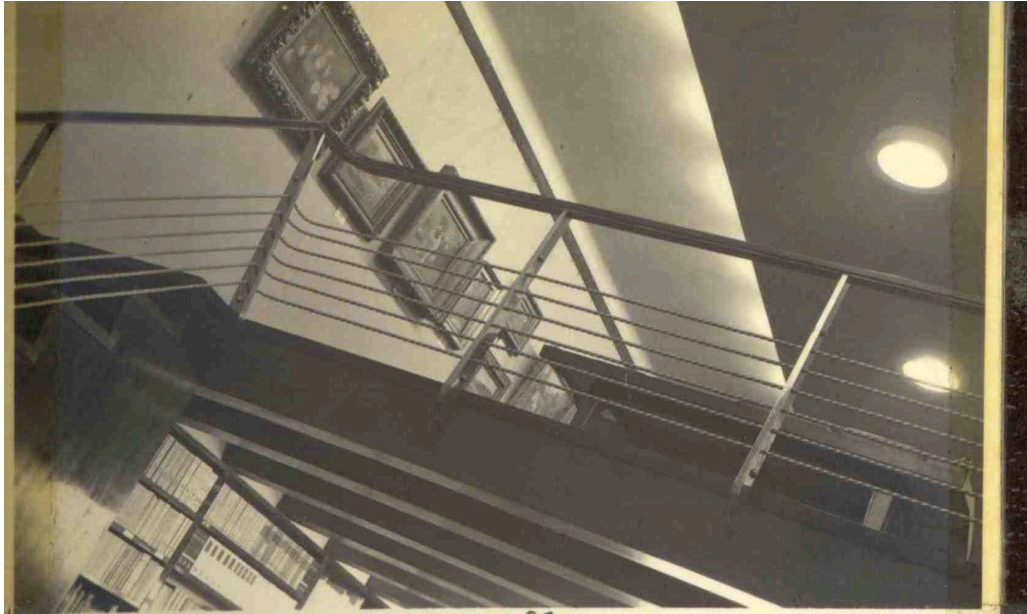


Fig. 49  
Pormenor da galeria de arte ,1945



Fig. 50  
Pormenor da galeria de arte,1945

### 3º Capítulo

#### A galeria de arte da *Livraria Portugália*

Nesta investigação, procurámos identificar as linhas programáticas e as metodologias reservadas à galeria por forma a clarificar as intenções que lhes deram origem: *Como era a sua programação? Por quem era organizada? Que arte aí se mostrava? Com que frequência? Quem a frequentava?*

A falta de informação acerca da programação da galeria, condicionou esta narrativa cuja construção teve de se suportar na análise atenta dos catálogos, fotografias, informação na imprensa e outros, que lhe serviram de base. O estudo desta documentação assim como, mais especificamente, das exposições revelou-se essencial para um entendimento das várias dinâmicas geradas em volta da galeria. A par desta informação, muito do que se escreveu resulta de deduções resultantes de cruzamentos de dados cronológicos, biográficos, documentais, a partir de fatos que nos foram apresentados no decorrer da investigação e que, ou pela sua evidência, recorrência ou semelhança, se verificaram óbvios.

Por meio deste método e posterior análise dos dados obtidos, constatámos uma série de interações e colaborações entre a casa de Lisboa e a do Porto, nomeadamente entre os seus artistas, escritores e capistas. Exemplo desta interação, o artista João da Câmara Leme<sup>261</sup>, que em Lisboa era capista quase em exclusivo da *Portugália Editora*<sup>262</sup>, e que expôs nesta galeria por duas vezes. Também constatámos uma ligação estreita entre vários protagonistas da galeria e alguns dos colaboradores do jornal portuense *O Primeiro de Janeiro*, como Martin Maqueda, cronista e ilustrador tauromáquico neste jornal e que aqui expôs por várias vezes. Também Jaime Brasil, escritor e crítico literário responsável pela página cultural d'*O Primeiro de Janeiro*, *Das Artes das Letras*, prefaciou alguns catálogos de exposições, como o de Carlos Carneiro em Maio de 1945; também João Gaspar Simões, colaborador deste jornal, prefaciou para a Portugália alguns catálogos como o da exposição *Óleos Antigos e desenhos recentes de Júlio* em Novembro de 1945 (na altura em que o crítico dirigia o programa de traduções da Portugália de Lisboa) e de Anne Marie Jauss em Fevereiro de 1946. Caso idêntico verificámos em Alberto de Serpa<sup>263</sup>,

261 João da Câmara Leme (Moçambique, 1930- Lisboa, 1984). Chegado a Lisboa nos anos 50, onde se fixou, exercendo funções de capista e ilustrador na *Portugália Editora*. É considerado por muitos, um dos ilustradores mais talentosos dos anos 60, tendo abordado diferentes estilos gráficos. Entre as suas ilustrações de capas para a *Portugália Editora* contam-se: as capas da coleção *Poetas de Hoje* e *Os Pequenos Pioneiros*, *A Menina Gotinha de Água* de Papiniano Carlos, *Sob Céus Estranhos* de Ilse Losa, etc. Também fez publicidade e direcção artística. Informação obtida em: <http://almanaguesilva.wordpress.com/joao-da-camara-leme/>

262 SANTOS, José da Cruz. ... (*Op. cit.*), p. 17.

263 Alberto de Serpa Esteves de Oliveira (Porto, 1906-1992). Poeta da *Presença* da qual foi secretário, assim como da *Revista de Portugal*, que fundou juntamente com Vitorino Nemésio. Coordenador do suplemento literário d'*O Primeiro de Janeiro* após a saída de Jaime Brasil. Organizou vários volumes de inéditos e dispersos entre os quais *Música Ligeira e Colheita da Tarde*, livros póstumos de José Régio. Publicou vários livros entre os quais: *A Vida é o dia de hoje* (1939), *Drama e Lisboa é longe* (1940), *Retrato e Lição de Gomes Leal* (Porto: Portugália, 1948), e juntamente com José Régio, *Poesia de Amor* (Porto: Livraria Tavares Martins, 1945) e *Na Mão de Deus* (Porto: Portugália Editora, 1948). Informação obtida em: [http://www.cm-matosinhos.pt/pages/561?poi\\_id=3](http://www.cm-matosinhos.pt/pages/561?poi_id=3).



que organizou (ou serviu de intermediário) na realização de algumas exposições (como de Hein Semke e Margarida Schimmelpfennig, em Abril de 1950), escreveu igualmente prefácios (*Aquarelas e desenhos de Paulo Ferreira* em Maio de 1945) e editava através da *Portugália* Porto;<sup>264</sup> Júlio Pomar que aqui expôs duas vezes, desenhava capas para algumas das suas publicações.<sup>265</sup>

Para nos documentarmos de forma rigorosa no que respeita à atividade desenvolvida pela galeria de arte da *Portugália*, assim como pelos seus intervenientes, após a recolha anteriormente referida, efetuamos uma abordagem a várias frentes, incidindo nos aspetos nos quais, nos parece residir a sua singularidade.

Iniciámos então com uma análise à primeira exposição, a exposição inaugural: *Em que contexto específico se realizou? Que obras integrou? Qual o seu propósito?*

De seguida, tentamos compreender o papel desenvolvido tanto por Victor Palla como por Fernando Lanhas e qual o contributo *específico* de cada um enquanto responsável pela direção gráfica assim como pela programação artística da galeria.

O subcapítulo *Atividade permanente: as exposições e a crítica*, inclui o levantamento possível de toda a programação do espaço por forma a instruir uma narrativa que, através de uma exposição sistemática e analítica das opções programáticas e estilísticas, lhe definisse o perfil o mais fielmente possível. Este levantamento foi, em alguns casos, complementado com a respetiva repercussão na crítica, por forma a ancorar estas exposições ao panorama intelectual e artístico da época.

### 3.1

#### A exposição inaugural

A exposição inaugural da galeria da *Livraria Portugália*, abriu ao público no dia 21 de Março de 1945, e consistiu na mostra da coleção particular do seu sócio-gerente e fundador, Agostinho Fernandes - coleção que havia sido iniciada há mais de trinta anos e seria pela primeira vez mostrada na cidade do Porto.

Esta exposição intitulou-se *Exposição de Pintura Portuguesa (séculos XIX e XX)*. No prefácio do catálogo que acompanhava a exposição [fig. 60], Diogo de Macedo felicitava a Livraria Portugália pela iniciativa da abertura de um espaço de vocação artística na cidade do Porto, referindo: “Também nos é grato notar a iniciativa da Livraria Portugália – Porto – casa de comércio e de cultura- , que, ao abrir as suas montras novas aos leitores do Porto, quis, a par da exposição de literatura e de ciência, fundar nesse meio o hábito espiritual e deleitoso da comunhão da arte, expondo proveitosamente e em homenagem à cultura dos portuenses, tão ignorado e escolhido

---

264 Cf. 2º Capítulo.

265 Cf. 2º Capítulo.

agrupamento de quadros, que aí não vão por negócio, mas sim por simpatia de seu dono.”<sup>266</sup>.

A exposição, integrava uma seleção de 36 quadros: de Columbano, *Sarau*; de José Malhoa, *Basta, Meu Pai!*; de Silva Porto, *Barcos do Douro e Vacas (estudo)*; de Carlos Reis, *Casal na Lousã*; de António Ramalho, *Perfil de Senhora*; de Sousa Pinto, *Porto* (pastel); de Veloso Salgado, *Carreta de Bois*; de João Vaz, *Barcos em Setúbal*; de Alfredo Keil, *Caminho Arborizado*; de Ezequiel Pereira, *Paisagem*; de Alves Cardoso, *Baixa de Chaves*; de Mário Augusto, *Confidências*; de Falcão Trigo, *Salgados (Algarve)*; de Frederico Ayres, *Fragatas no Tejo*; de Simão da Veiga, *Touro*; de Portela Júnior, *Maiores*; de Henrique Pousão, *Rapariguinha*; de Marques de Oliveira, *Paisagem*; de Artur Loureiro, *O Guarda (Fox Terrier)*; de João Augusto Ribeiro, *Aldeão*; de António Carneiro, *Cão* (pastel); de Aurélia de Sousa, *Interior*; de António José da Costa, *Camélias*; de Júlio Costa, *Pêros e Camélias*; de Cândido da Cunha, *Paisagem*; de Acácio Lino, *Praia*; de Júlio Ramos, *Paisagem*; de José de Brito, *Paisagem*; de Joaquim Lopes, *Minhotas (estudo)*; de Sofia de Sousa, *Paisagem*; de Abel Salazar, *Mercado*; de Agostinho Salgado, *Lavadeiras*; e de Ernesto Condeixa, *Retrato*.

A escolha de artistas consagrados<sup>267</sup> na história de arte portuguesa, na sua maioria provenientes da escola naturalista de *oitocentos* e *ar-livrista*, apesar de evidenciar o gosto pessoal do colecionador, não terá sido inocente: a seleção de obras, os artistas e as temáticas representadas, correspondiam aos parâmetros artísticos que à época vigoravam e a que ao público, certamente, agradaria. Reforçando esta intenção, a inclusão de artistas oriundos da Escola de Belas-Artes do Porto, como Henrique Pousão, Sousa Pinto, Aurélia e Sofia de Sousa, mais contribuía para, enaltecendo a Academia na formação destes artistas, lhe prestar homenagem, agradando de novo e simultaneamente, o público desta cidade.

A forma como esta exposição foi apresentada – “não por negócio mas por simpatia de seu dono” – remetendo para o facto de o intuito da mostra não ser comercial, mas simplesmente a “contemplanção pura e o deleite” de obras – primas da pintura portuguesa, remete para a bondade de seu dono (que as cedeu para o efeito), e serve o propósito de apresentar à cidade do Porto Agostinho Fernandes, como um benemérito, patrono e amante das artes.<sup>268</sup>

Esta *aposta certa* teria repercussões na imprensa, cuja crítica, lhe foi muito favorável, tecendo elogios à valiosa colecção, à seleção dos trabalhos e – principalmente – à generosidade do industrial que cedera à contemplanção do público a sua colecção particular, fazendo desta forma *propaganda* aos artistas.

<sup>266</sup> MACEDO, Diogo de. Prefácio do catálogo da *Exposição de Pintura Portuguesa (séculos XIX e XX)*. Porto: Livraria Portugal, 1945.

<sup>267</sup> “Nenhum destes artistas, uns consagrados pelo tempo – a história – e outros pela crítica, precisa de qualquer esclarecimento. A sua obra nos museus, louvada pelo público e pelos sabedores na especialidade, é mais do que bastante explicação dos seus privilégios.” in MACEDO, Diogo in prefácio do catálogo da *Exposição de Pintura Portuguesa (séculos XIX e XX)*. Porto: Livraria Portugal, 1945.

<sup>268</sup> “... não vimos apresentar os pintores, mas tão somente o colecionador que os agrupou em sua galeria, sabendo escolher, preferir, defender e... de vez em quando, abrir as portas egoístas de posse, para proporcionar aos estudiosos e amadores a ocasião de os examinar e o regalo de os admirar. Assim mesmo é que deve proceder um colecionador civilizado, se quer merecer o título e a familiaridade com a arte!...” MACEDO, Diogo in prefácio do Catálogo da *Exposição de Pintura Portuguesa (séculos XIX e XX)*. Porto: Livraria Portugal, 1945.

Na imprensa pode ler-se: “(...) trabalhos estão agrupados com proficiência, apurada selecção e nítido sentimento artístico - distraiu o Sr Agostinho Fernandes algumas telas e cedeu-as para com elas, com essa formosa e notável galeria de arte, ser inaugurado o Salão Portugália, novo recinto para exposições que, nas modernas e sumptuosas instalações da Livraria Portugália, é mais um precioso auxiliar para a propaganda dos artistas.” Acrescenta ainda: “A sua inauguração foi das mais brilhantes- pois deu-nos logo na sua primeira exposição, uma belíssima galeria de arte, precioso conjunto de quadros que não são para vender, mas apenas para ver e admirar num fervoroso culto à pintura.”<sup>269</sup>

Estas opções, que presidiram à organização da exposição, conduziram certamente ao sucesso da inauguração da Livraria e às suas *boas-vindas* por parte do público. Afirmativa logo no ato inaugural, com segurança e profissionalismo, a *Portugália* expôs desde o início a sua ambição de alcançar uma posição de relevo na arte e na cultura desta cidade.

### 3.2

#### **A direcção artística e a produção gráfica: Palla e Lanhas**

Ao que tudo indica, a direcção artística da *Portugália* não seria formal nem convencional. Apesar desta *informalidade* e de falta de informação concreta que clarifique o papel desempenhado por cada um dos intervenientes, identificam-se nesta direcção dois períodos distintos, sob responsabilidade de dois protagonistas: o primeiro, durante o ano de 1945, em que este cargo esteve sob responsabilidade de Victor Palla; o segundo, nos anos que se seguiram, a cargo de Fernando Lanhas.

Relativamente ao tempo passado no Porto e ao seu papel na galeria recorda Victor Palla:

“1944- A guerra vai acabar no próximo ano. Estou no Porto a acabar o curso, a viver num quarto de pensão, casado [com Zulcides Saraiva<sup>270</sup>] e com duas filhas. Meu pai mandava-me o que chegava estritamente para dar ao fim do mês à D. Ana (era a dona da pensão). Eu tinha de me arranjar para o resto. Dirigia uma Galeria de Arte (fiz a primeira exposição do Júlio Resende<sup>271</sup>); e cá estou a falar de grafismo, porque projectava os catálogos e ia à tipografia fazê-los(...)”<sup>272</sup>

O papel que Victor Palla desempenhou na galeria de arte da Portugália, não se limitou à programação das exposições, à produção do *design* gráfico e à impressão dos respetivos catálogos;

---

269 *O Comércio do Porto* de Sábado, 24 de Março de 1945. p.4.

270 Leocádia Zulcides Saraiva Baptista Nunes (1915-1999). Escultora, frequentou a Escola de Belas-Artes do Porto. Integrou as *Exposições Independentes*.

271 Exposição individual de aguarelas, realizada em Abril de 1945 na galeria da Livraria *Portugália*.

272 Mello, Thomaz, AZEVEDO, Fernando, PALLA, Victor, Lima de Freitas, Octávio Clérigo, Sebastião Rodrigues. *Falando do Ofício*. Lisboa: Soctip Editora, Novembro 1989.



a seu cargo estava também o *design* de todos os produtos de papelaria de apoio à Livraria [fig. 51 e 52]: o papel de embrulho [fig. 53], para o qual além do *lettering*, também desenhou logotipos para as diversas temáticas de que a livraria dispunha - *Filosofia, Direito, Música, Cinema, Teatro, Medicina e Farmácia, Ciências Naturais, Poesia, Artes Plásticas e Decorativas, Livros Nacionais e Estrangeiros, Exposições de Arte*, etc. e os marcadores de livros [figs. 54, 55 e 56], assim como uma série de estudos para o *layout* gráfico de coleções que a editora pretendia editar [figs. 57 e 58].

A linha gráfica adotada para o material de papelaria, a escolha por um desenho estilizado e sóbrio e por uma tipografia linear, definiam um caráter uno e identitário que marcava a assinatura do local, refletindo uma intenção clara de afirmação de uma imagem publicitária forte.

Para a inauguração, Victor Palla fez a decoração das montras da livraria [fig. 34 e 35], assumindo o papel de vitrinista, que lhe valeu vários elogios na imprensa: “(...) impressiona a grandeza da fachada em forma de átrio imponente, em que andam de mãos dadas a visão do arqto. Artur Vieira de Andrade e a sensibilidade do escultor Américo Braga e dos pintores Augusto Gomes e Victor Palla.”, ou então: “A decoração deste átrio (...) foi feita pelo escultor Américo Braga. As montras que o circundam foram compostas por outro apreciado artista: Victor Palla.”<sup>273</sup>

Victor Palla, ainda enquanto aluno da *Escola de Belas-Artes*, desenvolve diversas atividades paralelas: a par da sua colaboração no *atelier* de Artur Andrade e da direção artística da *Portugália*, pinta óleos e *gouaches*, que oportunamente vende, ao mesmo tempo que faz embalagens de cosméticos e produtos de farmácia.<sup>274</sup> Algumas destas encomendas surgem por intermédio e sugestão do professor Carlos Ramos<sup>275</sup>, que desta forma incentiva o aluno em trabalhos extra escolares, o que terá, muito provavelmente, contribuído para a carreira que posteriormente construiria enquanto *designer* gráfico.

Uma análise atenta aos catálogos das exposições realizadas durante o seu primeiro ano de atividade, revela semelhanças notórias entre alguns deles, tanto no *layout* gráfico como na organização dos conteúdos, nomeadamente nos correspondentes aos meses de Março a Maio. Relacionando esses catálogos e respetivas datas com a biografia de Victor Palla, concluímos que, estes correspondem aos meses em que Palla esteve no Porto e terá dirigido a galeria (entre Março e Julho de 1945, altura em que conclui o curso<sup>276</sup> e abandona a cidade).

Observando os catálogos, no rigor do seu *layout* gráfico - de grande sobriedade e equilíbrio - assim como os respetivos conteúdos, todos eles integrando um prefácio, (sempre redigido por historiadores de arte ou artistas) com a inclusão de várias reproduções das obras,

273 A *Tarde* 20 de Março de 1945.

274 Cf. *Falando do Ofício* (*Op. cit.*) e MARTINS, João Palla. *O Lugar do Desenho na obra de Victor Palla ...* (*Op cit.*). p.54. Tese de doutoramento não publicada.

275 MARTINS, João Palla. *Victor Palla (1922-2006) Um Levantamento Crítico*, p.28. Tese de mestrado não publicada.

276 MARTINS, João Palla. *Victor Palla (1922- 2006) ...* (*Op cit.*). p. 30

constituindo um pequeno livro, rico em informação complementar às exposições, sobressai um registo pessoal de cuidada composição e conteúdo, próprio de um profissional/arquiteto como Victor Palla; pelo que supomos que estes catálogos serão de sua autoria.

Victor Palla terá desta forma realizado o *design* gráfico e organizado as exposições correspondentes aos catálogos em questão: *Exposição de Pintura portuguesa sécs. XIX e XX* [fig. 60], em Março; *Ayres de Carvalho* [fig. 61] e *Aquarelas de Júlio Resende* [fig. 62], em Abril; *Carlos Carneiro* [fig. 63]<sup>277</sup> em Maio. Da *época Palla*, ficam alguns exemplares em catálogos/livro, prefaciados por críticos de prestígio ou artistas<sup>278</sup>, ilustrados com reproduções de algumas obras em exposição e de cujas edições foram feitas tiragens especiais, numeradas e assinadas pelo artista expositor, que depois eram colocadas à venda.<sup>279</sup> Para os catálogos terá desenhado igualmente uma insígnia, um *ex-libris* da *Portugália* que surgia na primeira página [fig. 59].

Quando Palla abandona o Porto, uma nova etapa se inicia na galeria. É neste contexto que surge a figura de Fernando Lanhas. Ao que tudo indica<sup>280</sup>, Lanhas é a peça central que estabelece a “ponte” entre a galeria de arte e os estudantes da Escola de Belas-Artes. Organiza exposições dos colegas que habitualmente o acompanham nas *Exposições Independentes*, e desenha catálogos para as suas exposições individuais; aqui, incluem-se Nadir Afonso [fig. 129], Aníbal Alcino [fig. 78 e 120], Arthur da Fonseca [fig. 115 e 123], Neves e Sousa [fig. 108] e Isolino Vaz [fig. 119].

O *design* dos catálogos assume então, uma identidade única e inconfundível que denuncia o seu autor; a simplicidade da composição, consiste no desenho/retrato dos artistas expositores, desenhado por Fernando Lanhas. Aliada à simplicidade do retrato, a sobriedade da tipografia, o enquadramento do desenho na capa: toda a estrutura geral é reveladora de um equilíbrio compositivo e geométrico que em muito contribui para a boa imagem gráfica de toda a produção complementar às exposições. Este rigor que transparece de toda a linha gráfica, não só confere unidade, como demonstra rigor e profissionalismo – contribuindo para a boa imagem da galeria.

Pela sua qualidade gráfica e artística, o núcleo de catálogos desenhado por Lanhas ou que tiveram a sua participação, é facilmente reconhecível, destacando-se entre as dezenas de outros catálogos que foram realizados para as exposições aqui organizadas.

Embora não tenhamos dados que o comprovem, além dos catálogos citados, parece-nos que os catálogos *Resende* [fig. 72 e 126], *Oddvard Straume* [fig. 130], *Aspetos de Paris* [fig. 118], *Neves e Sousa* [fig. 108], assim como os catálogos *Exposição Infantil* [fig. 124] e *Maria Leonor Praça* [fig. 132], -

277 Embora tenha sido realizada ainda durante a *época Palla*, o catálogo da exposição *Aquarelas e Desenhos de Paulo Ferreira* poderá não ser do mesmo autor, uma vez que apresenta algumas diferenças no respetivo *design* gráfico.

278 Nomeadamente Diogo de Macedo, Fernando de Pamplona, Júlio Pomar e Jaime Brasil.

279 “A mesma livraria teve a iniciativa de fazer, para venda ao público, brochuras com reproduções das obras expostas, uma notícia biográfica do expositor e alguns excertos de críticos, tudo antecedido por um prefácio” in *O Primeiro de Janeiro* de 11 de Abril de 1945. p.3.

280 Dedução a partir da observação comparada de todas as exposições e catálogos da galeria da *Portugália*.

exposições por si organizadas - atendendo às suas características, também serão de sua autoria.

A propósito do cunho pessoal que Fernando Lanhas imprimia aos catálogos, refere Fernando Guedes: “a marca do agente catalisador de entusiasmos e energias ficou marcada nos catálogos, quer pelo retrato do artista quer pelo simples arranjo gráfico.”<sup>281</sup>

Da sua autoria eram igualmente os catálogos das Exposições Independentes que, por seu intermédio, aqui começaram a ser realizadas a partir de 1946. A insígnia do grupo, foi desenhada por Lanhas: um *i*, inscrito num rectângulo, desenhado com o auxílio de um traçado geométrico de proporção áurea.

Durante os anos em que colaborou com a Portugália, organizou inúmeras exposições realizando o desenho dos catálogos ou para estes contribuindo; no entanto parece-nos que a sua atividade esteve particularmente ativa nos anos de 1948 e 1949, após a conclusão do curso de arquitetura.

No que se refere à restante programação que compunha o calendário mensal, supomos que, naturalmente,<sup>282</sup> estaria a cargo do gerente, o Dr. Teixeira da Rocha que colocaria a galeria à disposição de quem lá quisesse organizar exposições.<sup>283</sup> Talvez seja este o motivo pelo qual se verifica uma grande variedade e diversidade de exposições: quer na temática, quer na qualidade.

Para estas exposições, de um modo geral, os convites e os catálogos estavam a cargo dos artistas expositores<sup>284</sup>:

“Na Portugália, os catálogos são por conta dos expositores, de forma que terá o meu Amigo de os fazer aí.”<sup>285</sup> adverte o poeta e escritor Alberto de Serpa a Hein Semke, em carta datada de 25 de Janeiro de 1950 [fig. 48], quando estaria a organizar a vinda do escultor ao Porto para uma exposição nesta galeria. Acrescenta ainda:

“E será conveniente imprimir convites, que a Portugália manda aos fieis visitantes das exposições, mais ou menos nos seguintes termos:

**H.S.**

Convida V. Ex.a a visitar a exposição de cerâmica que estará patente na galeria da Livraria Portugália, à Rua de Santo António, nº 210, do dia 21 ao dia 31 de Março.”

Remata: “Isto nuns cartõezinhos pequenos, para meter num envelope.” O motivo da existência

281 GUEDES, Fernando. “Vinte anos depois” in [+ de] 20 Grupos e episódios ... (Op. cit.), p. 61.

282 Cf. SERPA, Alberto – [carta] 1950 Fevereiro 19, Porto [a] Hein Semke [manuscrito]. 1950. 1f. Acessível no Arquivo de Hein Semke. p. XLV e GUEDES, Fernando. *Dois Comunicações ...* (Op. Cit.). p.22.

283 Victor Palla, Fernando Lanhas, Alvaro Bordalo e Alberto de Serpa terão sido alguns dos que aqui organizaram exposições. Cf. 3.4. Atividade permanente: as exposições e a crítica.

284 Sobre o pagamento dos catálogos concretamente das *Exposições Independentes*, refere Querubim Lapa em conversa com a autora em Dezembro de 2012: “Quem pagava os catálogos devia ser o Lanhas, porque depois vinha pedir-nos uma pequena importância...”

285 SERPA, Alberto – [carta] 1950 Março 10, Porto [a] Hein Semke [manuscrito]. 1950. 1f. Acessível no Arquivo de Hein Semke. p. XLIV.



dos mais variados formatos de catálogos, desde a simples folha dobrada a meio, impressa a uma só cor, a catálogos em livro contendo várias páginas, com prefácios e ainda algumas reproduções das obras expostas, residia na escolha do expositor, que faria os seus catálogos de acordo com a quantia que estivesse disposto a gastar: motivo pelo qual várias exposições aqui foram realizadas sem que delas se fizesse catálogo algum<sup>286</sup>.

### 3.3

#### Atividade permanente: as exposições e a crítica

A ocupação da galeria da Portugalia era permanente, não havendo intervalo entre exposições temporárias, que tinham duração, na sua maioria, de 10 dias.<sup>287</sup> A lacuna de registos relativa aos meses de Julho, Agosto e Setembro, indica que a galeria faria um interregno na programação,<sup>288</sup> que posteriormente seria retomada em Outubro, com uma *Inauguração da época de Outono*<sup>289</sup>, habitualmente assinalada com “manifestações culturais de vária ordem, como concertos, conferências, exposições de arte e outras.”<sup>290</sup>

Durante os sete anos de existência da galeria, muitos foram os artistas que aqui passaram, conhecidos ou não, provenientes das mais diversas áreas, da pintura à escultura, passando pela arquitetura e pelas artes decorativas. Esta diversidade expositiva<sup>291</sup>, como já foi referido, resultava do fato de o gerente colocar o espaço à disposição de quem aí quisesse realizar atividades.<sup>292</sup>

Apresentamos a seguir o calendário da programação que foi possível construir e organizar mediante a informação que reunimos durante esta investigação, pelo que foi condicionado pela disponibilidade da mesma.

A seleção de algumas exposições para mais detalhadamente pormenorizar em detrimento de outras, obedeceu a dois critérios: as exposições mais noticiadas na imprensa (ainda que de artistas hoje para nós desconhecidos); e as exposições de artistas hoje reconhecidos, ainda que na altura não o fossem, nem despertassem o interesse da crítica. Incluímos ainda exposições

---

286 É o caso das três exposições que o pintor Domingos Lopes aqui realizou, das quais nunca existiu catálogo.

287 Informação deduzida após consulta de todos os jornais diários *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro* entre 1945 e 1951.

288 Muito à semelhança do que ainda hoje se pratica.

289 Exposição de Hébil a *Inauguração da época de Outono*.

290 *O Comércio do Porto* de 12 de Outubro de 1945.

291 O professor Álvaro Bordalo organizou aí (pelo menos) duas exposições de carácter bibliográfico e documental: uma sobre Teixeira de Pascoas integrando toda a sua bibliografia, e outra de livros com dedicatórias que ele encontrava nos alfarrabistas e que teriam sido vendidos pelos “ditos” a quem tinham sido dedicados – “exposição algo cómica e subversiva à volta da qual houve muitas surpresas”. In GONÇALVES, Egito. “Agostinho Fernandes e a Portugalia” in SANTOS, José da Cruz (coord.). *Op. cit.* p. 51. Na Portugalia houve ainda lugar a manifestações artísticas de ordem vária como as palestras proferidas por António Reis sobre Van Gogh (in PORTO, Carlos. *Livrarias e Livreros Histórias Portuenses (1945-1994)*. Porto: Livraria Leitura, 1994.) ou sobre *Da Personalidade na Arte* (proferida em Maio de 1950.)

292 GUEDES, Fernando. Duas Comunicações .... (*Op. cit.*). p. 22.

que pela sua especificidade *-Exposição Infantil-* ou pela sua importância histórica *-Exposições Independentes-*, se tornasse um imperativo a sua inclusão.

Analisando o universo das exposições cujo registo possuímos, sobressai de imediato um grande número de exposições de mulheres, artistas estrangeiros, estreias de jovens artistas, arte infantil, alunos da Escola de Belas-Artes, artistas conhecidos e outros desconhecidos, artistas auto didatas e ainda outros, provenientes das mais diversas áreas.

Esta diversidade desenha um padrão, revelador da identidade desta galeria que importa, neste capítulo, imprimir, pelo que procurámos que da programação enunciada articulada com os destaques, sobressaíssem as características mais específicas, que consideramos que definem o perfil da galeria da Portugália.

A adoção de um sistema de ordenação cronológica, iniciando em 1945 e terminando em 1951, pareceu-nos a mais indicada, uma vez que agiliza a perceção, da verdadeira ordem dos acontecimentos, do percurso efetuado desde a primeira à última exposição.

Em segundo lugar, o agrupamento por anos, foi favorável, uma vez que nos permitiu a realização de um balanço para cada ano. Este balanço, a par das exposições detalhadas, ajudam a ter uma perceção geral das atividades mais relevantes da galeria.

Na seleção que efectuámos e na apresentação detalhada de algumas exposições, associámos sempre que possível, informação sobre o acolhimento da crítica da época, na imprensa, ou noutras publicações.

## 1945

### exposições identificadas

A assinalar o primeiro ano de atividade da *Portugália*, em 1945<sup>293</sup>, nos seis meses em que a galeria realizou programação (uma vez que iniciou atividade a 21 de Março à que se seguiu um interregno durante os três meses que correspondem ao Verão), registámos onze exposições,<sup>294</sup> nomeadamente: *Exposição de Pintura Portuguesa (séculos XIX e XX)*<sup>295</sup> [fig. 60] em Março; *Ayres de Carvalho*<sup>296</sup> (óleos e desenhos) [fig. 61] e *Aquarelas de Júlio Resende* [fig. 62] em Abril; *Carlos Carneiro* (óleos, desenhos, desenhos aquarelados, gouaches e aquarelas) [fig. 63] e *Aquarelas e Desenhos de Paulo Ferreira* [fig. 64], em Maio; *Exposição de Pintura de Alberto Hébil* (óleos e pastéis) em Outubro; *Exposição 50 desenhos a nanquim de Júlio* [fig. 65] e *Desenhos de Maria Helena Cordeiro* [fig. 66] em Novembro; *Martins da Costa*, *Exposição de Gretchen Wohlwill* (aquarelas, desenhos e arte gráfica) [fig. 67] e *Mart*

293 Cf. Cronograma Ilustrado. p. LV.

294 Exposições registadas após consulta dos jornais diários *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*. É provável que se tenham realizado mais exposições e que não tenham sido anunciadas na imprensa; ficando portanto por registar.

295 Cf. 3.1 do 3º Capítulo.

296 Ayres de Carvalho (1911-1997). Discípulo de Veloso Salgado e Varela Aldemira.

*Huguenin*<sup>297</sup>, em Dezembro.<sup>298</sup>

### exposições destacadas

**01.** *Ayres de Carvalho* **02.** *Aquarelas de Júlio Resende* **03.** *Carlos Carneiro* **04.** *Exposição de Pintura de Alberto Hêbil* **05.** *Exposição 50 desenhos a nanquim de Júlio.*

**01.** Após a exposição inaugural, profusamente noticiada na imprensa, (sem outra igual, durante os sete anos em que esteve em atividade), é iniciada a programação regular, com uma exposição de *Ayres de Carvalho*, realizada entre 7 e 20 de Abril.

Este artista, discípulo de Veloso Salgado, paisagista e pintor de figura,<sup>299</sup> era natural do Porto embora residisse em Lisboa, onde se havia diplomado pela *Escola de Belas-Artes*. Para a estreia nesta cidade, traz 40 trabalhos, entre os quais, alguns já integrados na colecção do *Museu de Arte Contemporânea* de Lisboa: *Gente do Mar - Matozinhos* (1940) e *Pastores da Serra da Estrela* (1938).

Tanto *O Primeiro de Janeiro* como *O Comércio do Porto*, saúdam as qualidades do pintor. Todos referem a sua modernidade, embora profundamente assente numa sólida base académica, afirmando que este “não enfileira no grupo de mediocridades que pretende dar novas formas à arte de pintar”<sup>300</sup> Acerca da modernidade e do desenho, *O Primeiro de Janeiro*, refere: “Os seus quadros, dentro dos moldes modernos, agradam. Têm sobretudo desenho; revelam delicada sensibilidade; distinguem-se pelas tonalidades vibrantes, austeras, verdadeiras”. *O Comércio do Porto*, por sua vez, elogia o “pintor-intelectual, profundo psicólogo, penetrante observador, meio filósofo e sociólogo, de sensibilidade lírico-romântica.” O desenho, enquanto disciplina fundamental, na base de qualquer bom e rigoroso óleo é também elogiado - mais uma vez remetendo à sólida base académica. O cunho social presente em algumas obras como *Mineiros* ou *Regresso à Terra*, é visto com agrado, assim como o espírito de observação denunciado nas paisagens como *Primavera sem sol*, e nos retratos.

Em sintonia com a crítica jornalística, está o texto de Fernando de Pamplona, inserido

---

297 Mart Huguenin. (?-?). Artista estrangeira residente em Portugal. Discípula de Jean Camus em Paris e de Aldo Carpi em Itália. Expôs obra nas Exposições de Arte Moderna organizadas pelo S.N.I. Em Lisboa e no Porto, onde obteve em 1950, o prémio Armando de Basto. Informação obtida em: PAMPLONA, Fernando. *Dicionário .... (Op. cit.)* vol. III, p. 123.

298 Através da leitura da rubrica *ECOS* inserida n’*O Primeiro de Janeiro* de 17 de Outubro de 1945 e de 12 de Dezembro do mesmo ano, temos indicação da realização de mais duas exposições, acima não mencionadas pela falta informação adicional, não foi possível o seu registo. São elas respetivamente dos artistas Marthe Huguenin e António Cruz; Referem os artigos: “Na excelente Galeria de Arte da Livraria Portugália, desta cidade, realizam nos próximos meses, exposições individuais dos seus trabalhos, os artistas Júlio dos Reis Pereira, Maria Helena Cordeiro, Martins da Costa e Marthe Huguenin. Oportunamente indicaremos as datas exactas em que se realizam essas exposições.” e “Na segunda quinzena deste mês, exporá na Galeria de arte da Portugália, desta cidade, os seus trabalhos de aquarela, desenho, água forte e linóleo, a artista Gretchen Wohlwill. A seguir exporá no mesmo local as suas aquarelas o pintor António Cruz.”, respetivamente.

299 PAMPLONA, Fernando. *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*. Vol. II. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1991. p. 61.

300 *O Primeiro de Janeiro* de 8 de Abril de 1945.



no catálogo<sup>301</sup>, onde enfatiza o aprendizado dos mestres e o poder de síntese que a partir daí o pintor soube realizar. A importância do desenho enquanto elemento fundamental que confere *solidez de estrutura das telas*<sup>302</sup>; na qualidade de paisagista, o destaque vai para obras como: *Velho castanheiro*, *A Caseira* “soberba interpretação psicológica tocada de dramatismo”, *Gente do Mar*, *Primavera sem sol* “traduz esparsa melancolia e integra bem as figuras na unidade ambiente”. O sentido social é novamente evocado, nas obras: *Pastores*, *Mineiros*, *Regresso à Terra e Pobres*.

As temáticas de *paisagem* e *retrato* são também da preferência do historiador, apontando na primeira categoria os trechos da *Serra da Estrela* e na segunda, *Elda*.

**02.** Este ano assinala a estreia de Júlio Resende, artista recém diplomado, numa exposição individual constituída por 23 aguarelas; 6 das quais reproduzidas num catálogo<sup>303</sup> (nomeadamente, *Veleiro*, *Arvores da Alfândega*, *Margens do Rio*, *Sinaleiro*, *Homens do Rio*, *Movimento na Ribeira*), com prefácio de autoria de Júlio Pomar, que também lhe reservou pela mesma altura, uma entrevista no jornal *A Tarde*<sup>304</sup>, aquando da montagem da exposição na Portugal.

No catálogo, Pomar tece elogiosos comentários às aguarelas realçando que “Resende sabe que a expressão não se atinge pela acumulação de pormenores - de desenho ou cor - mas pela sua eliminação”, remetendo para a depuração de detalhe e simplificação de formas que as pinceladas rápidas e largas e a própria condição do material impõem e que Resende tão bem terá compreendido. Conclui ainda lançando um apelo a todos os visitantes: “Vejam-se, sem pressas nem desconfianças, antes com sincera vontade de compreensão, todas as aguarelas de Júlio Resende. Percorramo-las atenta e honestamente. Tão honestamente como ele as pintou.”

Contraponto à opinião de Pomar encontramos na imprensa nomeadamente n’*O Comércio do Porto*<sup>305</sup>, onde são igualmente reconhecidas ao artista “qualidades e sentimento artístico”, mas pelos motivos opostos aos que estiveram na génese dos elogios de Júlio Pomar: precisamente por Resende “parecer desprezar os modernismos que em tempos havia cultivado”, e neste momento enveredando pelo “bom caminho da arte”. Finaliza o artigo com uma advertência num maior cuidado no desenho que o artista, embora possuindo, por vontade própria não estaria a praticar. Refere ainda que “a exposição foi muito visitada” e foram adquiridos diversos trabalhos.

**03.** Carlos Carneiro (1900-1971), que nesta altura era já um artista experiente, inicia a temporada do mês de Maio, expondo óleos, aguarelas, desenhos e *gouaches*, num total de 33 obras.

O catálogo<sup>306</sup>, com prefácio de Jaime Brasil contém 6 reproduções de obras expostas:

301 Desta edição foi feita uma tiragem especial de 300 exemplares, numerados e rubricados pelo artista expositor.

302 Prefácio do catálogo *Ayres de Carvalho*.

303 Deste catálogo foi feita uma edição especial de 300 exemplares, numerados e rubricados por Júlio Resende.

304 *A Tarde* de 20 de Abril de 1945.

305 *O Comércio do Porto* de 29 de Abril de 1945.

306 Deste catálogo foi feita uma edição especial de 150 exemplares numerados e rubricados por Carlos Carneiro.

*Retrato de minha mulher (óleo), Retrato de Nuno António (desenho aquarelado), Barca do Lago (aquarela), Catedral de Viena (aquarela), Retrato de Enrico Montorcelli (desenho) e Posada de la Sangre- Toledo (gouache).*

Relativamente aos títulos dos restantes trabalhos expostos, sugerem locais por onde o pintor terá passado, desde Paris, Salamanca e Madrid, no estrangeiro; e Fão, Leça, Santo Tirso e Porto, em Portugal.

O artista é neste prefácio, elogiado em todas as suas vertentes: a de aquarelista, desenhador, retratista e pintor de óleos. Não negando a herança de seu pai, ao qual são igualmente dirigidas elogiosas notas, mas construindo a sua própria identidade, Carlos Carneiro afirma-se como artista individual: “O pai era um místico, abismado na vida interior, criando figuras de sonho e ambientes do passado; o filho é um encantado contemplador e realizador da vida que o cerca, das paisagens claras onde repousam os olhos, das figuras fugitivas, dos recantos de belas cidades tocadas de poesia de certas horas, dos interiores cheios de intimidade em que as coisas parecem falar.” Termina lançando um repto ao visitante, no sentido deste não se limitar a esta exposição para conhecer a obra do seu autor, mas a ir vê-lo ao seu *atelier* onde está a quase totalidade da sua obra: “Quem sabe se no que não chega a ser exposto estará o quadro desejado pelo coleccionador?” E acrescenta: “Se ao artista veio deixar-nos o seu cartão nesta sala, parece mal não o irmos cumprimentar ao seu *atelier*.”

*O Comércio do Porto* aplaude igualmente a obra deste pintor, sobretudo na qualidade de aquarelista, “estamos perante um artista de vulto, espontâneo, consciencioso e seguro.” Elogiosas notas no que refere aos ambientes bem observados e pormenorizados “cheios de justeza e de nítida e firme observação” e para o enquadramento da paisagens “lançadas com justas perspectivas”.<sup>307</sup> A preferência pela vertente de retratista é evidente: “O retratista, embora fugidamente representado, é que se afirma, ali, brilhantemente. Magníficos os dois retratos - mormente o dum rapaz estrangeiro que o Porto bem conhece, trabalho primoroso sob todos os aspectos e que tem carácter, expressão, flagrância - e raça.” No entanto, aponta reparos, nomeadamente: “excessivo cunho de estilização no retrato da esposa do artista”, e “certos descuidos no desenho, injustificáveis, condenáveis mesmo, em quem tantas boas provas de desenhador tem dado”, nas aquarelas.

**04.** Cabe a Alberto Hébil<sup>308</sup>, artista de Coimbra, a *rentrée* da época de Outono, numa exposição patrocinada pelo *Secretariado de Informação e Cultura* (S.N.I.C.), constituída por 28 óleos e 78 pastéis.

---

307 *O Comércio do Porto* de 9 de Maio de 1945.

308 Alberto Pinto Hébil (Arouca, 1913 - Coimbra, 1998). Pintor. Em 1929 foi aluno de Marcel Thuillier da Academia de Belas-Artes de Paris. Fixa-se em Coimbra em 1930 para seguir a carreira de pintor. Em 1968 inaugura, em Nova Iorque a sua galeria que designou por *Coimbra Gallery Modern Art*. Considerado por muitos um inovador das artes, o seu percurso artístico passa pelo figurativo, paisagístico, expressionismo e abstracto. Considerado por muitos um renovador das artes plásticas de Coimbra e do país. Está representado em galerias, colecções particulares e em vários museus nacionais e estrangeiros. Informação obtida em: <http://calhabecirculacao.blogspot.pt/2012/09/alberto-pinto-hebil.html> e em <https://sites.google.com/site/memoriadecoimbra/dicionario/h/de>.

*O Primeiro de Janeiro*<sup>309</sup> evoca a a excelente técnica de desenho e as tonalidades suaves que o pintor aplica. Refere as composições decorativas dos trabalhos a pastel, assim como nos quadros a óleo em que o artista se afasta das formas clássicas e apresenta “manchas de vibrante colorido”. Demonstra ainda preferência pelos quadros de paisagem, referindo a feliz escolha e ainda o “recorte rústico de movimento e serenidade.” Refere ainda que a exposição “está a ser muito visitada.”

*O Comércio do Porto*<sup>310</sup> elogia os trabalhos do artista, tanto nos óleos como nos pastéis, mostrando maior agrado e destacando aqueles que retratam temas sociais. Dedica igualmente palavras de apreço a este artista auto didacta referindo que: “na sua modéstia e no seu estudo, insatisfeito, com a sua obra, procurando fazer mais e melhor.”

**05.** Este ano registamos ainda a exposição *50 desenhos a nanquim* de Júlio, o pintor/ poeta, na altura já a residir em Évora. Para a exposição, que se realizou entre 3 e 15 de Novembro, foi produzido um catálogo prefaciado pelo crítico literário João Gaspar Simões.

Dos 50 desenhos apresentados, 47 estão divididos em grupos segundo a mesma temática. Assim, 23 fazem parte da colecção *Poeta* (que o artista posteriormente continuaria a desenvolver); 8 têm a designação: *Interior*; 3, a designação *Circo*; 3, *Nocturno*; 4, *Rua*; 2, *Pobre*; 2, *Menina*; 2, *Mulher*; e os restantes 3, têm os títulos nomeadamente: *Carnaval*, *Mulher Sentada e Criança*.

No belo texto metafórico que acompanha o catálogo, João Gaspar Simões evoca o poeta e visionário William Blake, também na sua qualidade de poeta/pintor, como o artista expositor que, enquanto poeta, assina Saúl Dias. Remete para a qualidade primordial do desenho, elemento essencial das artes plásticas “Estamos perante um artista que fez da linha, da imaginação e da abstracção os fundamentos da sua arte” e ainda: “Júlio é um artista para quem a imaginação existe, coisa bem pouco vulgar num país onde os artistas plásticos julgam quase criminoso servir-se de tal faculdade.” Lança ainda uma provocação: “Singular condição: numa pátria de poetas, dir-se-á que os pintores têm medo da poesia.” Remata, afirmando: “Não há linha nos seus trabalhos que não lhe tenha saído simultaneamente da cabeça e do coração.”

As palavras de Gaspar Simões encontram eco na imprensa, nomeadamente n’*O Primeiro de Janeiro*<sup>311</sup>, que a respeito da sua “sólida base de desenho”, que “saindo dos moldes clássicos aprendidos nas escolas”, liga a sua “inquieta imaginação de poeta e o espírito de observador atento”. Da série *Poeta*, referencia a visões oníricas que encontram forma nos seus desenhos, diz: “(...) reproduz em imagens o sonho, visões e abstracção de um poeta (...)”. Referencia ainda aos “interiores silenciosos e a certos “momentos trágico-cômicos na pista de um circo ambulante.”

Este artigo dá-nos ainda uma indicação acerca da afluência à exposição mencionando:

309 *O Primeiro de Janeiro* de 11 de Outubro de 1945.

310 *O Comércio do Porto* de 12 de Outubro de 1945.

311 *O Primeiro de Janeiro* de 4 de Novembro de 1945.



“foi ontem muito apreciada, especialmente pela sua realização, que se afasta da vulgaridade.”

## **balanço anual**

Num balanço do primeiro ano de atividade da galeria, observámos alguns aspetos cujo registo considerámos importante: em primeiro lugar, a presença de alguns artistas vindos de Lisboa- Ayres de Carvalho, Paulo Ferreira, Gretchen Wohlwill e Maria Helena Cordeiro; assim como a inclusão de outros, do Porto: Carlos Carneiro, Júlio Resende e Martins da Costa (os dois últimos da Escola de Belas-Artes); registamos ainda a presença de um artista de Coimbra- Hébil e outro de Évora- Júlio.

De referência também a inclusão de duas artistas estrangeiras, residentes em Portugal: Gretchen Wohlwill<sup>312</sup> e Mart Huguenin; a realização de uma exposição patrocinada pelo S.N.I., à qual foi dada o destaque de inaugurar a época de Outono - Hébil.

Apresentação de alguns artistas à cidade do Porto: Ayres de Carvalho e Paulo Ferreira; a primeira exposição individual de outros: Júlio Resende.

Relativamente à produção escrita realizada para os catálogos destas exposições, entre artistas, historiadores de arte, críticos, escritores e jornalistas, foi assegurada por: Julio Pomar, Diogo de Macedo, Fernando de Pamplona, João Gaspar Simões, Alberto de Serpa e Jaime Brasil, nomes de relevância no panorama artístico e literário.

## **1946**

### **exposições identificadas**

No ano de 1946, registámos quinze exposições<sup>313</sup>: em Janeiro, *Carlos Ramos* (50 quadros a óleo)[fig. 68]<sup>314</sup> e a *4ª Exposição Independente* (pintura a óleo e escultura)[fig. 69]<sup>315</sup>; em Fevereiro, *António Fernandes* (50 trabalhos)<sup>316</sup> e *Exposição de Anne Marie Jauss* (desenhos, gravuras “ponta seca” e gravuras “ponta seca” coloridas à mão)[fig. 71]<sup>317</sup>; em Março, *Júlio Resende* (óleo, desenho, aguarela)[fig. 72]; *20 Anos de Pintura de Dordio Gomes* [fig.73]<sup>318</sup> em Abril; *Frederico George*, *António Soares*

---

312 Gretchen Wohlwill (1878-1962). Pintora. Oriunda de uma das mais importantes famílias de Hamburgo. Membro da Secção dessa cidade. Discípula de Matisse, na Academia Matisse de Paris. Em 1940 fixou-se em Portugal. Onde permaneceu 12 anos no exílio. Durante a sua estadia em Portugal, integrou várias exposições. Recebeu, em 1948 e 1952 o prémio *Francisco de Holanda*. Regressou a Hamburgo em 1952. Informação obtida em: [http://www.phg-hh.de/PP\\_PDF/Portugal\\_Post/PP28/s\\_pp28\\_gretchenWohlwillP.html](http://www.phg-hh.de/PP_PDF/Portugal_Post/PP28/s_pp28_gretchenWohlwillP.html).

313 Cf. Cronograma Ilustrado. p. LV.

314 *O Comércio do Porto* de 8 de Janeiro de 1946.

315 *O Primeiro de Janeiro* de 18 de Janeiro de 1946. p. 3 e de 30 de Janeiro de 1946, p.3.

316 *O Primeiro de Janeiro* de 3 de Fevereiro de 1946.

317 *O Comércio do Porto* de 24 de Fevereiro de 1946.

318 *O Comércio do Porto* de 6 de Abril de 1946. p. 4.

(óleo)[fig. 74]<sup>319</sup> e *Magalhães Filho*<sup>320</sup> (15 quadros a óleo referentes aos anos de 1938 a 1946)<sup>321</sup> em Maio; em Setembro, *Exposição de aguarelas de João Tavares* (aguarelas com aspetos de Portalegre, Castelo de Vide, Montalvão e Porto), com catálogo com prefácio de José Régio<sup>322</sup>; em Novembro, *Exposição de óleo pastel e escultura de David Sousa e Pirogravura e óleo de Maria Júlia* [fig. 75]<sup>323</sup> e *Martins da Costa*<sup>324</sup>; em Dezembro, *António Dinis* (72 quadros a óleo)<sup>325</sup>, *Exposição de Desenhos de Martin Maqueda* (retratos, gravuras e desenhos)[fig. 76]<sup>326</sup> e *Exposição de Maria do Carmo Sequeira Cabral e Maria Madalena Sequeira Cabral* (desenhos e aguarelas) juntamente com *Heitor Cramêz* (óleos)[fig. 77]<sup>327</sup>

## exposições destacadas

### 01. 4ª Exposição Independente 02. 20 Anos de Pintura de Dórdio Gomes

**01.** Sábado, 19 de Janeiro, marca o início da realização das *Exposições Independentes* na galeria da *Portugália*. A realização das *Independentes* na galeria da *Portugália* a partir de 1946, terá sido muito provavelmente- responsabilidade de Fernando Lanhas, que, enquanto diretor artístico da galeria, e como elemento de ligação entre esta e a EBAP, para aqui transferiu as exposições do grupo do qual era igualmente o principal dinamizador. Nesta exposição é apresentada unicamente *Pintura e Escultura*.

Na véspera, *O Primeiro de Janeiro* anunciava: “Inaugura-se amanhã, sábado, pelas 15 horas, a 4ª Exposição Independente, no Salão da Livraria Portugália. Esta exposição comportará pintura a óleo e escultura. Conforme o ano passado, a exposição seguirá depois para Coimbra e outras localidades. Esta manifestação dos Independentes é esperada com o maior interesse.”<sup>328</sup>

Na capa do catálogo, de cor verde, é destacada a insígnia do grupo, também por si desenhada<sup>329</sup>. Na primeira categoria participam: Aníbal Alcino com as obras *Fernando Lanhas* e *Sé; Arco*, com a obra *Cefeiros*; Cândido da Costa Pinto, com as obras *Anoitecente* e *Introdução*;

319 *O Comércio do Porto* de 13 de Maio de 1946.

320 Manuel Magalhães Filho (1913-1973). Pintor diplomado pela Escola de Belas-Artes de Lisboa, pertence à segunda geração de pintores modernistas portugueses. Participou nas exposições de Arte Moderna do S.P.N. /S.N.I., tendo recebido o prémio Amadeo de Sousa Cardoso em 1945. Está representado em colecções públicas e privadas, nomeadamente em: Museu Nacional de Arte Contemporânea, Museu Municipal de Lisboa e Museu do Abade de Baçal em Bragança. Informação obtida em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Magalhães\\_Filho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Magalhães_Filho)

321 *O Comércio do Porto* 24 de Maio de 1946.

322 *O Primeiro de Janeiro* de 1 de Setembro de 1946. p. 3.

323 *O Comércio do Porto* 13 de Novembro de 1946. p. 4.

324 *O Primeiro de Janeiro* de 22 de Novembro de 1946. p. 3.

325 *O Comércio do Porto* 5 de Dezembro de 1946.

326 *O Comércio do Porto* 11 de Dezembro de 1946.

327 *O Primeiro de Janeiro* de 22 de Dezembro de 1946. p.3.

328 *O Primeiro de Janeiro* de 18 de Janeiro de 1946.

329 Cf. 3.2 A direção artística e a produção gráfica.

Fernando Lanhas, com *Mulher, Escada e Pintura*; Israel Macedo, com *Má Língua e Arraiolos*; Jorge Oliveira com *Descarregadores e Figuras*; Júlio Resende com *Fantoches* e *El Cristobito*; Maria Moutinho com *Fonte da Porta D'Aviz*; Martins da Costa com *Sobre os telhados do Porto*; Nadir com *Évora, Moinhos, Foz e Lisboa Nocturna*<sup>330</sup>; Neves e Sousa com *Enterro e Batuque*. Na segunda categoria participam: Arlindo Gonçalves da Rocha com *Ana e Escultura*; Eduardo Tavares com *Toupeira Duriense*; M. Febos com *Santo António e Eça de Queirós* e Maria Graciosa M. de Carvalho com *Busto*.<sup>331</sup>

Na página cultural *das Artes das Letras, d'O Primeiro de Janeiro*<sup>332</sup>, num longo artigo assinado por L. , é elogiada a iniciativa destes jovens expositores, aos quais se atribui o mérito de “traduzirem as inquietações de alguns artistas jovens”, trabalhadores, ainda à procura do seu caminho, ainda que alguns já “possuidores de uma técnica segura”. Refere ainda o menor número de expositores, relativamente a edições anteriores apesar de quantidade não significar qualidade, uma vez que cada artista estaria bem representado em obras pelos próprios escolhidas. Aníbal Alcino, é apresentado como um adolescente que, ainda não tendo encontrado o seu caminho, tudo dependerá de trabalho afincado numa determinada via. São ainda referenciados alguns trabalhos que constituem resultado da *IX Missão Estética de Férias* em Évora, como *Ceifeiros* de Arco, do qual resulta um trabalho que *não revela uma forte personalidade* por se influenciar demasiado em Portinari e Orozco, e *Fonte da porta de Aviz*, de Maria Moutinho. De Israel Macedo e de Jorge Oliveira, é referido o trabalho com manchas largas e esquemáticas, embora expressivas. Martins da Costa apresenta “boas qualidades de pintor”; no entanto Neves e Sousa parece “não ter evoluído muito nos temas etnográficos africanos.”

Mas são os artistas Cândido Costa Pinto, Fernando Lanhas e Resende que mais são elogiados neste artigo. Dos dois primeiros, refere, são os que “mais se alinham com a corrente abstracta”, aos quais reconhece elevadas qualidades compositivas e cromáticas; do terceiro, “a grande atracção do certame”, no qual marca um progresso evidente que ultrapassa em muito os êxitos anteriores, facto que atribui ao estágio que o artista fez em Espanha. Das duas pinturas, de inspiração hispânica, diz, só se fazerem depois de se ver Goya ou Solana. Sobre Resende conclui ainda que: “Ou nos enganamos muito ou este artista há-de ir longe.”

Na escultura, o destaque vai para *Ana*, o busto apresentado por Arlindo Rocha, “rica de carácter e modelada com vigor”, assim como o *nú juvenil* que está “modelado com maestria”. De Eduardo Tavares, acusa uma imagem demasiado *Rodinesca* e em M. Febos, aponta o exagerado acabado das figuras.

Referência ainda para o carácter harmónico da exposição, que advém não de uma unidade compositiva mas da harmonia de valores complementares e de conjugação dos esforços.

330 Esta obra, embora não conste do catálogo, esteve igualmente em exposição. Informação obtida em : “Exposição Independente” in *O Primeiro de Janeiro* de 30 de Janeiro de 1946.

331 Apesar de constar no catálogo, não expôs. Informação obtida em: “Exposição Independente” in *O Primeiro de Janeiro* de 30 de Janeiro de 1946.

332 *O Primeiro de Janeiro* de 30 de Janeiro de 1946, p.3.



**02.** A exposição que Dordio Gomes inaugura na Portugália, no dia 1 de Abril intitulada *20 Anos de Pintura*, surge como uma retrospectiva dos últimos 20 anos da sua actividade de pintor.<sup>333</sup>

Nesta exposição apresenta obras de 1923 a 1946, num total de 34 trabalhos, que são no catálogo (onde também são identificados os respectivos colecionadores) divididos em três grupos: o primeiro grupo, intitulado *Paris*, contém obras realizadas entre 1923 e 1926: *Auto-retrato*, *Grande Auto-retrato* e *Velhas Casas em Malakof*; o segundo grupo, intitulado *Alentejo*, com obras realizadas entre 1926 e 1943, entre as quais destacamos uma série cuja temática é cavalos, outros sobre Évora e o terceiro grupo, intitulado *Porto*, com obras realizadas entre 1934 e 1946, dos quais destacamos alguns retratos e paisagens sobre o Porto.

É com *Proclamação*, que Diogo de Macedo abre o catálogo da exposição, texto no qual dedica palavras de estima e apreço ao pintor. Num texto evocativo da modernidade intrínseca às obras “feitas no seu tempo que, quando feita com sinceridade, exprime as ansiedades plásticas, estéticas numa linguagem formal que define o sentimento de visão, interpretação e imaginação do artista que a criou espontaneamente”. Adianta ainda: “Dordio Gomes é um artista moderno e sério nos princípios simples e naturais de quanto afirmo.” Conclui, aplaudindo o artista: “Raros são os artistas de hoje que com a sua obra de aspecto fragmentário, de buscas, rebuscas e conquistas, sensacional, viril e harmónico no carácter, agressivo ou atraente, incompleta por insatisfação, mas completa na expressão total do bloco pujante, autónoma e festiva nos contrastes cromáticos, raros serão, repito, que tão incontestavelmente representem nos congressos futuros a pintura actual na nossa terra.”

Júlio Pomar, adota uma posição mais crítica, e na revista *Mundo Literário*<sup>334</sup>, expõe, num longo e estruturado texto, dividido em duas partes, a sua reflexão pessoal acerca do necessário trabalho auto-crítico que um artista necessita desenvolver para, através da resolução de conflitos e contradições, evoluir com firmeza na sua carreira, alcançando a desejada síntese (que o autor classifica de: *o contrário de pochade*). Inicia o artigo evocando a figura prestígio e a sua importância no pioneirismo a desbravar caminho por entre os academismos vigentes, “o único grito de vida a quebrar a miséria das tradições académicas”. Porém o inicial tom elogioso dá lugar a um outro, algo decepcionado de quem não observa neste “balanço de carreira”, os avanços próprios da evolução do homem e do artista, que deviam acusar-se com nitidez, na sua obra. Porque “quando um artista passa o tempo das promessas, e cria a responsabilidade de produzir obra madura, localiza-se, define-se.” Considera que a atitude de constante auto-crítica deveria ser fundamental em todos os artistas: “cada nova obra questionando todas as anteriores.” Constata no entanto que nesta exposição “não se sente que se tenham passado vinte anos”, uma vez que *a evolução do artista não se acusou*, persistindo a lacuna da resolução do problema que

333 Na mesma sala, o pintor António Soares expõe igualmente alguns quadros do início da sua carreira.

334 *Mundo Literário* nº6 de 15 de Julho de 1946. p. 1 e 9.

se afluou no início de carreira: o conflito entre o aprendizado académico e tradicionalista e a esquematização linear e cromática visível na coexistência das duas na sua obra.- dificuldade em atingir a unidade. Dá então lugar a uma sensação de “promessa ainda por cumprir”— a respeito da qual, remata: “Somente hoje a promessa perdeu o seu tom natural e a oportunidade.”

À diferença dos discursos adotados por Diogo de Macedo e Júlio Pomar, em que para o primeiro estamos perante um génio revelado, e para o segundo perante um génio que não cumpriu a sua genialidade, acrescentamos ainda um terceiro, o da imprensa,<sup>335</sup> com uma opinião declaradamente antagónica; aqui, o *moderno* evocado por Diogo de Macedo não é alvo de elogio, mas de crítica e onde as pinceladas largas são apontadas: “(...) dificilmente poderemos chegar a crer, que a chamada arte pictórica moderna, prescindida das mais elementares regras do desenho e da pintura, e ainda, despreze o conhecimento da anatomia (...)” adianta ainda que: “Assim, não podemos achar beleza alguma em quadros que apresentam verdadeiras deformações de espécies da fauna e da flora a que a natureza concedeu proporções harmónicas, simetria e graciosidade.”

Conclui ainda que: “a pintura modernista está longe, imensamente longe de corresponder a um ideal de beleza e de satisfazer um espírito normal.”

## **balanço anual**

Num balanço anual, registamos os seguintes factos: pela primeira vez é aqui realizada uma *Exposição Independente*. Houve ainda lugar para uma exposição retrospectiva, de um professor da *Escola Belas-Artes*, duas exposições de artistas estrangeiros residentes em Portugal: Anne Marie Jauss<sup>336</sup> e Martin Maqueda.<sup>337</sup> Alguns artistas de Lisboa: Magalhães Filho,<sup>338</sup> António Soares, Frederico George<sup>339</sup>, e Maria do Carmo Sequeira Cabral e Maria Madalena Sequeira Cabral, alunas do pintor Heitor Cramêz, com quem expuseram.

A presença de artistas mulheres foi neste ano, significativa e representada por: Anne Marie Jauss, Maria Júlia, Maria do Carmo e Maria Madalena Sequeira Cabral. Apenas dois dos catálogos

---

335 *O Comércio do Porto* de 6 de Abril de 1946, p. 4 e em *O Primeiro de Janeiro* de 4 de Janeiro de 1947, p.3.

336 Anne Marie Jauss (Munique, 1902 -Nova Iorque, 1991). pintora. Em 1942 veio para Lisboa, refugiada da guerra, onde permanece até 1946, ano em que parte para Nova Iorque. Em Portugal, pinta, modela cerâmica e ilustra livros. Foi colaboradora da revista *Panorama*, editada pelo SPN. Em Nova Iorque, inicia uma carreira de escritora e ilustradora de livros infantis. Informação obtida em: <http://galeria-lambertini.blogspot.pt/2011/02/anne-marie-jauss-munique-1902-nova-19.html> e em <http://www.nytimes.com/1991/09/15/obituaries/anne-marie-jauss-author-89.html>.

337 Martin Maqueda (Sevilha, 1900- ?). Pintor, jornalista, crítico tauromáquico e gravador. Estudou na Escola de Artes e Ofícios de Sevilha, tendo como professores Andrés Canova, Gonzalo Bilbao, Rico Cejudo, Gonzales Santos e Santiago Martinez. Frequentou a Escola de San Fernando em Madrid, onde obteve o título de professor de desenho. Após uma passagem por Valência, veio para Portugal em 1942, onde viveu em muitas cidades. Começou por fixar-se no Porto, onde foi colaborador d’*O Primeiro de Janeiro*, onde assinava uma rubrica de críticas taurinas ilustradas com os seus desenhos. De seguida foi para Lisboa onde foi colaborador do *Diário Popular*.

338 Manuel Magalhães Filho (1913-1975). Pintor da segunda geração de artistas modernos portugueses.:[http://pt.wikipedia.org/wiki/Magalhães\\_Filho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Magalhães_Filho)

339 Frederico Henrique George (1915-1994). Arquiteto e pintor, diplomado pela *Escola de Belas-Artes* de Lisboa, onde exerceu funções de docência no Curso de Arquitetura. Informação obtida em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Frederico\\_George](http://pt.wikipedia.org/wiki/Frederico_George).

encontrados incluíam texto associado de autoria de João Gaspar Simões e Diogo de Macedo.

## 1947

### exposições identificadas

Em 1947 registamos dezoito exposições<sup>340</sup>: *A. Alcino* (óleos de paisagens e figura)[fig. 78]<sup>341</sup> e *Carlos Carneiro* (óleos, aguarelas e desenhos)[fig. 79]<sup>342</sup> em Janeiro; em Fevereiro, *Exposição de Pintura de António Silva*, discípulo do Mestre Joaquim Lopes (paisagens marinhas e naturezas mortas a óleo e pastel) [fig. 80]<sup>343</sup>, *Exposição de Pedro Leitão* (retratos a óleo e desenhos)[fig. 81]<sup>344</sup> e *Armengol Terrés* (aguarelas)<sup>345</sup>; em Março, *Exposição de Pintura de António Fernandes* (óleos de paisagens e motivos arquitectónicos) [fig. 82]<sup>346</sup>; em Abril, *Alberto Hébil*<sup>347</sup> e *Exposição de óleos, aguarelas e gouache por Margarite Janes* [fig. 83]; em Maio, *Alfredo Furiga* (desenhos)<sup>348</sup> e *Exposição de Gretchen Wohlwill* (aguarelas de panorâmicas, naturezas mortas, marinhas, flores, interiores, retratos) [fig. 84]<sup>349</sup>; em Junho, *Carlos Carneiro*; em Outubro, *Exposição de Pintura de Maria Emília de Barbosa Viana*<sup>350</sup> pequenos quadros) [fig. 85]<sup>351</sup> e *Pomar expõe 25 desenhos* [fig. 86]; em Novembro, *Exposição de António Sampaio* (óleos, aguarelas, apontamentos de viagem e desenhos) [fig. 107]<sup>352</sup>; em Dezembro, *Exposição de Neves e Sousa* (aguarela, pastel e óleos de grandes dimensões)[fig. 108]<sup>353</sup>, *Martin Maqueda* (60 trabalhos, entre os quais, escultura em bronze, retratos a carvão, gravuras, guaches e desenhos)<sup>354</sup> e *III Exposição Anual de Martins da Costa* (óleos e aguarelas) [fig. 109].<sup>355</sup>

### exposições destacadas

#### 01. *A. Alcino* 02. *Pomar expõe 25 Desenhos*

**01.** A exposição que Aníbal Alcino realizou na *Portugália* e que foi inaugurada a 3 de Janeiro, integrou 14 óleos: *Barbearia*, *Sé*, *Terra Brava*, *Paisagem*, *Pinheiro Manso*, *Cadeira e Vaso*, *Pintora Maria da*

340 Além das enumeradas acrescentamos uma exposição de Jaime Isidoro; porém não conseguimos apurar em que mês se realizou.

341 *O Comércio do Porto* de 5 de Janeiro de 1947. p. 4.

342 *O Comércio do Porto* de 22 de Janeiro de 1947. p. 4.

343 *O Comércio do Porto* de 4 de Fevereiro de 1947. p. 6. e em *O Primeiro de Janeiro* de 3 de fevereiro de 1947, p. 6.

344 *O Primeiro de Janeiro* de 14 de Fevereiro de 1947, p. 3.

345 *O Primeiro de Janeiro* de 22 de Fevereiro de 1947.

346 *O Primeiro de Janeiro* de 6 de Março de 1947.

347 *O Primeiro de Janeiro* de 3 de Abril de 1947. p.3.

348 *O Comércio do Porto* de 7 de Maio de 1947. p. 6.

349 *O Comércio do Porto* de 14 de Maio de 1947. p. 4.

350 Maria Emília de Barbosa Viana. Pintora de Lisboa, discípula de Frederico Ayres.

351 *O Primeiro de Janeiro* de 13 de Outubro de 1947. p. 4.

352 *O Comércio do Porto* de 25 de Novembro de 1947 e em *O Primeiro de Janeiro* de 24 de Novembro de 1947, p.6.

353 *O Comércio do Porto* de 5 de Dezembro de 1947 e em *O Primeiro de Janeiro* de 26 de Novembro de 1947, p. 3.

354 *O Comércio do Porto* de 13 de Dezembro de 1947. p.6.

355 *O Comércio do Porto* de 25 de Dezembro de 1947. p.3.



*Conceição, Dia Triste, Árvores, Velho Camponês, Évora, Guitarristas, Irmãos e Auto-Retrato*.<sup>356</sup> No catálogo, com retrato do artista por Fernando Lanhas, pode ler-se a dedicatória: “Dedico esta exposição a todos os meus amigos que de algum modo têm contribuído para a minha formação artística.”

Esta exposição teve repercussão na crítica por diversos meios, quer na imprensa diária, quer na publicação cultural *Mundo Literário*, no artigo *A Propósito de uma Exposição*,<sup>357</sup> assinado por Júlio Pomar. Neste longo texto, Julio Pomar, referindo-se à qualidade que o trabalho de Aníbal Alcino poderá vir a alcançar, remete para uma profunda reflexão sobre o trabalho desamparado e solitário de cada artista e todas as dificuldades que este terá de ultrapassar se ambicionar tentar “expressar-se pela pintura.” Enumera as qualidades que um artista deverá possuir para perseguir o seu objetivo: obstinação, amor crescente pelo trabalho, aprendizado dos meios técnicos que o levarão a esse fim, para então “ir ao encontro das necessidades do seu tempo e do lugar onde vive.” Ainda a respeito do trabalho árduo e da qualidade do trabalho do artista refere: “De nada servem a cada um as qualidades natas, se não forem amadurecidas, se não encontrarem possibilidades de se desenvolver de um modo coerente.”

*O Primeiro de Janeiro*<sup>358</sup> salienta a vontade do artista em “firmar a sua personalidade”, salientando igualmente os progressos na sua obra, “visíveis nas composições que revelam segurança de técnica e cuidados de observação”; enquanto *O Comércio do Porto*<sup>359</sup>, critica a “dureza e contrastes violentos dos quadros, que resultam da vontade do artista em fazer algo de novo, diferente e invulgar” – fato ainda não alcançado. Contudo, lança palavras confiantes relativamente à carreira deste artista, referindo que os retratos *Pintora Maria da Conceição e Auto-Retrato*, dão provas do seu “traço seguro” e “boas expressões”, atestando que o artista “(...) é bem capaz de nos dar mais e melhores provas do seu talento em futuras exposições.”

**02.** Em Outubro, pouco tempo após a saída da prisão<sup>360</sup>, realiza-se a primeira exposição individual de Júlio Pomar, intitulada *Pomar expõe 25 desenhos*,<sup>361</sup>. A exposição integra 25 desenhos executados a tinta da china sobre papel vegetal, (realizados sobre estudos a lápis) e montados sobre cartolinas<sup>362</sup>. Alguns destes desenhos haviam sido realizados durante a cárcere, no Forte de Caxias<sup>363</sup>.

356 Por altura da exposição, os primeiros seis quadros já estavam vendidos: os colecionadores estão identificados no catálogo.

357 *Mundo Literário* de 18 de Janeiro de 1947.

358 *O Primeiro de Janeiro* de 4 de Janeiro de 1947, p. 3.

359 *O Comércio do Porto*, de 5 de Janeiro de 1947, p. 4.

360 Devido ao envolvimento com o MUD juvenil, é detido pela PIDE em Évora a 27 de Abril de 1947, sendo levado para o Forte de Caxias onde se manteve- juntamente com toda a direcção do MUD juvenil- até 26 de Agosto do mesmo ano. Quando regressa, além da exposição na Portugal, acaba os frescos do Cinema Batalha.

361 A montagem da exposição esteve a cargo do artista expositor e de Fernando Lanhas. Informação obtida em conversa com Júlio Pomar a 25 de Abril de 2012.

362 Agradeço a informação a Alexandre Pomar.

363 Nomeadamente: *Música da Rua, Lá fora é o sol, O Estivador, Jovem, A vaga, O Eixo corrido, Menina com um cão, A Confidência, Meninos dormindo, Menina com um galo, Retrato de M.V., Retrato de C.M.F.*

No levantamento efetuado para a reconstituição da exposição, identificaram-se 12 desenhos (publicados no álbum *XVI Desenhos*); dos restantes, não localizados (entretanto vendidos ou dispersados), recebemos informação<sup>364</sup> de desenhos a lápis (estudos) que poderão estar na origem de alguns deles, e que são reproduzidos a seguir, em *Cronograma ilustrado*.

O catálogo da exposição foi constituído por um simples desdobrável, no qual se identificava os títulos dos desenhos com o respetivo preçário, cujos valores variavam dos 300 aos 500 escudos. A exposição integrou os desenhos:<sup>365</sup> *Mãe e Filho* [fig. 87], *A Rua Sem Sol*, *O Velho do Saco* [fig. 88], *Mulher deitada no Cais* [fig. 89], *Música da Rua* [fig. 90], *O Almoço* [fig. 91], *O Miúdo da Água* [fig. 92], *O Ardina* [fig. 93], *Farrapeira* [fig. 94], *Lá Fora é o Sol* [fig. 95], *O Estivador* [fig. 96], *Jovem* [fig. 97], *Come-se, À Janela* [fig. 98], *Nú Deitado* [fig. 99], *A Vaga* [fig. 100], *O Eixo Corrido* [fig. 101], *Menina com um Cão* [fig. 102], *A Confidência* [fig. 103], *Despertar, Intimidade, Retrato de M.V.* [fig. 104], *Retrato de C. M. F.*, *Meninos Dormindo* [fig. 105], *Menina com Um Galo* [fig. 106].

Esta exposição encontrou ressonância, tanto na imprensa, nomeadamente n’*O Comércio do Porto*<sup>366</sup>, como em várias publicações literárias e culturais, em textos assinados por diversos autores: Arco, seu colega e expositor das Exposições Independentes, na revista *Portucale*<sup>367</sup>; António Ramos de Almeida, na revista *Vértice*<sup>368</sup>; e Mário Dionísio, primeiro incluindo dois versos no catálogo da exposição, e no ano seguinte, com a publicação do álbum *XVI Desenhos*.<sup>369</sup>

Arco elogia a capacidade de síntese atingida pelo artista que, após um processo de dois anos de estudo, reflexão e trabalho, soube encontrar a técnica mais adequada no serviço das suas intenções. Encontra então nestes desenhos, a “expressão máxima da sua vida artística”. Divide a exposição em dois grupos: no primeiro, constituído pelos primeiros nove desenhos, “onde se observa uma dolorosa galeria dos habitantes das nossas cidades”, sublinhando “os traços finos, angulosos”; no segundo grupo, que “inclui os desenhos de crianças e de motivos instantâneos”; deste núcleo refere o abandono da angulosidade dos anteriores, e a utilização de uma nova técnica, “de linhas arredondadas, num ritmo largo, num cursivo serpenteante”.

António Ramos de Almeida afirma que a exposição de Pomar na Portugalia “vale como uma lição”, enfatizando a “permanente busca do real e do humano” evocando o neo-realismo da obra e do artista que “Ve a realidade para lá de todas as mistificações; exprime a realidade desmistificada.” Também destaca o grupo dos primeiros nove desenhos, “abundante de linhas e traços”, e “composto por formas geométricas de forma variável” que “substituindo as sombras (...) dão singular efeito às figuras desenhadas.” Relativamente a este primeiro grupo remata que “estes são sem dúvida os melhores dos 25 desenhos expostos.” Quanto aos restantes,

364 Agradeço a Alexandre Pomar o acesso a estes estudos.

365 Cf. *Cronograma Ilustrado*. p. LV.

366 *O Comércio do Porto* de 28 de Outubro de 1947.

367 *Portucale* n° 10/11, de Julho/Outubro de 1947.

368 *Vértice* Vol. IV, n° 51 de Outubro de 1947.

369 *Pomar XVI Desenhos*, Coimbra: 1948.

sublinha a simplificação do processo traduzida numa redução ao mínimo das linhas e dos traços; no entanto, reclama que neste segundo processo, “o que ganhou em forma perdeu em profundidade.” Acerca dos desenhos de nús femininos “de uma angústia reprimida e serena”, refere constituírem resultado da solidão, representando “Amor frustrado”- a única explicação possível para estes desenhos de carácter esporádico na obra deste artista “que não se deixa ludibriar pelas mistificações sedutoras”. Conclui afirmando que “Pomar é um artista da sua época, vivendo no clima geral da cultura europeia, e que no seu caso é com verdade” que Mário Dionísio pode lançar o apelo poético do catálogo “Vai lá ao fundo e verás lá bem no fundo o sentido da hora e o amor do mundo.”

A imprensa diária<sup>370</sup> tece largos elogios à exposição e, pelo facto de constituir uma mostra unicamente de desenho, aproveita para enaltecer a disciplina que é a pedra basilar da pintura: “Pertencendo nós a esse número de inconformistas que não transige em considerar a arte do desenho independente da arte da pintura, antes pelo contrário, considera aquela como basilar desta, foi com grande satisfação que vimos esses belos desenhos cheios de espontaneidade”. Relativamente aos desenhos em exposição, o interesse recai sobretudo pelos números 15 e 18, que correspondem a *Nú deitado* e *Menina com o cão*, pela “singeleza e sentido de síntese”; pelos números 1, 19 e 24, que correspondem a *Mai e filho*, *A Confidência* e *Meninos Dormindo*, pela “riqueza de expressão”; e pelo sentido anímico, os números 22 e 23, respetivamente *Retrato de M.V* e *Retrato de C.M.F*

No ano seguinte, em Abril de 1948, dezasseis dos vinte e cinco desenhos expostos na Portugal, viriam a ser publicados no álbum *Pomar XVI Desenhos*<sup>371</sup>, prefaciado por Mário Dionísio.

## **balanço anual**

No balanço anual, registamos a estreia de Júlio Pomar numa exposição individual. Houve algumas estreias de artistas de Lisboa, no Porto: Pedro Leitão e Maria Emília de Barbosa Viana; várias exposições de artistas do Porto, na maioria da Escola de Belas-Artes, nomeadamente de Aníbal Alcino, Carlos Carneiro (2 vezes), António Sampaio, Neves e Sousa e Martins da Costa; Os artistas estrangeiros continuam com bastante representação: Armengol Terrés, Alfredo Furiga<sup>372</sup>, Margarite Janes, Gretchen Wohlwill e Martin Maqueda. Regresso de Alberto Hébil,

370 *O Comércio do Porto* de 28 de Outubro de 1947.

371 *Pomar XVI Desenhos*, Coimbra: 1948. Esta publicação integrava um texto de Mário Dionísio os dezasseis desenhos consistiam numa série de folhas soltas dentro de uma capa. Este catálogo foi reeditado em 2004 pela editora Artemágica, incluindo uma nota prévia de Alexandre Pomar.

372 Alfredo Furiga (1903-1972). Cenógrafo italiano de renome internacional. Estudou cenografia, pintura e arquitectura na Academia de Belas-Artes de Milão. Possuindo formação técnica no Teatro Scala de Milão, o seu trabalho está representado nos principais teatros de ópera do mundo (Ópera de Roma, Fenice de Veneza, Arona de Verona, *Covent Garden* de Londres, Ópera de Sidney, Teatro Cólón de Buenos Aires, Argentina). Em 1946 fixou-se em Lisboa, num asilo político, onde se tornou cenógrafo residente do Teatro de S. Carlos, tornando-se depois director cénico. Foi professor do Conservatório Nacional até 1970, data em que regressa definitivamente a Itália. Informação obtida em: <http://www.obidos.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=d764e097-61dc-45c5-bf17-fde4bc660086>



Carlos Carneiro, António Fernandes, Gretchen Wohlwill, Martin Maqueda e Martins da Costa. Relativamente a mulheres artistas, registamos a presença de: Margarite Janes, Maria Emília de Barbosa Viana e Gretchen Wohlwill. A produção escrita em catálogo esteve a cargo de Mário Dionísio.

## 1948

### exposições identificadas

No ano de 1948 registamos dezoito exposições: em Janeiro, *Jorge Pais Mamede* (trabalhos ao ar livre e paisagens)<sup>373</sup> e *Alberto Hébil*<sup>374</sup>; em Fevereiro, a 5<sup>a</sup> *Exposição Independente* [fig. 110 a 113],<sup>375</sup> *José Bastos* (pintura a óleo)<sup>376</sup> e *Aníbal Alcino*<sup>377</sup>; em Abril, *Carlos Ramos* (37 pinturas a óleo)<sup>378</sup>, *Exposição de Pintura de Madame Bizet*, organizada pela Aliança Francesa<sup>379</sup> (naturezas mortas e aspectos de França e de Lisboa) [fig. 114]<sup>380</sup>, *Exposição de desenho e pintura de Gretchen Wohlwill* (óleos, aguarelas, desenhos e gravuras da paisagem de Ofir)<sup>381</sup> e *Arthur da Fonseca* (óleo, tempera e aguarela) [fig. 115]; em Maio, *Carlos Carneiro* (óleos e aguarelas) [fig. 116], *António Fernandes* (quadros a óleo de temática de ar livre)<sup>382</sup> e *Portela Júnior*<sup>383</sup>; em Junho, *Dimas Macedo* (aguarelas)<sup>384</sup>; em Outubro, *Alejandro Alfonso* (28 quadros a óleo, representando paisagem espanhola e pormenores de paisagem de Portugal, assim como seus usos e costumes, naturezas mortas e interiores)<sup>385</sup>; em Novembro, *Joan Kendall*<sup>386</sup>, *Aspectos de Paris* (realizada de 11 a 21 de Novembro, integrou obras de Emler, Gabriel Maguin, Pierre Marie Dubois, António Sampaio, Moutinho e Júlio Resende)<sup>387</sup> [fig. 118] e *Isolino Vaz* [fig. 119] (primeira exposição de retratos executados a lápis - dedicada aos

373 *O Comércio do Porto* de 15 de Janeiro de 1948, p. 4.

374 *O Comércio do Porto* de 15 de Janeiro de 1948, p. 6.

375 *O Comércio do Porto* de 4 de Fevereiro de 1948, p. 3.

376 *O Comércio do Porto* de 27 de Fevereiro de 1948.

377 Exposição dedicada ao seu mestre Dórdio Gomes. Paralelamente a esta exposição, Aníbal Alcino proferiu, no dia 14 uma palestra subordinada ao tema: *O Artista e o Crítico*, e no dia 15, uma outra com o tema *A Arte e a Vida*.

378 *O Comércio do Porto* de 3 de Abril de 1948.

379 Madame Andrée Bizet (1888- 1970). Pintora impressionista francesa, antiga aluna da *Escola de Belas-Artes* de Paris. Frequentou os ateliers de de pintura de Othon Friesz e de escultura de Bourdelle. Representada em muitos museus da Europa, nomeadamente em Paris, Grenoble, Praga, Viena, Budapeste e representada em muitas coleções particulares da Europa e da América Latina. Uma das principais animadoras das exposições das “mulheres pintoras” no *Petit Palais* de Paris.

380 *O Comércio do Porto* de 13 de Abril de 1948. p. 5.

381 *O Comércio do Porto* de 23 de Abril de 1948. p. 5.

382 *O Comércio do Porto* de 25 de Maio de 1948. p. 5.

383 Severo Portela Júnior (Coimbra, 1898-1985). Estudou escultura na *Escola de Belas Artes* de Lisboa, onde foi discípulo de Simões de Almeida (sobrinho). No entanto foi na prática da pintura que ganhou notoriedade. Tem murais na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na Câmara Municipal de Beja, no Palácio da Justiça do Porto, Tribunal de Bragança, etc. A sua obra está representada em várias coleções públicas e privadas como o Museu do Chiado, Museu Nacional de Soares dos Reis, na Casa Museu Anatócio Gonçalves, no Museu Grão Vasco, etc.

384 *O Comércio do Porto* de 13 de Junho de 1948. p. 5.

385 *O Primeiro de Janeiro* de 22 de Outubro de 1948. p. 3.

386 *O Comércio do Porto* de 31 de Outubro de 1948. p. 6.

387 *O Comércio do Porto* de 12 de Novembro de 1948. p. 4 e em *O primeiro de Janeiro* de 11 de Novembro de 1948, p.3.

seus mestres Joaquim Lopes e Dordio Gomes)<sup>388</sup>; em Dezembro, *Aníbal Alcino* (óleos de paisagem e motivos alentejanos)<sup>389</sup> [fig. 120] e *Exposição de pintura de Joaquim Ascencio*.<sup>390</sup>

## exposições destacadas

### 01. 5ª Exposição Independente

**01.** A 5ª *Exposição Independente* [fig. 110 a 113], realizada em Fevereiro de 1948, integra obras de: Arthur Barbosa da Fonseca com *Monumento à Hélice e Circunvoluções* e *Pórticos*; Amândio Silva com *Desenho (prova litográfica)*, *Desenho* e *Pintura*; Arlindo Gonçalves com *Juventude* e *Escultura*; Fernando Lanhas com duas aguarelas, dois desenhos, *Gravura* e *Forma* [fig. 111 e 112]; Garizo do Carmo com dois gouaches; Israel Macedo com *Notre Dame*, *Sena* e *Douro*, Júlio Resende com três desenhos, *Paisagem italiana*, *Notre Dame de Paris*, *Barcos no Sena* e duas gravuras com o título *Marselha*; Mabel Gardner, com *Menina*, Martins da Costa com *Douro em Massarelos*, *Afurada e Várzea de Colares*, M. Febos com duas esculturas, Nadir com dois desenhos; Neves e Sousa com duas aguarelas; Nuno Tavares com *Casas do Porto* e Pierre Dubois com *Paisagem* e *Desenho aguarelado*.

Na revista *Vértice*<sup>391</sup>, é publicado um artigo de Aníbal Alcino, ele próprio um membro dos *Independentes*, embora não tendo integrado esta 5ª *Exposição*. O pintor traça um panorama geral da mostra dividindo-a em dois grandes grupos: o *expressionista* e o *abstracto*, nos quais lideram respetivamente, Júlio Resende e Fernando Lanhas. No primeiro grupo insere: Júlio Resende, Israel Macedo, Pierre Marie Dubois, Mabel Gardner, Nuno Tavares e Martins da Costa; no segundo grupo, Fernando Lanhas, e em menor grau, Neves e Sousa e Garizo do Carmo. Acusa na obra de Amândio Silva e Barbosa da Fonseca alguma deficiência técnica, referindo: “parecem não estar cientes do caminho que fazem”; de Nadir, artista já revelado, pelo que não lhe dedica considerações, refere que “deixa transparecer o contacto que tem com o meio europeu.” A Arco acusa uma abordagem demasiado próxima à arquitetura nomeadamente na preocupação da linha e da proporção, essenciais na arquitectura mas não para o desenho de figura, aqui presente. Salienta o papel preponderante assumido pela escultura nesta exposição, alinhada com os pressupostos abstratos - referindo Pereira da Silva, Fernando Lanhas e Arlindo Gonçalves, que apresentam trabalhos em gesso e em madeira colorida. Conclui afirmando: “É uma exposição audaciosa, séria e de grande interesse para a nossa cultura artística.”

Nesta exposição, Fernando Lanhas, encorajado por Júlio Pomar e Fernando Távora, “pressentindo a importância da peça”, que “podia ser importante”<sup>392</sup> expõe uma escultura<sup>393</sup>

388 *O Comércio do Porto* de 22 de Novembro de 1948. p. 4 e em *O Primeiro de Janeiro* de 23 de Novembro de 1948, p.5.

389 *O Comércio do Porto* de 4 de Dezembro de 1948. p. 4 e em *O Primeiro de Janeiro* de 4 de Dezembro de 1948, p.3.

390 *O Primeiro de Janeiro* de 17 de Dezembro de 1948, p.3.

391 *Vértice* Vol. V, nº 55 de Março de 1948.

392 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Escultura em Portugal ... (Op. cit.)*, p. 450.

393 Acerca desta designação refere Lanhas: “Eu chamei àquilo Forma”. Não era na realidade uma escultura. O lado táctil dos escultores nunca me interessou.” LANHAS, Fernando citado por ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Escultura em Portugal ... (Op. cit.)*, p.

que intitula *Forma*<sup>394</sup>. Executada por um carpinteiro, esta peça em madeira, que Lanhas pintaria a óleo rosa sombrio e a base em cinzento esverdeado, tinha de 60 cm de altura e 70 cm de base e estava segura por tirantes de corda de violino.<sup>395</sup>

Na imprensa, a exposição encontra referência n' *O Comércio do Porto*<sup>396</sup> cujo artigo acusa os jovens organizadores das Exposições Independentes de serem “iconoclastas desejosos de celebridade”, acrescentando ainda que “têm passado de moda os métodos de extravagância da forma e da cor, e que os artistas que de facto possuem talento-recuam e submetem-se às leis normais da estética, identificados com os clássicos processos ...” Reprova ainda obras como a de Arthur da Fonseca: “(...) quadros como os de A. Barbosa da Fonseca e outros, incompreensíveis e inaceitáveis pelas pessoas normais habituadas ou não a admirar o esplendor do belo.” Considera “mais aceitáveis” as obras de Júlio Resende, Martins da Costa e Nuno Tavares que “apresentaram obra espiritualmente comunicativa.” Termina, em tom de indignação relativamente às obras – abstratas - de Fernando Lanhas, Neves e Sousa e Arlindo Rocha: “Que representará “Forma” de Fernando Lanhas? E “Escultura” de Arlindo Gonçalves? Porque é que Neves e Sousa, artista bolseiro, com valor e responsabilidades traiu a sua personalidade, apresentando dois desenhos geométricos, coloridos, sem significado e sem beleza, denominando-os aguarelas?”

### **Balanço anual**

O ano de 1948, registou a realização da 5.<sup>a</sup> *Exposição Independente* e algumas exposições individuais de alguns membros do grupo como Aníbal Alcino e Arthur da Fonseca, António Sampaio e outros alunos da EBAP como Isolino Vaz. As exposições de artistas estrangeiros foram representadas por Madame Bizet, Gretchen Wohlwill, Alejandro Alfonso, Joan Kendall, Joaquim Ascencio, Emler, Pierre Marie Dubois e Gabriel Maguin.

Artistas recorrentes: Alberto Hébil, Gretchen Wohlwill, Aníbal Alcino, Carlos Ramos, Carlos Carneiro e António Fernandes.

A representação feminina ficou a cargo de Madame Bizet, Gretchen Wohlwill e Joan Kendall e a produção escrita para catálogo a cargo de Alberto de Serpa.

## **1949**

### **exposições identificadas**

Em 1949 registamos vinte e duas exposições: em Janeiro, *Exposição de desenhos e guaches de Raoul Deschamps* (desenhos e guaches da costa marroquina e do litoral português) [fig. 122]<sup>397</sup>

---

451.

394 Esta peça só existe atualmente através de registo fotográfico. Cf. Cronograma ilustrado. p. LV.

395 Cf. ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Escultura em Portugal ... (Op. cit)*, p. 451.

396 *O Comércio do Porto* de 4 de Fevereiro de 1948, p. 3.

397 *O Primeiro de Janeiro* de 5 de Janeiro de 1949, p. 6 e em *O Comércio do Porto* de 5 de Janeiro de 1949.



e *Exposição de pintura de Túlho Vitorino*<sup>398</sup>; em Fevereiro, *Exposição de pintura de António Fernandes* (30 quadros a óleo, na sua maioria executados no Alentejo durante a Missão Estética de Férias no Verão anterior)<sup>399</sup> e *Arthur da Fonseca* (óleo e desenho)[fig. 123]<sup>400</sup>; em Março, *Domingos Lopes*<sup>401</sup> (pintura a óleo)<sup>402</sup>, *Jaime Isidoro* (quadros a óleo e aguarela, representando paisagens marítimas, de neve e citadinas; 7 destes trabalhos foram executados na XXII Missão Estética de Férias, tendo merecido o prémio Rocha Cabral da Academia Nacional de Belas Artes)<sup>403</sup> e *Exposição Infantil* (40 trabalhos executados por crianças dos 4 aos 14 anos)[fig. 124 e 125]<sup>404</sup>; em Abril, *Exposição de óleos e aguarelas de José Bastos*<sup>405</sup>, *Resende* [fig. 126 e 127]<sup>406</sup> e *Exposição de aguarela, desenho e cerâmica de Beatriz Campos*<sup>407</sup>; em Maio, *Exposição de Maria das Dores Alves Afonso* (miniaturas a óleo)<sup>408</sup>, *Alguns Aspectos da Suíça* de Carlos Carneiro (aguarelas representando paisagens da Suíça desde Zurique a St. Moritz) [fig. 128]<sup>409</sup> e *Exposição de pintura de Martins da Costa*, patrocinada pelo S.N.I.C.<sup>410</sup>; em Junho, *Exposição de Melo Júnior*<sup>411</sup> (quadros a óleo)<sup>412</sup> e *Nadir* [fig. 129]<sup>413</sup>; em Outubro, *Oddvard Straume* (30 desenhos e aguarelas de Portugal, contemplando motivos do Porto, Braga, Moledo, Vila do Conde, Mira, Évora e outras)[fig. 130]<sup>414</sup>, *Exposição de pintura de Fernando Pereira* (28 trabalhos a óleo e aguarela)<sup>415</sup> e *Exposição de Amparo Palacios e Fernando Escrivá*, patrocinada pelo S.N.I.C. (apresentam respetivamente 10 e 14 trabalhos)[fig. 131]<sup>416</sup>; em Novembro, *Exposição de Martins da Costa* (20 quadros a óleo e 12 desenhos e aguarelas)<sup>417</sup> e *Maria Leonor Praça* (desenhos, aguarelas, óleos) [fig. 132 a 134]<sup>418</sup>; em Dezembro, *Exposição de pintura de Neves e Sousa*, patrocinada pelo S.N.I. (trabalhos a óleo e em cerâmica pintada)<sup>419</sup> e *Óleos Antigos (1923 a 1934) e Desenhos Recentes (1943*

398 *O Primeiro de Janeiro* de 21 de Janeiro de 1949.

399 *O Comércio do Porto* de 3 de Fevereiro de 1949.

400 *O Primeiro de Janeiro* de 23 de Fevereiro de 1949. p. 3.

401 Domingos Lopes (Porto, 1929). Pintor, desenhador e escultor autodidata. Fundou a Galeria D, no Porto.

402 *O Comércio do Porto* de 5 de março de 1949.

403 *O Primeiro de Janeiro* de 14 de Março de 1949. p.3 e em *O Comércio do Porto* de 17 de Março de 1949.

404 *O Primeiro de Janeiro* de 25 de Março de 1949 e em *O Comércio do Porto* de 25 de Março de 1949.

405 *O Primeiro de Janeiro* de 3 de Abril de 1949. p.3.

406 *O Primeiro de Janeiro* de 12 de Abril de 1949. p.2.

407 *O Primeiro de Janeiro* de 24 de Abril de 1949. p.3. e em *O Comércio do Porto* de 25 de Abril de 1949.

408 *O Primeiro de Janeiro* de 30 de Abril de 1949.

409 *O Primeiro de Janeiro* de 12 de Maio de 1949 e em *O Comércio do Porto* de 14 de Maio de 1949.

410 *O Comércio do Porto* de 21 de Maio de 1949.

411 Aluno da EBAP.

412 *O Primeiro de Janeiro* de 31 de Maio de 1949.

413 *O Primeiro de Janeiro* de 11 de Junho de 1949 e em *O Comércio do Porto* de 11 de Junho de 1949.

414 *O Primeiro de Janeiro* de 28 de Setembro de 1949 e em *O Comércio do Porto* de 5 de Outubro de 1949

415 *O Comércio do Porto* de 15 de Outubro de 1949.

416 *O Comércio do Porto* de 22 de Outubro de 1949.

417 *O Comércio do Porto* de 2 de Novembro de 1949.

418 *O Comércio do Porto* de 22 de Novembro de 1949.

419 *O Comércio do Porto* de 3 de Dezembro de 1949.

a 1949) de Júlio [fig. 135]<sup>420</sup>.

## exposições destacadas

### 01. *Exposição Infantil* 02. *Maria Leonor Praça*

**01.** Iniciativa única em Portugal<sup>421</sup>, teve esta galeria, ao organizar exposições dedicadas à arte feita por crianças. A 24 de Março de 1949, é inaugurada a primeira *Exposição Infantil* do Porto, organizada por Fernando Lanhas e Albano Neves e Sousa. Nesta exposição participam 24 crianças dos 4 aos 14 anos, entre as quais, António Manuel L. Resende Dias<sup>422</sup> e Maria Leonor Praça, numa estreia que seria preparatória para a sua primeira exposição individual que ainda nesse mesmo ano aí realizaria.<sup>423</sup>

A imprensa referia: “No salão da Portugália, foi inaugurada ontem, por iniciativa dos estudantes de pintura da Escola de Belas-Artes do Porto, Arlete da Silva, Aníbal Alcino, Melo Júnior, Neves e Sousa e arquitecto Fernando Lanhas, uma interessante exposição infantil que, servindo para revelar vocações, pode servir também para de estímulo para outras crianças com sensibilidade e tendência para as artes plásticas.”<sup>424</sup>

Na capa do catálogo [fig. 124] está representado um desenho com o título, *Comboio com Máquina Antropomorfizada*<sup>425</sup>, de autoria do menino Manuel Morais da Costa, de 7 anos, residente na Trofa, Santo Tirso<sup>426</sup>.

O prefácio, constituído por dois textos de autoria dos dois organizadores, enfatiza a necessidade da abertura de horizontes, deixando entrar alguma frescura nas mentes e nas almas dos visitantes da exposição. Fernando Lanhas apresenta a arte das crianças como uma arte sincera uma vez que, pela sua própria natureza, está afastada do “convencionalismo adulto”; ao passo que A. Neves e Sousa faz um apelo para que os visitantes “abram as suas almas” e observem a exposição não com o mesmo olhar com que observam as outras mas com “entendimento e carinho”, pois que representa uma “janela aberta de frescura” por entre as exposições habituais “cheias de efeitos fáceis”, “belezas de ocasião” e “máscaras”, advertindo que “Não interessam somente molduras”<sup>427</sup>.

420 *O Comércio do Porto* de 13 de Dezembro de 1949.

421 GUEDES, Fernando “Vinte Anos Depois” em [+ de] 20 grupos e episódios no Porto do século XX. Porto: Galeria do Palácio, 2001. p. 61.

422 Sobrinho de Júlio Resende, filho de seu irmão, o Maestro Resende Dias e da meia irmã de Fernando Lanhas, que faleceu aos 11 anos, vítima de uma pneumonia.

423 Exposição de Maria Leonor Praça em Novembro de 1949.

424 *O Comércio do Porto* de 25 de Março de 1949.

425 Desenho feito a lápis de cores azul e vermelho, de acordo com prova para a capa do catálogo. Arquivo Arq. Fernando Lanhas.

426 De acordo com prova para a capa do catálogo. Arquivo Arq. Fernando Lanhas.

427 NEVES e SOUSA, Albano in prefácio do catálogo *Exposição Infantil*. Porto: Livraria Portugália, 1949.

A exposição de arte infantil encontra eco nos dois principais jornais da época, tanto n' *O Comércio do Porto* como n' *O Primeiro de Janeiro*.

Quanto ao primeiro, elogia o pioneirismo da iniciativa, estabelecendo um paralelismo com o sucedido noutros países estrangeiros, onde este tipo de eventos é já frequente, devido ao empenho e iniciativa dos organismos oficiais, que após uma selecção promovem os trabalhos das crianças no estrangeiro. Opina ainda acerca da frequência que estas iniciativas deveriam ter em Portugal. Destaca ainda as obras de algumas das crianças como Manuel Tavares Júnior (de 4 anos), Tomásia Garrido (de 12 anos), Maria Cremilda (de 11 anos) e A.S. Menéres, enfatiza porém aquele que na sua opinião é o trabalho revelação do certame- Maria Leonor Praça, cujos “trabalhos de figura dariam glória a muitos dos nossos pretensos intelectualizados pintores modernistas.”<sup>428</sup> Deixa ainda no ar uma observação a jeito premonitório: “Maria Leonor Praça (Noi) deve vir a ocupar lugar destacado na pintura portuguesa...a menos que se perca no caminho.”

*O Primeiro de Janeiro* remete para a simplicidade e sinceridade dos trabalhos e o estímulo que a iniciativa proporciona às crianças.<sup>429</sup>

**02.** Em Novembro de 1949, Fernando Lanhas organiza a primeira exposição individual da então criança Maria Leonor Praça<sup>430</sup>, de diminutivo familiar *Noi*, na altura com 13 anos. No convite para a exposição [fig. 133], um cartão de medidas 8X10 cm, com tipografia sóbria, a duas cores (título a azul, texto a preto), pode ler-se:

### **MARIA LEONOR PRAÇA**

*Convida V. Ex.<sup>a</sup> a Visitar a Exposição das suas obras que se inaugura pelas 16 horas de 21 de Novembro na Galeria Portugália, no Porto.*

A exposição integrou 37 trabalhos: 17 desenhos e aguarelas e 19 óleos. O catálogo teve prefácio do pintor e ceramista Jorge Barradas, que além de seu admirador, era amigo do pai da criança.<sup>431</sup>

No texto introdutório elogia a alma pura desta *artista-menina*: “Esta menina não brinca com

<sup>428</sup> *O Comércio do Porto* de 25 de março de 1949.

<sup>429</sup> *O Primeiro de Janeiro* de 25 de Março de 1949.

<sup>430</sup> Maria Leonor Guimarães Praça (1936-1971). Pintora e ilustradora de livros infantis. Despertou o interesse a vários críticos e artistas portugueses que lhe dedicaram artigos, como Lima de Freitas, António Lucena Quadros e Rocha de Sousa. Frequentou a *Academia de Desenho e Pintura Domínguez Alvarez*, sendo a sua primeira aluna. Após o seu falecimento, os seus amigos, em sua homenagem fundaram, em Lisboa na zona do Chiado, a *Livraria Opinião* e uma sala de exposições - um projeto que a pintora sempre ambicionara. Informação obtida em: <http://ainocenciarecompensada.blogspot.pt/2009/03/recordar-leonor-praca-e-o-seu-album.html>

<sup>431</sup> José Augusto Rodrigues Praça (1900-1952). Engenheiro civil, formou, juntamente com os Engenheiros Manuel Godinho e Luís Soares, a Sociedade de Engenharia de Obras Públicas e Cimento Armado, *OPCA*. Esta empresa construiu, entre outros, a reconstrução do Paço dos Duques de Bragança em Guimarães, o Monumento ao Cristo Rei, em Almada e o Frigorífico do Bacalhau do Porto, obra do Arq. Januário Godinho, onde também colaborou o pintor Guilherme Camarinha e o escultor Henrique Moreira. Foi um dos principais membros dinamizadores das tertúlias do Ateneu Comercial do Porto. Informação obtida em: RIBEIRO DOS SANTOS, Alfredo. “*A Tertúlia de José Praça no Ateneu Comercial do Porto*”. Porto, 1991.



um arco, como as meninas de certas estampas antigas, brinca antes com o Arco-Iris, fá-lo correr por todos os papéis e cartões que tem, onde as cores conduzidas pelos seus dedos sem artifícios, numa pureza só igual à sua alma se transformam numa multidão de figurinhas preciosas que só os seus olhos descobriram e que, só através dos seus olhos de Artista-Menina nos é dado a ver.”<sup>432</sup> Jorge Barradas exalta ainda a sensibilidade e a singularidade desta criança/prodígio que “não brinca com bonecas e que vive recolhida em algo que parece tristeza, mas que não é este o seu mal: mas Poesia e cor o seu único cuidado.”<sup>433</sup>

O catálogo identifica as obras através de uma simples numeração e respectiva data. Nenhuma tem título diferenciado; identifica porém os seus proprietários, o que indica que à data da exposição, a quase totalidade das peças expostas já tinha proprietário: eram eles, os seus familiares, nomeadamente o arquitecto Luís Praça<sup>434</sup>, seu irmão, o engenheiro José Praça, seu pai, D. Cândida Praça, sua mãe, os pintores Jorge Barradas e Fernando Lanhas, e ainda o arquitecto Januário Godinho, o Comandante Sarmento Rodrigues, o pintor Guilherme Camarinha, arquitecto Carlos Chambers Ramos, engenheiro Manuel Godinho, pintor Heitor Cramêz, todos estes amigos de seu pai e frequentadores assíduos das *tertúlias do Ateneu*.<sup>435</sup>

A aposta nesta criança, é em certa medida, premonitória, uma vez que a menina viria a tornar-se uma pintora e ilustradora que despertará o interesse tanto dos seus pares como da crítica e do público, sendo nesta época já confirmada nas críticas à sua primeira exposição: “No género, a exposição é interessante e digna de ser visitada, dando-nos a impressão de que Maria Leonor Praça, virá a ser, no futuro uma grande artista”<sup>436</sup>.

## balanço anual

O ano de 1949, foi o que registámos o maior número de exposições: 22.

Ano singularmente plural no que diz respeito às opções programáticas, que assistiu desde à realização de uma exposição infantil coletiva e uma individual, a exposições de artistas já revelados, como Carlos Carneiro e Júlio ou os ainda jovens Nadir Afonso, Resende, Jaime Isidoro e Neves e Sousa. Também neste ano aqui se realizaram exposições de auto didatas como Domingos Lopes.

A representação de artistas estrangeiros teve este ano a entrada do belga Raoul Deschamps<sup>437</sup>,

432 Catálogo de exposição de *Maria Leonor Praça*. Porto: Livraria Portugália, Novembro de 1949.

433 Ibidem.

434 Luís Manuel Guimarães Praça (1927-2004). Arquitecto, autor de entre outros, do projecto do Teatro de Algibeira – depois Teatro de Bolso, do Teatro Experimental do Porto (TEP) - localizado na Travessa de Passos Manuel,- do qual foi membro dos corpos gerentes. Este Teatro, inaugurado a 8 de Maio de 1956, foi o primeiro de semelhantes características construído na Península Ibérica. Foi destruído em Janeiro de 1981.

435 As *tertúlias do Ateneu* eram dinamizadas pelo Eng.º José Praça que em seu redor motivava um grupo que se reunia ao fim da tarde na sala do café do Ateneu Comercial do Porto, que unidos na oposição ao regime, lutavam em torno de ideias comuns de Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Sobre este assunto ver: RIBEIRO DOS SANTOS, Alfredo. “*A Tertúlia de José Praça no Ateneu Comercial do Porto*”. Porto, 1991.

436 *O Comércio do Porto* de 22 de Novembro de 1949.

437 Raoul Deschamps (1903-1958). Pintor francês.

dos espanhóis Amparo Palacios, Fernando Escrivá e do norueguês Oddvard Straume.

Relativamente aos artistas que regressaram a esta galeria: António Fernandes, Arthur da Fonseca, Carlos Carneiro, Martins da Costa e Júlio.

As estreias do ano, na cidade do Porto couberam a Oddvard Straume, Maria Leonor Praça.

Houve ainda três exposições patrocinadas pelo S.N.I.C., nomeadamente Martins da Costa, Amparo Palacios e Fernando Escrivá e Neves e Sousa. A produção escrita dos catálogos encontrados esteve a cargo de Fernando Lanhas e Neves e Sousa, Augusto Pinto, Jorge Barradas e Adriano de Gusmão.

## 1950

### exposições identificadas

Em 1950 registamos vinte exposições: em Janeiro, *João da Câmara Leme* (desenhos)<sup>438</sup> e *Mendes da Silva* (trabalhos a óleo)<sup>439</sup>; em Fevereiro, *António Silva* (pintura e desenho)<sup>440</sup>; em Março, *Exposição de Pintura, Escultura e Desenho de António Aires, Lagoa Henriques e Querubim Lapa*<sup>441</sup>, *Exposição de pintura de Carlos Ramos* (50 trabalhos a óleo)<sup>442</sup> e *Exposição de miniaturas de Maria das Dores Alves Afonso* (83 trabalhos de miniaturas e pequenos quadros a óleo)<sup>443</sup>; em Abril, *Domingos Lopes*<sup>444</sup>, *Exposição de cerâmicas de Hein Semke e Margarida Schimmelpfennig* [fig. 136 a 138] (cerâmica abstracta e figurativa)<sup>445</sup> *Arthur da Fonseca* (desenho e pintura inspirada em temas religiosos)<sup>446</sup> e *Maria Júlia* (trabalhos em carneira)<sup>447</sup>; em Maio, *Aníbal Alcino* (óleos, aguarelas e desenhos a nanquin aguarelados e guache)<sup>448</sup>, *Eduardo Luíz* (frescos, óleos, desenhos)[fig. 144 a 154] e *Exposição de pintura de Costa Júnior*<sup>449</sup>; em Junho, *Exposição de pintura de Alberto Hebl*<sup>450</sup> e *6ª Exposição Independente* [fig. 155]<sup>451</sup>; em Outubro, *António Sampaio* [fig 156 e 157](38 aguarelas e 9 óleos)<sup>452</sup> e *Carlos Carneiro* (74 trabalhos de óleos, aguarelas, e desenhos aguarelados executados durante a sua estada na Grã-

438 *O Primeiro de Janeiro* de 5 de Dezembro de 1950, p.8.

439 *O Comércio do Porto* de 30 de Janeiro de 1950 e em *O Primeiro de Janeiro* de 29 de Janeiro de 1950, p.7.

440 *O Primeiro de Janeiro* de 8 de Fevereiro de 1950, p.7.

441 *O Comércio do Porto* de 6 de Março de 1950, p.7.

442 *O Comércio do Porto* de 12 de Março de 1950, p.6.e em *O Primeiro de Janeiro* de 9 de Março de 1950, p.3.

443 *O Comércio do Porto* de 23 de Março de 1950 e em *O Primeiro de Janeiro* de 21 de Março de 1950, p.3.

444 *O Primeiro de Janeiro* de 29 de Março de 1950.

445 *O Comércio do Porto* de 12 de Abril de 1950.

446 *O Primeiro de Janeiro* de 25 de Abril de 1950. p. 3.

447 *O Primeiro de Janeiro* de 27 de Abril de 1950, p.3.

448 Como programação paralela à exposição, o poeta António Reis proferiu no sábado seguinte, pelas 18.30 h, uma palestra subordinada ao tema: *Da Personalidade na Arte*. Informação obtida em: *O Primeiro de Janeiro* de 3 de Maio de 1950, p.3.

449 *O Comércio do Porto* de 11 de Maio de 1950 e em *O Primeiro de Janeiro* de 11 de Maio de 1950, p. 3.

450 *O Comércio do Porto* de 3 de Junho de 1950.

451 *O Primeiro de Janeiro* de 21 de Junho de 1950. p. 3.

452 *O Comércio do Porto* de 12 de Outubro de 1950. p. 7.

Bretanha)[fig. 158]<sup>453</sup>; em Novembro, *Isolino Vaz* (retratos executados a lápis)<sup>454</sup>, *Hanide Vila-Novas* (bonecos e *abat-jours*)<sup>455</sup> e *Exposição anual de pintura de Martins da Costa* (47 trabalhos, entre os quais, óleos, aguarelas e desenhos de Mira, San Sebastian, Hendaye, Paris e Porto)<sup>456</sup>[fig. 159]; em Dezembro, *César Augusto Abbott* (trabalhos em aguarela e desenho)<sup>457</sup> e *Exposição de pintura de Maria Luíza da Costa Cruz Lima* (miniaturas)<sup>458</sup>.

### exposições destacadas

**01.** *Exposição de Pintura, Escultura e Desenho de António Aires, Lagoa Henriques e Querubim Lapa* **02.** *Exposição de cerâmicas de Hein Semke e Margarida Schimmelpfennig* **03.** *Eduardo Luíz* **04.** *6ª Exposição Independente.*

**01.** Acerca da *Exposição de Pintura e Desenho de António Aires, Lagoa Henriques e Querubim Lapa*, realizada na galeria da livraria *Portugália*, Aníbal Alcino escreve um artigo, que seria publicado na revista *Vértice*<sup>459</sup>, onde analisa os trabalhos dos artistas expositores, todos eles seus colegas, alunos da *Escola de Belas-Artes*.

De Querubim Lapa - para A. Alcino, o mais expressivo e brilhante dos três artistas expositores - enaltece a “riqueza de matéria e de colorido” dos seus trabalhos a óleo pintados em papel; também a “busca geométrica e a unidade formal entre o volume esferóide e escultórico de Henry Moore e a grafia geométrica de Portinari, que imprimem às suas obras um cunho acentuadamente pessoal.” Refere ainda um conhecimento profundo da técnica afirmando “Querubim sabe mexer os pincéis e a espátula”, rematando “...onde se sente tão à vontade que, por vezes, encontramos-lo a brincar com a riqueza cromática da matéria.” Embora acusando “altos e baixos” e uma certa dispersão proveniente da indecisão dos caminhos ainda a seguir, Aníbal Alcino dedica a António Aires palavras de esperança numa promissora carreira, para a qual apenas dependerá o grau de “persistência no trabalho”. Refere ainda alguma fragilidade tanto nos conhecimentos técnicos, como na falta de rigor e consciência que advém da utilização de tons suaves, quentes e claros na pintura. De Lagoa Henriques, que apresenta várias esculturas, na sua maioria bustos, que embora os considerando “ao nível” dos colegas expositores, lhe acusa uma postura mais cautelosa, ancorada ao equilíbrio das formas clássicas; destaca contudo, o retrato de António Aires, que considera o seu melhor trabalho.

453 *O Comércio do Porto* de 22 de Outubro de 1950.

454 *O Primeiro de Janeiro* de 2 de Novembro de 1950, p. 5.

455 *O Primeiro de Janeiro* de 10 de Novembro de 1950, p. 5.

456 *O Comércio do Porto* de 23 de Novembro de 1950, p.6 e em *O Primeiro de Janeiro* de 23 de Novembro de 1950, p.3.

457 *O Primeiro de Janeiro* de 1 de Dezembro de 1950, p.5 e em *O Comércio do Porto* de 5 de Dezembro de 1950, p. 8.

458 Maria Adelaide Lima Cruz (1908-1985). Pintora, cenógrafa, figurinista e cartoonista. Discípula de Carlos Reis e de sua mãe, a pintora Adelaide Lima. Registo da exposição obtido em: *O Primeiro de Janeiro* de 12 de Dezembro de 1950.

459 *Vértice* Vol. IX, nº 81 de Maio de 1950, p.326 e 327.



A imprensa<sup>460</sup> por sua vez elogia os trabalhos de Lagoa Henriques, referindo: “há que prestar homenagem ao autor dos bustos ali expostos”, adiantando que estes possuem “boas expressões, harmonia e certa beleza.”; no entanto mais reservas revela relativamente aos outros dois artistas, alegando que “Ainda que um ou outro desses trabalhos acusem um esforço (...) acontece que somente resulta de tudo isso uma coisa incaracterística, nas quais certas semelhanças com padrões já bastante conhecidos não podem passar, sequer, por meras coincidências.” Conclui referindo que “(...) sem se produzir obra aceitável e capaz de impor méritos cuja existência não pomos em duvida, mas que desta vez, não foram orientados no verdadeiro sentido e por isso mal se revelaram.”

**02.** De 11 a 20 de Abril, Hein Semke<sup>461</sup>, escultor alemão a residir há mais de vinte anos em Portugal, e Margarida Schimmelpfennig<sup>462</sup>, escultora portuguesa de ascendência alemã, realizam uma exposição conjunta na galeria da Portugália, na qual expõem cerâmica abstracta e figurativa.

Apesar da advertência de Alberto de Serpa<sup>463</sup>, e de acordo com as informações que obtivemos<sup>464</sup>, não foi produzido catálogo para esta exposição; no entanto, através da observação atenta das fotografias de que dispomos [fig. 136, 137 e 138], é possível a identificação de algumas das peças expostas, de autoria de Hein Semke, nomeadamente: *Ainda Estou Vivo (Ich lebe noch)*, c. 1949 [fig. 139], *O Poeta*, c.1949 [fig. 140], *Torso negro*, c.1947 [fig. 141], *Peixe-Máscara*, c. 1946 [fig. 142], *Máscara*, 1939 [fig. 143].

A análise das fotografias informa-nos que a grande quantidade de obras que os artistas selecionaram para trazer a esta exposição, ocuparam toda a sala de exposições, pelo que o próprio mobiliário serviu de expositor para as peças, pelo que observamos uma diversidade de esculturas e cerâmicas dispostas sobre as mesas.

As paredes da sala, estavam igualmente preenchidas com esculturas, máscaras e pratos decorativos, alternando com a afixação de alguns trabalhos em papel,<sup>465</sup> muito provavelmente

460 *O Comércio do Porto* de 6 de Março de 1950, p.7.

461 Hein Semke (Hamburgo, 1899- Lisboa, 1995). Escultor alemão. Estudou na Academia de Belas Artes de Hamburgo, onde foi aluno de Jan Bossard em escultura e de Wunche em cerâmica. Em Estugarda, frequenta a Academia de Belas Artes onde foi aluno de Ludwig Habich em escultura. Em 1932 regressa definitivamente a Portugal, fixando-se em Linda-a-Pastora, onde permanecerá até 1949. Em Portugal participou em inúmeras exposições. O seu trabalho está representado em colecções particulares em Portugal e no estrangeiro. In MUSEU DE JOSÉ MALHOA. *Hein Semke Esculturas 1899- 1995*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1997.

462 Margarida Maria Emmy Schimmelpfennig (n. Porto, 1930). Escultora portuguesa de origem germânica, diplomou-se em escultura pela Escola de Belas-Artes do Porto. Ao longo da sua carreira artística, fez joalharia com Hermann Junger mestre e artista pioneiro de joalharia contemporânea nos anos 60 do século XX. Fez também painéis cerâmicos, nomeadamente para o Hotel Ritz em Lisboa (1957), vitrais e esculturas. Reside em Lisboa. Informação em: <http://www.pin.pt/index.php/reflexoes-teoricas/criticas/2542-schmuck-2013-munike>

463 Cf. SERPA, Alberto – [carta] 1950 Janeiro 25, Porto [a] Hein Semke [manuscrito]. 1950. 1f. Acessível no Arquivo de Hein Semke. p. XLVI.

464 Informação obtida através de Dra. Teresa Balté, viúva do escultor.

465 Apesar de as notícias relativas a esta exposição apenas refiram a exposição de cerâmicas, pelas fotografias observamos a inclusão igualmente de algumas gravuras, cuja autoria desconhecemos.

aqueles a que se referia Alberto de Serpa<sup>466</sup>, quando escreveu: “Acho muito bem que venham os desenhos e as fotos, e permita-me sugerir, que venha para presidir a tudo uma daquelas grandes e formidáveis esculturas saídas das suas prodigiosas mãos...”<sup>467</sup>

Toda esta quantidade e diversidade de obras, que literalmente preencheu todo o espaço disponível da galeria (incluindo o pavimento e outro mobiliário suplementar) confere a esta mostra um carácter de “oficina de artista”, que por certo conferiu um carácter intimista à exposição.

Na imprensa, a exposição teve repercussão n’*O Comércio do Porto*<sup>468</sup>, onde é referido o interesse na visita à exposição na qual se pode observar o “trabalho sincero de duas pessoas que procuram dar expressão artística à cerâmica, quer se trate do género considerado louça decorativa, quer se trate de peças escultóricas em barro modelado e pintado para a criação de objetos considerados “arte abstrata” ou de simples interpretação pessoal dos motivos clássicos e eternos.” Salienta ainda a obra de Hein Semke, justificando que o artista “prova conhecer a técnica da cerâmica embora a utilize na confecção de muitos trabalhos que estão longe de merecer incondicional e unânime aprovação.”

**03.** A primeira exposição individual do pintor Eduardo Luíz [fig. 144 a 154]<sup>469</sup>, na altura com apenas 17 anos, realizou-se na galeria da Portugalia em Maio e integrou cinco frescos [fig. 145 a 149], cinco óleos [fig. 150 e 151] e quatro desenhos [fig. 152 a 154].

O prefácio do catálogo, assinado por António Reis<sup>470</sup>, um dos seus amigos mais próximos, evoca o espírito inquieto e inventivo do artista, que, apesar de precoce idade, começava já a lutar “contra doentes mas inflexíveis cânones passadistas e pirrónicos”.<sup>471</sup>

Os frescos, aplicados sobre suporte de madeira, de grandes dimensões, são apresentados no catálogo, numerados de 1 a 5. Neles estão representados dois jovens adolescentes (uma figura masculina e uma feminina), em várias poses, lembrando figuras de um bailado: ou tocando flauta ou comendo uma maçã, sentados numa manta.

Dos cinco óleos apresentados, identificamos três<sup>472</sup>: *Retrato de Júlia* [fig. 150], uma representação de um perfil feminino, *Garoto de Afurada*, e um outro que embora não tenhamos conseguido apurar o título, representa uma figura feminina caminhando junto a um muro,

466 Cf. SERPA, Alberto – [carta] 1950 Janeiro 25, Porto [a] Hein Semke [manuscrito]. 1950. 1f. Acessível no Arquivo de Hein Semke. p. XLVI.

467 Analisando as fotografias da exposição, não observamos a inclusão de fotografias, pelo que os expositores podem ter decidido não as exporem.

468 *O Comércio do Porto* de 12 de Abril de 1950.

469 Cf. Cronograma ilustrado. p. LV.

470 António Reis (Valadares, 1927- Lisboa, 1991). Pintor, escultor, poeta e cineasta. Era, juntamente com Aníbal Alcino, Pina Cabral e Lagoa Henriques um dos amigos mais próximos de Eduardo Luíz.

471 António Reis in catálogo da exposição de Eduardo Luíz na Portugalia, 1950.

472 Agradeço a colaboração da Professora Doutora Maria Leonor Soares na identificação dos óleos e ao Dr. Mário Gomes e à Drª. Isabel Gomes, respetivamente sobrinho e irmã do artista, na identificação dos frescos e dos desenhos.

sustentando uma ânfora na cabeça [fig. 151].

Relativamente aos três desenhos identificados [fig. 152 a 154], todos eles de dimensões consideráveis, o artista explora a técnica do grafite e do carvão em composições nas quais dois jovens assumem, de novo, protagonismo, e cuja temática remete para a dos frescos; embora neste caso, o artista abandone as situações de convívio e isole as figuras em composições em que elas únicas personagens representadas. Os objetos aparecem de novo aliados às figuras; neste caso uma ânfora à cabeça da rapariga.

As obras apresentadas nesta exposição, revelam uma procura estética, explorada nas três técnicas (fresco, óleo ou grafite) que denunciam já algumas das opções plásticas que viriam a ser continuadas no seu percurso artístico: figuras esguias, modeladas, formas puras, combinação entre figuras e objetos, e o confronto/polaridade entre a bidimensionalidade da tela e a afirmação do espaço além dela, indicadoras de “valores plásticos insubmissos à figuração”<sup>473</sup>, antevendo o mundo de tensões característica da sua obra. Relativamente ao desenho elogia as “linhas fluentes como rios”<sup>474</sup> que retas, quase, modelam paradoxalmente um corpo de alto a baixo”. Remata o texto com um brinde à beleza e à inquietação, e num presságio a uma futura e promissora carreira, escreve: “cedo a humanidade virá emaranhar-se nas suas linhas e nas suas cores.”<sup>475</sup>

A exposição realizada na Portugália, constituiu um momento importante na carreira do jovem artista; não só lhe proporcionou uma primeira experiência expositiva, como também, reconhecimento público, que seria concretizado nas primeiras encomendas: uma pintura mural com o título *A História de Pedro e o Lobo* para a antiga Sapataria Primor<sup>476</sup> e um mural para o Café Aviz.<sup>477</sup>

**04.** A 6<sup>a</sup> (e última) *Exposição Independente*, realizada em Junho de 1950, integrou obras de: Américo Braga, *Escultura*; António Cruz, *Escultura (cabeça)* e *Aquarela*; Arlindo Rocha com *Abstracção* e *Torso*, Arthur da Fonseca com *Pintura* e *Orbitas e Embriões*; Augusto Gomes com *O pequeno actor*, *Pintura* e *O Constructor*; Dordio Gomes com *Gadanheiro*; Eduardo Tavares com três peças designadas de *Escultura*; Fernando Lanhas com *retrato de Carlos F*, e duas obras com a designação de *abstracção*; Júlio Resende com *Rapazes com Rede*, *A tigela Azul* e *Ponta Seca*; Martins da Costa, com duas obras com designação de *Pintura*; Nadir Afonso com três obras sob a designação de *Pintura*; Neves e Sousa com *Pintura*, Querubim Lapa com *Pintura*<sup>478</sup>, Rui Pimentel com *Mulher* e *Carro de Bois* e

473 SOARES, Maria Leonor Barbosa. “Eduardo Luíz Na ordem a desordem: ampliando a experiência da representação em pintura”. Em *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas de Património. I Série, vol.III, p. 111*. Porto: 2004. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4086.pdf>

474 António Reis in prefácio do catálogo da exposição *Eduardo Luíz*. Porto: Livraria Portugália, 1950.

475 Ibidem.

476 A Sapataria Primor situava-se no Largo dos Lóios,nº 60, no Porto.

477 Cf. SOARES, Leonor. *Eduardo Luíz Uma obra síntese de lições e de Tempos*. Porto: Tese de Mestrado não publicada.

478 “A peça que no catálogo está designada de *Pintura*, lembro-me muito bem, na verdade era um guache. Representava uma



Amândio Silva com *Retrato e Pintura*.

Fernando Guedes assina um texto, publicado na revista *Portucale*,<sup>479</sup> onde traça o panorama geral desta exposição, referindo que no “capítulo da arte moderna, representa o acontecimento mais importante do ano.” Começa então por enfatizar as qualidades do pintor Júlio Resende e as suas “extraordinárias faculdades plásticas” nos óleos apresentados. Relativamente a Lanhas e Nadir, que embora seguindo caminhos distintos, aponta-lhes o mesmo domínio da *temática*: “nas formas, cores, superfícies e volumes – sabedores dos imperativos formais da abstracção.” Adianta ainda: “o que em Lanhas é inteligência, reflexão, linha adivinhadamente estudada até à saturação, em Nadir é sangue, ímpeto, luxúria e cor, excesso consciente.” Relativamente a Artur da Fonseca, considera estar ainda no ponto intermédio da abstracção, no entanto com interesse no que diz respeito ao desenho e ao colorido. De Rui Pimentel, refere “trazer obras interessantes”, apesar de ainda estar demasiado vinculado ao mestre, assim como Martins da Costa que embora interessante, acusa de se colar à obra *Árvores* de Roualut. Acusa ainda Neves e Sousa Querubim e Amândio de exporem obras abaixo das suas possibilidades. Para a parte final do texto remete Augusto Gomes e Dordio Gomes, dois pintores “mais velhos”, com lugar já conquistado no panorama artístico português a quem estende largos elogios. Na escultura, o relevo vai para as quatro esculturas em cerâmica de Américo Braga, em detrimento das de António Cruz e Eduardo Tavares.

### **balanço anual**

Este ano assinalou a estreia do jovem pintor Eduardo Luíz. Ainda a realização da 6<sup>a</sup> [e última] *Exposição Independente*, exposição coletiva assim como exposições de vários alunos da EBAP: António Aires, Querubim Lapa e Lagoa Henriques, Martins da Costa, Arthur da Fonseca, Aníbal Alcino.

A representação de artistas estrangeiros, menor que nos outros anos, esteve a cargo de Hein Semke, Margarida Schimmelpfennig e Hanide Vila Novas.

O grupo de artistas que regressou à galeria, neste ano é constituído por: João da Câmara Leme, Carlos Ramos, Maria das Dores, Domingos Lopes, Arthur da Fonseca, Aníbal Alcino, Hébil, Carlos Carneiro, Isolino Vaz. Dos catálogos encontrados, o único que integrava texto de artista era o da exposição de Eduardo Luíz de autoria de António Reis.

---

mulher, uma figura muito esguia, comendo um pão. Foi comprada pelo Mestre Dordio Gomes”. E remata: “1 000\$00 naquela altura foi uma loucura! Foi uma festança enorme!” Querubim Lapa em conversa com a autora em Dezembro de 2012.

479 *Portucale* n.º 28-30 de Out. a Dez. de 1950.

## 1951

### exposições identificadas

No último ano de atividade da galeria, registamos entre Janeiro e Junho (data do último registo encontrado), treze exposições: *Exposição Pomar* (pintura, pequenos estudos, desenho, escultura, cerâmica) [fig. 160]<sup>480</sup> e *Em Portugal 1ª Apresentação de Arte Abstracta de Joaquim Ferrer* (pintura) [fig. 161]<sup>481</sup> em Janeiro; *Domingos Lopes, Sonia Horvath*<sup>482</sup> (pintura de retratos)<sup>483</sup> e *Exposição de trabalhos arquitectónicos*<sup>484</sup> (projectos e anteprojectos para restaurante/balneário/dancing)<sup>485</sup> em Fevereiro; *José Contente* (pintura, desenho e gravura)<sup>486</sup> e *José Bastos expõe óleo e aguarela* [fig. 162] em Março; *Costa Júnior, José Penicheiro*<sup>487</sup> (bonecos em madeira policromados)<sup>488</sup> e *Miniaturas e pequenos quadros de Maria das Dores* [fig. 163] em Abril; *João da Câmara Leme* em Maio; *Exposição de Hansi Stael e Hein Semke*<sup>489</sup> (respetivamente, desenhos e cerâmicas), e *Exposição de Maria Paulina Teixeira Botelho de Carvalho* (Chanceleiros), em Junho.

### exposições destacadas

**01.** *Exposição Pomar* **02.** *Em Portugal, 1ª Apresentação de Arte Abstracta* de Joaquim Ferrer.

**01.** Neste ano, Júlio Pomar, já a residir em Lisboa, regressa ao Porto para uma segunda exposição na *Portugália*, realizada entre 10 e 15 de Janeiro. Apresenta uma produção diversificada perfazendo um total de 77 obras, entre as quais: 16 pinturas, 5 pequenos estudos, 20 desenhos, 8 esculturas, 24 cerâmicas, e 4 peças sobre poemas de Armindo Rodrigues - peças únicas executadas na *Cerâmica Bombarralense*, L.da.. Parte desta produção diversificada, foi realizada ainda durante os anos de permanência no Porto<sup>490</sup>. Apresenta as pinturas<sup>491</sup>: *Carvoeiras*, *O Golo*, *Menina com um galo*,

480 *Jornal de Notícias* de 11 de Janeiro de 1951, p. 3.

481 *Jornal de Notícias* de 23 de Janeiro de 1951, p. 3.

482 Sonia Horvath (?- 2009). Pintora húngara exilada em Portugal, desde a ocupação da Hungria pela Alemanha. Residia em Malveira da Serra. Informação disponível em: <http://m.dn.pt/m/newsArticle?contentId=3266716&related=no>

483 *Jornal de Notícias* de 11 de Fevereiro de 1951, p.6.

484 Inaugurada a 21 de Fevereiro de 1951, esta exposição, fez parte do concurso *Lusálite* foi organizada pela revista *Arquitectura* em colaboração com a *Corporação Mercantil Portuguesa*, na qual participaram vários arquitectos das gerações modernas. Os trabalhos foram expostos, depois de devidamente apreciados por um júri, com o intuito de promover o emprego de determinados materiais na construção fabricados em Portugal e de grande valor na construção civil. Os projetos e ante-projetos apresentados, surgem como resposta a um programa que incluía o projeto de um *restaurante/balneário/dancing*. Informação obtida em: *Jornal de Notícias* de 23 de Janeiro de 1951, p.3.

485 *Jornal de Notícias* de 21 de Fevereiro de 1951. p. 3.

486 *Jornal de Notícias* de 28 de Fevereiro de 1951. p. 3.

487 José Penicheiro (n. 1921). Caricaturista e ilustrador, colaborou em vários jornais como *A Bola*, *Os Rídiculos*, *O Sempre Fixe*, *A Bomba*. Fez publicidade, projetos de *stands* e pavilhões de feiras e exposições em Portugal e no estrangeiro. Em 1971, foi co-fundador do Círculo Experimental dos artistas Plásticos de Aveiro – Aveiroarte. Desde 1971, dedica-se exclusivamente à pintura. Informação obtida em: <http://www.galeriaalma.com/products/ze-penicheiro/>

488 *Jornal de Notícias* de 13 de Abril de 1951, p. 3.

489 Hein Semke expôs 53 cerâmicas, segundo lista de obras expostas cedida pela viúva do artista.

490 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. “Júlio Pomar no Porto” ... (*Op. cit.*), p.153.

491 Os óleos estão todos identificados em: POMAR, Alexandre, PLEYNET, Marceline. Júlio Pomar, *Catálogo Raisonné I. Pinturas, Ferros e Assemblages 1942-1968*. Paris, Lisboa: Editions de la Différence/Artemágica, 2004.

*Subúrbio 1*, *Subúrbio 2*, *Meninos num jardim*, *Varina Comendo Melancia*, *O Alcantra*, *Cabouqueiro*, *Mulheres do Porto*, *Mulheres na praia*, *Na Cozinha*, *Mulheres no cais*, *O carro na calçada*, *Na estrada de Aveiro*, *Cabeça de Mulher*. Nestas pinturas, registam-se “ensaaios que variam de quadro para quadro”<sup>492</sup>. Por um lado, uma abordagem à temática infantil, protagonizada pelas crianças, intérpretes principais em cenas de grande dinamismo;<sup>493</sup> por outro lado, cenas de âmbito mais familiar como *Na cozinha* e *Mulheres no cais*; ainda outras obras onde a predominância da composição geométrica assume o principal papel - *Cabouqueiro* e *O Alcantra* e, explorando esta vertente, *Varina comendo melancia*, numa notória aproximação a Picasso, que o artista tantas vezes referira nos seus textos.<sup>494</sup>

Embora não tenhamos procedido à identificação dos desenhos, os seus títulos apontam para temáticas semelhantes às dos óleos e a trabalhos mais antigos do artista, nomeadamente numa recorrente alusão às crianças com os trabalhos *Menina com tigela*, *Menina assustada* e *Menina com peixe*; remetendo para ofícios e trabalhos populares, com *Varina e Pescador com fateixa*, e ainda com alusões à fruta com *As mãos e os frutos*. A inclusão dos retratos do arquitecto Viana de Lima e da escritora Ilse Losa enriquecem este leque de possibilidades temáticas. No trabalho cerâmico, verifica-se, a par da temática infantil - *Menina quieta*, *Menina solta*, *Menino correndo*, alusões ao mar com as obras *Peixe*, *Sereia* e ao universo animal com *Cavalo vendado*, *Ave heráldica*, *Tourada* ou *Abutre*.

O *Jornal de Notícias*<sup>495</sup> elogia o artista, afirmando que este “caminha intencionalmente na vanguarda”, consequência do seu talento, que lhe proporciona enveredar por diversas “modalidades plásticas.” A respeito da variedade de meios e técnicas utilizadas pelo artista nas obras expostas, refere que estes “devem ser a linguagem nova que traduza o que de outro modo se não pode dizer, e porque é subjetiva, deve procurar aquela Harmonia- principio e fim – fogo sagrado de todo o movimento criador.” Acerca da heterogeneidade presente na exposição, “No atelier da sua intimidade é tão natural que brotem espontâneas as concepções equilibradas e límpidas como as mais tresloucadas tentações na interpretação da Beleza; quantas vezes a Verdade pode encontrar-se na loucura...” Adverte porém para os inconvenientes que a diversidade dos trabalhos pode trazer, pelo que o artista terá de ser sensato na distinção: “conjunto de trabalhos deste expositor onde a par de “Subúrbio”, *Mulheres no Cais*”, “Galo”, “O carro na Calçada”, sem duvida de um equilíbrio construtivo à altura, do espirito com que foram realizados, se vêm outros em que aliás as faculdades pictóricas se mantêm mas afirmam pelo menos aparentemente certa indisciplina aparentemente dispensável.” Quanto às qualidades do artista enquanto ceramista, refere: “Como ceramista, ou melhor, como pintor cerâmico, Julio Pomar revela-se um realizador de grande interesse sendo algumas das produções apresentadas - *Menina Quieta*, *O Abutre*, *Tourada*, prova inequívoca da sua requintada sensibilidade.”

492 POMAR, Alexandre, citado por ALMEIDA-MATOS, Lúcia. “Júlio Pomar no Porto” ... (*Op. cit.*), p. 153.

493 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. “Júlio Pomar no Porto” ... (*Op. cit.*), p. 153.

494 ALMEIDA-MATOS, Lúcia. “Júlio Pomar no Porto” ... (*Op. cit.*), p. 153.

495 *Jornal de Notícias* de 11 de Janeiro de 1951, p. 3.



**02.** Como pintor auto-didata, Joaquim Ferrer,<sup>496</sup> um escritor ligado à corrente neo-realista e ao movimento literário e artístico de Coimbra, apresenta na *Portugália* uma exposição de arte abstrata. Supomos que, pela proximidade das datas, tratar-se da mesma (ou sobre a mesma temática) que nesse mesmo ano apresentaria na galeria do *Diário de Coimbra* (em itinerância) e referenciada já por Rui-Mário Gonçalves,<sup>497</sup> como uma “exposição incipiente, com alguns quadros abstractos com títulos irónicos”. Esta exposição, viria a provocar escândalo na época.

O escritor, recém regressado de Paris após um exílio de 3 anos, supondo ser o primeiro em Portugal a apresentar arte abstrata, no catálogo anuncia: “Em Portugal, 1ª apresentação de arte abstracta - com uma introdução de temas figurativos”.

A exposição integra 50 obras, cujos títulos diversificados remetem para cenários bem distintos e desconcertantes como: *Uma ponte do Sena*, *O Chateau de Guilherme Tell*, *Paisagem com Piscina*, *O Jovem Conde de Barcelos Cavaleiro e Poeta* ou *A maravilhosa viagem a parte nenhuma*. O catálogo, um desdobrável em papel de embrulho, integra, além da enumeração das obras expostas, dois textos: um de Pablo Picasso, outro de Leon Degand, crítico de arte e um dos maiores defensores da arte abstracta. Em relação aos trabalhos expostos, *O Jornal de Notícias*<sup>498</sup>, referia: “devem causar sensação entre os apreciadores da moderna arte de pintar.”

## **balanço anual**

O ano de 1951 marca o regresso de Júlio Pomar à Portugália numa grande e multifacetada exposição onde o artista mostra o resultado de vários anos de trabalho utilizando diversas técnicas e meios. Registamos ainda exposições de três artistas estrangeiros residentes em Portugal: Sonia Horvath, Hein Semke e Hansi Stael.<sup>499</sup> A inclusão de uma exposição de trabalhos arquitetónicos, organizada pela revista *Arquitectura*, marca ainda um momento de exceção na restante programação. Artistas autodidactas: Joaquim Ferrer, Domingos Lopes e José Penicheiro. Artistas que regressaram: Júlio Pomar, Domingos Lopes, José Bastos, João da Câmara Leme e Hein Semke. A única produção escrita em catálogo encontrada para este ano foi de Joaquim Ferrer no seu próprio catálogo.

---

496 Joaquim Falcão Marques Ferrer (1914-1994). Escritor ligado ao movimento literário e artístico de Coimbra, Lisboa, inserido na corrente neo-realista. O seu primeiro romance *Rampagodos*, foi apreendido pela censura. De 1943 a 1949 vive em Paris. Em 1951 foi para o Brasil, instalando-se primeiro em S. Paulo, onde dirigiu a revista *Atlante* e depois no Rio de Janeiro. Regressa a Portugal após o 25 de Abril, onde viria a exercer funções na Secretaria de Estado da Cultura, no Gabinete de Relações Culturais Externas e no Instituto Português do livro, até 1984, ano da sua aposentação. Informação obtida em: <http://notascomentarios.blogspot.pt/2013/02/milhares-de-paginas-ineditas-de-um.html>

497 GONÇALVES, Rui- Mário. *De 1945 à Actualidade ... (Op. cit.)*. p. 64.

498 *Jornal de Notícias* de 23 de Janeiro de 1951, p. 3.

499 Hansi Stael (1913-1961). Artista húngara, formada em Artes Gráficas pela Escola de Artes e Ofícios de Viena. Depois da chegada a Portugal em 1946, vinda de Estocolmo, onde havia permanecido durante a Guerra, colaborou com a Fábrica de cerâmicas *Secla* entre 1950 e 1957, tendo fundado o Estúdio *Secla*. In PAMPLONA, Fernando. .... vol V. (*Op. cit.*) p. 257. e em <http://ceramicamodernistaemporugal.blogspot.pt/2012/03/jarro-hansi-stael-secla.html>







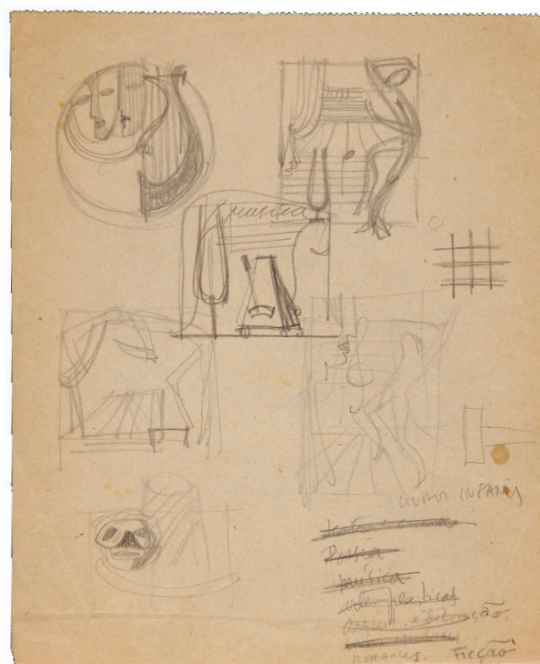


Fig.51  
Estudo para artigos de papelaria da  
Livraria Portugália, 1945  
grafite s/ papel  
16,4 x 20 cm  
col. particular



Fig.52  
Estudo para artigos de papelaria da  
Livraria Portugália, 1945  
grafite s/ papel  
16,4 x 20 cm  
col. particular



Fig.53  
Papel de embrulho da  
Livraria Portugália, 1945  
impressão em azul s/ papel  
de embrulho  
29,5 x 43,5 cm  
col. particular





Fig.54, 55 e 56  
Marcadores de livros para a  
Livraria Portugália, 1945  
impressão s/ cartão  
4,2x15,4 cm.  
5000 ex. - Imp. Portuguesa, Porto.





Fig.57  
Estudo de lettering para a coleção  
"Paralelo" a ser integrada na  
Livraria Portugália, 1945  
tinta da china e guache s/ papel  
vegetal  
17 x 10 cm  
Obs.: nunca foi editado



Fig.59  
Ex-Libris para a Livraria  
Portugália, 1945

Fig.58  
Maqueta para capa do livro  
"Os últimos homens da  
lua" de Lorenzo di Poppa,  
Portugália Editora, 1945  
tinta da china e guache e  
colagem s/ papel couché  
13,6 x 19,6 cm  
Obs.: não foi publicado com  
esta capa







## Conclusão

uma galeria moderna para arte moderna

Ao longo desta narrativa a três tempos, percorremos, todos os universos que conseguimos alcançar relativamente a este espaço plural, que embora *pensado* em Lisboa, se fixou no Porto, numa das mais prestigiadas artérias da baixa.

No final desta investigação ancorada em documentação escrita e testemunhos orais, constatámos a evidência de estarmos perante um espaço pioneiro na mostra de arte moderna, de forma regular e programada, no Porto.

Num primeiro tempo, num enquadramento do panorama expositivo da época, traçámos um percurso pelos diversos canais de que, nos anos 40, os artistas dispunham para o contacto com o seu público: *Que oportunidades e de que condições dispunham para expor? E o público, que oportunidades tinha para ver a arte que se fazia à época?*

Num segundo tempo, numa tentativa de reconstituir o diagrama de relações que deu forma a este projeto, estudámos a atividade desenvolvida pela *casa-mãe* e traçámos o perfil biográfico do seu principal protagonista, um industrial de sucesso, determinado nos negócios e no seu gosto pelas artes; expusemos o projeto e apresentámos o seu arquiteto: um jovem e ambicioso estudante e profissional em início de carreira.

Num terceiro momento, constatámos, após investigação exaustiva e consequente reflexão, a regularidade e a diversidade da programação; a direção artística, que pela ação respetivamente de Victor Palla e Fernando Lanhas, correspondeu a dois momentos de destaque nos anos de que nos ocupa este estudo, traduzidos numa realização programática e produção gráfica de qualidade, que ainda hoje podemos aferir.

A construção destes três momentos, foi feita com a precaução que re-apreciações como esta exigem.

Os cerca de 70 anos que separam o tempo da ação e o do presente estudo, ao contrário do que se poderia supor, não facilitou o distanciamento sempre necessário a uma investigação; antes pelo contrário, o progressivo conhecimento dos factos, aguçou o respeito por esta geração e pela notável obra que, juntos, conseguiram concretizar.

Inaugurada numa altura em que a realidade expositiva não apresentava grandes perspectivas para os jovens artistas em início de carreira, principalmente para os que enveredassem por uma “arte mais avançada”, a abertura da *Portugália* representou uma saída do marasmo expositivo a que a cidade assistia.

Sublinhamos a *abertura e disponibilidade* que a *Portugalia* sempre teve, por meio de uma atitude despreconceituosa e arejada, para que de forma sistemática, regular e programada se abrissem as portas a manifestações artísticas mais avançadas, que na época procuravam canais para a sua afirmação.



A respeito desta postura descontraída da *Portugália*, lembra o poeta Pedro Homem de Mello<sup>500</sup>, frequentador da Livraria e da Galeria:

“Enquanto na “Tavares [Martins]” só param os com mais de trinta anos, e na “Figueirinhas” os com mais de quarenta, a “Portugália” chama a si a juventude. Os “novos” lá entram e saem, sentam-se fumam e discutem, sem que ninguém procure afastá-los.”

Esta postura, que desde o início da investigação se revelou uma característica essencial e identitária da *Portugália*, permitiu que este lugar se tornasse simultaneamente palco e protagonista, de alguns dos acontecimentos mais marcantes do início da abstracção portuguesa: a realização das *Exposições Independentes*<sup>501</sup>, assim como diversas exposições individuais dos membros que as compunham, alguns ainda estudantes da Escola de Belas-Artes do Porto.

A programação cruzada que encerra a tipologia Livraria/Galeria, conferiu-lhe ainda outras qualidades, outras vocações que enriqueceram em larga medida a vivência deste espaço; pela presença, interligação e colaboração estreita entre artistas, escritores e poetas, assim como outras figuras da intelectualidade que aqui encontraram, a par dos cafés, dos *ateliers* e da própria escola, um espaço de diálogo, convívio e discussão, tão necessária para a actividade reflexiva desta época de experimentações e transformações...

A importância deste espaço é neste momento inegável, sobretudo pelo trabalho com que se ocupou durante os seus sete anos de existência, a preparar, informar e cultivar um público, e, simultaneamente, criando um mercado que permitiu o aparecimento (e a sobrevivência) das galerias de arte que depois surgiram no Porto nos anos 50: a *Alvarez* e a *Divulgação*.

A *Portugália* no desempenho da sua atividade, cumpriu o seu papel de divulgadora da cultura, revelando novos talentos e contribuindo de forma ímpar, para a formação intelectual e artística de toda uma geração, incluindo daqueles que viriam a ser designados por José-Augusto França, de 3ª geração de artistas modernos<sup>502</sup>.

Sabemos à partida das infinitas abordagens que um assunto proporciona, pela possibilidade de enfoques e re-enfoques vários de acordo com o discurso pretendido e os meios disponíveis. Resta-nos porém a convicção de que todas as possibilidades de aproximação ao tema que estavam ao nosso alcance foram abordadas, questionadas e estudadas - exceção ao que se refere à atividade livreira e editorial, que, por não constituir o cerne desta investigação, não foi aprofundada pelo que poderá constituir matéria para investigação futura.

Acerca da emergência de um *pensamento novo*, gerador de atitudes pioneiras, como as protagonizadas pela *Portugália*, lembramos, em jeito de homenagem, algumas palavras de um dos seus intervenientes mais ativos, Fernando Lanhas:

---

500 HOMEMDE MELO, Pedro, citado por VIALE MOUTINHO, José in ARVORE- COOPERATIVA DE ACTIVIDADES ARTÍSTICAS. *Antonio Sampaio O Homem e a Obra*. Porto: Cooperativa Árvore, 2004. p. 42.

501 Nomeadamente a 4ª, a 5ª e a 6ª, em 1946, 1948 e 1950.

502 FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal ... (Op cit.)*, p.271.

*“O mundo já foi outro do que foi.  
Entre a lógica de ser e o decepcionante acaso,  
Falta o pensamento novo.*

*Depois que o mar caiu, o surgimento da vida.  
O mais aconteceu no mar, que o mundo é muito de mar.*

*Na terra está o homem e, num instante, as maiores bibliotecas.  
Mal reparamos na existência fabulosa que nós somos.*

*O homem será um dia algarismo.”*

Fernando Lanhas, *Câmbrico, Porto, 1997.*

P.S- [Sobre o encerramento da Portugalía]

Os motivos da rápida extinção da Portugalía do Porto são desconhecidos: nenhum registo foi encontrado que indique a data ou os motivos que levaram ao seu encerramento.

Carlos Porto<sup>503</sup>, no livro *Livrarias & Livreiros Histórias Portuenses [1945-1994]*<sup>504</sup>, aponta o “desequilíbrio entre as elevadas apetências culturais da livraria, e a retração dos clientes”, como estando na origem da sua extinção.

Esta leitura encontra eco nas palavras do poeta e escritor Alberto de Serpa em carta enviada a Hein Semke já referida<sup>505</sup>, advertindo-o para a real situação económica vivida na cidade do Porto, por forma a que este não fosse surpreendido pela falta de vendas.

“Mais uma vez o aviso de que não conte vender. Por mais acessíveis que sejam os preços, no Porto hoje ninguém tem dinheiro para os Artistas. É do meu dever mostrar-lhe claramente a situação, pois seria doloroso ser colhido de surpresa.”

A última exposição identificada data de Junho de 1951<sup>506</sup>, antes do encerramento para a época de Verão: supomos que depois das férias nunca mais tenha aberto.

503 José Carlos da Silva Castro, de pseudónimo Carlos Porto (Porto, 1930 – Lisboa, 2008). Poeta, dramaturgo e tradutor. Um dos fundadores da *Livraria Divulgação*.

504 PORTO, Carlos. *Livrarias e Livreiros Histórias Portuenses (1945-1994)*. Porto: Livraria Leitura, 1994. p.42.

505 SERPA, Alberto – [carta] 1950 Março 10, Porto [a] Hein Semke [manuscrito]. 1950. 1f. Acessível no Arquivo de Hein Semke. p. XLIV.

506 Cf. Cronograma Ilustrado. p. LV.

O último registo<sup>507</sup> que diz respeito a esta morada, foi encontrado no Arquivo da Câmara Municipal do Porto<sup>508</sup> e data de Fevereiro de 1953: refere-se a um pedido de licença para obras de adaptação a um novo espaço, projeto de autoria do arquitecto Jorge Segurado, cujo requerente é a firma *J. C. Donas, L.da*. Na verdade, trata-se da discoteca *Vadeca* que aí esteve instalada até finais dos anos 80.<sup>509</sup>

Atualmente, no n.º 210 da Rua 31 de Janeiro, está instalada uma loja de pronto a vestir.

---

507 “Requerimento” in [Projeto de licenciamento n.º 121/53], 1953. Porto. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal do Porto

508 Os documentos escritos datam de Dezembro de 1952, apesar de o processo só ter dado entrada na Câmara Municipal do Porto em Fevereiro de 1953.

509 Agradeço a informação ao Sr. Francisco Vasconcelos, gerente da Vadeca.



## Referências bibliográficas

*A Tarde* [Todas as edições da página cultural *Arte* do ano de 1945]. Acessível no Arquivo da BPMP.

AFONSO, Laura. *A Crítica na Obra de Nadir Afonso. O caso das obras de título cidadão*. Lisboa: Universidade aberta, 2010. Tese de mestrado não publicada. [consultado em 10 de Outubro de 2012]. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1724>

ALMEIDA, Bernardo Pinto de. *Introdução à História da Pintura Portuguesa no século XX*. Porto: s.e., 1985.

——— *Pintura Portuguesa no século XX*. Porto: Lello & Irmão, 1993. ISBN: 972-48-1655-9.

ALMEIDA-MATOS, Lúcia. *Escultura em Portugal no século XX (1910-1969)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN: 978-972-31-1200-9.

AMARO, Luíz [entrevista realizada a Luíz Amaro via telefone]. Lisboa 2011.

ANDRADE, Artur – [Projeto de licenciamento n.º 389/44], 1944, Janeiro. Porto. 17f. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal do Porto.

ANUÁRIO DO PORTO – Santos Viseu (Comercial, Industrial e Burocrático) Porto e seu distrito. 1947.

ÁRVORE COOPERATIVA DE ACTIVIDADES ARTÍSTICAS. *ANTÓNIO SAMPAIO 1916-1994. O Homem e a Obra*. Porto: Árvore Cooperativa de Actividades Artísticas, C.R.L. Maio 2004.

ÁRVORE COOPERATIVA DE ACTIVIDADES ARTÍSTICAS. *Pintura ou Não?* Porto: Faculdade de *Belas Artes da Universidade do Porto* e Cooperativa Árvore, 2012.

ATENEU COMERCIAL DO PORTO. *Historial do Ateneu Comercial do Porto*. [consult. a 10 Jul. 2013]. Disponível em: <http://ateneucomercialporto.pt>

ATENEU COMERCIAL DO PORTO. *Percursos: A Pintura do Ateneu Comercial do Porto*. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 2005. ISBN: 972-96861-2-2.

BALTÉ, Teresa. *Hein Semke A Coragem de ser Rosto*. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2ª edição, 2009.

BARRETO, Costa (org.) *Estrada Larga. Antologia do Suplemento de Cultura e Arte do “Comércio do Porto”*. Porto: Porto Editora, 1959.

BASTO, Cláudio, VITORINO, Pedro. *Portucale revista ilustrada de cultura científica e artística*. Porto. [todos os números]

BEJA, CÂMARA MUNICIPAL. *Arte Portuguesa nos Anos 50*. Beja: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992

CARDOSO, António. [várias entrevistas realizadas a Dr. António Cardoso]. Porto, 2011 a 2012.

CASIMIRO, Jaime Cortesão (dir.) ed. Luís de Sousa rebelo. *Mundo Literário: semanário de crítica e informação literária, científica e artística*. [todos os números].

CASTRO, Laura. *Júlio Resende Tentações da Pintura Ocidental*. Imprensa-Nacional Casa da Moeda. 1999. ISBN: 972-27-0981-X.

CASTRO, Laura, HENRIQUES DA SILVA, Raquel. *História da Arte Portuguesa. Época Contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta, 1997. ISBN: 972-674-186-6.

CASTRO, Laura. “Murais cerâmicos em espaço público” in *Arte e Espaço Público*. Boletim Apha nº1 de Dezembro de 2003. Porto: APHA, 2003.

CERQUEIRA, Hugo Nazareth Fernandes. *Contributo para uma hermenêutica de tradição no modernismo português. António Varela e o legado do Invisível. Composição, traçado e simbólica de um arquitecto à sombra de gigantes (1930-1940)*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009. 2 vols. Tese de doutoramento não publicada. [Consultado a 4 de Agosto de 2013]. Disponível em: <http://www.urbanismo-portugal.net/projectos-de-investigacao/teses-doutoramento-3o-ciclo>

CESARINY, Mário. *Vieira da Silva Arpad Szenes ou o Castelo Surrealista*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1984.

CORREIA, Miguel Anacoreta. *NEVES E SOUSA pintor de Angola (1921-1995)*. Lisboa: Sextante Editora. ISBN: 978-989-8093-72-1.

COSTA, Maria Teresa. “Os cafés do Porto” in *Boletim APHA*, nº 2, Novembro 2004. Porto: Associação Portuguesa de Historiadores de Arte, 2004. [consult. a 7 de Fev. 2013]. Disponível em: <http://www.apha.pt/boletim/boletim2/pdf/CafesDoPorto.pdf>

COUTO, Júlio. *A Praça de Carlos Alberto*. Porto: Livraria Vieira, 2003.

DIONÍSIO, Mário (texto). *POMAR - XVI Desenhos + desenhos da prisão e outros inéditos*. Lisboa: Artemágica centro de edição gráfica, Lda. 2004. ISBN: 989-605-001-5.

MELLO, Thomaz, AZEVEDO, Fernando, PALLA, Victor, FREITAS, Lima, CLÉRIGO, Octávio e RODRIGUES, Sebastião. *Falando do Ofício*. Lisboa: Soctip Editora, Novembro 1989.

FERNANDES, Fernando. [várias entrevistas realizadas a Fernando Fernandes]. Porto, 2011

a 2013.

FERNANDES, Maria João. *Júlio/ Saúl Dias*. Lisboa: INCM, 2004. ISBN:972-27-1212-8.

FERRO, António. *A Política do Espírito e a Arte Moderna Portuguesa*. Lisboa: Edições SPN.1935.

FERREIRA, António Quadros. *O Lado de Cá. Conversas com Fernando Lanhas*. Porto: autor e Edições Afrontamento, 2011. ISBN: 978-972-36-1191-5.

FRANÇA, José Augusto. *Arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Livros Horizonte. 4ª Edição. 2009. ISBN: 978-972-24-1583-5.

——— *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX*. Lisboa: Livros Horizonte.

——— *Quinhentos Folhetins (volume 2)*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa: 1993. ISBN: 972-27-0525-3.

——— *O Modernismo na Arte Portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1991. ISBN: 972-566-157- 5.

——— “António Pedro Pintor” in *Portuguese Cultural Studies* 5 Spring 2012. ISSN: 1 8 7 4 - 6969. [consultado a 25 Ago. 2013] Disponível em: <http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/PVOLUMEFIVEPAPERS/P5Franca.pdf>

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. *Os Anos 40 na Arte Portuguesa*. Lisboa: Galeria de Exposições Temporárias, 1982, 2 vols.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. *Carlos Ramos: exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

FUNDAÇÃO DE SERRALVES. *Fernando Lanhas*. Porto: Edições ASA. Fundação de Serralves, 2001.

FUNDAÇÃO DE SERRALVES. *Panorama Arte Portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves, 1999.

FUNDAÇÃO DE SERRALVES. *Porto 60/70 Os Artistas e a Cidade*. Porto: Fundação de Serralves, Árvore- Cooperativa de Actividades Artísticas, 2001.

GALERIA DO PALÁCIO. [+ de] *20 Grupos e Episódios no Porto do século XX vol. I* Porto: Galeria do Palácio, 2001. ISBN: 972-8022-19-0.

——— [+ de] *20 Grupos e Episódios no Porto do século XX vol. II*. Porto: Galeria do Palácio, 2001. ISBN: 972-8022-19-0.

GOMES, Raul, VAZ, Carmo. *Vértice revista de Cultura e Arte*. Coimbra. [todos os números entre 1945 e 1951].



GONÇALVES, Rui Mário. *Pioneiros da Modernidade História da Arte em Portugal*. Volume 12. Lisboa: Publicações Alfa. 1986.

——— *De 1945 à actualidade História da Arte em Portugal*. Volume 13. Lisboa: Publicações Alfa. 1986.

——— *Pintura e escultura em Portugal 1940-1980*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Biblioteca Breve/ volume 44 *Série Artes Visuais*. 2ª Edição. Junho 1983.

——— *A Arte Portuguesa do Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores. Dezembro 1998. ISBN: 972-42-1919-4.

GUEDES, Fernando. *Estudos sobre Artes Plásticas – Os anos 40 em Portugal e Outros Estudos*. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985.

——— *Fernando Lanhas Os Sete Rostos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. Janeiro de 1998.

——— *Duas Comunicações: Elementos para uma História da Pintura em Portugal no séc. XX – Os Segundos 25 anos decisivos para o modernismo português (1935- 1960). Fernando Lanhas Cinquenta anos de arte abstracta em Portugal*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes. 1997.

HENRIQUES, Paulo (coord.). *Hein Semke Esculturas 1899- 1995*. Instituto Português de Museus, 1ª edição, 1997. ISBN: 972-8137-71-0.

IR/L.A. “Um Benemérito da Cultura Alvaro Bordalo (1909-1986) in *Colóquio/Letras* n° 93, Setembro de 1986. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986. p. 127-128.  
[consult a 13 Dez. 2012] <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=93&p=127&o=r>

LAMBERT, Maria de Fátima. *Acerca das tendências da Escultura Portuguesa Actual*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, 1996.

LIVRARIA PORTUGÁLIA. *Aquarelas de Júlio Resende*. Porto: Livraria Portugália, Abril 1945. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.

——— *Aquarelas e Desenhos Paulo Ferreira*. Porto: Livraria Portugália. Maio de 1945. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Alguns Aspectos da Suíça*. Porto: Livraria Portugália, Maio de 1949. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.

——— *Ayres de Carvalho*. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo da autora.

——— *Aníbal Alcino*. Porto: Livraria Portugália, 1948. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.

- *A. Alcino*. Porto: Livraria Portugália. 1947. Acessível no Arquivo de Dr. Fernando Guedes.
- *António Sampaio*. Porto: Livraria Portugália. Outubro de 1950. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.
- *António Sampaio*. Porto: Livraria Portugália, Novembro 1947. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.
- *Arthur da Fonseca*. Porto: Livraria Portugália. Porto: Abril de 1948. Acessível no Arquivo de Dr. Fernando Guedes.
- *Arthur da Fonseca*. Porto: Livraria Portugália. Porto: Fevereiro de 1949. Acessível no Arquivo de Dr. Fernando Guedes.
- *Aspectos de Paris*. Porto: Livraria Portugália, Novembro 1948. Acessível no Arquivo de Arq. Fernando Lanhas.
- *Carlos Carneiro*. Porto: Livraria Portugália. Maio de 1945. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.
- *Carlos Carneiro*. Porto: Livraria Portugália, Janeiro 1947. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.
- *Carlos Carneiro*. Porto: Livraria Portugália, Maio 1948. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.
- *Carlos Carneiro*. Porto: Livraria Portugália, Outubro 1950. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.
- *Carlos Ramos*. Porto: Livraria Portugália. Janeiro de 1946. Acessível no Arquivo da autora.
- *Desenhos de Maria Helena Cordeiro*. Porto: Livraria Portugália, Novembro de 1945. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.
- *Eduardo Luíz*. Porto: Livraria Portugália. Maio de 1950. Acessível no Arquivo da família do pintor Eduardo Luíz.
- *Em Portugal 1ª Apresentação de Arte Abstracta com uma introdução de temas figurativos* de Joaquim Ferrer. Porto: Livraria Portugália, 1951. Acessível no Arquivo de Dr. Helder Pacheco.
- *Exposição de Pintura de Madame Bizet*. Porto: Livraria Portugália. Abril de 1948. Acessível no Arquivo da autora.
- *Isolino Vaz*. Porto: Livraria Portugália, Novembro de 1948. Acessível no Arquivo de Dr. Fernando Guedes.

——— *Nadir*. Porto: Livraria Portugalía, Junho 1949. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.

——— *20 Anos de Pintura Exposição de Dordio Gomes*. Porto: Livraria Portugalía, Abril 1946. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.

——— *Pomar expõe 25 desenhos*. Porto: Livraria Portugalía, 1947. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.

——— *Exposição de António Soares Grand Prix na Expos. Universal de Paris em 1947*. Porto: Livraria Portugalía, Maio 1946. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Exposição Infantil*. Porto: Livraria Portugalía, Março de 1949. Acessível no Arquivo de Arq. Fernando Lanhas.

——— *Exposição de Pintura de António Fernandes*. Porto: Livraria Portugalía, Março de 1947. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Exposição de Pintura Portuguesa (sécs. XIX e XX)*. Porto: Livraria Portugalía, Março 1945. Acessível no Arquivo da autora.

——— *Exposição de Desenhos e Gouaches de Raoul Deschamps*. Porto: Livraria Portugalía. 1949. Acessível no Arquivo da autora.

——— *Júlio Resende*. Porto: Livraria Portugalía, Março de 1946. Acessível no Arquivo de Arq. Fernando Lanhas.

——— *Maria Leonor Praça*. Porto: Livraria Portugalía, Novembro 1949. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.

——— [convite para a exposição de Maria Leonor Praça]. Porto, 1949. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.

——— *Martins da Costa*. Porto: Livraria Portugalía, Novembro de 1950. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Oddvard Straume*. Porto: Livraria Portugalía, Outubro 1949. Acessível no Arquivo de Dr. Fernando Guedes.

——— *Pedro Leitão*. Porto: Livraria Portugalía, 1947. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *III Exposição Anual de Martins da Costa*. Porto: Livraria Portugalía. Dezembro 1947. Acessível no Arquivo de Dr. António Cardoso.

——— *Exposição de pintura de Maria Emília de Barbosa Viana*. Porto: Livraria Portugalía, Outubro de 1947. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.



——— *Exposição de Anne Marie Jauss*. Porto: Livraria Portugal, Fevereiro de 1946. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Exposição de óleo, pastel e escultura de David Sousa*. Porto: Livraria Portugal. Novembro. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Exposição de Gretchen Wohlwill*. Porto: Livraria Portugal, Dezembro de 1945. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Exposição de Maria do Carmo Sequeira Cabral e Maria Madalena Sequeira Cabral*. Porto: Livraria Portugal, Dezembro de 1946. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Martin Maqueda Exposição de Desenhos*. Exposição de desenhos. Porto: Livraria Portugal, Dezembro de 1946. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Exposição de Amparo Palacios e Fernando Escrivá*. Porto: Livraria Portugal, Outubro de 1949. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Exposição de Pintura de António Silva*. Porto: Livraria Portugal, Fevereiro de 1947. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Óleos antigos e desenhos recentes de Júlio*. Porto: Livraria Portugal, Dezembro de 1949. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *50 desenhos a nanquim exposição de Júlio*. Porto: Livraria Portugal, Novembro de 1945. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Exposição de óleos, aguarelas e gouache de Margarite Janes*. Porto: Livraria Portugal. Abril de 1947. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Gretchen Wohlwill*. Porto: Livraria Portugal, Maio de 1947. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Miniaturas e pequenos quadros de Maria das Dores*. Porto: Livraria Portugal, 1951. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *José Bastos expõe óleo e aguarela*. Porto: Livraria Portugal, Março de 1951. Acessível no Arquivo da família do pintor António Sampaio.

——— *Exposição de Neves e Sousa*. Porto: Livraria Portugal, 1947. Arquivo de Dr. Fernando Guedes.

——— *Exposição Pomar*. Porto: Livraria Portugal. 1951. Acessível no Arquivo de Dr. Fernando Guedes.

——— *Resende*. Porto: Livraria Portugal, 1949. Acessível no Arquivo de Dr. Fernando Guedes.

——— *4ª Exposição Independente*. Porto: Livraria Portugal, 1946. Acessível no Arquivo de arq.

Fernando Lanhas.

——— *5ª Exposição Independente*. Porto: Livraria Portugália, 1948. Acessível no Arquivo de arq. Fernando Lanhas.

——— *6ª Exposição Independente*. Porto: Livraria Portugália, 1950. Acessível no Arquivo de arq. Fernando Lanhas.

L.M.Q. “O industrial que gostava de livros” in *Público* 10 de Abril de 2000.

LOPES, Domingos [entrevista realizada a Domingos Lopes]. Porto, 2012.

MARTINS, João Palla. *Vítor Palla (1922-2006) Um Levantamento Crítico*. Lisboa: IADE: 2007. Tese de mestrado não publicada.

——— *O Lugar do Desenho na obra de Vítor Palla*. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2012. 2 vols. Tese de doutoramento não publicada. [consultada em 2012]. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/6903>

MATOSINHOS. Câmara Municipal. Galeria Municipal. Fundação Júlio Pomar: *Primeira escolha=first choice*/Galeria Municipal de Matosinhos. Matosinhos: Câmara Municipal, 2007. ISBN: 978-972-9143-51-9

MOREIRA, Isabel M. Martins. *Galerias de Arte e o seu Público*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa Instituto Português de Ensino à Distância, 1985.

MNAC Museu do Chiado. *A Arte Portuguesa do século XX (1910-1960)*. Vol.II. Lisboa: MNAC Museu do Chiado, 2011.

MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS. Exposição “*levantamento da arte do século XX no Porto*”. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis. Julho 1975.

——— Roteiro da Coleção. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis.

MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS. *Museu Nacional de Soares dos Reis: Roteiro da Coleção*. Lisboa: IPM, 2001. ISBN: 972-776-104-6.

MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS. *Nadir Afonso sem limites*. Porto: Instituto dos Museus e da conservação/ Museu Nacional de Arte Contemporânea- Museu do Chiado, Junho 2010. ISBN: 978-972- 776-408-2;

*O Comércio do Porto*. [todas as edições de Março de 1945 a 1951]. Acessível no Arquivo da BPMP.

*O Primeiro de Janeiro*. [todas as edições de Março de 1945 a 1951]. Acessível no Arquivo da BPMP.

*O Século* de 28 de Novembro de 1944.

OLIVEIRA, Leonor. *Museu de Arte Contemporânea de Serralves Os Antecedentes 1974-1989*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2013. ISBN:978-972-27-2104-2.

PAMPLONA, Fernando. *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que Trabalharam em Portugal*. Porto: Ed. Civilização, 1987.

PEREIRA, Paulo (dir.). *História da Arte Portuguesa Do Barroco à Contemporaneidade*. Volume II. Círculo de Leitores. 1ª Edição. 1995.

POMAR, Alexandre, PLEYNET, Marceline. *Julio Pomar Catálogo “Raisonné” I. Pinturas Ferros e Assemblages 1942-1968*. Paris, Lisboa: Editions de la Différence/ Ed. Artemágica, 2004.

POMAR, Alexandre. *Anos Quarenta (1982) II: A geração da ruptura*. [consult. a 11 de Jan. 2013]. Disponível em: <http://alexandrepomar.typepad.com>

POMAR, Alexandre. *Julio Pomar. O neo-realismo e depois*. [consult. a 4 de Out. de 2012]. Disponível em: <http://independent.academia.edu/AlexandrePomar>

POMAR, Alexandre. *Histórias portuguesas (anos 40)*. [consult. a 4 de Out. de 2012]. Disponível em: <http://independent.academia.edu/AlexandrePomar>

POMAR, Júlio [entrevista realizada a Júlio Pomar]. Lisboa, 2012.

PORTO, Carlos. *Livrarias e Livreiros (1945-1994) Histórias Portuenses*. Porto: Livraria Leitura. 1994.

PORTELA, Artur. *Salazarismo e Artes Plásticas*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1987.

QUADRADO AZUL. *LANHAS*. Porto: Quadrado Azul, 1994. ISBN: 972-8243-00-6.

RESENDE, Júlio. *Autobiografia*. Lisboa: Edições “O Jornal”, 1987.

RIBEIRO DOS SANTOS, Alfredo. *A Tertúlia de José Praça no Ateneu Comercial do Porto. Leonor Praça (uma Malograda Pintora)*. Porto: Ed. do autor, 1991.

———. *História Literária do Porto através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009. ISBN: 978-972-36-1038-3.

RIBEIRO DOS SANTOS, Alfredo. [entrevista realizada a Dr. Alfredo Ribeiro dos Santos]. Porto 2011.

RILKE, Rainer Maria. *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*. Porto: Editorial Inova, 1974.

RODRIGUES, A. Jacinto. *Cem Anos de Arte no Porto. Subsídios para uma Portugalidade Portuense*. Porto: Árvore, Cooperativa de Actividades Artísticas. 1992.

RODRIGUES, António (coord.). *Anos 60 Anos de Ruptura: Uma perspectiva da arte portuguesa nos anos sessenta*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.



SAMPAIO, António – [Notas manuscritas, nas quais indica o preço das obras a expor na galeria da *Portugália*]. 1950. 2 f. Acessível no arquivo da família do artista.

SANTOS, José da Cruz (coord.). *Agostinho Fernandes Um Industrial Inovador, Um Coleccionador de Arte, Um Homem de Cultura. Fotobiografia*. José Domingos da Cruz Santos e Portugália Editora, Lda. 2ª Edição. 2008. ISBN: 978-972-9487-95-8.

SHIMMELPFENNIG, Margarida [entrevista realizada a Margarida Schimmelpfennig]. Lisboa, 2012.

SERPA, Alberto – [carta] 1950 Março 10, Porto [a] Hein Semke [manuscrito]. 1950. 1f. Acessível no arquivo de Hein Semke.

SERPA, Alberto – [carta] 1950 Fevereiro 19, Porto [a] Hein Semke [manuscrito]. 1950. 1f. Acessível no arquivo de Hein Semke.

SERPA, Alberto – [carta] 1950 Janeiro 25, Porto [a] Hein Semke [manuscrito]. 1950. 1f. Acessível no arquivo de Hein Semke.

SERRA, Filomena. *Fernando Lanhas*. Lisboa: Editorial Caminho. ISBN: 978-972-21-1865-1.

SILVA, Jorge. *João da Câmara Leme* [consult. a 5 de Ago. 2013]  
Disponível em: <http://almanaquesilva.wordpress.com>

SILVA, Pedro Soares da. *Obra e Vida de Artur Andrade*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008. Tese de mestrado não publicada. [consult. 2012]. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/3537>

SALÃO SILVA PORTO. Boletins. [do nº 1 ao nº 6]. Porto: Alberto de Almeida (ed.).

SILVA, Elvira Cardoso - [Projeto de licenciamento nº 292/43] 1943, Julho. Porto. Acessível no arquivo da Câmara Municipal do Porto.

SOARES, Manuela Goucha. “O Fundador da Portugália” in *Expresso* 21 de Abril de 2000.

SOARES, Maria Leonor Barbosa. *Eduardo Luíz Uma Obra Síntese de lições e de tempos*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Tese de mestrado não publicada.

SOARES, Leonor. “Eduardo Luíz. Na Ordem a desordem: Ampliando a experiência da representação em pintura.” in *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*, I série, vol III. Porto: Faculdade de Letras, 2004. p. 109-127. [consult. a 11 de Abr. de 2012]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4086.pdf>

TAVARES, Cristina Azevedo. *A Sociedade Nacional de Belas Artes. Um Século de História e de Arte*. Vila Franca de Xira: Projecto, Núcleo de desenvolvimento Cultural de Vila Franca de Xira e Fundação da Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2001. ISBN: 989-20-0339-X. Tese de doutoramento.

TOSTÕES, Ana. *Os verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50*. Porto: FAUP Publicações, 1997. ISBN: 972-9483-30-2.

VASCONCELOS, Florido. *História da Arte em Portugal*. Biblioteca Básica Verbo. 1972.

Alçado principal da Livraria Portugália [visual gráfico] in SEGURADO, Jorge. [Projeto de licenciamento nº 121/53] Porto, 1952. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal do Porto.

Montra lateral direita da Livraria Portugália [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Montra lateral esquerda da Livraria Portugália [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Pedro Soares da Silva.

Perspetiva interior da Livraria Portugália[visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Interior da Livraria Portugália[visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Pedro Soares da Silva.

Interior da Livraria Portugália[visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Iluminação (pormenor) [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Iluminação (pormenor) [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Sala de reunião de escritores [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Pedro Soares da Silva.

Vista sobre o varandim [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Vista sobre o varandim (pormenor) [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Escada de acesso à galeria de arte [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Escada exibindo fresco do pintor Augusto Gomes [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Pormenor da galeria de arte [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Pormenor da galeria de arte [visual gráfico]. Porto: Livraria Portugália, 1945. Acessível no Arquivo de arq. Artur Andrade.

Fotografia de grupo na exposição de Júlio Resende. [visual gráfico]. Porto: Livraria Portuguesa, 1949 ? Acessível no arquivo de arq. Fernando Lanhas.

Inauguração da exposição de Maria Leonor Praça.[visual gráfico].Porto: Livraria Portuguesa, 1949 . Acessível no arquivo de arq. Fernando Lanhas.

5<sup>a</sup> Exposição Independente. [visual gráfico]. Porto: Livraria Portuguesa, 1948 . Acessível no arquivo de arq. Fernando Lanhas.

Com *Forma* no atelier de Fernando Távora e Fernando Lanhas.[visual gráfico]. Porto: Livraria Portuguesa, 1948 . Acessível no arquivo de arq. Fernando Lanhas.

Desenho realizado na 5<sup>a</sup> *exposição Independente*. [visual gráfico]. Porto: Livraria Portuguesa, 1948. Acessível no arquivo de arq. Fernando Lanhas.

PALLA, Victor. Papel de embrulho para a Livraria Portuguesa [visual gráfico]. [consult. a 10 de Março 2013] Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6903>

PALLA, Victor. Marcadores de livros para a Livraria Portuguesa [visual gráfico]. [consult. a 10 de Março 2013] Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6903>

PALLA, Victor. Estudo de lettering para a colecção Paralelo a ser integrada na Livraria Portuguesa. [consult. a 10 de Março 2013] Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6903>

PALLA, Victor. Estudo para artigos de papelaria para a Livraria Portuguesa. [consult. a 10 de Março 2013] Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6903>

PALLA, Victor. Maqueta para a capa do livro "Os últimos homens da Lua" para a Livraria Portuguesa. consult. a 10 Março 2013]Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6903>

PALLA, Victor. *Ex Libris* da Livraria Portuguesa.[visual gráfico]. Porto: Livraria Portuguesa.